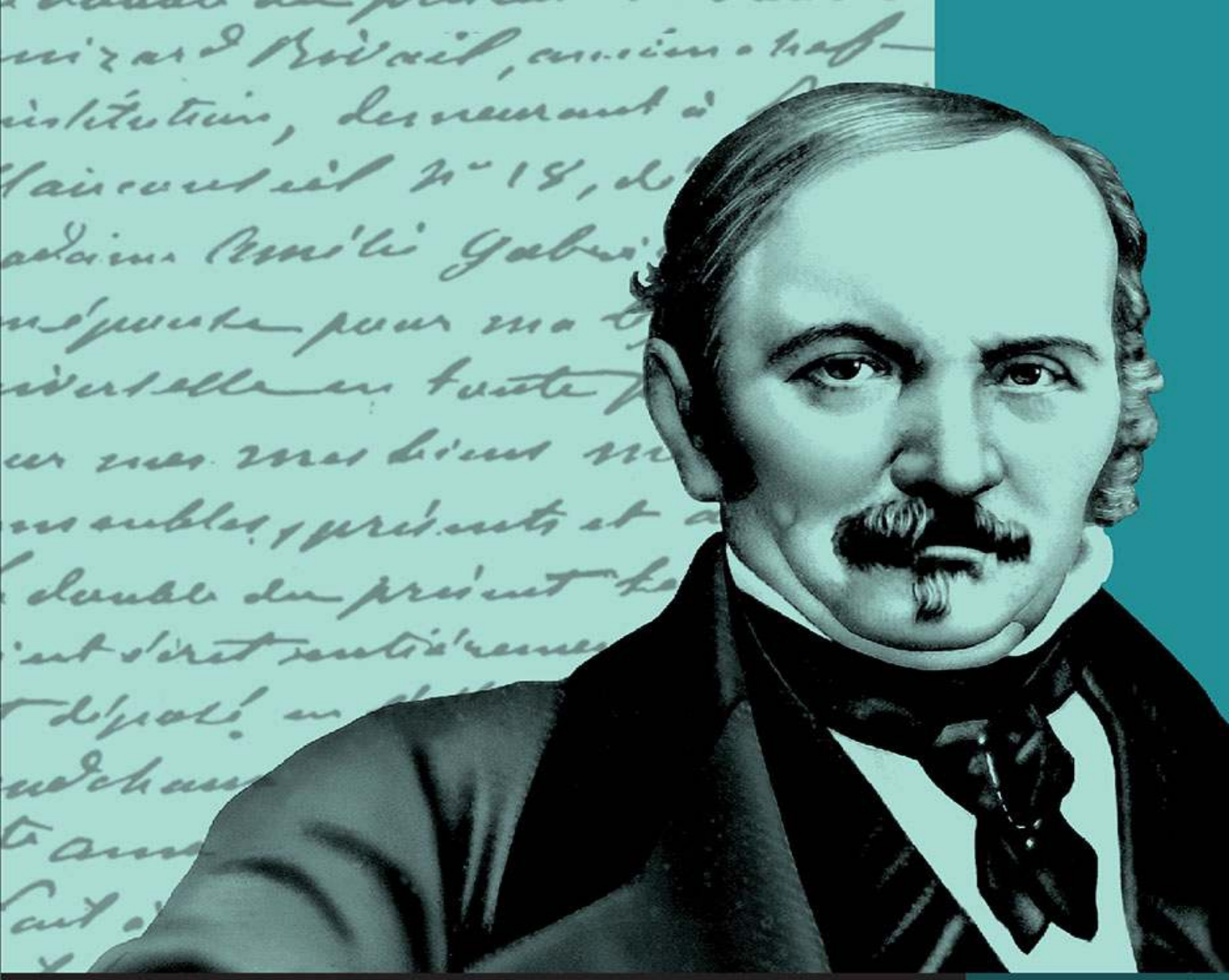


Allan Kardec

O Evangelho segundo o Espiritismo

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

FEB

O Evangelho segundo o Espiritismo

O Evangelho segundo o Espiritismo

Contém

A EXPLICAÇÃO DAS MÁXIMAS MORAIS DO CRISTO, SUA CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO E SUA APLICAÇÃO ÀS DIVERSAS POSIÇÕES DA VIDA

por

Allan Kardec

Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

FEB

Copyright © 2008 *by*
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

2ª edição – 1ª impressão – 5/2013
ISBN IMPRESSO 978-85-7328-754-7
ISBN ePUB 978-85-7328-910-7

Título do original francês:
L'Évangile selon le spiritisme
(Paris, abril de 1864)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright.*

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF) – Brasil
www.feblivraria.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB – Departamento Editorial
Tel.: (21) 2187 8282 / Fax: (21) 2187 8298

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18e Kardec, Allan, 1804–1869.

O evangelho segundo o espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida./ Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. – 2. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013.
415 p.; 23 cm

Tradução de: *L'Évangile selon le spiritisme*

ISBN IMPRESSO 978-85-7328-754-7
ISBN ePUB 978-85-7328-910-7

1. Jesus Cristo – Interpretações espíritas. 2. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 00.06.01

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e o cântico dos anjos se lhes associam. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto. Tomai da lira; que vossas vozes se unam e que, num hino sagrado, elas se estendam e vibrem de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, estamos juntos de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: "Senhor! Senhor!" e podereis entrar no Reino dos céus.

O Espírito de Verdade

Nota – A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio. [Allan Kardec.]

INTRODUÇÃO

I – Objetivo desta obra

As matérias contidas nos Evangelhos podem ser divididas em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja; e o ensino moral.*

Se as quatro primeiras partes têm sido objeto de controvérsias, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É o terreno onde todos os cultos podem reunir-se, a bandeira sob a qual todos podem abrigar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais constituiu matéria das disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, as seitas nele teriam encontrado sua própria condenação, visto que a maioria delas se agarra mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, aquele código é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida pública e privada, o princípio de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos

ocultava a vida futura. É essa parte que será o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem por confiança, baseados no que ouviram dizer ou sobre a fé em algumas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e sabem deduzir as suas consequências. A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, ininteligível para grande número de pessoas. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, intercalados no conjunto das narrativas, passam despercebidos; torna-se, então, impossível compreendê-los inteiramente e deles fazer objeto de leitura e meditações especiais.

É verdade que já foram escritos tratados de moral evangélica; todavia, a apresentação em estilo literário moderno lhe tira a singeleza primitiva, que constitui, ao mesmo tempo, o seu encanto e autenticidade. Dá-se o mesmo com as sentenças isoladas do contexto, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; já não passam de aforismos, destituídos de parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para prevenir esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, suprimindo unicamente o que não

dizia respeito ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, bem como a divisão em versículos. Mas, em vez de nos atermos a uma ordem cronológica impossível, e sem vantagem real em semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente, segundo a natureza de cada uma, de modo que possam ser deduzidas umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite que se recorra à classificação vulgar, caso seja necessário.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, teria apenas utilidade secundária. O essencial era colocá-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinos às diversas situações da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos Espíritos bons que nos assistem.

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na Antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Em toda parte encontramos os seus vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. É por isso que, se ele rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas dentre as que os Espíritos ditaram em vários

países e por diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem emanado de uma fonte única, poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou do meio, ao passo que a diversidade das origens prova que os Espíritos dão seus ensinos por toda parte e que ninguém goza de qualquer privilégio a esse respeito.[1]

Esta obra é para uso de todos. Dela cada um pode colher os meios de conformar sua conduta pessoal à moral do Cristo. Os espíritas nela encontrarão, além disso, as aplicações que lhes dizem respeito de modo especial. Graças às relações estabelecidas, daqui em diante e de maneira permanente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, já não será letra morta, porque todos a compreenderão e serão incessantemente compelidos a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As Instruções dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

II – Autoridade da Doutrina Espírita

Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria preciso acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles os seus ensinos. Admitindo-se absoluta sinceridade de sua parte, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas

relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a *nova revelação* chegasse aos homens por um caminho mais rápido e mais autêntico; por isso encarregou os Espíritos de irem levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio exclusivo de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser enganado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Além disso, pode fazer-se que desapareça um homem, mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, ainda que se queimassem todos os livros nem por isso a fonte da Doutrina deixaria de conservar-se menos inesgotável, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em toda parte e de poderem todos dessedentar-se nela. Na falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos, que atingem a todos e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com o auxílio dos inúmeros médiuns que eles vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido apenas um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. E mesmo esse intérprete, qualquer que fosse a classe a que pertencesse, teria sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos, comunicando-se em toda parte, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, não faz parte de nenhum culto particular, nem é imposto por nenhuma classe social, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era

preciso que fosse assim, para que ele pudesse conclamar todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, teria alimentado as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Essa universalidade no ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí reside também a causa de sua tão rápida propagação. Ao passo que a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem de que não havia gozado ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens nem as revoluções morais, nem as perturbações físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que resulta da sua excepcional posição. O Espiritismo nela encontra poderosa garantia contra os cismas que pudessem ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Tais contradições, certamente, são um escolho, mas que traz consigo o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência da diferença entre as suas capacidades, acham-se longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens, e até menos que certos homens; que há entre eles, como entre os homens, presunçosos e

pseudossábios, que julgam saber o que ignoram; cultores de sistemas, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram libertos das ideias e preconceitos terrenos. Mas também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que não lhes pertencem, a fim de tornarem aceitas as suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo que esteja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que seria imprudente aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, incontestavelmente, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em notória contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Esse controle, porém, em muitos casos ficará incompleto, em razão da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade. Em semelhante caso, o que fazem os homens que não depositam absoluta confiança em si mesmos? Vão buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. Assim se deve proceder com relação ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de conseguilo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, o melhor controle, mas é preciso ainda que ocorra em determinadas condições. A menos segura de todas é quando o próprio médium interroga vários

Espíritos acerca de um ponto duvidoso. Evidentemente, se ele estiver sob o império de uma obsessão ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Também não há garantia suficiente na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo Centro, pois eles podem estar todos sob a mesma influência.

A única garantia séria do ensino dos Espíritos está na concordância que exista entre as revelações que eles façam espontaneamente, por meio de grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Compreende-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se referem aos próprios princípios da Doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo deve ser revelado, ele é ensinado *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e fora da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema ficará *circunscrito* e cairá diante da unanimidade das instruções dadas de todas as partes, como já demonstraram numerosos exemplos. Foi essa unanimidade que fez tombar todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos, quando formulamos um princípio da Doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente,

como árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos”. Aos nossos próprios olhos, a nossa opinião não passa de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, recebendo comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é também ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para adiante. Essas revelações, formuladas às vezes com palavras veladas, frequentemente têm passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros se julgaram os únicos a possuí-las. Tomadas isoladamente, não teriam para nós nenhum valor; só a coincidência lhes confere gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. É esse movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no

futuro, se encontrará o critério da verdade. O que determinou o êxito da Doutrina formulada em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns* foi que em toda parte todos puderam receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados os Espíritos tivessem vindo contradizê-la, há muito tempo esses livros já teriam experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem o apoio da imprensa os salvaria do naufrágio, ao passo que, mesmo privados desse apoio, não deixaram eles de abrir caminho e de avançar rapidamente. É que tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também superou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando dos Espíritos ou dos homens, não possam suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, portanto, que alguns Espíritos queiram ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, visando desacreditar a Doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, se, de todos os lados, eles fossem desmentidos pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que nos devemos garantir, antes de lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, há a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, oriundas do Espaço, chegam de todas as partes do Universo, combatendo-os tenazmente no seio de cada família? A esse respeito, já não foi a teoria confirmada pela experiência? Que é feito de todas essas publicações que deveriam, pretensamente, aniquilar o Espiritismo? Qual é a que ao menos lhe deteve a marcha? Até agora

não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais graves, incontestavelmente. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial fracassaria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade de seus ensinos, farão cair por terra qualquer modificação que se afaste da verdade.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de ideias, estabelecida e sancionada, poderia, certamente, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, e menos ainda no futuro.

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem isoladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas necessitando, em todos os casos, de confirmação. É essa confirmação que se deve aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos que se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com extrema sabedoria. Não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender verdades de ordem mais elevada e quando as circunstâncias são propícias à emissão de uma ideia nova. É por isso que eles não disseram tudo desde o começo, e ainda não o disseram até hoje, jamais cedendo à impaciência de pessoas muito apressadas que querem colher os frutos antes que amadureçam. Seria, pois, supérfluo querer avançar o tempo designado a cada coisa pela Providência, porque, então, os Espíritos realmente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos levianos, porém, pouco se preocupando com a verdade, respondem a tudo; é por isso que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são a consequência obrigatória das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões de outros dizem o contrário em outro lugar, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único a ter tal opinião. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação.

Por grande, justa e bela que seja uma ideia, é impossível que congregue, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém

que se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que alimentarem quaisquer temores a esse respeito podem, portanto, ficar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem *nem nós, nem qualquer outro* que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que venha impor-se a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei se assentasse em base inabalável, e foi por isso que não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso areópago, que não conhece manobras nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é

falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

O conjunto harmonioso já se esboça. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porque, daqui até lá, potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutua entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício certo do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III – Notícias históricas

Para bem se compreenderem certas passagens dos Evangelhos, é necessário que se conheça o valor de várias palavras neles frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido, essas palavras muitas vezes têm sido mal-interpretadas, causando isso uma espécie de incerteza. A compreensão de seu significado explica, além disso, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem singulares.

Samaritanos – Após o cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, ela foi, sob o domínio romano, a sede administrativa da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o

Grande, a embelezou com suntuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, deu-lhe o nome de *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos que evitavam todas as relações recíprocas. Os samaritanos, para tornarem mais profunda a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros, que a esse foram depois anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por único princípio a divergência das opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem. Eram os *protestantes* daquele tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Mediterrâneo oriental, particularmente em Nablus e em Jaffa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só se casam entre si.

Nazarenos – Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto ou perpétuo ou temporário de guardar perfeita pureza. Eles se comprometiam a observar a castidade, a abster-se de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Esse foi também o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da Era Cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas,[2] de quem adotava certos princípios, misturava as práticas mosaicas com os dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no século quarto.

Publicanos – Assim eram chamados, na antiga Roma, os cavalheiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de toda natureza, quer na própria Roma, quer nas outras partes do Império. Assemelhavam-se aos arrendatários gerais e arrematadores de taxas do antigo regime na França e que ainda existem em algumas regiões. Os riscos que eles corriam faziam que se fechassem os olhos para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de muitos, eram fruto de exações e de lucros escandalosos. O nome *publicano* se estendeu mais tarde a todos os que administravam o dinheiro público e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se às vezes: "Ávido como um *publicano*, rico como um *publicano*", com referência a uma fortuna de má procedência.

De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus aceitaram com mais dificuldade e o que causou mais irritação entre eles. Dele resultaram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerado contrário à lei. Formou-se até um partido poderoso, em cuja chefia estava um certo Judá, apelidado o Gaulonita, que estabelecera como princípio o não pagamento do imposto. Os judeus tinham, portanto, horror ao imposto e, em consequência, a todos os que se encarregavam de arrecadá-lo. Daí a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em

virtude de suas funções, eram desprezadas, assim como as pessoas de suas relações e confundidos na mesma reprovação. Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter intimidade com eles.

Portageiros – Eram os arrecadadores de baixa categoria, incumbidos principalmente dos direitos de entrada nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos à dos empregados de alfândega e recebedores de direitos de barreira. Compartilhavam da repulsa dirigida aos publicanos em geral. Essa a razão por que, no Evangelho, encontra-se frequentemente o nome de *publicano* associado à expressão *gente de má vida*. Tal qualificação não implicava a de debochados ou vagabundos; era um termo de desprezo, sinônimo de *gente de má companhia*, indignas de conviver com *pessoas distintas*.

Fariseus – (Do hebreu *parasch* = divisão, separação.) – A tradição constituía parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações sucessivas dadas sobre o sentido das Escrituras e tornadas artigos de dogma. Entre doutores, constituía assunto de discussões intermináveis, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade, detestando-se cordialmente entre si, como acontece quase sempre.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe *Hillel*, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus

Cristo. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, especialmente sob Hircano[3] — soberano pontífice e rei dos judeus —, Aristóbulo[4] e Alexandre, rei da Síria. No entanto, como este último lhes restituiu as honras e os bens, os fariseus recobraram seu poder e o conservaram até a *ruína de Jerusalém*, no ano 70 da Era Cristã, quando então o seu nome desapareceu, em consequência da dispersão dos judeus.

Os fariseus tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios, mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Para eles, a religião era mais um meio de chegarem a seus fins, do que objeto de fé sincera. Da virtude só guardavam a ostentação e as exterioridades, embora exercessem, com isso, grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Essa a razão por que eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que prezava sobretudo a simplicidade e as qualidades do coração, que, na lei, preferia o *espírito que vivifica, à letra, que mata*, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, transformando-os, em consequência disso, em seus inimigos obstinados. É por isso que eles se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra Jesus e eliminá-lo.

Escribas – Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Por isso Jesus os confundia na mesma reprovação.

Sinagoga – (Do grego *synagogé* = assembleia, congregação.) – Só havia na Judeia um único templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus para lá se dirigiam todos os anos, em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicação e dos Tabernáculos. Por ocasião dessas festas é que Jesus viajou algumas vezes para lá. As outras cidades não possuíam templos, mas sinagogas, edifícios nos quais os judeus se reuniam aos sábados para fazer preces públicas, sob a chefia dos anciães, dos escribas ou doutores da lei. Nelas também se faziam leituras tiradas dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, a que cada um podia tomar parte. É por isso que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados nas sinagogas.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades por eles habitadas, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

Saduceus – Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo, assim chamada por causa de *Sadoque*, seu fundador. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, acreditavam em Deus, mas, nada esperando após a morte, só o serviam tendo em vista

recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a sua providência. Assim, a satisfação dos sentidos constituía para eles o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição, nem qualquer interpretação. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Essa seita era pouco numerosa, embora contasse em seu seio importantes personagens; tornou-se um partido político oposto constantemente aos fariseus.

Essênios ou Esseus – Seita judia, fundada por volta do ano 150 antes de Jesus Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiro, formavam entre si um tipo de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e pelas virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura. Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, bem como aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que dividiram essas duas seitas. Seu gênero de vida se assemelhava ao dos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam levaram algumas pessoas a supor que Jesus fizera parte dessa seita, antes do começo de sua missão pública. É certo que o Mestre deve tê-la conhecido, mas nada prova que se houvesse filiado a ela, sendo, pois, hipotético tudo quanto se escreveu a esse respeito.[5]

Terapeutas – (Do grego *therapeutés*, formado de *therapeuein*,

servir, cuidar, isto é: servidores de Deus ou curadores.) – Eram sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham muita relação com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como esses últimos, à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era extremamente frugal. Devotados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas; considerou-a uma seita do Judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem judeus ou cristãos, o que é evidente é que, do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo.

IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo

Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, seria errôneo concluir-se que Ele colheu nessa seita a sua doutrina e que, se tivesse vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se baseiam na verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, quando é chegado o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos e, com eles, formar um corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos predispostos a aceitá-la. Assim aconteceu com a ideia cristã que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

Sócrates, assim como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, não deixou nenhum escrito. Como Ele, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças estabelecidas e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; numa palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, Sócrates também foi acusado pelos fariseus do seu tempo — já que sempre os houve em todas as épocas — de corromper a juventude, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. E assim como só conhecemos a doutrina de Jesus pelos escritos de seus discípulos, só conhecemos a de Sócrates pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo.

Aos que considerarem esse paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha como objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída com isso; que, além disso, se trata de um fato da História, que não pode ser suprimido. O homem chegou a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Está maduro bastante para encará-la. Tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. É chegado o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não mais do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de castas.

Além disso, essas citações provarão que, se Sócrates e Platão

pressentiram a ideia cristã, também se encontram em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Resumo da doutrina de Sócrates e Platão

> I. O homem é uma *alma encarnada*. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando e, *recordando o seu passado*, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

> II. A alma se transvia e se perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela da mesma natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama *sabedoria*.

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para as apreciar com justeza, é preciso vê-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. A verdadeira sabedoria deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, item 5.)

> III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com

> efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Além disso, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível sermos sábios, ainda que por um instante. Mas se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, é lícito esperar, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer, e a morte não lhes parece terrível de modo algum.

Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas em razão dos órgãos corpóreos, e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas não se trata aqui senão de almas de escol, já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (*O céu e o inferno*, Primeira parte, cap. II; Segunda parte, cap. I.)

> IV. A alma impura, nesse estado, encontra-se oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz com que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons, mas as dos maus, que se veem forçadas a vagar nesses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam o objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que ainda se mantêm sob o jugo da matéria é descrito tal qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: é dito que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. O Espiritismo não diz outra coisa,

acrescentando apenas que a alma, que tomou boas resoluções na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência marca para ela um progresso intelectual e moral. (O CÉU E O INFERNO, Segunda parte, *Exemplos*.)

> V. Após a nossa morte, o gênio (*daïmon, demônio*) que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao *Hades*, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida *em múltiplos e longos períodos*.

É a doutrina dos anjos da guarda ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

> VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a Divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

A palavra *daïmon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na Antiguidade, tomada em mau sentido, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo também afirma que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de transmitir suas vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Substituí a

palavra *demônio* pela palavra *Espírito* e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.

> VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Se a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

> VIII. Se a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Importa somente distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimente, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma *mais ou menos* maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares de sua passagem pela Terra.

Como se vê, Sócrates e Platão compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior* ou *menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (*O céu e o inferno*, Segunda parte.)

> IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, seria muito vantajosa para os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que adornou sua alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Em outros termos, equivale a dizer que o materialismo, que proclama o nada para depois da morte, anula toda responsabilidade moral posterior e, por conseguinte, é um estímulo ao mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o

despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, por meio de exemplos que diariamente nos põe sob os olhos, quanto é penoso para o mau o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (O CÉU E O INFERNO, Segunda parte, cap. I.)

> X. O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despojada do corpo traz evidentes os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devamos levar outra vida que nos seja útil quando estivermos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que *mais vale receber do que cometer uma injustiça* e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)

Encontramos aqui outro ponto capital confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça*, não é inteiramente cristã? Jesus exprimiu o mesmo pensamento, por meio desta figura: "Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra". (Cap. XII, itens 7 e 8.)

> XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem reunir-se, que felicidade a de lá encontrarmos aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam como tais e não o são. Mas é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se encontram

após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que se estabeleceram entre eles, de sorte que a morte não é nem uma interrupção nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinos que o Cristo daria quinhentos anos mais tarde e os que agora dão os Espíritos, não teriam falado de outro modo. Não há nisto nada que deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de virem à Terra para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, e que foram escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, podem hoje fazer parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

> XII. *Nunca se deve retribuir uma injustiça com outra injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o mal que nos tenham causado*. Poucos, no entanto, admitirão esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito devem apenas desprezar-se mutuamente.

Não está aí o princípio da caridade que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

> XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. É preciso qualificar toda ação segundo o que ela produz: qualificá-la de má, quando dela provenha o mal; de boa, quando dê origem ao bem.

Esta máxima: “É pelos frutos que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

> XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si

> mesmo nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. XVI.)
>
> XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços para se lhe assemelhar. Seria grave se os deuses dispensassem mais atenção a essas oferendas, do que à nossa alma. Dessa maneira, os maiores culpados poderiam conquistar os seus favores. Mas não: só os verdadeiramente justos e retos, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, itens 7 e 8.)
>
> XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda parte na Natureza, convidando-nos ao exercício da nossa inteligência; nós o encontramos até mesmo no movimento dos astros. É o amor que enfeita a Natureza com os seus ricos tapetes; ele se orna e fixa morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como Lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime.

> XVII. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça, mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, não há mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus concede a todo homem de boa vontade para se livrar do mal e fazer o bem.

XVIII. Há uma disposição natural em todos nós: a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos alheios.

Diz o Evangelho: “Vedes o cisco no olho do vosso vizinho, e não vedes a trave que está no vosso”. (Cap. X, itens 9 e 10.)

XIX. Se os médicos são malsucedidos na maior parte das doenças, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, é impossível que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, um novo caminho à Ciência; ao lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, a Ciência fracassará menos.

XX. Todos os homens, a partir da infância, fazem muito mais mal do que bem.

Essa sentença de Sócrates toca na grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, habitada apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo lhe dá solução, desenvolvida logo adiante, nos capítulos II, III e IV

XXI. Há sabedoria em não acreditares que sabes o que ignoras.

Isso vai endereçado às pessoas que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, torná-las, se for possível, mais honestas nas palavras; se não o forem, *não nos preocupemos com elas* e não procuremos senão a verdade. Tratemos de instruir-nos, mas *não nos injuriemos*”. É assim que devem

proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Se Platão revivesse hoje, encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Sócrates também se depararia com pessoas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tanto é certo que, as grandes verdades novas, ao levantarem contra si os interesses e os preconceitos que ferem, não podem estabelecer-se sem luta e sem fazer mártires.

---

1 **Nota de Allan Kardec:** Poderíamos dar, sem dúvida, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas num grande número de cidades e centros espíritas, além das que citamos, mas quisemos, antes de tudo, evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam mais especialmente no contexto desta obra, reservando para publicações posteriores as que não puderam caber aqui.

Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, ademais, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. Mencioná-los seria apenas satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios não ligam a menor importância. Compreendem que o seu papel, por ser meramente passivo, o valor das comunicações em nada lhes realça o mérito pessoal, e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho intelectual a que prestam apenas o seu concurso mecânico.

2 N.E.: Membros de uma seita judaica da Palestina e Síria.

3 N.E.: Hircano I ou João Hircano, sumo sacerdote e rei dos judeus (134-104 a.C.). Expandiu e levou a sua terra, a Judeia, à independência.

4 N.E.: Rei da Judeia (67-63 a.C.). Foi envenenado por Pompeu.

5 Nota de Allan Kardec**:** *A morte de Jesus*, supostamente escrita por um irmão essênio, é uma obra completamente apócrifa, escrita para servir a determinada opinião. Ela traz em si mesma a prova da sua origem moderna.

CAPÍTULO I



Não vim destruir a Lei

• As três revelações: Moisés, o Cristo, o Espiritismo • Aliança da Ciência e da Religião • *Instruções dos Espíritos:* A Nova Era

1. *Não penseis que Eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los: porque, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto. (*MATEUS*, 5:17 e 18.)*

Moisés

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A Lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis diante de mim outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está acima no céu, nem embaixo, na Terra. Não os adorareis e nem lhes prestareis culto soberano.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não matareis.

VI. Não cometereis adultério.

VII. Não roubareis.

VIII. Não prestareis falso testemunho contra o vosso próximo.

IX. Não desejareis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiçareis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

Essa Lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés estabeleceu, obrigado a manter, pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis houve de lhes atribuir origem divina, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus, mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, nos quais o senso moral e o sentimento de uma justiça reta estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que aquele que incluíra, entre os seus mandamentos, este: "Não matareis; não fareis mal ao próximo", não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, pois, um caráter essencialmente transitório.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a Lei, isto é, a Lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés

propriamente ditas, Ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical, do que as reduzindo a esta única prescrição: "*Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*", e acrescentando: "*aí estão toda a lei e os profetas".*

Por estas palavras: "O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota", Jesus quis dizer que era necessário que a Lei de Deus fosse cumprida, isto é, praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e consequências. Realmente, de que serviria haver estabelecido aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Sendo todos os homens filhos de Deus, todos, sem distinção, são objeto da mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra, e sim no Reino dos céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, a respeito de muitos pontos, a lançar o germe de verdades que, segundo Ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido oculto de certas palavras suas, era

necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave, e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Era preciso, pois, dar tempo à Ciência para progredir.

O Espiritismo

5. O *Espiritismo* é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.

6. A lei do *Antigo Testamento* está personificada em Moisés; a do *Novo Testamento* está personificada no Cristo. O Espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são *as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz aos homens o tributo de suas luzes, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

7. Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a Lei, mas cumpri-la”, o Espiritismo diz igualmente: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento”. Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo mundo, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Portanto, o Espiritismo é obra do Cristo, que Ele mesmo preside, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra.

Aliança da Ciência e da Religião

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Ambas*, porém, *tendo o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de um excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo hão de receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; em que a Religião, deixando de ignorar as

leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças — Ciência e Religião — apoiando-se uma na outra, marcharão combinadas e se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão e já não se lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até hoje porque cada uma, encarando as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era preciso alguma coisa para preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência essas relações, fez-se uma nova luz: a fé dirigiu-se à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução moral que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma Nova Era para a Humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever; deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, às quais ninguém terá força para se opor, porque estão nos desígnios de Deus e resultam da lei do progresso, que é uma Lei de Deus.

Instruções dos Espíritos

A Nova Era

9. Deus é único, e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a impressionar os olhos dos homens e a fazer cair o véu que lhes ocultava a Divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o germe da mais ampla moral cristã. Os comentários da *Bíblia*, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não a teriam então compreendido. Mas nem por isso, os dez mandamentos de Deus deixavam de ser uma espécie de frontispício brilhante, qual farol destinado a iluminar a estrada que a Humanidade devia percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos nem que se devesse perdoar a um inimigo. A inteligência deles, notável do ponto de vista da matéria e mesmo das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade e não se teria convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, tal como então a oferecia a religião hebraica. Os sacrifícios, pois, lhes falavam aos sentidos, enquanto a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os

homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer com que a Humanidade avance.

São chegados os tempos em que as ideias morais hão de desenvolver-se para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Porém, não se deve acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas. Não, aquelas ideias precisam para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá. – Um Espírito israelita. (Mulhouse, 1861.)

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade transpor as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantes aos profetas do *Antigo Testamento*, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus alicerces; o trovão ribombará. Sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois se assenta sobre as próprias Leis da Natureza e, crede, tudo o que é de ordem divina tem um

objetivo grande e útil. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, revertia-se em proveito do Espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor devem marchar unidos à Ciência. O Reino do Cristo, ah! passados dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os Espíritos bons já vo-lo disseram bastante. Curvai-vos ao sopro precursor que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derrubados, isto é, preparai-vos e não vos assemelheis às virgens loucas,[6] que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se prepara é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, a fim de que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa humilde voz, pois sois o grão de areia, mas, sem grãos de areia, não haveria montanhas. Assim, pois, que estas palavras — "Somos pequenos" — não tenham sentido para vós. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o seu formigueiro e animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz universal, e não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente; a lei dos mundos é a lei do progresso. – FÉNELON. (Poitiers, 1861.)

11. Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte, e encontramos a razão disso na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais a cristandade deve os seus mais sólidos alicerces. Como vários outros, foi arrancado ao paganismo, ou

melhor, à impiedade mais profunda, pelo fulgor da verdade. Quando, entregue aos maiores excessos, sentiu na sua alma aquela estranha vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade não estava alhures nem nos prazeres enervantes e fugidios; quando, afinal, no seu caminho de Damasco, ele também ouviu a santa voz que lhe clamava: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" exclamou: "Meu Deus! meu Deus! perdoai-me, eu creio, sou cristão!" E desde então se tornou um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podemos ler, nas notáveis confissões que esse eminente Espírito nos deixou, as palavras ao mesmo tempo características e proféticas que pronunciou após ter perdido Santa Mônica: *Estou convencido de que minha mãe virá visitar-me e me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura*. Que ensinamento nessas palavras e que brilhante previsão da futura doutrina! É por isso que, hoje, vendo chegada a hora da divulgação da verdade que ele outrora já havia pressentido, se constituiu seu ardoroso propagador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos os que o chamam. – ERASTO, discípulo de Paulo. (Paris, 1863.)

> Nota – Será que Santo Agostinho vem demolir o que edificou? Certamente que não, mas, como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via como homem. Sua alma, desprendida, entrevê novas claridades; compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras. Na Terra, julgava as coisas de acordo com os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz brilhou para ele, pôde apreciá-las mais judiciosamente. Por isso teve de abandonar a crença que alimentara, nos Espíritos íncubos e súcubos, e o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora, que o Cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, pode ele, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso do que pensava quando vivo, sem deixar de ser um apóstolo cristão. Pode, sem renegar sua fé, fazer-se o propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento do que fora predito. Proclamando-o hoje, nada mais faz do que conduzir-nos a uma interpretação mais acertada e lógica dos textos. Dá-se o mesmo com outros Espíritos que se

encontram em posição semelhante.

---

6 N.E.: Ver Mateus, 25:1 a 13.

CAPÍTULO II



Meu reino não é deste mundo

• A vida futura • A realeza de Jesus • O ponto de vista • *Instruções dos Espíritos:* Uma realeza terrestre

> **1.** Tendo Pilatos entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: "És o rei dos judeus?" — Respondeu-lhe Jesus: "*Meu Reino não é deste mundo*. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus súditos teriam combatido para impedir que Eu caísse nas mãos dos judeus, mas o meu Reino ainda não é aqui."
>
> Disse-lhe então Pilatos: "Logo, Tu és rei?" — Jesus lhe respondeu: "Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz." (João, 18: 33, 36 e 37.)

A vida futura

2. Por essas palavras, Jesus se refere claramente à vida futura, que Ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta que se destina a Humanidade e como devendo constituir objeto das principais preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, a maior parte de seus preceitos de moral não teriam nenhuma razão de ser. Por isso, os que não creem na vida futura, pensando que Ele apenas falava na vida presente, não os compreendem ou os consideram pueris.

Esse dogma pode ser considerado, portanto, como o ponto central do ensino do Cristo, razão pela qual está colocado num dos primeiros lugares à frente desta obra, pois deve ser o alvo de todos os homens.

Só ele pode justificar as anomalias da vida terrena e harmonizar-se com a Justiça de Deus.

3. Os judeus tinham ideias muito imprecisas acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os como seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade angélica. Segundo eles, a observância das Leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, a supremacia de sua nação e com as vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus viria lhe revelar que existe outro mundo, no qual a Justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que Ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Esse mundo é o seu reino; lá Ele se encontra em toda a sua glória e para lá voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, que os deslumbraria sem os esclarecer, pois não a compreenderiam. Limitou-se, de algum modo, a apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma Lei da Natureza, da qual ninguém pode escapar. Todo cristão, pois, crê necessariamente na vida futura, mas a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, é apenas uma crença, sem nenhuma certeza absoluta; daí as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, quando os homens se mostraram bastante maduros para compreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura não é mais um simples artigo de fé, uma hipótese; torna-se uma realidade material demonstrada pelos fatos, pois são as testemunhas oculares que a descrevem em todas as suas fases e em todas as suas peripécias, de sorte que não somente a dúvida não é mais possível, como a inteligência mais vulgar é capaz de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como imagina um país quando lê a sua descrição detalhada. Ora, a descrição da vida futura é de tal forma circunstanciada, as condições de existência feliz ou infeliz dos que nela se encontram são tão racionais, que cada um aqui é obrigado a reconhecer que não pode ser de outro modo, e que ela representa realmente a Justiça de Deus.

A realeza de Jesus

4. Que o Reino de Jesus não é deste mundo todos compreendem, mas, também na Terra, não terá Ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Ele é dado, por consenso unânime, aos que, por seu gênio, se colocam em primeiro lugar em alguma atividade, dominando o seu século e influindo sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, que nasce do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela muitas vezes preponderância bem maior do que a conferida pela coroa real? A primeira é imperecível, enquanto a outra é joguete das vicissitudes; aquela é sempre abençoada pelas gerações futuras, ao passo que a outra muitas vezes é amaldiçoada. A realeza terrestre

acaba com a vida; a realeza moral continua governando, sobretudo após a morte. Sob esse aspecto, Jesus não é um rei mais poderoso do que muitos potentados da Terra? Foi com razão, portanto, que Ele disse a Pilatos: “Sou rei, mas o meu Reino não é deste mundo”.

O ponto de vista

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura dá uma fé inabalável no porvir, e essa fé tem consequências enormes sobre a moralização dos homens, porque muda completamente *o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrena*. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estação num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, pois sabe que são de curta duração e devem ser seguidas por um estado mais feliz. A morte nada mais terá de assustador; deixa de ser a porta que se abre para o nada para ser a porta da libertação que faculta ao exilado a entrada numa morada de felicidade e de paz. Sabendo que está num lugar temporário, e não definitivo, o homem encara as preocupações da vida com mais indiferença, resultando-lhe daí uma calma de espírito que abranda as suas amarguras.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Incerto quanto ao futuro, dá tudo ao presente. Não entrevendo bens mais preciosos que os da Terra, porta-se qual criança que nada mais vê além de seus brinquedos e tudo faz para os obter. A perda do menor deles causa-lhe pungente mágoa; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma

injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos que transformam sua existência numa angústia perpétua, *infligindo-se a si próprio verdadeira tortura de todos os instantes*. Sob o ponto de vista da vida terrena, em cujo centro se coloca, tudo assume ao seu redor vastas proporções. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, adquire aos seus olhos grande importância. Dá-se o mesmo com aquele que se encontra no interior de uma cidade: tudo lhe parece grande, tanto os homens que ocupam altas posições, como os monumentos. Contudo, se ele subir a uma montanha, homens e coisas lhe parecerão bem pequenos.

É o que acontece ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura: a Humanidade, assim como as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras que tanto se fatigam para conquistar um lugar que as elevará tão pouco e que por tão pouco tempo conservarão. A importância, pois, dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé que se tenha no futuro.

6. Dir-se-ia que se todos pensassem dessa maneira, tudo periclitaria na Terra, pois ninguém mais iria ocupar-se com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar, e mesmo estando certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, ainda assim cuida de estar aí o melhor ou o menos mal que lhe seja possível. Não existe ninguém que, encontrando um espinho debaixo de sua mão, não o retire, para não se picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impelido que é pelo instinto do progresso e da conservação, que está

nas Leis da Natureza. Ele, pois, trabalha por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo, aos desígnios da Providência, que o pôs na Terra para tal fim. Simplesmente, aquele que considera o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola de seus insucessos, pensando no destino que o aguarda.

Deus não condena, portanto, os gozos terrenos, mas o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma; é contra tais abusos que se previnem os que aplicam a si próprios estas palavras de Jesus: *Meu Reino não é deste mundo*.

Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde sem emoção uma pequena soma; aquele que concentra seus pensamentos na vida terrena assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo alarga o pensamento e lhe rasga novos horizontes. Em vez dessa visão acanhada e mesquinha, que se concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra o único e frágil eixo do futuro eterno, o Espiritismo mostra que essa vida não passa de um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador. Mostra a solidariedade que religa todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo, dando assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, razão pela qual Ele reservou esse

conhecimento para mais tarde.

Instruções dos Espíritos

Uma realeza terrestre

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de nosso Senhor: *Meu Reino não é deste mundo*? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o vazio dos reinos da Terra, se eu não o compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar a lição mais amarga, ela nem mesmo me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no Reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! só então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que se buscam com tanta avidez na Terra!

Para se conquistar um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes nem que posição ocupastes, mas o bem que fizestes e as lágrimas que enxugastes.

Ó Jesus, Tu o disseste, teu Reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao Céu e os degraus do trono não nos aproximam dele. A ele só conduzem os atalhos mais penosos da vida. Procurai, pois, o caminho do Céu, através das sarças e dos espinhos, e não por entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrenos como se pudessem guardá-los para sempre. Aqui, porém, já não há ilusões. Logo eles percebem que se agarraram a uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem abrir as portas do Céu.

Tende piedade dos que não ganharam o Reino dos céus; ajudai-os com as vossas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo; é o traço de união entre o Céu e a Terra: não o esqueçais. – UMA RAINHA DE FRANÇA. (Le Havre, 1863.)

CAPÍTULO III



Há muitas moradas na casa de meu Pai

• Diferentes estados da alma na erraticidade • Diferentes categorias de mundos habitados • Destinação da Terra. Causa das misérias terrenas • *Instruções dos Espíritos:* Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos

> **1.** Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. *Há muitas moradas na casa de meu Pai;* se assim não fosse, Eu já vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, *voltarei* e vos levarei comigo, a fim de que, onde Eu estiver, também aí estejais. (João, 14:1 a 3.)

Diferentes estados da alma na erraticidade

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito. Enquanto uns não podem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos;

enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas.

Diferentes categorias de mundos habitados

3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que as condições dos mundos são muito diferentes, em relação ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores sob todos os aspectos. Nos mundos inferiores a existência é toda material, as paixões reinam soberanas, a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, a bem dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, conforme o grau de adiantamento das criaturas que os habitam. Embora não se possa fazer, dos diferentes mundos, uma classificação absoluta, pode-se, todavia, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como se segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da

alma humana; mundos de expiação e de provas, onde predomina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos felizes, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos depurados, no qual reina exclusivamente o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, razão por que aí o homem está exposto a tantas misérias.

5. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham presos a ele indefinidamente nem nele realizam todas as fases do progresso que lhes cumpre percorrer, para atingir à perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançaram o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de Espíritos puros. São outras tantas estações, em cada uma das quais eles encontram elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. Para os Espíritos, é uma recompensa passarem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo prolongarem sua permanência em um mundo infeliz ou serem relegados para outro ainda mais desventurado do que aquele que são forçados a deixar, quando se obstinaram no mal.

Destinação da Terra. Causa das misérias terrenas

6. Muitos se admiram de que haja tanta maldade na Terra e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana é uma coisa muito triste. Esse julgamento provém do ponto de vista acanhado em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa ideia do conjunto.

Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração. Com efeito, a espécie humana compreende todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de um lugarejo em relação à de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena nada tem que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos seres que a habitam.

7. Faria dos habitantes de uma grande cidade ideia completamente falsa quem os julgasse pela população de seus bairros mais ínfimos e sórdidos. Num hospital, só se veem doentes e estropiados; numa penitenciária, veem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, a maioria dos habitantes são pálidos, franzinos e enfermiços. Pois bem: figure-se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, uma região insalubre, pois ela é simultaneamente tudo isso, e compreender-se-á por que as aflições sobrepujam os prazeres, já que não se mandam para o hospital os que se acham com boa saúde nem para as casas de correção os que não praticaram mal algum, visto que nem os hospitais nem as casas de correção são lugares de delícias.

Ora, assim como numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que saímos do hospital quando estamos curados, e da prisão quando cumprimos a pena, o homem deixa a Terra por mundos mais felizes, quando está curado de suas enfermidades morais.

Instruções dos Espíritos

Mundos inferiores e mundos superiores

8. A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores é mais relativa do que absoluta. Tal mundo é inferior ou superior com relação aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva.

Tomando a Terra como ponto de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda se encontram na sua superfície, e que são resquícios do estado primitivo do nosso globo. Nos mais atrasados, os seres que os habitam são de certo modo rudimentares. Têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não são abrandados por qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência nem pelas noções do justo e do injusto. A força bruta constitui sua única lei. Sem indústrias e invenções, os habitantes passam a vida na conquista de alimentos. Deus, todavia, não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente e mais ou menos desenvolvida, a vaga intuição de um Ser supremo. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a ascensão a uma vida mais completa, visto que não são seres degredados, mas crianças em crescimento.

Entre os degraus inferiores e os mais elevados, há inúmeros outros, sendo difícil reconhecer, entre os Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, aqueles que animaram os seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto custamos a reconhecer o embrião.[7]

9. Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muito diferentes das que encontramos na Terra. A forma do corpo é sempre, como por toda parte, a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, por conseguinte, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações decorrentes da predominância da matéria. Os sentidos, mais apurados, têm percepções que a natureza dos nossos órgãos sufoca. A leveza específica do corpo permite locomoção mais rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, na superfície ou plana na atmosfera, sem outro esforço que o da vontade, conforme são representados os anjos ou como os Antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu bel-prazer, os traços de suas migrações passadas e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida irradiam esse brilho que os pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. A vida, isenta de cuidados e de angústias, é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte nada tem dos horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, porque em tais mundos não existe a dúvida sobre o futuro. Durante a vida, a alma, já não estando encerrada na matéria compacta, irradia e goza de uma

lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação, permitindo a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos felizes, as relações, sempre amistosas, entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição de subjugar o vizinho, nem pela guerra, que é a sua consequência. Não há senhores nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade é sempre respeitada, porque somente é conferida pelo mérito e se exerce sempre com justiça. *O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se*. Seu objetivo é alcançar a classe dos Espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, mas uma nobre ambição que o faz estudar com ardor para igualar-se a eles. Todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana lá se encontram engrandecidos e purificados. Os ódios, os ciúmes mesquinhos, as baixas cobiças da inveja são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade une todos os homens; os mais fortes ajudam aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência, mas ninguém sofre pela falta do necessário, porque ninguém se encontra ali em expiação. Numa palavra, o mal não existe nesses mundos.

11. No vosso mundo, precisais do mal para sentirdes o bem; da noite, para admirardes a luz; da doença, para apreciardes a saúde. Naqueles outros, não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza, a paz eterna da alma proporcionam eterna alegria, que não é perturbada nem pelas angústias da vida material nem pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Eis o que o espírito humano tem maior dificuldade em compreender. Ele foi engenhoso para pintar

os tormentos do inferno, mas nunca foi capaz de imaginar as alegrias do Céu. Por quê? Porque, sendo inferior e só tendo experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; só pode falar do que conhece. Porém, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que deixou para trás.

12. Entretanto, esses mundos afortunados não são mundos privilegiados, visto que Deus não é parcial com nenhum de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a tais mundos. Faz que partam todos do mesmo ponto e a nenhum dota melhor do que aos outros; os primeiros postos são acessíveis a todos, cumprindo a eles conquistá-los pelo trabalho, alcançá-los o mais cedo possível ou permanecer inativos durante séculos e séculos no lodaçal da Humanidade. (“*Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores*”.)

Mundos de expiações e de provas

13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta considereis a Terra em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas também os numerosos vícios a que se mostram inclinados representam indício de grande imperfeição moral. Por isso, Deus os colocou num mundo ingrato para expiarem aí suas faltas, por meio de trabalhos penosos e misérias da vida, até que mereçam passar

para um mundo mais feliz.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos encarnados na Terra aqui se acham em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se encontram, a bem dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se desenvolveram pouco a pouco em longos períodos seculares, conseguindo, algumas delas, atingir o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir desse modo, são exóticos na Terra; já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se constituírem em causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germe dos conhecimentos que adquiriram. É por isso que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. São para estas, também, que as misérias da vida se revestem de maior amargura, por haver nelas maior sensibilidade e por serem mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.[8]

15. A Terra nos oferece, pois, um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas que têm, como caráter comum, o fato de servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Esses

Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo reverta em proveito do progresso do Espírito. – SANTO AGOSTINHO. (Paris, 1862.)

Mundos regeneradores

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azulada do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas também há entre eles mundos mais miseráveis e melhores, como há mundos transitórios, que podemos chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já vos foi falado desses mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Também já vos foi revelado de que amplas faculdades a alma é dotada para praticar o bem. Mas, oh! há as que sucumbem, e Deus, não as querendo aniquilar, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma que se arrepende neles encontra a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Certamente, em tais mundos, o homem ainda se acha sujeito às leis

que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos. Neles não há mais o orgulho que emudece o coração nem a inveja que o tortura, nem o ódio que o sufoca. A palavra amor está escrita em todas as frontes; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo suas leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. Aí o homem ainda é de carne e, por isso mesmo, sujeito a vicissitudes das quais só estão isentos os seres completamente desmaterializados. Ainda há provas a sofrer, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante felizes e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Neles o homem, menos absorvido pelas coisas materiais, entrevê o futuro melhor do que vós; compreende que há outras alegrias que o Senhor promete aos que dele se mostrem dignos, quando a morte lhes houver novamente ceifado os corpos para lhes dar a verdadeira vida. É então que, liberta, a alma planará acima de todos os horizontes. Não mais haverá sentidos materiais e grosseiros, somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus nos aromas de amor e de caridade que emanam do seu seio.

18. Mas, ah! nesses mundos o homem ainda é falível e o espírito do mal não perdeu completamente o seu império. Não avançar é recuar, e se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde o aguardam novas e mais terríveis provas.

Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerado vos abra seu seio, após a expiação na Terra. – SANTO AGOSTINHO. (Paris, 1862.)

Progressão dos mundos

19. O progresso é uma das Leis da Natureza. Todos os seres da Criação, animados e inanimados, estão submetidos a ele pela bondade de Deus, que deseja que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que parece aos homens o termo das coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento.

Ao mesmo tempo que os seres vivos progridem moralmente, os mundos que eles habitam progridem materialmente. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na estrada do progresso. Marcham, assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porque nada permanece estacionário na Natureza. Quão grandiosa e digna é essa ideia da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos

homens que a habitam!

Segundo essa lei, a Terra esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha, e atingirá, sob esse duplo aspecto, um grau mais elevado. Ela chegou a um dos seus períodos de transformação, em que, de mundo expiatório, tornar-se-á mundo regenerador. Os homens, então, serão felizes na Terra, porque nela reinará a Lei de Deus. – SANTO AGOSTINHO. (Paris, 1862.)

---

7 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

8 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

CAPÍTULO IV



Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo

• Ressurreição e reencarnação • A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os desfaz • *Instruções dos Espíritos:* Limites da encarnação – Necessidade da encarnação

1. Jesus, tendo vindo às cercanias de Cesareia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: “Que dizem os homens, com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que Eu sou?” — Eles lhe responderam: “Dizem uns que és João Batista; outros, que Elias; outros, ainda, que Jeremias ou algum dos profetas”. — Perguntou-lhes Jesus: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” — Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. — Replicou-lhe Jesus: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos Céus”. (Mateus, 16:13 a 17; Marcos, 8:27 a 30.)

2. O tetrarca Herodes, porém, ouvira falar de tudo o que fazia Jesus e seu espírito se achava em suspenso, porque uns diziam que João Batista ressuscitara entre os mortos; outros, que Elias havia aparecido; e outros, ainda, que um dos antigos profetas havia ressuscitado. Disse então Herodes: “Mandei cortar a cabeça de João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?” — E tinha muita vontade de vê-lo. (Marcos, 6:14 a 16; Lucas, 9:7 a 9.)

3. (Após a transfiguração.) Seus discípulos então o interrogaram dessa forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que Elias venha primeiro?” — Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas, mas Eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como bem lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem”. — Então os discípulos compreenderam que fora de João Batista que Ele lhes falara. (Mateus, 17:10 a 13; Marcos, 9:11 a 13.)

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.

> **5.** Ora, havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos judeus — que veio à noite encontrar com Jesus e lhe disse: "Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porque ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele".
>
> Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade, Eu te digo: *Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo"*.
>
> Disse-lhe Nicodemos: "Como pode nascer um homem, já sendo velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe para nascer uma segunda vez?"
>
> Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade, Eu te digo: Se um homem não

> renasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. O Espírito sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito".
>
> Respondeu-lhe Nicodemos: "Como pode isso acontecer?" — Disse-lhe Jesus: "Pois quê! és Mestre em Israel e ignoras estas coisas? Em verdade, em verdade, Eu te digo, que não dizemos senão o que sabemos e só damos testemunho do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como me crereis, quando vos falar das coisas do Céu?" (João, 3:1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se encontra em muitas passagens do Evangelho, notadamente nas acima reproduzidas (itens 1 a 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Longe disso, Ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: *Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo. E insiste, acrescentando: Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo.*

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, dizia simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que em algumas traduções as palavras — *do Espírito* — foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, como se comprovará um dia, sem possibilidade de equívoco.[9]

8. Para se compreender o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente se atentar na significação do termo água, que ali

não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Os conhecimentos dos Antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos. Eles acreditavam que a Terra havia saído das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. Assim é que no *Gênesis* se lê: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas. Que o firmamento seja feito no meio das águas. Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido. Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento".

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o símbolo da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam pois: "Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma". É nesse sentido que foram compreendidas inicialmente.

Tal interpretação se justifica, ademais, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito é independente do corpo.

9. *O Espírito sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai*, pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá a vida a quem Ele quer ou da alma do homem. Nesta última acepção — "não sabes de onde ele vem, nem para onde vai" — significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o

corpo, saber-se-ia de onde ele veio, pois conheceríamos o seu começo. Em todo caso, essa passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

> **10.** Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o Reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; pois, até João, todos os profetas, assim como a lei, profetizaram. Se quiserdes compreender o que vos digo, *ele mesmo é o Elias que há de vir*. Ouça quem tiver ouvidos de ouvir. (Mateus, 11:12 a 15.)

11. Se o princípio da reencarnação expresso em João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de Mateus, em que não há equívoco possível: *ele mesmo é o Elias que há de vir*. Não há aí figura nem alegoria: é uma afirmação positiva. — "Desde o tempo de João Batista até o presente, o Reino dos céus é tomado pela violência". Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir". Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus se refere à época em que João vivia com o nome de Elias. "Até o presente, o Reino dos céus é tomado pela violência" é outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis para se ganhar a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, conforme a nova lei, o Céu se ganha pela caridade e pela brandura.

Depois acrescenta: *Ouça quem tiver ouvidos de ouvir*. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, dizem claramente que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

> **12.** Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada, *viverão de novo*; aqueles

> que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (Isaías, 26:19.)

13. Esta passagem de Isaías é também muito explícita: "Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada, *viverão de novo*". Se o profeta tivesse querido falar da vida espiritual, se houvesse pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: *ainda vivem*, e não: *viverão de novo*. Do ponto de vista espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, *que todos os que estão mortos reviverão*.

> **14.** Mas quando o homem há morrido *uma vez*, quando seu corpo, separado do seu espírito, foi consumido, que é feito dele? — Tendo morrido *uma vez*, poderia o homem *reviver de novo*? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, *espero* que chegue a minha mutação. (Jó, 14:10 e 14. Tradução de Lemaistre de Sacy.)
>
> Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? Se o homem morre, *viverá de novo*? Esperarei todos os dias do meu combate, até que sobrevenha alguma mutação? (Idem. Tradução protestante de Osterwald.)
>
> Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da *minha existência terrestre*, esperarei, porque *a ela voltarei de novo*. (Idem. Versão da Igreja grega.)

15. O princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso nessas três versões. Ninguém poderá supor que Jó haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que certamente ele não conhecia. "Tendo o homem morrido *uma vez*, poderia *reviver de novo*?" A ideia de morrer *uma vez*, e de reviver implica a de morrer e

reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha *existência terrestre*, esperarei, porque *a ela voltarei de novo*”, isto é, voltarei à existência terrena. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio da minha casa, mas a ela voltarei”.

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, *espero* que chegue a minha mutação.” Jó, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece aplicar-se, de preferência, a uma nova existência. “Quando a minha existência estiver acabada, *esperarei*, porque a ela voltarei.” Jó parece colocar-se, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há, pois, razão para duvidar de que, sob o nome de *ressurreição*, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus, e que foi confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. Um dia suas palavras constituirão autoridade quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas.

17. Mas a essa autoridade religiosa vem juntar-se, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se quer remontar dos efeitos às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como Lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo a bem dizer material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer

ao homem *de onde ele vem, para onde vai*, *por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.[10]

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são ininteligíveis, razão pela qual deram origem a tantas interpretações contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes restituirá o verdadeiro sentido.

A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os desfaz

18. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói.

No Espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Felizes por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas os separa momentaneamente, porque, ao regressarem à erraticidade, reúnem-se novamente como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, seguem juntos na mesma encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que estão livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, deram mais um passo

no caminho da perfeição. Cada vez menos apegados à matéria, seu afeto é mais vivo, justamente por ser mais depurado e não ser perturbado pelo egoísmo, nem pelas sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer assim ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe fira a estima mútua que os liga.

Fique bem claro que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porque os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos, não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Somente as afeições espirituais são duráveis; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem. Ora, essa causa não existe mais no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. Quanto às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas realmente nada são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no Céu.

19. A união e a afeição que existem entre parentes são um indício da simpatia anterior que os aproximou. É por isso que se costuma dizer, referindo-se a alguém cujo caráter, gostos e pendores não apresentam nenhuma semelhança com os dos seus parentes mais próximos, que ela não é da família. Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade maior do que se supõe. Deus permite, nas famílias, essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns, e de progresso para outros. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e por efeito dos cuidados que destes recebem. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se apagam. É desse modo que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos.[11]

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é um temor egoísta, provando, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria um deles, se fosse único? Mas tranquilizem-se os egoístas, pois esse temor não tem fundamento. O fato de um homem ter tido dez encarnações, não significa que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os que foram ligados a ele na Terra, a títulos diversos e, talvez, sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina da não reencarnação. Essa doutrina anula necessariamente a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, não existe entre elas nenhum laço anterior; são completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida apenas à filiação corpórea, sem qualquer laço espiritual. Não há, portanto, nenhum motivo para alguém se glorificar de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem seus laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que resultam da não reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente fixada após uma única existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, porque, desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a

mansão dos bem-aventurados ou para o inferno eterno. *Ficam, assim, imediatamente separadas e para sempre, sem esperança de jamais tornarem a juntar-se*, de forma que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãos, irmãs e amigos nunca podem estar certos de se verem novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação, e o progresso, que é a sua consequência, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no Espaço, gravitando juntos para chegarem a Deus. Se alguns fraquejam no caminho, retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas a esperança não está de todo perdida. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, portanto, estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo: 1ª, o nada, de acordo com a doutrina materialista; 2ª, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3ª, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4ª, a individualidade, com progressão indefinita, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se desfazem por ocasião da morte, não havendo nenhuma esperança de as almas se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

Instruções dos Espíritos

Limites da encarnação

24. *Quais são os limites da encarnação?*

A bem dizer, a encarnação não tem limites nitidamente traçados, quando nos referimos ao envoltório que constitui o corpo do Espírito, tendo em vista que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, o corpo já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito a vicissitudes. Em grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai se desmaterializando de grau em grau e acaba por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito toma um envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até à depuração completa, que constitui os Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados a Espíritos muito adiantados, estes últimos não lhes ficam presos, como nos mundos inferiores. O estado de desprendimento em que se encontram lhes permite ir a toda parte onde os chamem as missões que lhes sejam confiadas.

Se se considerar a encarnação do ponto de vista material, tal como acontece na Terra, poder-se-á dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende, portanto, de o Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação.

É de se considerar também que, no estado errante, isto é, no intervalo das existências corpóreas, a situação do Espírito guarda

relação com a natureza do mundo a que está ligado pelo seu grau de evolução. Assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme seja mais ou menos desmaterializado. – SÃO LUÍS. (Paris, 1859.)

Necessidade da encarnação

25. *A encarnação é uma punição, e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?*

A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, porque a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos. Por isso, dá a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir*. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros degraus da iniciação e gozam mais cedo do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam o seu progresso, podendo, pela obstinação que demonstrem, prolongar indefinidamente a necessidade de reencarnar, e é então que a encarnação se torna um castigo. – SÃO LUÍS. (Paris, 1859.)

26. Nota – Uma comparação vulgar fará que se compreenda melhor essa diferença. O estudante só chega aos graus superiores da

Ciência depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, seja qual for o trabalho que exijam, são um meio de o estudante chegar ao objetivo, e não uma punição. O aluno esforçado abrevia o caminho e nele encontra menos espinhos. Acontece outra coisa com aquele cuja negligência e preguiça o obrigam a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui uma punição, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Dá-se o mesmo com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência. Contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido, e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, a encarnação é um castigo, pela necessidade que ele tem de prolongar sua estada nos mundos inferiores e infelizes. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, pode não apenas abreviar a duração da encarnação material, como também transpor de uma só vez os degraus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Os Espíritos não poderiam encarnar uma única vez em determinado globo e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Essa opinião só seria admissível se todos os homens da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os degraus que ele deve transpor. A encarnação, ademais, precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si e para os outros. Deus, cujas leis são todas soberanamente

sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis Ele que os mesmos Espíritos, ao se encontrarem novamente, tivessem oportunidade de reparar seus erros recíprocos. Por meio das suas relações anteriores, quis, além disso, estabelecer os laços de família sobre base espiritual, apoiando numa Lei da Natureza os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

---

9 Nota de Allan Kardec: A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: *Não renasce da água e do Espírito;* a de Sacy diz: *do Santo Espírito;* a de Lamennais: *do Espírito Santo*.

10 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se, para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, *O livro dos espíritos,* caps. IV e V: *O que é o espiritismo*, cap. II, por Allan Kardec; *Pluralidade das existências, por Pezzani*.

11 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

CAPÍTULO V



Bem-aventurados os aflitos

• Justiça das aflições • Causas atuais das aflições • Causas anteriores das aflições • Esquecimento do passado • Motivos de resignação • O suicídio e a loucura • *Instruções dos Espíritos:* Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um homem de bem, teria morrido – Os tormentos voluntários – A desgraça real – A melancolia – Provas voluntárias. O verdadeiro cilício – Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? – Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Proveito dos sofrimentos para outrem

1. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os que têm sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, porque deles é o Reino dos céus. (Mateus, 5:4; 6 e 10.)

2. Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o Reino dos céus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes sois vós, que agora chorais, porque rireis. (Lucas, 6:20 e 21.)

Mas ai de vós, ricos! que tendes no mundo a vossa consolação. Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós que agora rides, porque gemereis e chorareis. (Lucas, 6:24 e 25.)

Justiça das aflições

3. As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra só podem efetivar-se na vida futura. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo.

Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a utilidade de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter mais mérito. Mas, então, pergunta-se: por que uns sofrem mais do que outros? Por que alguns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada terem feito para justificar essa situação? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Mas o que se compreende menos ainda é ver os bens e os males tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e dar paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus.

Entretanto, desde que se admita Deus, não se pode concebê-lo sem o infinito das perfeições. Ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente justo e bom, não pode agir por capricho nem com parcialidade. *As vicissitudes da vida têm, pois, uma causa e, visto que Deus é justo, essa causa há de ser justa*. Eis o de que cada um deve bem se compenetrar. Deus encaminhou os homens na compreensão dessa causa pelos ensinos de Jesus, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, revela-a inteiramente pelo *Espiritismo*, isto é, pela *voz dos Espíritos*.

Causas atuais das aflições

4. As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou se quisermos, têm duas fontes bem diferentes que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e da conduta dos que

os suportam.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantos se arruínam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões infelizes, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade, e nas quais o coração não tomou parte alguma!

Quantas dissensões e disputas funestas se teriam evitado com mais moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram as más tendências desde o princípio! Por fraqueza ou indiferença deixaram que neles se desenvolvessem os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem com a sua falta de respeito e a sua ingratidão.

Que todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente suas consciências; que remontem passo a passo à origem dos males que os afligem e verifiquem se, na maior parte das vezes, não poderão dizer: *Se eu tivesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante situação*.

A quem, portanto, deve o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de

casos, é o causador de seus próprios infortúnios, mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade, acusar a sorte, a Providência, a chance desfavorável, a má estrela, quando sua má estrela está na sua própria incúria.

Os males dessa natureza fornecem, seguramente, um notável contingente nas vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar pelo seu aprimoramento moral, tanto quanto o faz pelo seu melhoramento intelectual.

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. O condenado pode então dizer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não alcança, nem pode alcançar todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade, e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há uma só falta, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete consequências forçosas e inevitáveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar, a fim de evitar, futuramente, o que redundou para ele numa fonte de amarguras; se não fosse assim, não haveria motivo algum para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria o seu adiantamento e, por conseguinte, a sua felicidade futura.

Algumas vezes, porém, a experiência chega um pouco tarde. Quando a vida já foi desperdiçada e turbada, quando as forças já estão

gastas e o mal é irremediável, o homem põe-se a dizer: “Se no começo da vida eu soubesse o que sei agora, quantos passos em falso teria evitado! *Se tivesse que recomeçar, eu me portaria de maneira inteiramente diversa*. No entanto, já não há mais tempo!”. Como o operário preguiçoso, que diz: “Perdi o meu dia”, também ele diz: “Perdi a minha vida”. Mas assim como para o operário o Sol se levanta no dia seguinte, dando início a uma nova jornada que lhe permite reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida, de que o homem é a causa principal, há outros para os quais ele é, pelo menos na aparência, completamente estranho e que parecem atingi-lo como que por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previdência poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho; as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Os que nascem em semelhantes condições, certamente nada fizeram na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois,

seres tão infelizes, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos em todos os sentidos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalia que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de a alma ser criada ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte fixada irrevogavelmente após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas que acabam de sair das mãos do Criador, para sofrerem tantas misérias neste mundo e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, já que não puderam praticar nem o bem nem o mal?

Todavia, em virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, se a causa não se encontrar na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, deve estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se não fizemos esse mal na vida presente, é que o fizemos em outra. É uma alternativa a que ninguém pode escapar e em que a lógica decide de que lado está a Justiça de Deus.

O homem, portanto, nem sempre é punido ou punido completamente, na sua existência atual, mas não escapa jamais às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à

primeira vista, parece imerecido, tem sua razão de ser, e aquele que sofre pode sempre dizer: “Perdoai-me, Senhor, porque pequei”.

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores são sempre, como os decorrentes das faltas atuais, a consequência dos erros cometidos, isto é, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, o homem sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em condição humilhante; se foi avaro, egoísta ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.

Assim se explicam, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da felicidade e da infelicidade entre os bons e os maus neste mundo. Semelhante anomalia é apenas aparente, porque considerada somente do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de modo a abranger toda uma série de existências, verá que cada um recebe a parte que merece, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

O homem jamais deve esquecer que se acha num mundo inferior, ao qual somente é retido pelas suas imperfeições. A cada vicissitude deve lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não aconteceria e que só depende dele não mais voltar a esse mundo, desde que trabalhe por se melhorar.

8. As tribulações da vida podem ser impostas a Espíritos endurecidos ou muito ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa; porém, são livremente escolhidas e

aceitas por Espíritos *arrependidos*, que querem reparar o mal que fizeram e tentar proceder melhor. Tal ocorre com aquele que, havendo desempenhado mal a sua tarefa, pede para recomeçá-la, a fim de não perder o fruto de seu trabalho. Essas tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que elas punem, e provas para o futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, concede ao homem a faculdade da reparação e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. Não se deve crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente indício de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas escolhidas pelo Espírito para concluir a sua depuração e acelerar o seu adiantamento. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Contudo, provas e expiações são sempre sinais de relativa inferioridade, porque o que é perfeito não precisa ser provado. Um Espírito pode, pois, ter adquirido certo grau de elevação, mas, desejando adiantar-se mais, solicita uma missão, uma tarefa a executar, pela qual será tanto mais recompensado, se sair vitorioso, quanto mais penosa haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parecem nada haver trazido de mau das existências anteriores e que sofrem, com resignação cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus para suportá-las sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação, mas é indício de que foi escolhida voluntariamente, e não imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de

progresso.

10. Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade até que não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos felizes. São como os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais se impede a entrada em uma cidade até que se hajam expurgado. É nas diversas existências corpóreas que os Espíritos se despojam pouco a pouco de suas imperfeições. As provações da vida, quando bem suportadas, os fazem adiantar-se. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam; são o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que sofre muito, deve reconhecer que muito tinha a expiar e alegrar-se à ideia de ser logo curado. Depende dele, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, pois, do contrário, terá de recomeçar.

Esquecimento do passado

11. É em vão que se objeta que o esquecimento constitui um obstáculo para que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Se Deus julgou conveniente lançar um véu sobre o passado, é que isso devia ser útil. Com efeito, essa lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos excessivamente, ou, então, exaltar o nosso orgulho, entravando assim o nosso livre-arbítrio. Em todo caso, provocaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim

de reparar o mal que lhes tenha feito. Se reconhecesse nelas as pessoas a quem havia odiado, talvez o ódio despertaria outra vez no seu íntimo. De qualquer modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem tivesse ofendido.

Deus nos deu para nos melhorarmos, justamente o que nos é necessário e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas, mas Ele nos tira o que poderia prejudicar-nos.

O homem traz consigo, ao nascer, aquilo que adquiriu; nasce como se fez. Cada existência é, para ele, um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se é punido, é porque fez o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, pois, daquilo de que se corrigiu completamente, não restará mais nenhum sinal. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, que o adverte do que é bem e do que é mal, dando-lhe forças para resistir às tentações.

Ademais, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Retornando à vida espiritual, o Espírito recobra a lembrança do passado. Trata-se, portanto, apenas de uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrena durante o sono, e que não nos impede de lembrar, no dia seguinte, o que fizemos na véspera e nos dias precedentes.

Não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode-se dizer que jamais a perde, pois a experiência demonstra que, mesmo encarnado, o Espírito goza de certa liberdade durante o sono e tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre justamente. A lembrança

somente se apaga no curso da vida exterior de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se souber aproveitá-los.

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados*, Jesus indica, ao mesmo tempo, a compensação que espera os que sofrem e a resignação que abençoa o sofrimento como prelúdio da cura.

Essas palavras também podem ser traduzidas assim: deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, porque as vossas dores deste mundo são o pagamento da dívida das vossas faltas passadas, e essas dores, quando suportadas pacientemente na Terra, vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, pois, sentir-vos felizes por Deus haver reduzido a vossa dívida, permitindo que a saldeis agora, o que vos garantirá tranquilidade no futuro.

O homem que sofre é semelhante a um devedor de grande quantia, a quem o credor diz: “Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do teu débito, dar-te-ei a quitação do restante e ficarás livre; se não o fizeres, eu te perseguirei até que pagues o último centavo”. O devedor não se sentiria feliz por suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido?

Tal é o sentido destas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. São felizes porque pagam suas dívidas, e após o pagamento estarão livres. Mas se, saldando a dívida de um

lado, endividam-se de outro, jamais se libertarão. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, porque não há uma só delas, qualquer que seja, que não traga consigo a própria punição, necessária e inevitável. Se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será em outra. Entre essas faltas, devemos colocar em primeiro lugar a falta de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, contraímos nova dívida, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. É por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos atormente, pagássemos uma quantia e a tomássemos de novo por empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns, dirá o patrão: "Eis o prêmio dos teus dias de trabalho"; a outros, aos felizes da Terra, aos que hajam vivido na ociosidade, que puseram sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos, dirá: "Nada tendes a receber, porque já recebestes o vosso salário na Terra. Ide e recomeçai a tarefa".

13. O homem pode amenizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme a maneira pela qual encare a vida terrena. Tanto mais sofre, quanto mais longa ele considera a duração do sofrimento. Ora, aquele que se coloca do ponto de vista da vida espiritual, abarca a vida corpórea num piscar de olhos. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende a sua brevidade e reconhece que esse momento penoso passará bem depressa. A certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e encoraja e, em vez de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Para aquele, ao contrário, que apenas vê a

vida corpórea, esta lhe parece interminável e a dor o oprime com todo o seu peso. O resultado daquela maneira de encarar a vida nos leva a dar menos importância às coisas deste mundo, compelindo o homem a moderar seus desejos e a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, atenuando a impressão moral dos reveses e das decepções que experimenta. Daí ele haure uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, se entrega voluntariamente à tortura e aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência.

O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação adquiridas na maneira de considerar a vida terrestre e a confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra *a loucura e o suicídio*. Com efeito, é certo que a maioria desses casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem coragem de suportar. Se, portanto, pela maneira com que o Espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o teriam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva-lhe a razão dos abalos que, se não fora isso, a teriam perturbado.

15. Dá-se a mesma coisa com o suicídio. Se excetuarmos os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é evidente que tem ele sempre por causa um descontentamento, sejam quais forem os motivos particulares apontados. Ora, aquele que está certo de que só é infeliz por um dia, e

de serem melhores os dias seguintes, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando não vê nenhum termo aos seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas para o que não crê na eternidade e julga que tudo se acaba com a vida, que se deixa abater pelo desgosto e pelo infortúnio, só vê na morte a solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar as suas misérias pelo suicídio.

16. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio: produzem a *covardia moral*. Quando se veem homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçarem por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão tentando convencê-los de que, se são infelizes, o melhor que podem fazer é matar-se? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação podem oferecer-lhes? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale cair nele imediatamente, e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se fazem seus defensores assumem terrível responsabilidade. Com o Espiritismo a dúvida já não é possível, modificando-se, portanto, a visão que se tem da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para além do túmulo, mas em condições muito diversas. Daí a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; daí, numa palavra, a *coragem*

moral.

17. O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Ele nos mostra os próprios suicidas a nos informar sobre a situação infeliz em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a sua vida. Entre os suicidas, encontramos aqueles cujos sofrimentos, mesmo sendo temporários em vez de eternos, não deixam de ser menos terríveis, levando-os a refletir que não vale a pena sair daqui antes do tempo ordenado por Deus. O espírita tem, assim, vários motivos para contrapor à ideia do suicídio: a *certeza* de uma vida futura, na qual ele *sabe* que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e mais resignado haja sido na Terra; a *certeza* de que, abreviando sua vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutro ainda pior, mais longo e mais terrível; que se engana, ao se matar, que vai mais depressa para o Céu; que o suicídio é um obstáculo à reunião, no outro mundo, com aqueles que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar. A consequência de tudo isso é que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, é considerável o número dos que têm sido impedidos de suicidar-se, graças ao Espiritismo, sendo justo concluir-se que, quando todos os homens forem espíritas, não haverá mais suicídios conscientes. Comparando-se, pois, os resultados das doutrinas materialistas e espíritas, sob o ponto de vista do suicídio, verificamos que a lógica das primeiras conduz a ele, enquanto a lógica espírita o evita, o que é confirmado pela experiência.

Instruções dos Espíritos

Bem e mal sofrer

18. Quando o Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque deles é o Reino dos céus”, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, estejam no trono ou sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao Reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, quando vos falta coragem. A prece é um sustentáculo para a alma, mas não é suficiente: é preciso que se apoie numa fé viva na bondade de Deus. Ele já vos disse muitas vezes que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa guardará proporção com a resignação e a coragem. A recompensa será tanto maior quanto mais penosa é a aflição. Mas essa recompensa deve ser merecida, e é por isso que a vida está cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo não lhe faculta nenhuma promoção. Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se entrevaria e vossa alma se entorpeceria. Alegrai-vos, quando Deus vos enviar para a luta. Essa luta não consiste no fogo da batalha, mas nas amarguras da vida, em que, às vezes, é preciso mais coragem do que num combate sangrento, pois aquele que se mantém firme em presença do inimigo pode fraquejar sob o choque de uma pena moral. O homem não recebe nenhuma recompensa por essa espécie de coragem, mas Deus lhe reserva a palma da vitória e um lugar glorioso. Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera ou do desespero, dizei para vós mesmos, com justa satisfação: “Fui o mais forte”.

Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, pois terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porquanto, após o trabalho virá o repouso. – LACORDAIRE. (Le Havre, 1863.)

O mal e o remédio

19. Será a Terra um lugar de alegrias, um paraíso de delícias? A voz do profeta não ressoa ainda aos vossos ouvidos? Não proclamou Ele que haveria choro e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Vós, que nele viestes viver, esperai, pois, lágrimas ardentes e sofrimentos amargos, e por mais agudas e profundas que sejam as vossas dores, voltai os olhos para o Céu e bendizei o Senhor por vos ter querido experimentar... Ó homens! Então só reconheceis o poder do vosso Senhor quando Ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado vossos dias de beatitude e felicidade? Então não reconheceis o seu amor senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a alvura? Imitai aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, deitado sobre um monturo, disse ele [Jó] a Deus: "Senhor, conheci todas as alegrias da opulência e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!" Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma quererá lançar-se para além dos limites de um túmulo? Mas ainda que chorásseis e sofrêsseis a vida inteira, que representa isso ao lado da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai, pois, consolações para os vossos males no futuro que Deus vos prepara e a causa dos vossos males no passado; e vós,

que mais sofreis, considerai-vos os bem-aventurados da Terra.

Como desencarnados, quando planáveis no Espaço, escolhestes as vossas provas, por vos julgardes bastante fortes para as suportar. Por que murmurar agora? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar a luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, já sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa seria a vitória e que, se triunfásseis, mesmo que o vosso corpo fosse lançado num monturo, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de resplendente alvura, purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de males cruciantes? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, no auge dos vossos mais cruéis sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, vos apontará com a mão o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis... A fé é o remédio certo para o sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias sombrios do presente. Não nos perguntei, portanto, qual o remédio que curará tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê se fortalece com o remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é punido imediatamente, porque logo sente as pungentes angústias da aflição.

O Senhor marcou com o seu selo a todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé como amparo, será colocado sob a sua proteção e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto este se contorce

em convulsões, ela plana nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes os que sofrem e choram! Que suas almas se alegrem, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças. – SANTO AGOSTINHO. (Paris, 1863.)

A felicidade não é deste mundo

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do *Eclesiastes*: "A felicidade não é deste mundo". Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a juventude em flor são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão desejadas, porque incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.

Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta avidez as condições das que parecem favorecidas pela fortuna. Neste mundo, por mais que se faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, pelo que é fácil chegar-se à conclusão de que a Terra é um lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam que a Terra é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência lhe é permitido alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, considerando-se que está demonstrado, por experiência multissecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do

indivíduo.

Em tese geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais conseguirem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado.

Aquilo em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não se deixa guiar pela ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e de decepções. E notai, meus caros filhos, que falo dos felizes da Terra, dos que são invejados pela multidão.

Consequentemente, se a morada terrena se distingue por ser um local de provas e de expiações, há que se admitir a existência, em algum lugar, de moradas mais favorecidas, em que o Espírito do homem, embora ainda aprisionado num corpo de carne, desfruta dos prazeres inerentes à vida humana em toda a sua plenitude. É por isso que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores, para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando estiverdes suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Todavia, não deduzais das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária. Não, certamente! Dos progressos realizados podeis facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conquistados, novos e mais fecundos melhoramentos. Essa é a tarefa imensa que será realizada pela nova doutrina que os Espíritos vos revelaram.

Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa emulação vos

anime e cada um de vós se despoje do homem velho. Consagrai-vos todos à propagação do Espiritismo que já deu início à vossa própria regeneração. É um dever fazer que os vossos irmãos participem dos raios dessa luz sagrada. Mãos, pois, à obra, meus queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as futuras gerações um mundo em que a felicidade não seja mais palavra vã. – FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE, cardeal Morlot. (Paris, 1863.)

Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais jovens antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica o que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que já não servem para nada; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra a terra da vida, a fim de compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, e a sábia previdência onde acreditais ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a Justiça divina pela medida da vossa? Podeis supor que o Senhor dos mundos queira, por simples capricho, infligir-vos penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos atingem, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses mereceriam uma consideração tão secundária, que os relegaríeis para o último plano.

Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe e fazem que os cabelos dos pais embranqueçam antes do tempo. Quase sempre a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida ou das seduções que talvez o arrastassem à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.

É uma terrível desgraça, dizeis, que uma vida tão cheia de esperanças seja cortada tão cedo! De que esperanças quereis falar? Das da Terra, onde aquele que se foi podia brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão acanhada, incapaz de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, tão cheia de esperanças em vossa opinião? Quem vos diz que ela não estaria saturada de amarguras? Então não levais em conta as esperanças da vida futura, a ponto de preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de vos queixardes, alegrai-vos quando for agradável a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não seria egoísmo desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe naquele que não tem fé e que vê na morte uma separação eterna. Mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabei que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem e a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas as vossas

dores desarrazoadas também os afligem, porque denotam falta de fé e constituem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os abençoe, sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Senhor. – SANSON, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.)

Se fosse um homem de bem, teria morrido

22. Muitas vezes dizeis, ao falar de um homem mau que escapa de um perigo: *Se fosse um homem de bem, teria morrido*. Pois bem, assim falando, enunciais uma verdade, pois realmente acontece, e com muita frequência, que Deus dê a um Espírito, ainda jovem na senda do progresso, uma prova mais longa do que a um bom, que receberá, por recompensa do seu mérito, a graça de sua provação ser tão curta quanto possível. Por conseguinte, quando vos utilizais daquele axioma, não suspeitais de que proferis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, vizinho de um malvado, logo dizeis: *Antes fosse este.* Cometeis um grande erro, porque aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja começado a sua. Por que, então, quereríeis que o mau não tivesse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido sua pena, e que fosse retido na prisão, enquanto se restituísse a liberdade a um que não tinha esse direito? Ficai sabendo pois, que a verdadeira liberdade, para o Espírito, consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto vos achardes na Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Vossas faculdades, no entanto, são tão limitadas que o conjunto do grande todo escapa aos vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material. Esta, então, vos aparecerá como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira. – FÉNELON. (Sens, 1861.)

Os tormentos voluntários

23. O homem vive incessantemente em busca da felicidade, que lhe escapa a todo instante, porque a felicidade sem mescla não existe na Terra. Entretanto, apesar das vicissitudes que formam o cortejo inevitável da vida terrena, poderia ele, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais, em vez de procurá-la nos prazeres da alma, que são um gozo antecipado das alegrias celestes, imperecíveis; em vez de procurar a *paz do coração*, única felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo que o possa agitar e perturbar e, coisa curiosa! o homem parece criar para si, propositadamente, tormentos que está nas suas mãos evitar.

Haverá maiores tormentos do que os causados pela inveja e pelo ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febris. O que não têm e os outros possuem lhes causa insônias; os sucessos dos rivais lhes dão vertigem; são movidos apenas pela vontade de sobrepujar seus vizinhos; toda a sua alegria consiste em excitar, nos insensatos como eles, a raiva e o ciúme que os devora.

Pobres insensatos, com efeito, não pensam que amanhã, talvez, terão de deixar todas essas futilidades, cuja cobiça lhes envenena a vida! Certamente, não é a eles que se aplicam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, já que as suas preocupações não são aquelas que têm no Céu as suas compensações.

Quantos tormentos, ao contrário, consegue evitar aquele que sabe contentar-se com o que tem, que vê sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é! Esse é sempre rico, porque, se olha para baixo de si, e não para cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas. E a calma, em meio às tempestades da vida, já não será uma felicidade? – FÉNELON. (Lyon, 1860.)

A desgraça real

24. Todos falam da desgraça, todos já a experimentaram e acreditam conhecer o seu caráter múltiplo. Venho dizer-vos que quase todo o mundo se engana e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os homens, ou seja, os infelizes, supõem. Eles a veem na miséria, no fogão sem lume, no credor que ameaça, no berço vazio do anjo que antes sorria, nas lágrimas, na urna mortuária que se acompanha com a cabeça descoberta e com o coração despedaçado, na angústia da traição, no desnudamento do orgulho, que desejava vestir-se de púrpura e mal oculta a sua nudez sob os andrajos da vaidade. A tudo isso, e muitas coisas mais, dá-se o nome de desgraça, na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que só veem o presente; a verdadeira desgraça, porém, está nas consequências de um fato, mais do que no próprio fato. Dizei-me se o acontecimento mais feliz do momento, mas que acarreta consequências funestas, não é, realmente, mais desditoso

do que outro que a princípio causa viva contrariedade e acaba produzindo o bem. Dizei-me se a tempestade que vos arranca as árvores, mas que saneia o ar, dissipando os miasmas insalubres que causariam a morte, não é antes uma felicidade do que uma infelicidade.

Para julgarmos uma coisa, precisamos ver as suas consequências. Assim, para bem apreciarmos o que é realmente feliz ou infeliz para o homem, precisamos transportar-nos para além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir. Ora, tudo o que se chama infelicidade, segundo a curta visão humana, cessa com a vida corpórea e encontra a sua compensação na vida futura.

Vou revelar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as forças de vossas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que buscais com o mais ardente desejo.

Esperai, vós que chorais! Tremei, vós que rides, pois o vosso corpo está satisfeito! A Deus não se engana; não se foge ao destino; e as provações, credoras mais impiedosas do que a matilha que a miséria desencadeia, espreitam o vosso repouso ilusório para vos mergulhar de súbito na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma enfraquecida pela indiferença e pelo egoísmo.

Que, pois, o Espiritismo vos esclareça e recoloque, para vós, sob a sua verdadeira luz, a verdade e o erro, tão estranhamente desfigurados pela vossa cegueira! Agireis então como bravos soldados que, longe de

fugirem ao perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que não lhes pode dar nem glória, nem promoção. Que importa ao soldado perder na luta as armas, bagagens e uniforme, desde que saia vencedor e com glória? Que importa ao que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida a riqueza e o manto de carne, contanto que sua alma entre radiosa no Reino celeste? – DELPHINE DE GIRARDIN. (Paris, 1861.)

A melancolia

25. Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos faz achar a vida tão amarga? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, mas, ligado ao corpo que lhe serve de prisão, esgota-se em vãos esforços para dele sair. Porém, reconhecendo que são inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, sois tomados pela lassidão, pelo abatimento e por uma espécie de apatia; por isso vos julgais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. Essas aspirações a um mundo melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as busqueis neste mundo e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação para vos ajudar a desatar os laços que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante a vossa prova na Terra, tendes uma missão de que não suspeitais, quer vos dedicando à vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou. E se, no curso dessa provação, ao cumprirdes a vossa tarefa, virdes caírem sobre vós os cuidados, as inquietações e tribulações, sede fortes e corajosos para os

suportar. Afrontai-os resolutos; duram pouco e vos conduzirão para junto dos amigos por quem chorais, que se alegrarão com a vossa chegada entre eles e vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra. – FRANÇOIS DE GENÈVE. (Bordeaux.)

Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

26. Perguntais se é permitido ao homem abrandar suas próprias provas. Esta questão equivale a esta outra: É permitido ao que se afoga tentar salvar-se? àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? ao que está doente chamar o médico? As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Um homem pode nascer em posição penosa e difícil, justamente para ser obrigado a procurar os meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que não se podem evitar, em perseverar na luta, em não se desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão dá lugar naturalmente a outra. Visto que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, haverá mérito em alguém buscar aflições que lhe agravem as provas, por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei claramente: sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por fim o bem do próximo, porque é a caridade pelo sacrifício; não, quando os sofrimentos e as privações só têm por objetivo o bem próprio, porque aí só há egoísmo por fanatismo.

Há que se fazer aqui uma grande distinção. No que vos diz respeito pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos

manda e não lhes aumenteis o volume, já de si por vezes tão pesado; aceitai-as sem queixumes e com fé; eis tudo o que Ele vos pede. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalho na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é transgredir a Lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal é a lei. O abuso das melhores coisas traz a sua punição nas inevitáveis consequências que acarreta.

Muito diferente é a situação, quando o homem impõe a si próprio sofrimentos para o alívio do seu próximo. Se suportardes o frio e a fome para aquecer e alimentar os necessitados, e se o vosso corpo disso se ressente, fazeis um sacrifício que Deus abençoa. Vós, que deixais os vossos aposentos perfumados para irdes à mansarda infecta levar a consolação; vós que sujais as mãos delicadas curando chagas; vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que é apenas vosso irmão em Deus; vós, enfim, que consumis a vossa saúde na prática das boas obras, eis em tudo isso o vosso cilício, verdadeiro e abençoado cilício, porque as alegrias do mundo não ressecaram o vosso coração nem adormecestes no seio das volúpias enervantes da riqueza, antes vos constituístes anjos consoladores dos pobres deserdados.

Vós, porém, que vos retirais do mundo para evitar as suas seduções e viver no isolamento, que utilidade tendes na Terra? Onde está a vossa coragem nas provações, já que fugis da luta e desertais do combate? Se quereis um cilício, aplicai-o às vossas almas, e não aos vossos corpos; mortificai o vosso Espírito, e não a vossa carne; fustigai

o vosso orgulho, recebei sem murmurar as humilhações; afligi o vosso amor-próprio; enrijecei-vos contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente do que a dor física. Eis o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus. – UM ANJO DA GUARDA. (Paris, 1863.)

Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?[12]

27. *Deve-se pôr termo às provas do próximo, quando possível ou se deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam o seu curso?*

Já vos temos dito e repetido muitas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos acontece é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Mas esse pensamento provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, pois poderiam acarretar funestas consequências.

Pensam alguns que, uma vez que se está na Terra para expiar, é preciso que as provas sigam o seu curso. Há outros que chegam a ponto de acreditar que não só não devem fazer coisa alguma para as atenuar, mas, ao contrário, que devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. Sim, vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas conheceis esse curso? Sabeis até onde elas devem ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: "Não irás mais longe?" Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as chagas que a sua justiça abrirá? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos

irmãos: “É a Justiça de Deus, e importa que siga o seu curso”. Dizei, ao contrário: “Vejamos que meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão”. Vejamos se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos não poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não pôs em minhas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Ajudai-vos sempre, mutuamente, nas vossas provas, e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Essa ideia deve revoltar todo homem de coração, principalmente todo espírita, porque este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita tem de pensar que a sua vida inteira deve ser um ato de amor e de devotamento e que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, sua justiça seguirá o seu curso. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços para atenuar o amargor da expiação, cabendo, no entanto, somente a Deus detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, acreditar-se no direito de, por assim dizer, revolver a arma na ferida? de aumentar a dose do veneno no peito daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar, mas todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos irmãos, de acordo com a lei de amor e caridade. – Bernardin, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra

sem esperança de cura?*

28. *Um homem está agonizante, vítima de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito lhe pouparmos alguns instantes de angústias apressando-lhe o fim?*

Quem vos daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Não pode Ele conduzir o homem até à beira do sepulcro, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e modificar-lhe os pensamentos? Ainda que um moribundo haja chegado ao último extremo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe tenha soado a última hora. A Ciência não se terá enganado alguma vez em suas previsões?

Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores, mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, não há inúmeros exemplos em que o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanima-se e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância, pois ignorais as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe podem poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e não leva em nenhuma conta a alma, não pode compreender essas coisas, mas o espírita, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, tanto quanto puderdes; guardai-vos, porém, de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro. – São Luís. (Paris, 1860.)

Sacrifício da própria vida*

29. *Aquele que se acha desgostoso da vida, mas não querendo abreviá-la com as próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil a sua morte?*

Que o homem se mate ele próprio ou permita que outrem o mate, o objetivo é sempre o de abreviar a vida, havendo, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir sua ação e desculpá-lo aos seus próprios olhos. Se ele desejasse seriamente servir ao seu país, procuraria viver para defendê-lo, e não morrer, visto que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário, mas buscar a morte com *intenção premeditada*, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

30. *Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo previamente que sucumbirá, pode o seu ato ser considerado suicídio?*

Desde que não haja intenção de buscar a morte, não há suicídio, mas apenas devotamento e abnegação, mesmo com a certeza de que morrerá. Mas quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um meio inesperado de salvação para o momento mais crítico? Não poderia ela salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Muitas vezes a Providência quer levar a prova da resignação até o último limite e, então, uma circunstância inesperada desvia o golpe fatal. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

Proveito dos sofrimentos para outrem*

31. *Os que aceitam seus sofrimentos com resignação, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham apenas para si mesmos? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos para outros?*

Esses sofrimentos podem ser de proveito para outros, material e moralmente. Materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os infelizes à resignação e salvá-los do desespero e de suas funestas consequências. – *São Luí*s. (Paris, 1860.)

---

12 **N.T.:** Este e outros subtítulos seguidos de asterisco e encontrados ao longo deste livro não faziam parte da 3ª edição francesa de 1866, que serviu de base para esta tradução. Constam, porém, nos cabeçalhos dos capítulos correspondentes e no "Sumário" da obra, razão por que o inserimos aqui.

CAPÍTULO VI



O Cristo Consolador

• O jugo leve • Consolador prometido • *Instruções dos Espíritos:* Advento do Espírito de Verdade

O jugo leve

> **1.** Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois suave é o meu jugo e leve o meu fardo. (Mateus, 11:28 a 30.)

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na Justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele, ao contrário, que nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança vem amenizar o seu amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: "Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que Eu vos aliviarei".

Entretanto, Jesus estabelece uma condição para a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por Ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei, mas esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.

Consolador prometido

> **3.** Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O *Espírito*

> *de Verdade*, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. (João, 14:15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete outro Consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, Consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo havia dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou malcompreendido.

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da Lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir". O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados". Mas como pode a criatura sentir-se feliz, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, em que o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos como crises salutares que levam à cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu

sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que esse sofrimento lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se apossa de sua alma. Fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que o Espiritismo descortina, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.

Instruções dos Espíritos

Advento do Espírito de Verdade

5. Venho, como outrora, aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como antigamente o fez a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a divina doutrina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis!”.

Mas, ingratos, os homens se afastaram do caminho largo e reto que conduz ao Reino de meu Pai, perdendo-se nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a

carne, já que a morte não existe, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova escolhida, durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o archote que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me tomado de muita compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza para não deixar de estender a mão em socorro aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. Todas as verdades encontram-se no Cristianismo; os erros que nele se arraigaram são de origem humana. E eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: "Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade". – O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

6. Venho ensinar e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas; que chorem, pois a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras, mas que esperem, pois os anjos consoladores também lhes virão enxugar as lágrimas.

Obreiros, traçai o vosso sulco; recomeçai no dia seguinte a rude jornada da véspera; o trabalho das vossas mãos vos fornece aos corpos

o pão terrestre, mas vossas almas não estão esquecidas; e Eu, o divino jardineiro, as cultivo no silêncio dos vossos pensamentos. Quando soar a hora do repouso; quando a teia da vida escapar de vossas mãos e vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis surgir e germinar em vós a minha preciosa semente. Nada fica perdido no Reino de nosso Pai e os vossos suores e misérias formam o tesouro que vos tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desprovido dentre todos vós será talvez o mais resplandecente.

Em verdade vos digo: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são meus bem-amados. Instruí-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e vos ensina o objetivo sublime da provação humana. Assim como o vento varre a poeira, que também o sopro dos Espíritos dissipe a vossa inveja dos ricos do mundo, que são, muitas vezes, bem miseráveis, porque se acham sujeitos a provas mais perigosas do que as vossas. Estou convosco e meu apóstolo vos instrui. Bebei na fonte viva do amor e preparai-vos, cativos da vida, para vos lançar um dia, livres e alegres, no seio daquele que vos criou fracos para vos tornar perfectíveis e deseja que modeleis vós mesmos a vossa maleável argila, a fim de serdes os artífices da vossa imortalidade. – O Espírito de Verdade. (Paris, 1861.)

7. Sou o grande médico das almas e venho trazer o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos, e Eu venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, todos vós que sofreis e estais sobrecarregados e sereis aliviados e consolados. Não procureis em outro lugar a força e a consolação, pois o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Que a impiedade, a mentira, o erro e a incredulidade sejam extirpados de vossas almas

doloridas. São monstros que sugam o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que, no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua Lei divina. Amai e orai; sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: "Eis-me aqui; venho até vós, porque me chamastes". – O Espírito de Verdade. (Bordeaux, 1861.)

8. Deus consola os humildes e dá forças aos aflitos que a pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda parte, ao lado de uma lágrima Ele colocou um bálsamo consolador. O devotamento e a abnegação são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra suas dores, contra os sofrimentos morais que são o vosso quinhão neste mundo. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: *devotamento* e *abnegação*, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate melhor, a alma se asserena e o corpo já não sente desfalecimentos, porque o corpo sofre tanto mais, quanto mais profundamente o espírito é golpeado. – O Espírito de Verdade. (Le Havre, 1863.)

CAPÍTULO VII



Bem-aventurados os pobres de espírito

• O que se deve entender por pobres de espírito • Aquele que se eleva será rebaixado • Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes • *Instruções dos Espíritos:* O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra

O que se deve entender por pobres de espírito

> **1.** Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus. (Mateus, 5:3.)

2. A incredulidade zombou desta máxima: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, como tem zombado de muitas outras coisas que não compreende. Por pobres de espírito Jesus não se refere aos homens desprovidos de inteligência, mas aos humildes, e diz que o Reino dos céus é para estes, e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de espírito, conforme o mundo, fazem geralmente tão alta opinião de si mesmos e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de sua atenção. Concentrando sobre si próprios os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus. Essa tendência de se acreditarem superiores a tudo, com muita frequência, os leva a negar aquilo que, estando acima deles, poderia rebaixá-los, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se consentem

em admiti-la, contestam um de seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é que isso lhes esteja fora do alcance, mas porque o seu orgulho se revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam colocar-se e que os faria descer do pedestal. Esta a razão por que só têm sorrisos de desdém para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível. Atribuem-se muito espírito e saber para acreditar em coisas, segundo eles, boas para as pessoas simples, tendo por *pobres de espírito* os que as tomam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, terão que entrar, como os outros, nesse mundo invisível de que tanto escarnecem. É lá que seus olhos serão abertos e que reconhecerão seus erros. Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que não reconheceu o seu poder e aquele que humildemente se submeteu às suas leis, nem aquinhoá-los em partes iguais.

Dizendo que o Reino dos céus é dos simples, Jesus deu a entender que ninguém é admitido nesse Reino sem a *simplicidade do coração e a humildade de espírito*; que o ignorante, que possui essas qualidades, será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um

ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra Ele. Mais vale, portanto, para a felicidade futura, que o homem seja *pobre em espírito*, no sentido mundano, e rico em qualidades morais.

Aquele que se eleva será rebaixado

3. Nessa mesma ocasião, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: "Quem é o maior no Reino dos céus?" — Jesus, chamando a si um menino, o colocou no meio deles e respondeu: "Digo-vos em verdade, que, se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no Reino dos céus. *Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no Reino dos céus* e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe." (Mateus, 18:1 a 5.)

4. Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, dando a entender que queria pedir alguma coisa. Disse-lhe Ele: "Que queres?" "Manda", disse ela, "que estes meus dois filhos tenham assento no teu Reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda". — Mas Jesus lhe respondeu: "Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que Eu vou beber? — Eles responderam: "Podemos". — Jesus lhes replicou: "É certo que bebereis o cálice que Eu beber, mas, pelo que respeita a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim vo-lo conceder, mas para aqueles a quem meu Pai o tem preparado". — Ouvindo isso, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: "Sabeis que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vós; ao contrário, *aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vós seja vosso escravo;* do mesmo modo que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos". (Mateus, 20:20 a 28.)

5. Jesus entrou em dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para aí fazer a sua refeição. Os que lá estavam o observaram. Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola, dizendo: "Quando fordes convidados para bodas, não tomeis o primeiro lugar, para que não aconteça que, havendo entre os convidados uma pessoa mais importante do que vós, aquele que vos haja convidado venha a dizer-vos: dai o vosso lugar a

> este, e vos vejais constrangidos a ocupar, cheios de vergonha, o último lugar. Quando fordes convidados, ide colocar-vos no último lugar, a fim de que, quando aquele que vos convidou chegar, vos diga: 'Meu amigo, venha mais para cima'. Isso então será para vós um motivo de glória, diante de todos os que estiverem convosco à mesa; *porque todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado".* (Lucas, 14:1 e 7 a 11.)

6. Essas máximas resultam do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor, e que Ele formulou assim: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus". Ele toma uma criança como o tipo da simplicidade de coração e diz: "Será o maior no Reino dos céus aquele que se humilhar e *se fizer pequeno como uma criança*", isto é, que não alimentar nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade.

Deparamos com a mesma ideia fundamental nesta outra máxima: *Aquele que quiser tornar-se o maior seja o vosso servo*, e nesta outra: *Aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se elevar será rebaixad*o.

O Espiritismo vem sancionar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra, e bem pequenos, muitas vezes, os que na Terra eram os maiores e os mais poderosos. É que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no Céu e que jamais se perde: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que constituía a sua grandeza terrena e que não se leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do nascimento. Nada mais possuindo senão isso, chegam ao outro mundo privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservam apenas o orgulho, que torna a sua nova posição

ainda mais humilhante, pois veem acima deles, resplandecentes de glória, aqueles a quem espezinharam na Terra.

O Espiritismo nos mostra outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que ocuparam as mais elevadas posições numa existência, descem, em existência seguinte, às mais ínfimas condições, caso tenham sido dominados pelo orgulho e pela ambição. Não procureis, pois, na Terra, os primeiros lugares, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer. Buscai, ao contrário, o lugar mais humilde e mais modesto, pois Deus saberá dar-vos outro mais elevado no Céu, se o merecerdes.

Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes

> **7.** Disse, então, Jesus estas palavras: "Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos". (Mateus, 11:25.)

8. Pode parecer singular que Jesus renda graças a Deus, por haver revelado estas coisas *aos simples e aos pequenos*, que são os pobres de espírito, e por as ter ocultado aos sábios e aos prudentes, mais aptos, na aparência, a compreendê-las. É que se deve entender, pelos primeiros, *os humildes*, aqueles que se humilham diante de Deus, e não se consideram superiores a todo o mundo; e, pelos segundos, *os orgulhosos*, envaidecidos do seu saber mundano, que se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, porque, na Antiguidade, *sábio* era sinônimo de *douto*. É por isso que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do Céu aos simples e aos humildes que se

inclinam diante dele.

9. Assim ocorre hoje com as grandes verdades reveladas pelo Espiritismo. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos façam tão poucos esforços para os convencer; é que estes últimos se ocupam dos que procuram a luz com boa-fé e com humildade, de preferência aos que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria ficar muito feliz de os conduzir a Ele, provando-lhes a sua existência.

O poder de Deus se manifesta nas pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, mas a derrama em ondas por toda parte, de modo que só os cegos não a veem. *Deus não quer abrir os olhos deles à força, já que lhes apraz mantê-los fechados*. Chegará a sua vez, mas antes é preciso que sintam as angústias das trevas e *reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que lhes fere o orgulho*. Para vencer a incredulidade, Deus emprega os meios mais convincentes, conforme os indivíduos. Não cabe ao incrédulo prescrever-lhe o que deva fazer nem dizer: “Se queres me convencer, deves proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém”.

Não se espantem, pois, os incrédulos de que nem Deus nem os Espíritos, que são os agentes da sua vontade, se submetam às suas exigências. Perguntem a si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores quisesse impor-se a eles; Deus impõe condições, mas não se submete às dos outros; escuta com bondade os que se dirigem a Ele com humildade, e não os que se julgam mais do que Ele.

10. Perguntar-se-á: Deus não poderia tocá-los pessoalmente, por meio de sinais retumbantes, diante dos quais se inclinassem os

incrédulos mais endurecidos? Sem dúvida que o poderia, mas, nesse caso, onde estaria o mérito deles e, ademais, para que serviria isso? Não se veem todos os dias criaturas que recusam a evidência, chegando até mesmo a dizer: “Ainda que eu visse, não acreditaria, porque *sei* que é impossível?” Se esses se recusam a reconhecer a verdade, é porque o seu espírito ainda não está maduro para compreendê-la nem o coração para senti-la. O *orgulho é a venda que lhes obscurece a visão*. De que vale apresentar a luz a um cego? É preciso, pois, que se cure antes a causa do mal. É por isso que, médico hábil que é, Deus castiga primeiramente o orgulho. Não abandona seus filhos perdidos, por saber que, cedo ou tarde, seus olhos se abrirão, mas quer que o façam de livre vontade, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, atirar-se-ão por si mesmos em seus braços, a pedir-lhe perdão, quais filhos pródigos.

Instruções dos Espíritos

O orgulho e a humildade

11. Que a paz do Senhor esteja convosco, meus caros amigos! Venho até vós para vos encorajar a seguir o bom caminho.

Aos pobres de espírito que outrora habitaram a Terra, Deus conferiu a missão de vos esclarecer. Bendito seja Ele, pela graça que nos concede de podermos auxiliar o vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tornar compreensível a minha palavra, concedendo-me a graça de pô-la ao alcance de todos! Vós encarnados, todos que vos achais em prova e buscais a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é uma virtude muito esquecida entre vós. Os grandes exemplos que vos foram dados pouco são seguidos. Entretanto, sem humildade, podeis ser caridosos com o vosso próximo? Oh! não, pois este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente e os conduz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuís, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos daquele que nos salvou; lembrai-vos da sua humildade, que o fez tão grande e o colocou acima dos profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o Reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas devidas aos seus méritos, e que sua essência é mais pura que a do pobre. Julgam que têm direito a tais coisas, razão pela qual, quando Deus as retira, o acusam de injustiça. Oh! zombaria e cegueira! Deus vos distingue pelos corpos? O envoltório do pobre não é da mesma essência que o do rico? Porventura o Criador terá feito duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio. Nunca lhe atribuais as ideias concebidas por vossos cérebros orgulhosos.

Ó rico! Enquanto dormes em teus aposentos dourados, ao abrigo do frio, não sabes que milhares de irmãos teus, que valem tanto quanto tu, jazem sobre a palha? O infeliz que passa fome não é teu igual? Ao ouvires isso, bem o sei, revolta-se o teu orgulho. Concordarás em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, jamais! “O quê! dirás, eu, de sangue nobre, grande da Terra, serei igual a este miserável coberto de andrajos? Vã utopia de pretensos filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixo e a mim tão alto?” É verdade que as vossas vestes

não se assemelham, mas, se ambos vos despissem, que diferença haveria entre vós? A nobreza do sangue, dirás. A Química, porém, ainda não encontrou nenhuma diferença entre o sangue de um grão-senhor e o de um plebeu; entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que também tu já não tenhas sido miserável e infeliz como ele? Que também não hajas pedido esmola? Que não a pedirás um dia a esse mesmo a quem hoje desprezas? Serão eternas as riquezas? Não se acabam com a extinção do corpo, envoltório perecível do teu Espírito? Oh! lança um pouco de humildade sobre ti mesmo! Procura atentar sobre a realidade das coisas deste mundo, sobre o que dá lugar ao engrandecimento e ao rebaixamento no outro; lembra-te de que a morte não te poupará, como a nenhum homem; que os títulos não te preservarão do seu golpe; que ela te poderá ferir amanhã, hoje, a qualquer hora. Se te enterras no teu orgulho, oh! quanto então eu te lamento, pois que serás digno de piedade.

Orgulhosos! Que éreis antes de serdes nobres e poderosos? Talvez estivésseis abaixo do último dos vossos criados. Curvai, portanto, as vossas frontes altaneiras, que Deus pode abaixar no momento em que mais as elevardes. Todos os homens são iguais na balança divina; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são da mesma essência e todos os corpos são formados com a mesma massa; vossos títulos e vossos nomes não os modificam absolutamente; ficam no túmulo e não são eles que darão a felicidade prometida aos eleitos. A caridade e a humildade são os seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! És mãe, teus filhos sofrem; sentem frio, têm fome, e tu vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te, para lhes conseguires um pedaço de pão. Oh! eu me inclino diante de ti. Como és nobre, santa e grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade

ainda não é deste mundo. Aos pobres e oprimidos que nele confiam, Deus concede o Reino dos céus.

E tu, minha jovem, pobre criança lançada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que choras? Que teus olhos se voltem, piedosos e serenos, para Deus: Ele dá alimento aos passarinhos. Confia nele; Ele não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo faz bater o teu coração; também desejavas adornar de flores os teus cabelos e misturar-te aos venturosos da Terra. Dizes a ti mesma que poderias, como essas mulheres que vês passar, levianas e risonhas, ser rica também. Oh! cala-te criança! Se soubésseis quantas lágrimas e dores indescritíveis se ocultam sob esses vestidos bordados, quantos soluços são abafados pelo ruído dessa orquestra feliz, preferirias o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos de Deus, se não queres que o teu anjo da guarda volte para Ele, cobrindo o semblante com as suas brancas asas e deixando-te com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo, onde ficarias perdida, enquanto esperas a punição no outro.

Todos vós que sofreis as injustiças dos homens, sede indulgentes para as faltas dos vossos irmãos, refletindo que vós mesmos não vos achais isentos de culpas: isso é caridade e, também, humildade. Se sofreis pelas calúnias, curvai a cabeça sob essa prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se a vossa conduta é pura, Deus não pode vos recompensar por isso? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Oh! meu Deus, será preciso que o Cristo volte novamente à Terra

para ensinar aos homens as tuas leis, que eles esquecem? Deverá Ele ainda expulsar os vendilhões do templo, que corrompem a tua casa, destinada unicamente à oração? E, quem sabe? ó homens! se Deus vos concedesse essa graça, não o renegaríeis como outrora! Se não o chamaríeis de blasfemador, porque abateria o orgulho dos modernos fariseus! É bem possível que o fizésseis percorrer novamente o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao Monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus. Homens e mulheres deram o ouro e as joias que possuíam para que se fizesse um ídolo que passaram a adorar. Homens civilizados, estais agindo como eles. O Cristo vos deixou a sua doutrina; deu-vos o exemplo de todas as virtudes e tudo abandonastes, exemplos e preceitos. Concorrendo para isso, com as vossas paixões, fizestes um Deus de acordo com a vossa vontade; segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, indiferente aos interesses do mundo. O Deus que fabricastes é ainda o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e às suas ideias.

Despertai, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos vos toque os corações. Sede generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade. Que cada um vá demolindo aos poucos os altares erguidos ao orgulho. Numa palavra, sede verdadeiros cristãos e tereis o reino da verdade. Não duvideis mais da bondade de Deus, quando dela Ele vos dá tantas provas. Vimos preparar os caminhos para que as profecias se cumpram. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já vos encontre formando uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a

palavra divina que Ele vos vem trazer; que o eleito não encontre em seu caminho senão as palmas que aí tenhais deposto pelo vosso retorno ao bem, à caridade, à fraternidade, quando, então, o vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. No entanto, se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica em ciências e, contudo, tão pobre de bons sentimentos, ah! então nos restará apenas chorar e gemer pela vossa sorte. Mas, não, assim não será. Voltai para Deus, vosso Pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, a fim de agradecer ao Senhor por sua inesgotável bondade e glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja. – LACORDAIRE. (Constantina, 1863.)

12. Homens, por que vos queixais das calamidades que vós mesmos amontoastes sobre as vossas cabeças? Desprezastes a santa e divina moral do Cristo; não vos espanteis, pois, de que a taça da iniquidade haja transbordado de todos os lados.

Generaliza-se o mal-estar. A quem incriminar, senão a vós que incessantemente procurais esmagar-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes, sem mútua benevolência, mas como pode a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não quiserdes perpetuar as suas funestas consequências. Tendes um só meio para isso, mas infalível: tomardes para regra invariável do vosso proceder a Lei do Cristo, lei que tendes repelido ou falseado em sua interpretação.

Por que tendes em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos, em vez daquilo que toca o coração? Por que fazeis do vício na opulência objeto das vossas adulações, enquanto só tendes um olhar

de desdém para o verdadeiro mérito, que se oculta na obscuridade? Apresente-se em qualquer parte um rico debochado, perdido de corpo e alma, e todas as portas lhe serão abertas, todas as considerações voltam-se para ele, ao passo que mal se dignam saudar o homem de bem, que vive do seu trabalho. Quando a consideração dispensada aos outros é medida pelo peso do ouro que possuem ou pelo nome que usam, que interesse eles podem ter em se corrigirem de seus defeitos?

Outra seria a situação, se a opinião geral fustigasse o vício dourado, tanto quanto o vício em andrajos, mas o orgulho é indulgente para tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida, mas por que deixastes que as necessidades materiais sobrepujassem o bom senso e a razão? Por que cada um quer elevar-se acima de seu irmão? Hoje a sociedade sofre as consequências desse fato.

Não esqueçais que tal estado de coisas é sempre um sinal de decadência moral. Quando o orgulho chega ao extremo, tem-se um indício de queda próxima, porque Deus sempre castiga os soberbos. Se por vezes deixa que subam, é para lhes dar tempo à reflexão e a que se emendem, sob os golpes que de vez em quando lhes desfere no orgulho para os advertir. Mas, em vez de se humilharem, eles se revoltam. Então, quando a medida está cheia, Deus a revira completamente, sendo-lhes a queda tão mais terrível, quanto mais alto hajam subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todos os caminhos, toma novamente coragem, apesar de tudo. Em sua misericórdia infinita, Deus te envia poderoso remédio para os teus males, um inesperado socorro à tua miséria. Abre os olhos à luz: aqui estão as almas dos que já não vivem na Terra e que te vêm chamar ao

cumprimento dos teus verdadeiros deveres. Eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto as vaidades e as grandezas da vossa passageira existência são mesquinhas em face da eternidade. Dir-te-ão que, no Além, o maior é aquele que haja sido o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou seus irmãos será também o mais amado no Céu; que os poderosos da Terra, se abusaram da sua autoridade, ver-se-ão obrigados a obedecer aos seus servos; que, finalmente, a caridade e a humildade, irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os títulos mais eficazes para se obter graça diante do Eterno. – ADOLFO, bispo de Argel. (Marmande, 1862.)

Missão do homem inteligente na Terra

13. Não vos envaideçais do que sabeis, porque esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitais. Mesmo supondo que sejais uma das sumidades inteligentes desse globo, não tendes nenhum direito de envaidecer-vos. Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio em que pudestes desenvolver a inteligência, é que deseja que a utilizeis para o bem de todos; é uma missão que Ele vos dá, pondo em vossas mãos o instrumento com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. A natureza do instrumento não indica o uso a que deve prestar-se? A enxada que o jardineiro põe nas mãos do seu ajudante não indica que este último deve cavar a terra? Que diríeis, se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece ser expulso. Pois bem: não se dá a mesma coisa com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não levanta contra o seu patrão a enxada que lhe foi dada para desbravar o terreno? Tem ele direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser expulso do

jardim? Ele o será, não duvideis, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante daquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, a tarefa dos Espíritos, de fazer progredir a Humanidade, seria bem mais fácil. Infelizmente, muitos a tornam um instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as outras suas faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma mão poderosa pode retirar o que lhe concedeu. – FERDINAND, Espírito protetor. (Bordeaux, 1862.)

CAPÍTULO VIII



Bem-aventurados os que têm puro o coração

• Deixai vir a mim as criancinhas • Pecado por pensamento. Adultério • Verdadeira pureza. Mãos não lavadas • Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a • *Instruções dos Espíritos:* Deixai vir a mim as criancinhas – Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

Deixai vir a mim as criancinhas

1. Bem-aventurados os que têm puro o coração, porque verão a Deus. (Mateus, 5:8.)

2. Apresentaram-lhe então algumas crianças, a fim de que Ele as tocasse; e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que as apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: "*Deixai que venham a mim as criancinhas,* e não as impeçais, porque o Reino dos céus é para os que se assemelham a elas. Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará". — E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos. (Marcos, 10:13 a 16.)

3. A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. É por isso que Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Essa comparação poderia parecer injusta, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito antigo, e traz, ao renascer para a vida corpórea, as imperfeições de que não se tenha despojado em suas precedentes existências. Só um Espírito chegado à perfeição nos

poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. Mas a comparação é exata do ponto de vista da vida presente, porque a criancinha, não havendo ainda podido manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Além disso, Jesus não disse de modo absoluto que o Reino dos céus é para elas, mas *para os que se assemelhem a elas*.

4. Considerando-se que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados delicados, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim deveria ser, para cativar a sua solicitude. Ela não poderia dispensar-lhe o mesmo devotamento se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto e, ainda menos, se viesse a conhecer o seu passado.

É necessário, aliás, que a atividade do princípio inteligente seja proporcional à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, como se vê em indivíduos muito precoces. É por isso que o Espírito, ao se aproximar da reencarnação, entra em estado de perturbação e perde pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência terrestre, tudo aquilo que a possa entravar. Seu passado, no entanto, reage sobre ele; renasce melhor, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias retomam gradualmente seu impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, podendo-se dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam o fundo de seu caráter ainda estão adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos se conservam sonolentos, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar a sua natureza e fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.

O Espírito, pois, enverga temporariamente a túnica da inocência e, assim, Jesus está com a verdade, quando, a despeito da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.

Pecado por pensamento. Adultério

> **5.** Ouvistes o que foi dito aos Antigos: "Não cometereis adultério". Eu, porém, vos digo que aquele que houver olhado uma mulher, com mau desejo para com ela, já em seu coração cometeu adultério. (Mateus, 5:27 e 28.)

6. A palavra *adultério* não deve ser aqui entendida no sentido exclusivo da acepção que lhe é própria, mas num sentido mais geral. Muitas vezes Jesus a empregou por extensão, para designar o mal, o pecado, todo e qualquer pensamento mau, como, por exemplo, nesta passagem: "Porque se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dentre esta raça *adúltera e pecadora*, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai". (Marcos, 8:38.)

A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, porque aquele que tem puro o coração, nem sequer

pensa no mal. Foi o que Jesus quis dizer: Ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é sinal de impureza.[13]

7. Esse princípio nos leva naturalmente à seguinte questão: *Sofrem-se as consequências de um pensamento mau, embora não tenha produzido qualquer efeito?*

Há aqui uma importante distinção a fazer. À medida que a alma, comprometida no mau caminho, avança na vida espiritual, pouco a pouco se esclarece e se despoja de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que demonstre, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo pensamento mau resulta, pois, da imperfeição da alma, mas, de acordo com o desejo que alimenta de depurar-se, mesmo esse mau pensamento se torna para ela uma ocasião de adiantar-se, porque o repele com energia. É indício de esforço para apagar uma mancha. Não cederá, caso se apresente ocasião de satisfazer a um mau desejo. Depois que haja resistido, sentir-se-á mais forte e contente com a sua vitória.

Aquela que, ao contrário, não tomou boas resoluções, procura ocasião de praticar o mau ato e, se não o fizer, não é por efeito da sua vontade, mas por falta de oportunidade. É, pois, tão culpada quanto o seria se o cometesse.

Em resumo, naquele que nem concebe a ideia do mal, já há progresso realizado; naquele em quem surge essa ideia, mas a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nele se compraz, o mal ainda existe em toda a sua plenitude. Num, o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus, que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

8. Então os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Por que violam os teus discípulos a tradição dos Antigos, já que não lavam as mãos quando fazem suas refeições?”

Jesus lhes respondeu: “Por que violais vós outros o mandamento de Deus, para seguir a vossa tradição? Porque Deus pôs este mandamento: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e este outro: Seja punido de morte aquele que disser a seu pai ou a sua mãe palavras ultrajantes; e vós outros, no entanto, dizeis: Aquele que haja dito a seu pai ou a sua mãe: Toda oferenda que faço a Deus vos é proveitosa, satisfaz à Lei, ainda que depois não honre nem assista a seu pai ou a sua mãe. Tornam assim inútil o mandamento de Deus, pela vossa tradição.

Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim; é em vão que me honram ensinando máximas e ordenações humanas”.

Depois, tendo chamado o povo, disse: “Escutai e compreendei bem isto: Não é o que entra na boca que macula o homem; o que sai da boca do homem é que o macula. O que sai da boca procede do coração e é o que torna impuro o homem; porque é do coração que partem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as fornicações, os latrocínios, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências. Essas são as coisas que tornam impuro o homem, mas comer sem haver lavado as mãos não é o que o torna impuro”.

Então, aproximando-se dele, disseram-lhe seus discípulos: “Sabeis que, ouvindo o que acabais de dizer, os fariseus se escandalizaram?” Ele, porém, respondeu: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. — Deixai-os, são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, ambos caem no fosso”. (Mateus, 15:1 a 20.)

9. Enquanto Ele falava, um fariseu lhe pedia que fosse jantar em sua companhia. Jesus foi e sentou-se à mesa. O fariseu começou então a dizer consigo mesmo: “Por que Ele não lavou as mãos antes de jantar?” — Disse-lhe, porém, o Senhor: “Vós outros, fariseus, tendes grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; entretanto, o interior dos vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! Aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior?” (Lucas, 11:37 a 40.)

10. Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. O fundo, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente, *lavar as mãos do que limpar o coração*, os homens iludiram-se a si próprios, julgando-se quites para com Deus por se conformarem com aquelas práticas, mantendo-se tais quais eram, já que lhes haviam ensinado que Deus não exigia mais do que isso. Esta a razão de haver dito o profeta: É em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando máximas e ordenações humanas.

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo relegada a segundo plano, o que tem levado muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, a considerarem mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos homens à Lei de Deus, que Jesus faz alusão, quando diz: *Toda árvore que meu Pai celestial não plantou será arrancada*.

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus. Ora, o homem só chega a Deus quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas as religiões em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula, se não impede que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem dano ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos,

hipócritas e fanáticos; nunca, porém, homens de bem.

Não basta, pois, ter as aparências da pureza; é preciso, acima de tudo, ter a pureza do coração.

Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a

> **11.** Se alguém escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, fora melhor que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós[14] que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar.
>
> Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham escândalos, mas ai do homem por quem o escândalo venha.
>
> Tende muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro-vos que seus anjos no Céu veem incessantemente a face de meu Pai que está nos Céus, porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.
>
> Se a vossa mão ou o vosso pé é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. Se o vosso olho vos é objeto de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós; melhor para vós será que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno. (Mateus, 18:6 a 9; 5:29 e 30.)

12. No sentido vulgar, *escândalo* se diz de toda ação que de modo ostensivo choca a moral ou a decência. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de um certo arruído. Muitas pessoas se contentam em evitar o *escândalo*, porque seu orgulho sofreria com ele e a consideração de que desfrutam ficaria diminuída entre os homens. Desde que as suas torpezas fiquem ignoradas, é quanto lhes basta para que sua consciência permaneça em paz. São, segundo as palavras de

Jesus: “Sepulcros brancos por fora, mas cheios de podridão por dentro; vasos limpos no exterior e sujos no interior”.

No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é muito mais geral, razão pela qual, em certos casos, não se compreende o seu significado. Já não é somente o que choca a consciência alheia, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, toda reação má de indivíduo a indivíduo, com ou sem repercussão. *O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do mal moral.*

13. É preciso que haja escândalo no mundo, disse Jesus, porque os homens, em razão de sua imperfeição, se mostram inclinados a praticar o mal, e porque as más árvores dão maus frutos. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens e não que haja, para estes, obrigação de praticá-lo.

14. É necessário que o escândalo venha, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, buscarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal Deus faz emergir o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou sem valor.

15. Sendo assim, dirão, o mal é necessário e durará sempre, porque, se desaparecesse, Deus se veria privado de um poderoso meio de corrigir os culpados. Logo, é inútil tentar melhorar os homens. Mas se não houvesse mais culpados, já não haveria necessidade de castigos.

Suponhamos que a Humanidade se transforme e passe a ser constituída por homens de bem: nenhum pensará em fazer mal ao seu próximo e todos serão felizes por serem bons. Tal é o estado dos mundos adiantados, dos quais o mal foi excluído; tal virá a ser o da Terra, quando houver progredido bastante. Mas enquanto alguns mundos se adiantam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e que, além disso, servem de habitação, de exílio e de lugar de expiação para os Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, expulsos de mundos que se tornaram felizes.

16. *Mas ai daquele por quem venha o escândalo*. Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que serviu, sem o saber, de instrumento à Justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de merecer punição. É assim, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido também um mau filho que fez seu pai sofrer. Passa ele pela pena de talião. Mas mesmo essa circunstância não pode servir de desculpa ao filho que, por sua vez, terá de ser castigado em seus próprios filhos ou de outra maneira.

17. *Se a vossa mão é causa de escândalo, cortai-a*. Figura enérgica, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e todo princípio vicioso. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada uma das mãos, do que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista do que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus não disse nenhum absurdo, para quem saiba compreender o sentido alegórico e profundo de suas

palavras. Entretanto, muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que o Espiritismo faculta.

Instruções dos Espíritos

Deixai vir a mim as criancinhas

18. Disse o Cristo: “Deixai vir a mim as criancinhas”. Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas também o das almas que gravitam nas regiões inferiores, em que o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados, os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Jesus queria que os homens fossem a Ele com a confiança desses seres pequeninos de passos vacilantes, cujo apelo conquistaria para si o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, o clarim matinal que tocou para o despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que por sua vez atrairá para Ele, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. A ação viril está empenhada; já não se trata de crer instintivamente nem de obedecer maquinalmente; é preciso que o homem siga a lei inteligente, que se lhe revela na sua universalidade.

Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se transformarão em verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe

entre o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita se expande no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes. – JOÃO EVANGELISTA. (Paris, 1863.)

19. Deixai que venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos. Deixai que venham a mim todos os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação. Deixai que venham a mim os ignorantes, para que Eu os esclareça; deixai que venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: Eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuis esse fogo divino, o que podereis temer? Direis a todos os instantes de vossa vida: "Meu Pai, que a tua vontade se faça, e não a minha; se te apraz experimentar-me pela dor e pelas tribulações, bendito sejas, porque é para meu bem, eu o sei, que a tua mão se abate sobre mim. Se é do teu agrado, Senhor, ter piedade da tua frágil criatura, dar-lhe ao coração as alegrias puras, bendito sejas ainda. Mas faze que o amor divino não adormeça em sua alma, e que incessantemente faça subir aos teus pés a voz do seu reconhecimento!".

Se tendes amor, possuís tudo o que se pode desejar na Terra, possuís a pérola por excelência, que nem os acontecimentos, nem as maldades dos que vos odeiam e perseguem poderão arrebatar. Se tendes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e vereis apagar-se insensivelmente da vossa alma tudo o que possa conspurcar a sua pureza. Sentireis

diminuir dia a dia o peso da matéria e, qual pássaro que voeja nos ares e já não se lembra da Terra, subireis continuamente, subireis sempre, até que a vossa alma, inebriada, possa saciar-se do seu elemento de vida no seio do Senhor. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1861.)

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados[15]

20. Meus bons amigos, para que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres sem que o bom Deus o queira. Todas as curas que pude realizar e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, olhai sempre para o céu e dizei do fundo do coração: "Meu pai, curai-me, mas fazei que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve até vós com a brancura que possuía quando a criastes". Após essa prece, meus bons amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, a força e a coragem vos serão dadas e, quem sabe? a cura que timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Mas já que aqui me encontro, numa assembleia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse que era preciso que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar que se torne causa da vossa condenação. Ah! quantos há na Terra que um dia, nas trevas, maldirão o fato de terem visto a luz. Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na

vista! Seus olhos não serão causa de escândalo ou de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vós, que vedes claramente... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: "Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que te fosse concedido ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira!".

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais feliz do que vós que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra conseguem divisar. O olho aberto está sempre pronto a causar a falência da alma; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la subir para Deus. Crede-me, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com frequência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, como ficarias contente! Mas quem sabe se esse contentamento não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a felicidade e permite a tristeza! Farei tudo o que me for permitido em teu favor, mas, por tua vez, ora e, sobretudo, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Antes que eu me afaste, recebei todos vós, que vos achais aqui reunidos, a minha bênção. – VIANNEY, cura d'Ars. (Paris, 1863.)

21. Nota – Quando uma aflição não é consequência dos atos da

vida presente, deve-se buscar sua causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte nada mais é do que efeito da Justiça de Deus, que não inflige punições arbitrárias, pois quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, em sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: "Quem matou à espada, pela espada perecerá", palavras que se podem traduzir assim: "Sempre se é punido por aquilo em que se pecou". Portanto, se alguém é atormentado pela perda da visão, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, falta de cuidados etc., passando, então, pela pena de talião. É possível que ele próprio, ao arrepender-se, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: "Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o".

---

13 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

14 N.E.: Pedra grande dura, circular, de altura pequena, com que se trituram os grãos nos moinhos, girando-a sobre outra pedra.

15 **Nota de Allan Kardec:** Esta comunicação foi dada a respeito de uma pessoa cega, em favor da qual havia sido evocado o Espírito J.-B. Vianney, cura d'Ars.

CAPÍTULO IX



Bem-aventurados os que são mansos e pacíficos

• Injúrias e violências • *Instruções dos Espíritos:* A afabilidade e a doçura – A paciência – Obediência e resignação – A cólera

Injúrias e violências

1. Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a Terra. (Mateus, 5:4.)

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Mateus, 5:9.)

3. Ouvistes o que foi dito aos Antigos: Não matareis e quem quer que mate merecerá ser condenado pelo juízo. Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá ser condenado no juízo; que aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá ser condenado pelo conselho; e aquele que lhe disser: "És louco", merecerá ser condenado ao fogo do inferno.
(Mateus, 5:21 e 22.)

4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da doçura, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês para com os semelhantes. *Raca*, entre os hebreus, era um termo desdenhoso que significava *homem que não vale nada*, e se pronunciava cuspindo e virando a cabeça para o lado. Vai mesmo mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: "És louco".

É evidente que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção

agrava ou atenua a falta, mas em que pode uma simples palavra revestir-se de tamanha gravidade para merecer tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e de caridade, que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que constitui um atentado à benevolência recíproca e à fraternidade; é que entretém o ódio e a animosidade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Que queria Jesus dizer por estas palavras: "Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a Terra", já que Ele mesmo havia recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo, e lhes tendo prometido os do Céu?

Enquanto aguarda os bens do Céu, o homem tem necessidade dos da Terra para viver. Jesus apenas lhe recomenda que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras o Cristo quis dizer que até agora os bens da Terra são tomados à força pelos violentos, em prejuízo dos que são mansos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, *assim na Terra como no Céu*, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela se houver transformado em mundo feliz, em virtude do afastamento dos maus.

Instruções dos Espíritos

A afabilidade e a doçura

6. A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que são as suas formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre se deve confiar nas aparências. A educação e as relações mundanas podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos existem cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; *que são brandas, desde que nada as aborreça, mas que mordem* à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, transforma-se em dardo peçonhento, quando estão por detrás.

A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno que, tiranos domésticos, fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como se quisessem compensar o constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os chamariam à ordem, querem pelo menos fazer-se temidos daqueles que não lhes podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: “Aqui mando e sou obedecido”, sem se darem conta de que poderiam acrescentar: “E sou detestado”.

Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo algum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente; é o mesmo tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, além disso, sabe que, se consegue enganar os homens pelas aparências, a Deus ninguém

engana. – LÁZARO.
(Paris, 1861.)

A paciência

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos. Não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizei de Deus Onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no Céu.

Sede pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Todavia, existe outra muito mais penosa e, por conseguinte, muito mais meritória: *a de perdoarmos àqueles que Deus colocou no nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para provarem a nossa paciência.*

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nadas, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Se, porém, atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, havemos de reconhecer que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva a fronte para a terra.

Coragem, amigos; o Cristo é o vosso modelo. Ele sofreu mais do que qualquer um de vós, embora nada tivesse de que se censurar, ao passo que tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo. – UM ESPÍRITO AMIGO. (LE HAVRE, 1862.)

Obediência e resignação

8. A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, embora os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. *A obediência é o consentimento da razão*; *a resignação é o consentimento do coração*. As duas constituem forças ativas, porque carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer que brilhassem, no seio da Humanidade deprimida, os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Assim, cada época é marcada pelo cunho da virtude ou do vício que a devem salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente verá mais tarde, enquanto a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos ao impulso que vimos dar aos vossos espíritos; obedecei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do Espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Ai dele! porque nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, açoitá-lo-emos e forçaremos a sua vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de ceder, cedo ou tarde. Bem-aventurados, no entanto, os que são mansos, pois prestarão ouvidos dóceis aos ensinamentos. – LÁZARO. (PARIS, 1863.)

A cólera

9. O orgulho vos leva a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, que o menor paralelo vos irrita e aborrece. Que acontece então? Entregai-vos à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai e, quase sempre, encontrareis como base o orgulho ferido. Não é o orgulho ferido por uma contradição que vos faz repelir as mais justas observações e rejeitar, encolerizados, os mais sábios conselhos? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual julgais que todos devem curvar-se.

Em seu frenesi, o homem colérico se atira a tudo: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque não lhe obedecem. Ah! se nesses momentos ele se pudesse observar a sangue-frio, teria medo de si mesmo, ou se acharia muito ridículo! Que ele julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Mesmo que não fosse pelo respeito que deve a si próprio, deveria esforçar-se por vencer uma tendência que o torna objeto de piedade.

Se pensasse que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas outra consideração, sobretudo, deveria contê-lo: a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo de remorso fazer que sofram os seres a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse

de deplorar por toda a sua vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve ser suficiente para induzir o homem a esforçar-se por dominá-la. O espírita, ademais, é instigado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

10. Segundo a ideia muito falsa de que não lhe é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos em que se compraz voluntariamente ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo inclinado à cólera, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra mesclado a todas as suas imperfeições.

Certamente, há temperamentos que se prestam mais que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força. Não acrediteis, porém, que aí esteja a causa principal da cólera e convencei-vos de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo apropriado a lhe favorecer a violência, a cólera será concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.

O corpo não dá cólera àquele que não a tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são

inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito não tem nenhuma ação sobre isso, mas pode modificar o que é do Espírito, quando tem vontade firme para isso. A experiência não vos mostra, espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam aos vossos olhos? Dizei, pois, que *o homem só se conserva vicioso, porque quer permanecer vicioso*; que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, a lei do progresso não existiria para o homem. – HAHNEMANN. (PARIS, 1863.)

CAPÍTULO X



Bem-aventurados os que são misericordiosos

• Perdoai para que Deus vos perdoe • Reconciliação com os adversários. • O sacrifício mais agradável a Deus • O cisco e a trave no olho • Não julgueis para não serdes julgados. Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra • *Instruções dos Espíritos:* Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal dos outros?

Perdoai para que Deus vos perdoe

1. *Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. (Mateus, 5:7.)*

2. *Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados, mas se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados. (*Mateus*, 6:14 e 15.)*

3. *Se vosso irmão pecou contra vós, cobrai-lhe a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, ganhastes o vosso irmão. Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: "Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?" — Respondeu-lhe Jesus: "Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes". (*Mateus*, 18:15; 21 e 22.)*

4. A misericórdia é o complemento da brandura, porque aquele que não for misericordioso não poderá ser brando, nem pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação e sem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe

possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, plena de mansidão e caridade.

Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, certamente o será por Deus. Com que direito reclamaria o perdão de suas próprias faltas, se ele mesmo não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segunda intenção, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio do adversário, ainda que a este caiba inteiramente a culpa; a segunda é quando o ofendido, ou aquele que assim se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a todo mundo: vede como sou generoso! Em tais circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade, mas apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que prova mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma conquistará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

Reconciliação com os adversários

5. *Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais a caminho com ele, a fim de que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais mandado para a prisão. Digo-vos, em verdade, que daí não saireis enquanto não houverdes pago o último centavo. (*Mateus, *5:25 e 26.)*

6. Na prática do perdão, assim como na do bem em geral, há mais do que um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor. É por isso que o provérbio que diz: "Morto o animal, morto o veneno", é falso quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses ou nas suas mais caras afeições. Devemos ver nesse fato a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, como a subjugação e a possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre, vítimas de uma vingança anterior, à qual provavelmente deram motivo pelo seu proceder. Deus o permite para os punir do mal que eles mesmos fizeram, ou, se tal não ocorreu, por terem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Importa, pois, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os males que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que se apague, antes que a morte lhe chegue, toda causa fundada de animosidade posterior. Por essa forma, de um inimigo obstinado neste mundo se pode fazer um amigo no outro, ou, pelo menos, ficar do lado justo, e Deus não admite que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente com o fito de apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência, mas para evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Não saireis da prisão, diz Ele, enquanto não houverdes pago o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a Justiça de Deus.

O sacrifício mais agradável a Deus

*7. Se, portanto, quando fordes colocar a vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós — deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. (*MATEUS*, 5:23 e 24.)*

8. Quando Jesus diz: "Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de apresentardes a vossa oferenda no altar", está ensinando que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar a Ele para ser perdoado é preciso haver perdoado e reparado os males que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a oferenda será aceita porque virá de um coração puro, isento de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais e era necessário conformar as suas palavras aos costumes do povo. O cristão não oferece dons materiais, já que espiritualizou o sacrifício; mesmo assim, o preceito ganha ainda mais força. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. *Entrando no templo do Senhor, deve deixar de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão*. Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis o que ensina Jesus por estas palavras: "Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradável ao Senhor."

O cisco e a trave no olho

***9.** Como é que vedes um cisco no olho do vosso irmão, e não conseguis ver a trave no vosso olho? Ou, como é que dizeis ao vosso irmão: — Deixa-me tirar um cisco do teu olho, vós que tendes no vosso uma trave? Hipócritas, tirai primeiro a trave do vosso*

*olho e depois, então, vede como podereis tirar o cisco do olho do vosso irmão. (*MATEUS*, 7:3 a 5.)*

10. Uma das imperfeições da Humanidade consiste em vermos o mal de outrem, antes de vermos o mal que está em nós. Para julgar-se a si mesmo, seria preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho e, de certo modo, pudesse transportar-se para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: "Que pensaria eu, se visse alguém fazer o que faço?" Incontestavelmente, é o orgulho que leva o homem a disfarçar para si os seus próprios defeitos, tanto morais, quanto físicos. Essa imperfeição é essencialmente contrária à caridade, porque a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente. Caridade orgulhosa é um contrassenso, visto que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como poderá um homem, bastante presunçoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, ter ao mesmo tempo abnegação bastante para fazer ressaltar em outrem o bem que o eclipsaria, em vez do mal que o exaltaria? Se o orgulho é a fonte de muitos vícios, é também a negação de muitas virtudes. Ele se encontra na base e como causa geradora de quase todas as ações humanas. Foi por isso que Jesus se empenhou tanto em combatê-lo, como principal obstáculo ao progresso.

Não julgueis para não serdes julgados. Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra

11. *Não julgueis, a fim de não serdes julgados; porque sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que vos tenhais servido para com os outros.(*MATEUS*, 7:1 e 2.)*

12. *Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora apanhada em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés, pela Lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual é a tua opinião sobre isso? — Assim diziam para o tentar e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever na terra com o dedo. — Como continuassem a interrogá-lo, Ele se levantou e disse: Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra. — Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. Ouvindo Jesus falar daquele modo, os seus interrogadores se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. E ficou Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça. Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: Mulher, onde estão os que te acusaram? Ninguém te condenou? — Ela respondeu: Não, Senhor. — Disse-lhe Jesus: Também Eu não te condenarei. Vai, e não peques mais. (*João, *8:3 a 11.)*

13. "Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver sem pecado", disse Jesus. Esta sentença faz da indulgência um dever, pois não há quem dela não necessite para si mesmo. Ela nos ensina que não devemos julgar os outros com mais severidade do que nos julgamos a nós mesmos nem condenar nos outros aquilo de que nos absolvemos. Antes de censurarmos uma falta a alguém, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.

A censura que se faz à conduta alheia pode ter dois motivos: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Este último propósito nunca encontra desculpa, porque, no caso, só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque daí pode resultar um bem e porque, a não ser assim, jamais o mal seria reprimido na sociedade. Aliás, não compete ao homem auxiliar o progresso do seu semelhante? Não deve, pois, ser tomado em sentido absoluto este princípio: "Não julgueis, se não quiserdes ser julgado", porquanto a letra mata e o espírito vivifica.

Jesus não podia proibir que se censurasse o mal, uma vez que Ele

próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito em termos enérgicos. Quis, porém, dizer que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena nos outros é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, além disso, nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. *Aos olhos de Deus, a única autoridade legítima é a que se apoia no exemplo que dá do bem.* É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.

Instruções dos Espíritos

Perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Eis um desses ensinos de Jesus que devem tocar a vossa inteligência e falar mais alto ao coração. Comparai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que Jesus ensinou a seus discípulos, e encontrareis sempre o mesmo pensamento. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: Perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial faça por ti. Não está Ele a te perdoar frequentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce para te apagar as faltas?

Prestai atenção, pois, a essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, que o Senhor vos restituirá; perdoai, que o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, que o Senhor vos elevará; humilhai-vos, que o Senhor fará que vos assenteis à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte daquele que, do alto dos esplendores celestes, tem sempre os olhos voltados para vós e prossegue com amor na tarefa ingrata que começou há dezoito séculos. Perdoai aos vossos irmãos, como precisais que vos perdoem. Se os seus atos vos prejudicaram pessoalmente, tendes um motivo a mais para serdes indulgentes, pois o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal. Não teríeis nenhum merecimento em desculpar os erros dos vossos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais vos esqueçais de que, tanto por palavras, como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo vão. Já que vos dizeis espíritas, sede-o. Esquecei o mal que vos hajam feito e não penseis senão numa coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que por pensamento, pois sois responsáveis pelos vossos pensamentos, que Deus conhece. Fazei, portanto, que eles sejam desprovidos de todo sentimento de rancor. Deus sabe o que permanece no fundo do coração de cada um. *Feliz, pois, daquele que pode todas as noites adormecer, dizendo*: *Nada tenho contra o meu próximo*. – SIMEÃO. (Bordeaux, 1862.)

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar

aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porque, se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como quereereis que Deus esqueça de que cada dia tendes maior necessidade de indulgência? Oh! ai daquele que diz: "Nunca perdoarei", pois pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se descendo ao fundo de vós mesmos, não reconhecereis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa com uma alfinetada e acaba por uma ruptura, não fostes vós quem desferiu o primeiro golpe? se não vos escapou alguma palavra injuriosa? se não procedestes com toda a moderação necessária? Sem dúvida, o vosso adversário está errado ao se mostrar excessivamente suscetível; essa, porém, é mais uma razão para serdes indulgentes e para não vos tornardes merecedores da censura que lhe lançastes. Admitamos que, em dada circunstância, fostes realmente ofendido; quem dirá que não envenenastes as coisas por meio de represálias e que não fizestes que degenerasse em querela grave o que facilmente poderia ter caído no esquecimento? Se dependia de vós impedir as consequências do fato, e não as impedistes, sois culpados. Admitamos, finalmente, que nada tendes a reprovar na vossa conduta: mesmo assim, mostrai-vos clemente, pois maior será o vosso mérito.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem, com referência ao seu adversário: "Eu lhe perdoo", ao passo que, interiormente, sentem um secreto prazer pelo mal que lhe advém, comentando que ele tem o que merece. Quantos não dizem: "Perdoo", e acrescentam: "mas não me reconciliarei nunca; não quero tornar a vê-lo em toda a minha vida". Será esse o perdão, segundo o

Evangelho? Não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão é aquele que lança um véu sobre o passado; é o único que vos será levado em conta, visto que Deus não se satisfaz com as aparências; sonda o fundo dos corações e os mais secretos pensamentos. Ninguém se impõe a Ele por meio de palavras vãs e de simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é próprio das grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não vos esqueçais de que o verdadeiro perdão é reconhecido muito mais pelos atos do que pelas palavras. – PAULO, apóstolo (Lyon, 1861.)

A indulgência

16. Espíritas, hoje queremos vos falar da indulgência, sentimento doce e fraternal que todo homem deve ter para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos dos outros, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que não se tornem conhecidos senão dela unicamente e, se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa à mão para os disfarçar, isto é, uma desculpa plausível, séria, e não das que, com a aparência de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida habilidade.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos alheios, a menos que seja para prestar um serviço, mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes nem tem censuras nos lábios, apenas conselhos e quase sempre velados. Quando criticais, que consequência se deve tirar das vossas palavras? A de que vós, que censurais, não faríeis o que reprovais; que valeis mais do que o culpado. Ó homens! Quando será que julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios

pensamentos, os vossos próprios atos, sem vos ocupardes com o que fazem vossos irmãos? Quando abrireis os vossos olhos severos apenas para vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os secretos pensamentos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais ou condena as que desculpais, porque conhece a razão de ser de todos os atos. Lembrai-vos de que vós, que clamais em altas vozes: anátema! talvez tenhais cometido faltas mais graves.

Sede indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. – JOSÉ, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, assim como houverdes usado de indulgência para com os outros.

Sustentai os fortes: animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos têm ofendido”. Compreendei bem o valor destas sublimes palavras; não só a letra é admirável, mas também o ensinamento que encerra.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o esquecimento das vossas ofensas? Esquecimento que vos deixaria no nada, porque se Deus se contentasse em esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, *mas também não recompensaria*. A recompensa não pode ser o prêmio do bem que não foi feito e, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo perdão para as vossas transgressões, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não cairdes de novo, é a força necessária para enveredardes por outros caminhos, os da submissão e do amor, nos quais podereis juntar a reparação ao arrependimento.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis em estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, pois esse véu muitas vezes é bem transparente aos vossos olhos. Levai-lhes simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis que o Pai celestial fizesse por vós. Substituí a cólera que macula pelo amor que purifica. Pregai pelo exemplo essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a como Ele mesmo o fez durante todo o tempo em que viveu na Terra, visível aos olhos do corpo e como ainda prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do espírito. Segui esse Modelo divino; caminhai em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como Ele, carregai todos vós as vossas cruzes e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. – JOÃO, bispo de Bordeaux. (1862.)

18. Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. Esta é uma prática de santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer,

defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a alijar, para subirdes ao cume da montanha do progresso. Por que, então, vos mostrais tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos? Quando deixareis de perceber, nos olhos dos vossos irmãos, o cisco que os incomoda, sem perceber nos vossos a trave que vos cega e vos faz caminhar de queda em queda? Crede nos vossos irmãos, os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em não ver, senão superficialmente, os defeitos alheios e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, em algumas de suas dobras mais ocultas, o germe de bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual.

Espiritismo! Doutrina consoladora e bendita! Felizes os que te conhecem e tiram proveito dos salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, o caminho está iluminado, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de atingirem o alvo: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra, caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor de Deus resume todos os deveres e porque é impossível amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual Ele fez uma lei para todas as criaturas. – DUFÊTRE, bispo de Nevers. (Bordeaux.)

É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal dos

outros?*

19. *Como ninguém é perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo?*

Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, pois cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não pelo prazer de denegrir, como se faz na maioria das vezes. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda cumprir com todo o cuidado possível. Mais ainda: a censura que alguém faça a outrem deve ser dirigida também a si próprio, procurando saber se não a terá merecido. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

20. *Será repreensível observar as imperfeições dos outros, quando daí não resultem nenhum proveito para eles, mesmo que não as divulguemos?*

Tudo depende da intenção. Certamente não é proibido que se veja o mal, quando ele existe. Seria mesmo inconveniente ver em toda parte somente o bem, pois essa ilusão prejudicaria o progresso. O erro consiste em fazer que essa observação redunde em prejuízo do próximo, desacreditando-o, sem necessidade, na opinião pública. Também seria repreensível fazê-lo apenas para dar expansão a um sentimento de malevolência e de satisfação em apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, lançando um véu sobre o mal, para ocultá-lo do público, limitamo-nos a observá-lo para proveito pessoal, isto é, para nos exercitarmos em evitar o que reprovamos nos outros. Essa observação, aliás, não é proveitosa ao moralista? Como ele pintaria os defeitos da Humanidade, se não

estudasse os modelos? – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

21. *Haverá casos em que seja útil revelar o mal alheio?*

Esta questão é muito delicada, e aqui se deve fazer um apelo à caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só prejudicam a ela mesma, não haverá nenhuma utilidade em divulgá-la. No entanto, se podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se preferir o interesse do maior número ao interesse de um só. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale cair um homem, do que muitos virem a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

CAPÍTULO XI



Amar o próximo como a si mesmo

• O mandamento maior. Fazermos aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos Credores e dos Devedores • Dai a César o que é de César • *Instruções dos Espíritos:* A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Deve-se expor a vida por um malfeitor?

O mandamento maior. Fazermos aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos Credores e dos Devedores

1. *Os fariseus, tendo sabido que Ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, propôs-lhe esta questão, para o tentar: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos. (*MATEUS*, 22:34 a 40.)*

2. *Fazei aos homens o que gostaríeis que eles vos fizessem, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. (Mateus, 7:12.)*

*Tratai todos os homens como gostaríeis que eles vos tratassem. (*LUCAS*, 6:31.)*

3. *O Reino dos céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas como não tinha meios de os pagar, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. O servidor, lançando-se aos seus pés, o conjurava, dizendo: "Senhor, tem um pouco de paciência e*

eu te pagarei tudo". — Então o senhor, tocado de compaixão, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida. Esse servidor, porém, ao sair encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo, dizia: "Paga-me o que me deves". — O companheiro, lançando-se aos seus pés, o conjurava, dizendo: "Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo". — Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, para tê-lo preso até pagar o que lhe devia.

Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram, extremamente aflitos, e informaram o senhor do que acontecera. Então, o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: "Mau servo, eu te havia perdoado tudo o que me devias porque me pediste. — Não estavas desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?" — E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos verdugos, para que o retivessem, até que ele pagasse tudo o que devia.

*É assim que meu Pai, que está no Céu, vos tratará, se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós. (*MATEUS*, 18:23 a 35.)*

4. "Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós", é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, do que tomar, como medida do que devemos fazer aos outros, aquilo que desejamos para nós mesmos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem como regra de conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios nem dissensões, mas apenas união, concórdia e benevolência mútua.

Dai a César o que é de César

5. *Os fariseus, tendo-se retirado, entenderam-se entre si para comprometê-lo com as*

suas próprias palavras. — Mandaram então seus discípulos, em companhia dos herodianos, dizer-lhe: "Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, sem levares em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não consideras as pessoas". — Dize-nos, pois, qual a tua opinião sobre isto: É-nos permitido pagar ou deixar de pagar a César o tributo?

Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: "Hipócritas, por que me tentais? Apresentai-me uma das moedas que se dão em pagamento do tributo". — E, tendo-lhe eles apresentado um denário, perguntou Jesus: "De quem são esta imagem e esta inscrição?" "De César" — responderam eles. Então, observou-lhes Jesus: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

*Ouvindo-o falar dessa maneira, admiraram-se eles da sua resposta e, deixando-o, se retiraram. (*MATEUS*, 22:15 a 22;* MARCOS*, 12:13 a 17.)*

6. A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominando o tributo que os romanos lhes impunham, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa. Numeroso partido se fundara contra o imposto. O pagamento do tributo, portanto, era para eles uma questão de irritante atualidade, sem o que nenhum sentido teria a pergunta feita a Jesus: "É-nos lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?" Havia nessa pergunta uma armadilha, porque, conforme a resposta dada por Jesus, os fariseus esperavam excitar contra Ele a autoridade romana, ou os judeus dissidentes. Mas Jesus, "que lhes conhecia a malícia", contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, ao dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido. (Veja-se, na "Introdução", o item Publicanos.)

7. Esta sentença: "Dai a César o que é de César", não deve ser entendida de modo restritivo e absoluto. Como em todos os ensinos de Jesus, trata-se de um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os

outros como gostaríamos que os outros procedessem para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda violação de seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para os indivíduos em geral.

Instruções dos Espíritos

A lei de amor

8. O amor resume a doutrina de Jesus inteira, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quanto mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Feliz aquele que ama, porque não conhece a miséria da alma nem a do corpo; seus pés são ligeiros e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor, os povos estremeceram e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo, por sua vez, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Ficai atentos, pois essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a *reencarnação*, triunfando da morte, revela às

criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz os homens, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e hoje o Espírito tem que resgatar o homem da matéria.

Eu disse que o homem, em sua origem, só tem instintos. Aquele, pois, em quem predominam os instintos, ainda se acha mais próximo do ponto de partida, do que da meta. A fim de avançar para a meta, é preciso vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a bolota encerra em si o carvalho e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual que, muito mais que os bens terrenos, vos fará conquistar a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, nela buscareis os suaves gozos da alma, que são o prelúdio das alegrias celestes. – LÁZARO. (Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes no fundo do coração a centelha desse fogo sagrado. É um fato que muitas vezes pudestes constatar: por mais abjeto, vil e criminoso que possa ser, o homem dispensa, a um ser ou a um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la, alcançando, muitas vezes, sublimes proporções.

Eu disse por um ser ou um objeto qualquer, porque existem, entre vós, indivíduos que dispensam tesouros de amor, cujos corações estão transbordantes desse sentimento em relação a animais, plantas e, até,

a coisas materiais: espécies de misantropos a se lamentarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não conseguem sufocar o germe vivaz que Deus depositou em seus corações ao criá-los. Esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora oprimido muitas vezes pelo egoísmo, torna-se a fonte de santas e doces virtudes que constituem as afeições sinceras e duráveis e vos ajudam a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Para algumas pessoas, a prova da reencarnação causa verdadeira repugnância, em razão da possibilidade de que outras venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, é preciso que chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas será realizada: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, seja qual for a forma sob a qual ele se apresente, visto que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos”. Ora, qual é o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a um progresso que se aproxima, verá seus habitantes, em virtude da

transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática desta sentença: Não façais aos outros o que não gostaríeis que os outros vos fizessem; fazei, ao contrário, todo o bem que puderdes fazer-lhes.

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ele cederá, a despeito de si mesmo, ao amor verdadeiro. É um ímã a que não lhe é possível resistir. O contato desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude, que está em vossos corações em estado latente. A Terra, morada de exílio e de provas, será então purificada por esse fogo sagrado e nela se praticarão a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, isto é, todas as virtudes que são filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas pregações, ele se limitava a repetir estas doces palavras: "Meus filhos, amai-vos uns aos outros".

Amados irmãos, aproveitai essas lições; sua prática é difícil, mas a alma retira delas um bem imenso. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: "Amai-vos", e logo vereis a Terra transformada num paraíso em que as almas dos justos virão repousar. – FÉNELON. (Bordeaux, 1861.)

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por meu intermédio: Amai muito, a fim de serdes amados. Esse

pensamento é tão justo que nele encontrareis tudo o que consola e acalma as penas de cada dia; ou melhor: praticando esse sábio conselho, elevar-vos-eis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes de deixardes o vosso envoltório terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido em vós a compreensão do futuro, já tendes uma certeza: a de caminhardes para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de vossa alma. Por isso, deveis elevar-vos bem alto para julgardes sem as constrições da matéria, e não condenardes o vosso próximo, antes de terdes dirigido o pensamento a Deus.

Amar, no sentido profundo do termo, é ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros aquilo que se desejaria para si mesmo; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham os vossos irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos a encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados, já que os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, marcados na fronte para se elevarem ao infinito. É por isso que não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus vos dá com tanta prodigalidade, porque, de vossa parte, muito vos alegraria que vossos irmãos vos dessem aquilo de que necessitais. Para todos os sofrimentos, tende, pois, sempre uma palavra de esperança e de amparo, a fim de que sejais todo amor, todo justiça.

Crede que esta sábia exortação: “Amai bastante, para serdes amados”, abrirá caminho; ela é revolucionária e segue uma rota firme e invariável. Mas já ganhastes muito, vós que me ouvis; sois infinitamente melhores do que éreis há cem anos. Mudastes tanto, em proveito vosso, que aceitais sem contestação uma porção de ideias

novas sobre a liberdade e a fraternidade, que outrora teríeis rejeitado. Ora, daqui a cem anos, aceitareis com a mesma facilidade as que ainda não puderam entrar no vosso cérebro.

Hoje, quando o Movimento Espírita tem dado tão grandes passos, vede com que rapidez as ideias de justiça e renovação, contidas nos ditados dos Espíritos, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vós; é que estais preparados para uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encadeia sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a encerrar-se na permuta universal do amor ao próximo. Graças a Ele, os Espíritos encarnados, melhor apreciando e sentindo, se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Reunir-se-ão para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de malquerença entre os povos.

Grandes ideias de renovação pelo Espiritismo, tão bem descritas em *O livro dos espíritos*, produzirão o grande milagre do século vindouro, o de conciliar todos os interesses materiais e espirituais do homem, pela aplicação deste preceito bem compreendido: Amai bastante, para serdes amados. – SANSON, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.)

O egoísmo

11. O egoísmo, esta chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, porque impede o seu progresso moral. É ao Espiritismo que está reservada a tarefa de fazê-la elevar-se na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes

devem apontar suas armas, sua força, sua coragem. Digo: coragem, porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é a fonte de todas as misérias terrenas. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus vos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois quando o justo vai percorrer as santas estações de seu martírio, Pilatos lava as mãos, dizendo: "Que me importa!" E diz aos judeus: "Este homem é justo; por que quereis crucificá-lo?" Entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração humano por essa chaga moral que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado, por completo, a sua missão. Cabe a vós, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores esclarecem, o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos obstáculos que lhe embaraçam a marcha. Expulsai o egoísmo da Terra, para que ela possa gravitar na escala dos mundos, pois já é tempo de a Humanidade envergar sua veste viril; e, para isso, é preciso que primeiro o expulseis do vosso coração. – EMMANUEL. (Paris, 1861.)

12. Se os homens se amassem com mútuo amor, a caridade seria mais bem praticada, mas, para isso, seria preciso que vos esforçásseis por largar essa couraça que cobre os vossos corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se escusava; não repelia aquele que

o buscasse, fosse quem fosse: socorria tanto a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse com isso. Quando, pois, o tomareis por modelo de todas as vossas ações? *Se a caridade reinasse na Terra, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado*. O mal então desapareceria, ficai bem certos.

Começai vós mesmos por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente, esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém e deixai a Deus o encargo de fazer toda justiça, porque a cada dia, em seu Reino, Ele separa o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais, não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que as mais santas afeições serão espezinhadas, em que nem os sagrados laços da família são respeitados. – PASCAL. (Sens, 1862.)

A fé e a caridade

13. Disse-vos há pouco, meus queridos filhos, que a caridade, sem a fé, não basta para manter entre os homens uma ordem social capaz de os tornar felizes. Deveria ter dito que a caridade é impossível sem a fé. É certo que podeis encontrar impulsos generosos em pessoas sem religião. Mas essa caridade austera, que só se pratica com a abnegação, por um constante sacrifício de todo interesse egoístico, somente a fé pode inspirá-la, porque só ela nos faz carregar com coragem e perseverança a cruz desta vida.

Sim, meus filhos, é em vão que o homem ávido de prazeres

procure iludir-se sobre o seu destino na Terra, pretendendo que deva ocupar-se unicamente com a sua felicidade. Certamente, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; entretanto, a vida terrena deve servir apenas ao nosso aperfeiçoamento moral, que se adquire mais facilmente com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material. Sem levar em conta as vicissitudes ordinárias da vida, a diversidade dos gostos, dos pendores e das necessidades, é esse também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade. Com efeito, só a poder de concessões e sacrifícios mútuos podeis manter a harmonia entre elementos tão diversos.

No entanto, tereis razão se afirmardes que a felicidade se acha destinada ao homem nesse mundo, desde que a busqueis no bem, e não nos prazeres materiais. A história da cristandade fala de mártires que se encaminhavam alegres para o suplício. Hoje, na vossa sociedade, para serdes cristãos, não há necessidade do holocausto do martírio nem do sacrifício da vida, mas única e exclusivamente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis, se a caridade vos inspirar e a fé vos sustentar. – ESPÍRITO PROTETOR. (Cracóvia, 1861.)

Caridade para com os criminosos

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros discípulos da sua doutrina. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem, como também a vós, pelas faltas que cometeis contra a sua Lei. Considerai que sois mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem recusardes

perdão e comiseração, visto que, na maioria das vezes, eles não conhecem Deus como o conheceis, sendo-lhes pedido muito menos do que a vós.

Não julgueis, oh! não julgueis absolutamente, meus caros amigos, porque o juízo que proferirdes vos será aplicado com mais severidade ainda e precisais de indulgência para os pecados que incorreis a todo instante. Ignorais que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer considera como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais nem, mesmo, nas palavras de consolação que lhe acrescentais. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime ensinada por Jesus também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres que não necessitam das vossas esmolas, mas que algumas palavras de amor, de consolo e de encorajamento conduzirão ao Senhor.

Os tempos estão próximos, repito, em que a grande fraternidade reinará nesse globo, em que os homens obedecerão à Lei do Cristo, única Lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas bem-aventuradas. Amai-vos, pois, como filhos de um mesmo Pai; não estabeleçais diferenças entre os outros infelizes, porque Deus quer que todos sejam iguais; não desprezeis a ninguém. Deus permite que haja grandes criminosos entre vós, a fim de que vos sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens estiverem submetidos às verdadeiras Leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinos: *todos os Espíritos impuros e revoltados serão banidos para mundos*

inferiores, de acordo com as suas inclinações.

Deveis àquele de quem falo o socorro das vossas preces: é a verdadeira caridade. Nunca digais de um criminoso: "É um miserável; deve-se expurgar a Terra da sua presença; a morte que lhe infligem é muito branda para um ser de tal espécie". Não, não é assim que deveis falar. Observai o vosso modelo, Jesus. Que diria Ele, se visse esse infeliz junto de si? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia como um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Na verdade, não podeis fazer o mesmo, mas, pelo menos, podeis orar por ele, assistir o seu Espírito durante os breves instantes que ainda lhe restem passar na Terra. O arrependimento pode tocar seu coração, se orardes com fé. É tanto vosso próximo, quanto o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar; ajudai-o, pois, a sair do lamaçal e orai por ele. – ELIZABETH DE FRANÇA. (Le Havre, 1862.)

Deve-se expor a vida por um malfeitor?*

15. *Um homem se acha em perigo de morte; para o salvar, outro tem que expor a vida por ele. Sabe-se, porém, que aquele homem é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, o outro deve arriscar-se para o salvar?*

Esta é uma questão muito grave e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, de acordo com o meu adiantamento moral, já que se trata de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, numa palavra, a um malfeitor. Julgais que é somente à morte que se arranca esse infeliz? É, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai que nos

rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros minutos de vida, o homem perdido volta ao seu passado ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, talvez, lhe chegue cedo demais; a reencarnação poderá ser terrível. Lançai-vos, então, ó homens, vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua danação e, talvez esse homem, que teria morrido a blasfemar, se lançará nos vossos braços. Todavia, não deveis indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porque, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: "Podes salvá-lo, salva-o!" – LAMENNAIS. (Paris, 1862.)

CAPÍTULO XII



Amai os vossos inimigos

• Retribuir o mal com o bem • Os inimigos desencarnados • Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra • *Instruções dos Espíritos:* A vingança – O ódio – O duelo

Retribuir o mal com o bem

1. *Ouvistes o que foi dito: "Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos". Eu, porém, vos digo: "Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não procedem dessa maneira? E se saudardes apenas os vossos irmãos, o que é que com isso fazeis mais do que os outros? Os pagãos não fazem a mesma coisa?" "Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos céus". (*Mateus, *5:43 a 47; 20.)*

2. *Se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam? Se somente fizerdes o bem aos que vo-lo fazem, que recompensa tereis, já que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que recompensa tereis, visto que as pessoas de má vida se entreajudam dessa maneira, para obter a mesma vantagem? Mas quanto a vós, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos e emprestai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus. (*Lucas, *6:32 a 36.)*

3. Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porque a posse dessa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, geralmente há equívoco quanto ao sentido da palavra

amar, nesta circunstância. Jesus não pretendeu, por essas palavras, que se tenha para com o inimigo a ternura que se dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode ter confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, já que ela pode abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam das mesmas ideias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

Esse sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e a da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolo determina uma corrente fluídica, cuja impressão é penosa. O pensamento benévolo nos envolve num eflúvio agradável. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos, não pode, pois, significar que não devamos estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Esse preceito só parece difícil, impossível mesmo de praticar, por entender-se, falsamente, que ele prescreve se dê o mesmo lugar no coração, tanto ao amigo, quanto ao inimigo. Se a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir diversos matizes de um sentimento, cabe à razão estabelecer as diferenças, conforme os casos.

Amar os inimigos não é, portanto, ter por eles uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contato de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes, *sem segundas intenções e incondicionalmente* o mal que nos causem; é não opor nenhum

obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem, e não o mal; é regozijar-se, em vez de afligir-se, com o bem que lhes advenha; é estender-lhes a mão que socorre, em caso de necessidade; é abster-se, *quer por palavras*, *quer por atos*, de tudo que os possa prejudicar; é, finalmente, restituir-lhes todo o mal com o bem, *sem intenção de os humilhar*. Quem age dessa forma preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.

4. Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contrassenso. Aquele para quem a vida presente é tudo, só vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual acredita que unicamente a morte o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Não tem nenhum interesse em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo. Em certos casos, perdoar parece-lhe mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar nem por isso deixará de conservar rancor e um secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, a maneira de ver é totalmente diferente, porque lança os olhos sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida presente não passa de um ponto. Sabe ele que, pela própria destinação da Terra, deve esperar encontrar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que defronta fazem parte das provas que deve suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer procedam dos homens, quer das coisas. *Se não se queixa das provas, também não deve queixar-se dos que lhe servem de instrumento*. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus por experimentá-lo, *deve igualmente agradecer a mão que lhe dá ocasião de demonstrar a sua paciência e a sua resignação*. Esta ideia o predispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for, tanto mais se

engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance das setas maléficas do seu inimigo.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se julga ofendido pelos insultos daquele a quem considera seu inferior. Dá-se o mesmo com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, é preciso que tenha a alma maior, mais nobre e mais generosa.

Os inimigos desencarnados

5. O espírita tem ainda outros motivos para ser indulgente com os seus inimigos. Em primeiro lugar, ele sabe que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela se deve a uma imperfeição momentânea e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, já que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo provar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: *extinguir o ódio com o sangue* é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, por conseguinte, dar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao sublime preceito do Cristo: *Amai os vossos inimigos*. Não há coração tão perverso que, mesmo sem se dar conta, não se mostre

sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias; de um inimigo pode-se fazer um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, *que então serve de instrumento à Justiça de Deus para punir aquele que não perdoou.*

6. Podemos, pois, ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, que têm vitimado tanta gente e que representam uma variedade nas provações da vida. Tais provações, como as demais, concorrem para o adiantamento do ser e devem ser aceitas com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus à sua volta. Se, portanto, devemos usar de benevolência com os inimigos encarnados, assim também devemos proceder com relação aos que estão desencarnados.

Antigamente, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo vem provar que esses demônios nada mais são do que as almas dos homens perversos, que ainda não se despojaram dos instintos materiais; *que ninguém consegue aplacá-los a não ser pelo sacrifício do seu ódio, isto é, pela caridade*; que a caridade não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal, e sim o de os reconduzir ao caminho do bem, contribuindo para a salvação deles. É assim que a sentença: *Amai os vossos inimigos* não se circunscreve ao círculo acanhado da Terra e da vida presente, mas também faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra

*7. Ouvistes o que foi dito: olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, apresenteis também a outra; e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhe entregueis o manto; e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. Dai àquele que vos pedir, e não repilais quem vos queira tomar emprestado. (*MATEUS*, 5:38 a 42.)*

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar "ponto de honra" produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas. É por isso que a lei mosaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, lei em harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: "Retribuí o mal com o bem". E disse ainda: "Não resistais ao mal que vos queiram fazer; *se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra*". Ao orgulhoso, este preceito parecerá uma covardia, pois ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em se vingar, em virtude de sua visão ser incapaz de ultrapassar o presente. Dever-se-á, entretanto, tomar ao pé da letra aquela sentença? Não, como também não se deve tomar ao pé da letra a outra que manda se arranque o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas consequências, equivaleria a condenar toda repressão, mesmo legal e deixar o campo livre aos maus, que assim se veriam isentos de todo motivo de temor. Se não se pusesse um freio às suas agressões, bem depressa os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de

conservação, que é uma Lei da Natureza, impede que alguém estenda o pescoço ao assassino.

Por essas palavras Jesus não pretendeu interdizer toda defesa, mas *condenar a vingança*. Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos haja batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo quanto possa abater o seu orgulho; que haverá mais glória para ele em ser ofendido do que em ofender, em suportar pacientemente uma injustiça do que em cometer ele mesmo outra injustiça; que mais vale ser enganado do que enganar, ser arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação do orgulho. Somente a fé na vida futura e na Justiça de Deus, que jamais deixa o mal impune, pode nos dar forças para suportarmos com paciência os golpes desferidos nos nossos interesses e no nosso amor-próprio. É por isso que dizemos incessantemente: Lançai o olhar para diante; quanto mais vos elevardes pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos vos magoarão as coisas da Terra.

Instruções dos Espíritos

A vingança

9. A vingança é um dos últimos resquícios dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. É, como o duelo, um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob os quais se debatia a Humanidade, no começo da Era Cristã. É por isso que a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se entregam e dos Espíritos que ainda as inspiram. Portanto, meus

amigos, esse sentimento jamais deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vingar-se é, bem o sabeis, tão contrário àquela prescrição do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta, quanto tem por companheiras assíduas a falsidade e a baixeza. Com efeito, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão quase nunca se vinga a céu aberto. Quando é ele o mais forte, cai qual fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Entretanto, na maioria das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento propício para o ferir sem perigo. Esconde-se do outro, espreitando-o sem cessar; prepara-lhe odiosas armadilhas e derrama-lhe no copo o veneno, caso encontre ocasião para isso. Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas insinuações pérfidas, habilmente espalhadas a todos os ventos, se vão avolumando pelo caminho. Desse modo, quando o perseguido se apresenta nos lugares por onde passou o sopro envenenado do perseguidor, espanta-se ao deparar com semblantes frios, em vez de fisionomias amigas e benevolentes que outrora o acolhiam. Fica estupefato quando mãos que se lhe estendiam, agora se recusam a apertar as suas. Enfim, sente-se aniquilado, ao verificar que os seus amigos mais caros e parentes se afastam e o evitam. Ah! o covarde que assim se vinga é cem vezes mais culpado do que o que enfrenta o seu inimigo e o insulta em plena face.

Fora, pois, com esses costumes selvagens! Fora com esses hábitos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de se vingar seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como divisa: *Fora da caridade não há salvação!* Mas, não, não posso deter-me a pensar que um membro da grande família espírita seja capaz, no futuro, de ceder ao impulso da vingança, a não ser para perdoar. – JULES OLIVIER. (PARIS, 1862.)

O ódio

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Esforçai-vos sobretudo por amar os que vos inspiram indiferença, ódio ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, Ele amou até dar o sangue e a vida por amor. O sacrifício que vos obriga a amar os que vos ultrajam e perseguem é penoso, mas é precisamente esse sacrifício que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá-los é a hóstia sem mácula que ofereceis a Deus no altar dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume sobe até o seu seio. Embora a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não resguarda o coração contra os maus procederes; esta é, ao contrário, a prova mais angustiosa, bem o sei, pois que durante a minha última existência terrena experimentei essa tortura, mas Deus lá está, e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não vos esqueçais, meus queridos filhos, de que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distancia dele. – *Fénelon*. (Bordeaux, 1861.)

O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida

como uma viagem que o deve conduzir a determinado ponto, faz pouco caso das asperezas da jornada e não deixa que os seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o termo a alcançar, pouco lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; ambos lhe roçam a epiderme, sem o ferirem nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para vingar-se de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fôsseis, como sois, iludidos pelos vossos prejuízos, tal coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio pelo duelo; a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que deveis seguir. Aqui, mais do que em qualquer outra circunstância, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que somente vos será perdoado, conforme perdoardes; pelo perdão vos acercais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr na Terra pela mão dos homens, o verdadeiro Reino de Deus ainda não se terá implantado aí, Reino de paz e de amor, que há de banir para sempre do vosso globo a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na vossa linguagem como recordação longínqua e vaga de um passado que se foi. Os homens não conhecerão outro antagonismo, senão a nobre rivalidade do bem. – ADOLFO, bispo de Argel. (Marmande, 1861.)

12. Não há dúvida de que o duelo, em certos casos, pode constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o

suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas. Não vos disse o Cristo que há mais honra e coragem em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse Ele a Pedro, no Jardim das Oliveiras: “Embainha a tua espada, porque aquele que matar com a espada perecerá pela espada?”. Por essas palavras, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa coragem oriunda de um temperamento violento, sanguíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde a grandeza de alma daquele que, à menor injúria, quer lavá-la com sangue? Ah! que ele trema, porque, no fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: “Caim! Caim! que fizeste de teu irmão?”. “Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra”, responderá ele a essa voz. Ela, porém, retrucará: “Quiseste salvá-la diante dos homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também o fizestes ouvir, em meio a sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes. Que reparação a tantos insultos Ele vos pediu? O último brado do Cordeiro foi uma prece em favor dos seus algozes! Oh! como Ele, perdoai e orai pelos que vos ofendem”.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: “Amai-vos uns aos outros” e, então, a um golpe desferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a fronte e mostrai que também ela não temeria cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassínio

autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor-próprio. Ao vos criar, terá Deus vos concedido o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, somente à Natureza Ele conferiu esse direito, para se reformar e se reconstruir; quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se Ele ameaçou com sua justiça aquele que disser *raca* a seu irmão, quão mais severa não será a pena para quem chegar à sua presença com as mãos sujas do sangue de seu irmão! – SANTO AGOSTINHO. (PARIS, 1862.)

13. O duelo, como outrora o que se denominava o Juízo de Deus,[16] é uma das instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diríeis, no entanto, se vísseis dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa para resolver a contenda entre eles, reconhecendo-se estar a razão naquele que melhor sofresse a prova? Qualificaríeis esses costumes de insensatez. O duelo é coisa pior do que tudo isso. Para o duelista experiente, é um assassínio cometido a sangue-frio, com toda premeditação possível, pois ele está certo da eficácia do golpe que desfechará. Para o adversário, quase certo de sucumbir em virtude de sua fraqueza e inabilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa, confiando ao acaso a questão, mas, então, isso não é voltar, sob outra forma, ao Juízo de Deus, da Idade Média? E, nessa época, a culpa era infinitamente menor. A própria denominação de *Juízo de Deus* indica a fé, ingênua, é verdade, mas, afinal, fé na Justiça de Deus, que não podia deixar que um inocente sucumbisse, ao passo que, no duelo,

tudo se resume à força bruta, de tal sorte que não raro é o ofendido que sucumbe.

Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela humildade que o Cristo ensinou e exemplificou? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal estejam no coração do homem. – UM ESPÍRITO PROTETOR. (Bordeaux, 1861.)

14. Que juízo farão de mim, costumais dizer, se eu recusar a reparação que me é exigida ou se não a reclamar de quem me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados vos censurarão, mas os que se acham esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que procedeis de acordo com a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco. Por motivo de uma palavra dita às vezes impensadamente ou inofensiva, vinda de um dos vossos irmãos, o vosso orgulho se sente ferido, respondeis de modo áspero e daí uma provocação. Antes que chegue o momento decisivo, inquiris de vós mesmos se procedeis como cristãos? Que contas ficareis devendo à sociedade, se a privardes de um de seus membros? Pensastes no remorso que vos assaltará por haverdes roubado o marido a uma mulher, o filho a uma mãe ou o pai que servia de amparo aos filhos? Certamente, o autor da ofensa deve uma reparação, porém, não lhe será mais honroso dá-la espontaneamente, reconhecendo suas faltas, do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, convenho em que, algumas vezes, por ele achar-se gravemente ferido, quer em sua pessoa, quer nas dos que lhe são mais caros, não está em

jogo somente o amor-próprio: o coração se acha magoado, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar a vida contra um miserável capaz de praticar uma infâmia, dar-se-á que a afronta, seja ela qual for, morto o ofensor, deixa de existir? O sangue derramado não dará mais destaque a um fato que, se falso, cairia por si mesmo, e que, se verdadeiro, deve ficar esquecido no silêncio? Nada mais restará, pois, senão a satisfação da sede de vingança. Ah! triste satisfação que quase sempre dá lugar, já nesta vida, a causticantes remorsos. E se é o ofendido que sucumbe, onde a reparação?

Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: "Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem". Então, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo. – *Francisco Xavier*.[17] (Bordeaux, 1861.)

15. O homem do mundo, o homem feliz, que por uma palavra chocante, uma coisa ligeira, despreza a vida que lhe veio de Deus, despreza a vida de seu semelhante, que só pertence a Deus, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, impelido pela cupidez, se introduz numa habitação para roubar e matar os que se opõem aos seus desígnios. Este último é quase sempre uma criatura sem educação, com noções imperfeitas do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence, quase sempre, à classe mais esclarecida. Um mata brutalmente, enquanto o outro age com método e polidez, o que faz que a sociedade o desculpe. Acrescentarei mesmo que o duelista é infinitamente mais culpado do que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem como desculpa o arrebatamento da paixão, porque

entre o insulto e a reparação, ele sempre dispõe de tempo para refletir. Age, portanto, friamente e com desígnio premeditado. Tudo é calculado e estudado para matar com mais segurança o adversário. É certo que também expõe a vida e é isso que reabilita o duelo aos olhos do mundo, que nele então só vê um ato de coragem e de desprezo à própria vida. Mas haverá coragem por parte daquele que está seguro de si? O duelo, resquício dos tempos de barbárie, em que o direito do mais forte constituía lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura. – AGOSTINHO. (BORDEAUX, 1861.)

16. *Nota*. Os duelos vão se tornando cada vez mais raros e, se de vez em quando, ainda se veem alguns exemplos dolorosos, o número deles não se pode comparar com o dos que ocorriam antigamente. Outrora, um homem não saía de casa sem prever um encontro, o que o levava a tomar as necessárias precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos consiste no porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas. A abolição de semelhante uso demonstra o abrandamento dos costumes e é curioso acompanhar-lhes a gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam protegidos por armaduras e munidos de lança, até a em que o porte de uma simples espada à cintura constituía mais um adorno e um acessório do brasão que uma arma de agressão. Outro sinal da modificação dos costumes é que outrora os combates singulares se davam em plena rua, diante da turba que se afastava para deixar livre o campo aos combatentes, ao passo que estes hoje se ocultam. Presentemente, a morte de um homem é um acontecimento que causa emoção, ao passo que, em tempos passados, ninguém dava

atenção a isso. O Espiritismo apagará esses últimos vestígios da barbárie, incutindo nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

---

16 N.E.: Quando faltavam as provas materiais para comprovar a inocência e a culpabilidade de um acusado recorria-se a essa prova judicial, como era usada antigamente.

17 N.E.: Francisco Xavier (1506-1552), dito Francisco de Jassu, cognominado Apóstolo das Índias, jesuíta espanhol, pioneiro e cofundador da Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como jesuítas. Exerceu sua atividade missionária no Oriente, evangelizou o sudeste da Ásia (Índia, Malásia e Japão).

CAPÍTULO XIII



Não saiba a vossa mão esquerda o que dá a vossa mão direita

• Fazer o bem sem ostentação • Os infortúnios ocultos • O óbolo da viúva • Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição • *Instruções dos Espíritos:* A caridade material e a caridade moral – A beneficência – A piedade – Os órfãos – Benefícios pagos com ingratidão – Beneficência exclusiva

Fazer o bem sem ostentação

1. *Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens para serem vistas, pois, do contrário, não recebereis recompensa de vosso Pai que está nos Céus. Assim, quando derdes esmola, não façais tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Mas quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. (*Mateus*, 6:1 a 4.)*

2. *Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o seguiu. Ao mesmo tempo, um leproso[18] veio ao seu encontro e o adorou, dizendo: "Senhor, se quiseres, poderás curar-me". — Jesus, estendendo a mão, o tocou e disse: "Quero-o, fica curado"; no mesmo instante desapareceu a lepra. Disse-lhe então Jesus: "Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te aos sacerdotes e oferece o dom prescrito por Moisés, a fim de que lhes sirva de testemunho". (*Mateus*, 8:1 a 4.)*

3. Há grande mérito em fazer o bem sem ostentação; ocultar a mão que dá é ainda mais meritório; constitui sinal incontestável de grande superioridade moral, porque, para encarar as coisas de mais alto do que faz o vulgo, é preciso fazer abstração da vida presente e se

identificar com a vida futura; numa palavra, é necessário colocar-se acima da Humanidade, para renunciar à satisfação que resulta do testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que prefere o sufrágio dos homens ao sufrágio divino prova que tem mais fé nos homens do que em Deus e que dá mais valor à vida presente do que à vida futura ou mesmo que não crê na vida futura. Se diz o contrário, age como se não acreditasse no que diz.

Quantos há que só dão na expectativa de que o que recebe irá bradar por toda parte o benefício recebido! que, publicamente, dariam grandes somas e que, às ocultas, não dariam uma única moeda! Foi por isso que Jesus declarou: “Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa”. Com efeito, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra, pelo bem que pratica, já pagou a si mesmo; Deus não lhe deve mais nada; só lhe resta receber a punição do seu orgulho.

Não saber a mão esquerda o que dá a mão direita é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta. Mas se há a modéstia real, também há a falsa modéstia, o simulacro da modéstia. Há pessoas que ocultam a mão que dá, tendo, porém, o cuidado de deixar aparecer um pedacinho, olhando em volta para verificar se alguém não o terá visto ocultá-la. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, que não será perante Deus! Também esses já receberam a sua recompensa na Terra. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos. É tudo o que terão.

Qual será, então, a recompensa daquele que faz pesar os seus benefícios sobre quem os recebe, que lhe impõe, de certo modo,

testemunhos de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o preço dos sacrifícios a que se impõe para beneficiá-lo? Oh! para esse, nem mesmo a recompensa terrestre existe, porque se vê privado da doce satisfação de ouvir bendizer-lhe o nome e é esse o primeiro castigo do seu orgulho. As lágrimas que seca por vaidade, em vez de subirem ao Céu, caíram sobre o coração do aflito e o ulceraram. O bem que praticou não resulta em nenhum proveito para ele, pois que o deplora, e todo benefício deplorado é moeda falsa e sem valor.

A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material, é caridade moral, visto que resguarda a suscetibilidade do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, porque aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola. Ora, converter o serviço em esmola, pela maneira de prestá-lo, é humilhar o que o recebe, e há sempre orgulho e maldade em humilhar os outros. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa em dissimular o benefício, em evitar até as simples aparências capazes de melindrar, já que todo atrito moral aumenta o sofrimento que se origina da necessidade. Ela sabe encontrar palavras brandas e afáveis que colocam o beneficiado à vontade em presença do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. A verdadeira generosidade torna-se sublime quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras: “Não saiba a mão esquerda o que dá a direita”.

Os infortúnios ocultos

4. Nas grandes calamidades, a caridade se emociona e observam-se impulsos generosos, no sentido de reparar os desastres; porém, a par desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares que passam despercebidos, como o das pessoas que jazem sobre um catre sem se queixarem. São esses infortúnios discretos e ocultos que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que peçam assistência.

Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, que se faz acompanhar de uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de sórdida aparência, onde sem dúvida é conhecida, pois que à entrada a saúdam respeitosamente. Aonde ela vai? Sobe até a mansarda, onde jaz uma mãe de família cercada de crianças. À sua chegada, brilha a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vem acalmar todas as dores. Traz o de que necessitam, acompanhado de meigas e consoladoras palavras, que fazem que os seus protegidos, que não são profissionais da mendicância, aceitem o benefício sem corar. O pai está no hospital e, enquanto lá permanece, a mãe não consegue prover às suas necessidades. Graças à boa senhora, aquelas crianças não mais sentirão frio nem fome; irão à escola agasalhadas e, para as menores, o seio que as amamenta não secará. Se entre elas alguma adoece, não repugnarão à boa dama os cuidados materiais de que essa necessite. Dali vai ao hospital levar ao pai algum reconforto e tranquilizá-lo sobre a sorte da família. No canto da rua, um carro a espera, verdadeiro armazém de tudo o que destina aos seus protegidos, que lhe recebem sucessivamente a visita. Não lhes pergunta qual a crença que professam nem quais as suas opiniões, visto que para ela todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Terminada sua jornada, diz de si

para consigo: “Comecei bem o meu dia”. Qual o seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que nada indica, mas é o anjo da consolação. À noite, um concerto de bênçãos se eleva em seu favor ao Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que esse traje tão singelo? Para não insultar a miséria com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha? Para lhe ensinar como se deve praticar a beneficência. Sua filha também quer fazer a caridade, mas a mãe lhe diz: “Que podes dar, minha filha, quando nada tens de teu? Se eu te passar alguma coisa às mãos para que dês a outrem, qual será o teu mérito? Em realidade, serei eu quem faz a caridade; que merecimento terias nisto? Não é justo. Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Isto não te parece suficiente? Nada mais simples. Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti”. É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. É espírita? Que importa!

Em casa, é mulher do mundo, porque a sua posição o exige. Ignoram, porém, o que faz, porque ela não deseja outra aprovação além da de Deus e da sua consciência. Certo dia, no entanto, uma circunstância imprevista leva-lhe à casa uma de suas protegidas, que andava a vender trabalhos executados por suas mãos. Esta última, ao vê-la, reconheceu nela a sua benfeitora. “Silêncio!” — ordena-lhe a senhora — “*não o digas a ninguém*.” — Assim falava Jesus.

O óbolo da viúva

5. *Estando Jesus sentado diante do cofre das ofertas, a observar de que modo o povo lançava ali o dinheiro, viu que muitas pessoas ricas o depositavam em abundância. Nisso, veio também uma pobre viúva que apenas colocou duas pequenas moedas do valor de dez centavos cada uma. Chamando então seus discípulos, disse-lhes Jesus: "Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu muito mais do que todos os que antes puseram suas dádivas no cofre; porque todos os outros deram do que lhes sobra, ao passo que ela deu do que lhe faz falta, deu mesmo tudo o que tinha para seu sustento". (*MARCOS*, 12:41 a 44;* LUCAS*, 21:1 a 4.)*

6. Muitas pessoas lamentam não poder fazer todo o bem que gostariam, por falta de recursos suficientes, e, se desejam possuir riquezas, dizem, é para lhes dar boa aplicação. É sem dúvida louvável a intenção e pode até ser sincera em alguns. Será, porém, completamente desinteressada em todos? Não haverá quem, desejando fazer o bem aos outros, prefira poder começar por fazê-lo a si próprio, proporcionar a si mesmo alguns gozos mais, usufruir de um pouco do supérfluo que lhe falta, destinando aos pobres o resto? Esta segunda intenção, que talvez dissimulem, mas que encontrariam no fundo dos seus corações, se os procurassem cuidadosamente, anula o mérito do intento, porque a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. O sublime da caridade, nesse caso, estaria em procurar o homem no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos que lhe faltam para realizar seus generosos propósitos. Aí estaria o sacrifício mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria vive a sonhar com os meios mais fáceis e mais rápidos de enriquecer, correndo atrás de quimeras, como a descoberta de tesouros, uma chance aleatória favorável, o recebimento de heranças inesperadas etc. Que dizer dos que esperam encontrar nos Espíritos auxiliares que os secundem em pesquisas dessa natureza? Certamente não conhecem nem compreendem a sagrada finalidade do Espiritismo e, ainda menos, a

missão dos Espíritos a quem Deus permite que se comuniquem com os homens. São, assim, punidos pelas decepções. (*O livro dos médiuns*, itens 294 e 295.)

Aqueles, cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se encontram de fazer todo o bem que desejariam, lembrando-se de que o óbolo do pobre, do que dá privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de coisa alguma. A satisfação seria grande, sem dúvida, em poder socorrer em larga escala a indigência, mas, se essa satisfação lhe é negada, submeta-se e se limite a fazer o que possa. Aliás, será só com dinheiro que se podem secar lágrimas? Deve-se ficar inativo quando não se tenha dinheiro? Aquele que sinceramente deseja ser útil a seus irmãos, encontrará mil ocasiões de realizar o seu desejo. Procure-as e as encontrará; se não for de um modo, será de outro, porque não há ninguém que, no pleno gozo de suas faculdades, não possa prestar um serviço qualquer, dar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Na falta de dinheiro, não dispõem todos do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição*

7. Disse também àquele que o convidara: “Quando derdes um jantar ou uma ceia, não convideis nem os vossos amigos, nem os vossos irmãos, nem os vossos parentes, nem os vossos vizinhos que forem ricos, para que em seguida não vos convidem a seu turno e

assim retribuam o que de vós receberam. Quando derdes um banquete, convidai para ele os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. E sereis felizes por eles não terem meios de vo-lo retribuir, pois isso será retribuído na ressurreição dos justos."

Um dos que se achavam à mesa, ouvindo essas palavras, disse-lhe: "Feliz do que comer do pão no Reino de Deus!" (Lucas, 14:12 a 15.)

8. "Quando derdes um banquete", disse Jesus, "não convideis para ele os vossos amigos, mas os pobres e os estropiados." Estas palavras, absurdas se tomadas ao pé da letra, são sublimes, se lhes buscarmos o espírito. Não é possível que Jesus tenha pretendido dizer que, em vez de seus amigos, alguém reúna em sua mesa os mendigos da rua. Sua linguagem era quase sempre figurada e, para os homens incapazes de apanhar os delicados matizes do pensamento, precisava servir-se de imagens fortes, que produzissem o efeito de um colorido vivo. O fundo do seu pensamento se revela nestas palavras: "E sereis felizes por não terem eles meios de vo-lo retribuir", isto é, não se deve fazer o bem tendo em vista uma retribuição, mas tão só pelo prazer de o praticar. Usando de uma comparação admirável, disse: "Convidai os pobres para os vossos banquetes, pois sabeis que eles nada vos podem retribuir". Por *banquetes* deveis entender, não os repastos propriamente ditos, mas a participação na abundância de que desfrutais.

Aquelas palavras, entretanto, também podem ser aplicadas em sentido mais literal. Quantos não convidam para suas mesas apenas os que podem, como eles dizem, fazer-lhes a honra, ou, por sua vez, convidá-los! Outros, ao contrário, encontram satisfação em receber os parentes e amigos menos felizes. Ora, quem não os conta entre os

seus? Dessa forma lhes prestamos grandes serviços, sem que o percebam. Aqueles, sem irem recrutar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e sabem dissimular o benefício, por meio de uma sincera cordialidade.

Instruções dos Espíritos

A caridade material e a caridade moral

9. "Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que gostaríamos que eles nos fizessem." Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nesses dois preceitos. Se fossem observados na Terra, todos seríeis perfeitos: nada de ódios, nem de ressentimentos. Direi ainda: nada de pobreza, porque, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e não mais veríeis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que encontreis, ao sair do vosso envoltório terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem pude servir na minha última existência!...

Amai, portanto, o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, pois já sabeis, agora, que repelindo um infeliz, estareis, talvez,

afastando de vós um irmão, um pai, um amigo, que repelis para longe de vós; e, então, qual será o vosso desespero ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo que compreendais bem o que seja a *caridade moral*, que todos podem praticar, que *nada custa*, do ponto de vista material e que, no entanto, é a mais difícil de praticar. A caridade moral consiste em vos suportardes uns aos outros e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde, no momento, vos achais encarnados. Crede-me que há grande mérito em um homem saber calar-se para deixar falar outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se julgam acima de vós, quando na vida espiritual, a única real, estão, não raro, muito abaixo; eis aí o merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porque não dar atenção ao mau proceder alheio é caridade moral.

Entretanto, essa caridade não deve impedir a outra; cuidai, sobretudo, de não desprezar o vosso semelhante. Lembrai-vos sem cessar de tudo o que já vos tenho dito: ao repelirdes um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que se acha momentaneamente em posição inferior à vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, por minha vez, *tenho agora de implorar auxílio*.

Lembrai-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Adeus. Pensai nos que sofrem e orai. – Irmã Rosália. (Paris, 1860.)

10. Meus amigos, já ouvi muitos de vós a se perguntarem: “Como poderei fazer a caridade, se muitas vezes não possuo nem mesmo o necessário?”

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem sequer terem visto a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos; dizei aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar o nome do Altíssimo: “Eu era como vós; sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora sou feliz”. Aos velhos que vos disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como vivi”, dizei: “A Justiça de Deus é a mesma para todos nós; lembrai-vos dos trabalhadores da última hora”. Às crianças, já viciadas pelas más companhias e que vagam pelo mundo, prestes a sucumbir às más tentações, dizei: “Deus vos vê, meus caros pequenos”, e não temais lhes repetir essas brandas palavras. Elas acabarão por lhes germinar nas inteligências infantis e, em vez de pequenos vagabundos, fareis deles homens. Isso também é caridade.

Muitos dentre vós também dizem: “Ora! somos tão numerosos na Terra que Deus não nos pode ver a todos”. Escutai bem isto, meus amigos: Quando estais no cume da montanha não abrangeis com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem! Deus vos vê do mesmo modo. Ele vos deixa usar do vosso livre-arbítrio, como vós deixais que esses grãos de areia se movam ao sabor do vento que os dispersa. Apenas, Deus, em sua infinita misericórdia, vos pôs no fundo do coração uma sentinela vigilante, que se chama *consciência*. Escutai-a; ela só vos dará bons conselhos. Às vezes, conseguis

entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal. Ela, então, se cala. Mas ficai certos de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixardes aperceber-se da sombra do remorso. Ouvi-a, interrogai-a, e com frequência vos achareis consolados com o conselho que dela houverdes recebido.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega um estandarte. Eu vos dou por divisa esta máxima do Cristo: "Amai-vos uns aos outros". Praticai essa máxima, reuni-vos todos em torno dessa bandeira e tereis felicidade e consolação. – UM ESPÍRITO PROTETOR. (Lyon, 1860.)

A beneficência

11. A beneficência, meus amigos, vos dará nesse mundo os mais puros e suaves prazeres, as alegrias do coração, que não são perturbados pelo remorso nem pela indiferença. Oh! se pudésseis compreender tudo o que encerra de grande e de agradável a generosidade das almas belas, esse sentimento que faz a criatura olhar as outras como olha a si mesma, despindo-se, jubilosa, para cobrir o seu irmão! Pudésseis, meus amigos, ter por única ocupação tornar felizes os outros! Quais as festas mundanas que podereis comparar a essas festas alegres quando, como representantes da Divindade, levais a alegria a essas pobres famílias que, da vida, apenas conheceram as vicissitudes e as amarguras, quando vedes nelas os semblantes macerados irradiarem subitamente de esperança, porque, não tendo pão, esses infelizes ouviam seus filhinhos, ignorando que viver é sofrer, gritando, repetidamente, a chorar, estas palavras, a se enterrarem nos corações maternos como agudo punhal: Estou com fome!... Oh! compreendei como são deliciosas as impressões daquele

que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendei as obrigações que tendes para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide em socorro, sobretudo, das misérias ocultas, por serem as mais dolorosas! Ide, meus bem-amados, e recordai-vos destas palavras do Salvador: "Quando vestirdes a um destes pequeninos, lembrai-vos de que é a mim que o fazeis!"

Caridade! Sublime palavra que resume todas as virtudes, és tu que hás de conduzir os povos à felicidade. Ao te praticarem, eles criarão para si infinitos gozos no futuro e, quando se acharem exilados na Terra, tu serás a sua consolação, o gozo antecipado das alegrias que fruirão mais tarde, quando se encontrarem reunidos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divinal, que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade de que desfrutei na Terra. Possam os meus irmãos encarnados crer na palavra do amigo que lhes fala: É na caridade que deveis buscar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. Oh! quando estiverdes a ponto de acusar a Deus, lançai um olhar para baixo de vós; vede quantas misérias a aliviar, quantas pobres crianças sem família, quantos velhos sem qualquer mão amiga que os ampare e lhes feche os olhos quando a morte os reclame! Quanto bem a fazer! Oh! não vos queixeis; ao contrário, agradecei a Deus e prodigalizai em profusão a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro por todos os que, deserdados dos bens desse mundo, definham na dor e no isolamento. Colhereis na Terra bem doces alegrias e, mais tarde... só Deus o sabe!... – ADOLFO, bispo de Argel. (Bordeaux, 1861.)

12. Sede bons e caridosos, pois essa é a chave dos Céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se acha contida neste

preceito: Amai-vos uns aos outros. A alma não pode elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo e só encontra consolação e ventura nos arroubos da caridade. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, o caminho da vida eterna se vos abrirá. Além disso, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se buscásseis somente a volúpia que uma ação boa proporciona, permaneceríeis sempre no caminho do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa vontade. Vede a multidão de homens de bem, cuja lembrança é guardada pela vossa História.

O Cristo não vos disse tudo o que tem relação com as virtudes da caridade e do amor? Por que deixar de lado os seus divinos ensinamentos? Por que fechar os ouvidos às suas divinas palavras, o coração a todas as suas suaves sentenças? Gostaria que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm apenas do abandono voluntário a que relegais esse resumo das Leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus e meditai-as.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, tende mais constância na propagação da vossa nova doutrina. Apenas para estimular o vosso zelo e as vossas virtudes é que Deus permite que nos manifestemos entre vós. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas só se

produzem para os que têm os olhos fechados e os corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que há de sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperança de melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não passa de um raio muito puro que torna brilhante uma alma caridosa.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanação do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura. Como desprezar essa suprema bondade? Qual o coração, disso compenetrado, bastante perverso para recalcar e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ouso falar do que fiz, porque os Espíritos também têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais devem contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos a pedirem que lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e caras irmãs, no seu piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com toda a alegria que provém de uma existência de dedicação e sacrifícios. Para mim é uma grande felicidade observar quanto lhes honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; encontrareis a vossa recompensa no próprio exercício dessa virtude; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos; amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja. – São Vicente de Paulo. (Paris, 1858.)

13. Chamo-me caridade; sou o caminho principal que conduz a Deus. Acompanhai-me, pois sou a meta a que todos deveis visar.

Dei esta manhã o meu passeio habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos: Oh! meus amigos, quantas misérias, quantas lágrimas, quanto tendes a fazer para secá-las todas! Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! há corações bons que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus lá está; sois as suas amadas, as suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lhes lia no semblante que seus corpos, tiranos do Espírito, tinham fome e que, se minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes enchiam os estômagos. Eu continuava a repetir-lhes: Coragem! coragem! Então uma pobre mãe, ainda muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, uma alimentação insuficiente.

Vi em outros locais, meus amigos, pobres velhos sem trabalho e quase sem abrigo, vítimas de todos os sofrimentos da penúria e, envergonhados de sua miséria, sem ousarem, já que nunca mendigaram, implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração cheio de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles e vou, por toda parte, estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. É por isso que venho aqui, meus amigos, e vos digo: Há por aí infelizes, em cujas choupanas falta o pão, os fogões estão sem lume e os leitos sem coberta. Não vos digo o que deveis fazer; deixo a iniciativa aos vossos bons corações. Se eu vos ditasse a linha de conduta, nenhum mérito

vos traria a vossa boa ação. Digo-vos apenas: Sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos que sofrem.

Mas se peço, também dou e dou bastante. Convido-vos para um grande banquete e forneço a árvore em que todos vos saciareis! Vede quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa linda árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticardes e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, visto que a beneficência é inesgotável. Acompanhai-me, pois, meus amigos, a fim de que vos conte entre os que se recrutam sob a minha bandeira. Nada temais; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou a *Caridade*. – *Cárita*, martirizada em Roma. (Lyon, 1861.)

14. Há várias maneiras de fazer a caridade, que muitos dentre vós confundem com a esmola. No entanto, existe grande diferença de uma para outra. A esmola, meus amigos, algumas vezes é útil, porque dá alívio aos pobres, mas é quase sempre humilhante, tanto para o que dá, como para o que a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor ao beneficiado e se disfarça de mil maneiras. Pode-se ser caridoso, mesmo com os parentes e com os amigos, sendo indulgentes uns para com os outros, perdoando-se mutuamente as fraquezas, tendo o cuidado de não ferir o amor-próprio de ninguém. Vós, espíritas, podeis ser caridosos na vossa maneira de proceder para com os que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, mas sem os chocar, sem atentar contra as suas convicções, e sim atraindo-os discretamente às nossas reuniões, em que poderão ouvir-nos e em que saberemos descobrir a brecha nos seus corações, a fim de neles penetrarmos. Eis aí um dos aspectos da caridade.

Escutai agora o que é a caridade para com os pobres, esses deserdados da Terra, mas recompensados de Deus, se souberem aceitar sem queixumes as suas misérias, o que só depende de vós. Vou fazer-me compreender por um exemplo.

Vejo, várias vezes, durante a semana, uma reunião de senhoras, de todas as idades; para nós, como sabeis, são todas irmãs. Que fazem? Trabalham depressa, muito depressa; os dedos são ágeis. Vede como trazem alegres os semblantes e como lhes batem em uníssono os corações. Mas com que fim trabalham? É que veem aproximar-se o inverno que será rude para os lares pobres. As formigas não puderam juntar durante o verão as provisões necessárias e a maior parte de suas utilidades está empenhada. As pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, durante a estação invernosa, sentirão frio e fome! Tende paciência, pobres mulheres, Deus inspirou a outras mais afortunadas do que vós; elas se reuniram e estão confeccionando roupinhas; depois, um destes dias, quando a terra se achar coberta de neve e vós vos lamentardes, dizendo: “Deus não é justo”, que são as vossas palavras habituais sempre que sofreis, vereis surgir um dos filhos dessas boas trabalhadoras que se constituíram obreiras dos pobres; sim, é para vós que elas trabalham, e os vossos lamentos se mudarão em bênçãos, porque, no coração do infeliz, o amor caminha bem perto do ódio.

Como essas trabalhadoras precisam de encorajamento, as comunicações espíritas lhes chegam de todos os lados. Os homens que fazem parte dessa sociedade lhes trazem também o seu concurso, fazendo-lhes uma dessas leituras que agradam tanto. E nós, para recompensarmos o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos às laboriosas obreiras boa clientela, que lhes pagará à

vista, em bênçãos, única moeda que tem curso no Céu, garantindo-lhes, além disso, sem receio de errar, que essa moeda não lhes faltará. – CÁRITA. (LYON, 1861.)

15. Meus caros amigos, todos os dias ouço algum de vós a dizer: "Sou pobre, não posso fazer a caridade", e todos os dias vejo que faltais com a indulgência aos vossos semelhantes. Nada lhes perdoais e vos arvorais em juízes muitas vezes severos, sem quererdes saber se ficaríeis satisfeitos, caso procedessem convosco do mesmo modo. A indulgência não é também caridade? Vós, que apenas podeis fazer a caridade praticando a indulgência, fazei-a ao menos, mas fazei-a largamente. No que respeita à caridade material, vou contar-vos uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer. Deus havia dito: "Enquanto esses dois homens viverem, colocar-se-ão em sacos diferentes as boas ações de cada um deles, para que sejam pesados por ocasião de sua morte". Quando ambos chegaram aos últimos momentos, Deus ordenou que lhe trouxessem os dois sacos. Um era volumoso e estava cheio, deixando ressoar o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. "Este é meu", disse um, "reconheço-o, fui rico e dei muito". "Eis o meu", disse o outro, "sempre fui pobre, oh! quase nada tinha para repartir". Mas, oh! surpresa, postos os dois sacos na balança, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se mais pesado o pequeno, tanto que se elevou muito o primeiro no prato da balança. Deus, então, disse ao rico: "Deste muito, é certo, mas deste por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ademais, dando, de nada te privaste. Vai para a esquerda e fica satisfeito por te serem contadas as tuas esmolas para alguma coisa". Depois, disse ao pobre: "Tu deste

pouco, meu amigo, mas cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação para ti; não deste esmolas, entretanto, praticaste a caridade e, o que vale muito mais, fizeste a caridade naturalmente, sem refletir que isto te fosse levado em conta; foste indulgente; não julgaste o teu semelhante; ao contrário, desculpaste todas as suas ações: passa à direita e vai receber a tua recompensa". – UM ESPÍRITO PROTETOR. (Lyon, 1861.)

16. A mulher rica, feliz, que não precisa empregar o tempo nos trabalhos de casa, não pode consagrar algumas horas a trabalhos úteis aos seus semelhantes? Que ela compre, com o que lhe sobre dos prazeres, agasalhos para o infeliz que treme de frio; confeccione, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras, mas quentes; auxilie a mãe a cobrir o filho que vai nascer. Se por isso seu filho ficar com algumas rendas de menos, o do pobre terá mais com que se aqueça. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre operária, que não tens supérfluo, mas que, cheia de amor aos teus irmãos, também queres dar do pouco que possuis, dá algumas horas do teu dia, do teu tempo, que é o teu único tesouro; faze alguns desses trabalhos elegantes que tentam os felizes; vende o produto das tuas vigílias e poderás igualmente oferecer aos teus irmãos a tua parte de auxílios. Terás, talvez, algumas fitas de menos, mas darás calçado a um que anda descalço.

E vós, mulheres que vos devotastes a Deus, trabalhai também na sua obra, mas que os vossos trabalhos delicados não se destinem apenas a adornar as vossas capelas, para chamar atenção sobre a vossa habilidade e paciência. Trabalhai, minhas filhas, e que o produto de vossas obras seja consagrado ao alívio de vossos irmãos em Deus. Os

pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Sede a providência dos pobres, que diz: “Deus dá o alimento aos pássaros do céu”. Que o ouro e a prata que se tecem em vossas mãos se transformem em roupas e alimentos para os que não os têm. Fazei isto e o vosso trabalho será abençoado.

Todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, que não sois lidos senão pelas pessoas mundanas, satisfazei os seus lazeres, mas que o produto de algumas de vossas obras seja consagrado ao socorro dos infelizes. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros, venha também a vossa inteligência em auxílio dos vossos irmãos; nem por isso será menor a vossa glória e haverá alguns sofrimentos de menos.

Todos vós podeis dar. Qualquer que seja a classe a que pertenceis, tendes alguma coisa que podeis dividir. Seja o que for que Deus vos tenha concedido, deveis uma parte do que Ele vos deu àquele a quem falta o necessário, porque, em seu lugar, muito gostaríeis que outro dividisse convosco. Os vossos tesouros da Terra serão um pouco menores, mas os vossos tesouros do Céu serão mais abundantes. Lá colhereis pelo cêntuplo o que houverdes semeado em benefícios neste mundo. – JOÃO. (Bordeaux, 1861.)

A piedade

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade, que vos conduz a Deus. Ah! deixai que o vosso coração se enterneça ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que derramais em suas feridas, e quando, por uma doce simpatia, chegais

a lhes proporcionar esperança e resignação, que encanto não experimentais! É verdade que esse encanto tem um certo amargor, porque nasce ao lado da desgraça, mas, não tendo o sabor amargo dos gozos mundanos, também não traz as pungentes decepções do vazio que estes últimos deixam após si; tem uma suavidade penetrante que enche a alma de júbilo. A piedade, a piedade bem sentida é amor; amor é devotamento; devotamento é o esquecimento de si mesmo e esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Messias praticou em toda a sua vida e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando esta doutrina for restabelecida na sua pureza primitiva, quando for admitida por todos os povos, ela tornará feliz a Terra, fazendo que reinem aí a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado para vos fazer progredir, domando em vós o egoísmo e o orgulho, aquele que predispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! piedade que vos comove até as entranhas à vista dos sofrimentos de vossos irmãos, que vos impele a lhes estender a mão para socorrê-los e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca, portanto, abafeis nos vossos corações essas emoções celestes, nem procedais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por alguns instantes a alegre existência. Temei conservar-vos indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada a custo de uma indiferença culposa é a tranquilidade do Mar Morto, que oculta no fundo de suas águas a lama fétida e a corrupção.

Quão longe, no entanto, se acha a piedade de causar a perturbação e o aborrecimento de que se apavora o egoísta! É certo

que a alma experimenta, ao contato da desgraça alheia, um constrangimento natural e profundo que faz vibrar todo o ser e o abala penosamente, fazendo que se volte para si mesma. Grande, porém, é a compensação, quando conseguis dar coragem e esperança a um irmão infeliz que se enternece ao aperto da mão amiga e cujo olhar, úmido, por vezes, de emoção e de reconhecimento, se dirige para vós docemente, antes de se fixar no céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, primeira das virtudes que a tem por irmã e cujos benefícios ela prepara e enobrece. – MIGUEL. (BORDEAUX, 1862.)

Os órfãos

18. Meus filhos, amai os órfãos. Se soubésseis como é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para vos estimular a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criancinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não se desgarre para o vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada agrada a Deus, porque compreende e pratica a sua Lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara em outra encarnação, mas, se pudésseis lembrar-vos, já não seria caridade, mas um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade, não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente os vossos óbolos são bem amargos. Quantas vezes eles seriam recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso amigo. Evitai esse ar

de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhai por vós mesmos e pelos outros. – UM ESPÍRITO FAMILIAR. (Paris, 1860.)

Benefícios pagos com ingratidão*

19. *Que se deve pensar dos que, tendo sido pagos com ingratidão pelos benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não topar com os ingratos?*

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, porque os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra, a recompensa ao bem que pratica não a receberá no Céu. Deus, contudo, levará em conta aquele que não a busca no mundo.

Deveis sempre ajudar os fracos, embora saibais de antemão que aqueles a quem fizerdes o bem não vos agradecerão por isso. Ficai certos de que, se a pessoa a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se o beneficiado vos houvesse pago com a sua gratidão. *Deus permite que às vezes sejais pagos com a ingratidão, para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem.*

E quem sabe, aliás, se esse benefício, esquecido momentaneamente, não produzirá mais tarde bons frutos? Tende certeza de que, ao contrário, é uma semente que com o tempo germinará. Infelizmente, não vedes senão o presente; trabalhai para vós, e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os

corações mais endurecidos; podem ser esquecidos neste mundo, mas quando o Espírito se desembaraçar do seu envoltório carnal, lembrar-se-á deles e essa lembrança será o seu castigo. Lamentará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida em outra existência, muitas vezes buscando até mesmo uma vida de dedicação ao seu benfeitor. É assim que, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral e vireis a reconhecer, mais tarde, toda a veracidade deste preceito: um benefício jamais se perde. Além disso, também tereis trabalhado por vós mesmos, porque conquistareis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente, sem vos deixardes desanimar pelas decepções.

Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que prendem a vossa vida atual às vossas existências anteriores; se pudésseis apanhar num golpe de vista a imensidade das relações que ligam os seres uns aos outros, em benefício do progresso mútuo, admiraríeis mais ainda a sabedoria e a bondade do Criador, que vos permite reviver para chegardes a Ele. – *Guia protetor*. (Sens, 1862.)

Beneficência exclusiva*

20. É lícita a beneficência, quando praticada exclusivamente entre pessoas da mesma opinião, da mesma crença ou do mesmo partido?

Não, porque é justamente o espírito de seita e de partido que precisa ser abolido, visto que todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão vê somente irmãos em seus semelhantes e, antes de socorrer o necessitado, não procura saber qual a sua crença ou a sua opinião, seja sobre o que for. Obedeceria ao preceito de Jesus Cristo, que prescreve que devemos amar até os inimigos, alguém que repelisse

um infeliz, por professar uma crença diferente da sua? Que o socorra, portanto, sem lhe pedir contas à consciência, porque, se for um inimigo da religião, esse será o meio de fazer que ele a ame; repelindo-o, faria que a odiasse. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

---

18 N.E.: Na época em que esta obra foi escrita, esse termo era comum, mas atualmente é considerado pejorativo e/ou preconceituoso. Hanseníase, morfeia, mal de Hansen ou mal de Lázaro é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae* (também conhecida como *bacilo de hansen*) que afeta os nervos e a pele, podendo provocar danos severos.

CAPÍTULO XIV



Honrai a vosso pai e a vossa mãe

• Piedade filial • Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? • Parentela corpórea e parentela espiritual • *Instruções dos Espíritos:* A ingratidão dos filhos e os laços de família

1. *Sabeis os mandamentos: não cometereis adultério; não matareis; não roubareis; não prestareis falso-testemunho; não fareis mal a ninguém; honrai a vosso pai e a vossa mãe. (*MARCOS*, 10:19;* LUCAS*, 18:20;* MATEUS*, 19:18 e 19.)*

2. *Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará. (*DECÁLOGO; ÊXODO*, 20:12.)*

Piedade filial

3. O mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe" é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe, mas o termo *honrai* encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus, desta forma, quis mostrar que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo que a caridade ordena em relação ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, e que têm tanto mais mérito, quanto menos obrigatório é o seu devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso

na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância.

É sobretudo para com os pais sem recursos que se demonstra a verdadeira piedade filial. Satisfarão a esse mandamento os que julgam fazer grande esforço porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam? Em relegá-los aos mais ínfimos cômodos da casa, apenas para não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles todo o peso do trabalho doméstico! Caberá aos pais, velhos e fracos, servir a filhos jovens e fortes? Ter-lhes-á a mãe vendido o leite, quando os amamentava? Contou suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos dados para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário; devem-lhes também, na medida de suas possibilidades, as pequenas doçuras do supérfluo, as solicitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Esta é a única piedade filial aceita por Deus.

Ai, pois, daquele que esquece o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para garantir o seu bem-estar. Ai do ingrato, porque será punido pela ingratidão e pelo abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, *algumas vezes já na vida presente*, mas com certeza em outra existência, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

É verdade que alguns pais menosprezam seus deveres e não são

para os filhos o que deviam ser, mas é a Deus que compete puni-los, e não a seus filhos. Não cabe a estes censurá-los, porque talvez hajam merecido que seus pais fossem assim. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, não se diga mal do próximo, se esqueçam e perdoem as suas faltas, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações em relação aos pais! Os filhos devem, pois, tomar como regra de conduta para com estes últimos todos os preceitos de Jesus relativos ao próximo e ter em mente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, é ainda mais censurável em relação aos pais, e que o que talvez não passe de simples falta no primeiro caso, pode tornar-se um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará". Por que Ele promete como recompensa a vida na Terra, e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: "que Deus vos dará", as quais, suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aquela expressão, é preciso que nos reportemos à situação e às ideias dos hebreus naquela época. Eles ainda não compreendiam a vida futura; sua visão não se estendia além da vida corpórea. Tinham, pois, que ser impressionados mais pelo que viam, do que pelo que não viam, razão pela qual Deus lhes fala numa linguagem que estava mais ao alcance deles, tal como se se dirigisse a crianças, pondo-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes *dará* é a Terra Prometida, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejavam do que isso, e Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a

possuirão por longo tempo, se observarem seus mandamentos.

No entanto, com o advento de Jesus, suas ideias já estavam mais desenvolvidas. Chegada a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o Mestre os inicia na vida espiritual, dizendo: "Meu Reino não é deste mundo; é lá, e não na Terra, que recebereis a recompensa das vossas boas obras". Por força dessas palavras, a Terra Prometida material se transforma numa pátria celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", já não é a Terra que lhes promete, e sim o Céu. (Caps. II e III.)

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. *E, tendo vindo para casa, reuniu-se aí tão grande multidão, que eles nem podiam fazer sua refeição. Sabendo disso, vieram seus parentes para se apoderarem dele, pois diziam que perdera o juízo.*

Entretanto, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e conservando-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo se assentara em torno dele e lhe disseram: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam". — Ele lhes respondeu: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" — E, perpassando o olhar pelos que estavam assentados à sua volta, disse: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe". (MARCOS, 3:20 E 21; 31 A 35; MATEUS, 12:46 A 50.)

6. Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que Ele se contradizia. Um fato irrecusável é que sua doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a lei de amor e de caridade; Ele não podia, pois, destruir de um lado o que estabelecia do outro. Daí esta consequência rigorosa: se certas proposições suas se

acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que lhe atribuem foram mal reproduzidas, mal compreendidas ou não são suas.

7. Causa justa admiração que, nesta circunstância, Jesus mostrasse tanta indiferença para com seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe.

Em relação a seus irmãos, sabe-se que jamais tiveram simpatia por Ele. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão. Aos olhos deles, a conduta de Jesus era estranha e seus ensinamentos não os tocavam, já que nenhum o seguiu como discípulo. Parece mesmo que partilhavam, até certo ponto, das prevenções de seus inimigos. O que é certo, afinal, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando aparecia à família. João diz, positivamente (7:5), "*que eles não acreditavam nele*".

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura que lhe dedicava. Mas é preciso convir igualmente em que também ela não fazia ideia muito exata da missão do filho, pois jamais a viram seguir os seus ensinos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista. O que nela predominava era a solicitude maternal. Quanto a Jesus, supor que Ele haja renegado sua mãe seria desconhecer-lhe o caráter. Tal pensamento não podia animar aquele que disse: *Honrai a vosso pai e a vossa mãe*. Deve-se, pois, buscar outro sentido para suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não desprezava nenhuma ocasião de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe entre a parentela corpórea e a parentela espiritual.

Parentela corpórea e parentela espiritual

8. Os laços do sangue não estabelecem necessariamente vínculos entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho; apenas lhe fornece o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que encarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são, na maioria das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se traduzem por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas também pode acontecer que sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se expressam na Terra por um mútuo antagonismo, a fim de lhes servir de provação. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, e sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que prendem os Espíritos *antes*, *durante* e *depois* de suas encarnações. Consequentemente, dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, conforme se vê todos os dias. Eis um problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, item 13.)

Há, pois, duas espécies de famílias: *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corpóreos*. As primeiras são duráveis e se fortalecem pela purificação, perpetuando-se no mundo dos Espíritos através das várias migrações da alma; as segundas,

frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos”, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade com que seus irmãos o tratavam se acha claramente expressa no relato de Marcos, que diz que era propósito deles se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que *havia perdido o espírito*. Informado da chegada dos irmãos, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos”. Embora sua mãe estivesse na companhia deles, Ele generaliza o ensino, o que não implica de maneira alguma que haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo, nada lhe era como Espírito nem que só lhe merecia indiferença. Sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

Instruções dos Espíritos

A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos, mas a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É especialmente desse ponto de vista que a vamos considerar, para analisar suas causas e seus efeitos. Nesse ponto, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as

virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no Espaço, ou permanece estacionário, até que deseje ver a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de desejos de vingança não saciados, mas é permitido que alguns dentre eles, mais adiantados do que os outros, entrevejam uma partícula da verdade; reconhecem então as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar boas resoluções. Compreendem que, para chegarem a Deus, só há uma senha: *caridade*. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante esforço extraordinário, tais Espíritos conseguem observar aqueles a quem odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade desperta no íntimo de cada um; revoltam-se à ideia de perdoar e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, principalmente à de amarem os que talvez lhes tenham destruído a fortuna, a honra, a família. Entretanto, o coração desses infelizes está abalado. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos Espíritos bons que lhes deem forças no momento mais decisivo da prova.

Finalmente, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens supremas permissão para preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O contato incessante com os seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual sucumbe algumas vezes, se não tiver ainda a vontade bastante forte. Assim, conforme prevaleça ou

não a resolução boa, ele será o amigo ou o inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É assim que se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar. Nada, com efeito, naquela existência pôde provocar semelhante antipatia; para compreender-lhe a causa é preciso que se lance o olhar sobre o passado.

Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do Espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma: esta é a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se a cumprirdes fielmente. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que Deus perguntará a cada pai e a cada mãe: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se ele se conservou atrasado por culpa vossa, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando dependia de vós que fosse feliz. Então, vós mesmos, torturados de remorsos, pedireis para reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, uma nova encarnação, na qual o cercareis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos envolverá com o seu amor.

Não desprezeis, pois, a criancinha que repele sua mãe nem a que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que vo-la deu. Uma intuição imperfeita do passado se revela, pelo que podeis deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abraçai o filho que vos dá desgostos e dizei com vós mesmas: Um de nós dois é culpado. Fazei por merecer os gozos divinos que Deus associou à

maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas oh! muitas dentre vós, em vez de eliminar pela educação os maus princípios inatos de existências anteriores, alimentam e desenvolvem esses mesmos princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido, e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto poderíeis imaginar. Não exige o saber do mundo; tanto o sábio, quanto o ignorante, podem desempenhá-la, e o Espiritismo vem facilitar o seu desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior, devendo os pais aplicar-se em estudá-los. Todos os males têm seu princípio no egoísmo e no orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores sinais que revelam o germe de tais vícios e tratem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que arranca os brotos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Se deixarem que se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de serem pagos mais tarde com a ingratidão. Os pais que fizeram tudo pelo adiantamento moral de seus filhos, e não lograram o êxito desejado, não têm por que se inculpar a si mesmos e podem conservar tranquila a consciência. Em compensação à amargura muito natural que então experimentam pelo insucesso de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na *certeza* de que se trata apenas de um retardamento, e que lhes será concedido concluir em outra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, item 19.)

Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se alguém não consegue cumpri-las, não é que lhe falte possibilidade: falta a vontade. De fato, quantos há que, em vez de resistirem às más inclinações, se comprazem nelas. É a esses que ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. Admirai, no entanto, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Chegará o dia em que o culpado se cansa de sofrer e em que o seu orgulho é finalmente abatido; Deus, então, abre os braços paternais ao filho pródigo que se lança aos seus pés. *As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus*. É um momento supremo, no qual, sobretudo, o que importa é o Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus a oportunidade que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos outorgar o prêmio da vitória. Então, saireis do turbilhão do mundo terrestre para entrardes no mundo dos Espíritos e aí serdes aclamados como o soldado que sai triunfante da luta.

De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração. Alguém que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, torturado pela ingratidão dos seus. Oh! que pungente angústia essa! Mas quem pode, em tais circunstâncias, restabelecer melhor a coragem moral, senão o conhecimento das causas do mal e a certeza de que não há desesperos eternos, apesar dos dilaceramentos da alma? Pois não é possível que seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente. Que há de mais reconfortante, de mais animador do que a ideia de que

depende dos esforços de cada um abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, é preciso que o homem não detenha o olhar na Terra e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Só então, a Justiça infinita de Deus se vos revela, e esperais com paciência, porque encontrais explicação para o que na Terra vos parecia verdadeiras monstruosidades. As feridas que aí recebeis não vos parecem mais do que simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz; já não são apenas os laços frágeis da matéria a ligar os seus membros, mas os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam ao se depurarem, em vez de se desfazerem pela reencarnação.

Os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se formam famílias. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem como o fazem no Espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, felizes pelos novos progressos que realizaram. Mas como não devem trabalhar apenas para si, Deus permite que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Por vezes esses Espíritos se tornam causa de perturbação, mas aí é que está a prova, aí é que está a tarefa. Acolhei-os, portanto, como irmãos, auxiliai-os e, mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará de ter salvado náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros. – SANTO AGOSTINHO. (PARIS, 1862.)

CAPÍTULO XV



Fora da caridade não há salvação

• De que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do Bom Samaritano • O mandamento maior • Necessidade da caridade, segundo Paulo • Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação • *Instruções dos Espíritos:* Fora da caridade não há salvação

De que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do Bom Samaritano

1. *Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.*

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; não tinha teto e me hospedastes; estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e fostes ver-me".

Então, os justos lhe responderão: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te?" — O Rei lhes responderá: "Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes".

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: "Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; precisei de teto, e não me agasalhastes; estive sem roupa, e não me vestistes; estive doente e no cárcere, e não me visitastes".

Eles, também, replicarão: "Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, sem teto ou sem roupa, doente ou na prisão, e não te assistimos?" — Ele então lhes responderá: "Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequeninos, deixastes de tê-la para comigo mesmo. E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna". (Mateus, 25:31 a 46.)

2. *Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: "Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?" — Respondeu-lhe Jesus: "Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela?" — Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito e a teu próximo como a ti mesmo". — Disse-lhe Jesus: "Respondeste muito bem; faze isso e viverás".*

Mas o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: "Quem é o meu próximo?" — Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

"Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, derramou-lhe óleo e vinho nas feridas e as tratou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: 'Trata muito bem deste homem e tudo o que gastares a mais, eu te pagarei quando regressar'".

"Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que havia caído em poder dos ladrões?" — O doutor respondeu: "Aquele que usou de misericórdia para com ele". "Então, vai, diz Jesus, e faze o mesmo". (Lucas, 10:25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinos, Ele aponta essas duas virtudes como as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurado, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que gostaríeis que vos

fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele mesmo, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. Jesus, porém, não se limita a recomendar a caridade: põe-na claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar a figura da alegoria. A homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, tinha Ele de apresentar imagens materiais, chocantes e capazes de impressionar. Para melhor ser aceito, tinha mesmo que não se afastar muito das ideias correntes, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre o que se baseia o libelo? Pergunta o juiz se foi preenchida tal ou qual formalidade, observada mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão somente de uma coisa: a prática da caridade, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor ao próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Jesus, portanto, não faz da caridade apenas uma das condições para a salvação, mas a

única condição. Se houvessem outras a serem preenchidas, Ele as teria apresentado. Já que coloca a caridade em primeiro lugar no rol de todas as virtudes, é porque ela abrange implicitamente todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O mandamento maior

> ***4.*** *Mas os fariseus, tendo sabido que Ele fechara a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão para o tentar: Mestre, qual o grande mandamento da Lei? — Jesus lhe respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. — Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos". (Mateus, 22:34 a 40.)*

5. Caridade e humildade, tal o único caminho da salvação. Egoísmo e orgulho, tal o da perdição. Este princípio se acha formulado em termos precisos nas seguintes palavras: "Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; *toda a Lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos*". E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: "E aqui está o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro", isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo é o mesmo que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se encontram resumidos nesta máxima: *Fora da caridade não há salvação*.

Necessidade da caridade, segundo Paulo

6. *Ainda que eu falasse as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine; ainda que tivesse o dom da profecia, que penetrasse todos os mistérios e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou; e mesmo que houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver caridade, tudo isso de nada me serviria.*

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

*Agora, pois, permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade. (*PAULO, I CORÍNTIOS*, 13:1 a 7; 13.)*

7. Paulo compreendeu de tal modo essa grande verdade, que disse: *Ainda que eu tivesse a linguagem dos anjos; que tivesse o dom da profecia, que penetrasse em todos os mistérios; que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade*. Coloca, assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e porque independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade; mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação

8. Enquanto a máxima — *Fora da caridade não há salvação* — se apoia num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma — *Fora da Igreja não há salvação* — se baseia não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas numa *fé especial, em dogmas particulares*; é exclusivo e absoluto. Em vez de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que se consideram reciprocamente malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os separa uns dos outros até no campo de repouso. A máxima — *Fora da caridade não há salvação* — é a consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo esta máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma — *Fora da Igreja não há salvação* — anatematizam-se e se perseguem mutuamente, vivendo como inimigos; o pai não pede pelo filho nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, já que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* equivaleria ao *fora da Igreja não há salvação* e seria igualmente exclusivo, porque não existe uma única seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integralmente, quando o círculo dos conhecimentos se alarga sem cessar e as ideias se retificam a cada dia? A verdade absoluta é prerrogativa exclusiva de Espíritos da categoria

mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento. Se Deus houvesse feito da posse da verdade absoluta a condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscrição geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, desde que a Lei de Deus seja observada, não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, máxima que dividiria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

Instruções dos Espíritos

Fora da caridade não há salvação

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no Céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no Céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para o conduzir à Terra Prometida. Ela brilha no Céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, do que essa máxima de ordem divina. O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem, do que

apresentando-a como regra, pois ela é o reflexo do mais puro Cristianismo. Com semelhante guia, o homem nunca se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a compreender-lhe o sentido profundo e as consequências, a buscar, por vós mesmos, todas as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também vos levará a praticar o bem, já que não basta uma virtude negativa: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, é preciso sempre a ação da vontade; para não se praticar o mal, basta muitas vezes a inércia e a indiferença.

Meus amigos, agradecei a Deus por haver permitido que pudésseis gozar da luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos, e sim porque, ajudando-vos a compreender melhor os ensinos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Fazei, pois, com que os vossos irmãos, ao vos observarem, possam dizer que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, visto que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam. – *Paulo*, o apóstolo. (Paris, 1860.)

CAPÍTULO XVI



Não se pode servir a Deus e a Mamon

• Salvação dos ricos • Preservar-se da avareza • Jesus em casa de Zaqueu • Parábola do Mau Rico • Parábola dos Talentos • Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria • Desigualdade das riquezas • *Instruções dos Espíritos:* A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza – Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da riqueza

Salvação dos ricos

1. *Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamon. (*Lucas*, 16:13.)*

2. *Então, aproximou-se dele um jovem e disse: "Bom Mestre, que bem devo fazer para conquistar a vida eterna?" — Respondeu-lhe Jesus: "Por que me chamas bom? Bom, só Deus o é. Se queres entrar na vida, observa os mandamentos". Que mandamentos? — retrucou o jovem. Disse Jesus: "Não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não darás falso testemunho. Honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo".*

O moço lhe replicou: "Tenho guardado todos esses mandamentos desde que cheguei à mocidade. O que é que ainda me falta?" — Disse Jesus: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me".

Ouvindo essas palavras, o moço se foi todo tristonho, porque possuía grandes haveres. — Jesus disse então a seus discípulos: "Digo-vos em verdade que é bem difícil a um rico entrar no Reino dos céus. Ainda uma vez vos digo: É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino dos céus".[19] (Mateus, 19:16 a 24; Lucas, 18:18 a 25; Marcos, 10:17 a 25.)

Preservar-se da avareza

3. *Então, no meio da turba, um homem lhe disse: "Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança que nos tocou". — Mas Jesus lhe disse: "Ó homem! quem me designou para vos julgar ou para fazer as vossas partilhas?" — E acrescentou: "Tende o cuidado de preservar-vos de toda a avareza, porque, seja qual for a abundância em que o homem se encontre, sua vida não depende dos bens que ele possua".*

Disse-lhes a seguir esta parábola: "Havia um homem rico cujas terras tinham produzido extraordinariamente e que se entretinha a pensar consigo mesmo, assim: 'Que hei de fazer, pois já não tenho lugar onde possa encerrar tudo o que vou colher? Aqui está'", disse, "'o que farei: Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde porei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi a minha alma: Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe e goza'. — Mas Deus, ao mesmo tempo, disse ao homem: 'Como és insensato! Esta noite mesmo te tomarão a alma; para que servirá o que acumulaste?'"

É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus. (LUCAS, 12:13 a 21.)

Jesus em casa de Zaqueu

4. *Tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade; e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, o qual, desejoso de ver a Jesus, para conhecê-lo, não o conseguia devido à multidão, por ser ele de estatura muito baixa. Por isso, correu à frente da turba e subiu a um sicômoro,[20] para o ver, já que Jesus devia passar por ali. Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu o olhar para o alto e, vendo-o, disse-lhe: "Zaqueu, apressa-te em descer, porque preciso que me hospedes hoje em tua casa". — Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu jubiloso. Vendo isso, todos murmuravam, a dizer: "Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida". (Veja-se, na Introdução, o item Publicanos.)*

Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, lhe disse: "Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o quatro vezes mais". — Ao que Jesus lhe disse: "Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido". (LUCAS, *19:1 a 10.)*

Parábola do Mau Rico

5. *Havia um homem rico, que vestia púrpura e linho e se tratava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, que muito gostaria de poder saciar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhe dava e os cães vinham lamber-lhe as chagas. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve por sepultura o inferno. Quando se achava nos tormentos, levantou os olhos e viu de longe Abraão e Lázaro em seu seio; e exclamando, disse estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro, a fim de que molhe a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois sofro horrível tormento nestas chamas.*

Mas Abraão lhe respondeu: "Meu filho, lembra-te de que recebeste em vida teus bens e de que Lázaro só teve males; por isso, ele agora está na consolação e tu nos tormentos".

Além disso, existe para sempre um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar do lugar onde estás para aqui.

*Disse o rico: "Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, — onde tenho cinco irmãos, a fim de dar-lhes testemunho destas coisas, para que não venham também eles para este lugar de tormento". — Abraão lhe retrucou: "Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem". "Não, meu pai Abraão", disse o rico: "Se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência". — Respondeu-lhe Abraão: "Se eles não ouvem a Moisés nem aos profetas, também não acreditarão, ainda mesmo que algum dos mortos ressuscite". (*Lucas*, 16:19 a 31.)*

Parábola dos Talentos

6. *O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. Depois de dar cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, a cada um segundo a sua capacidade, partiu imediatamente. Então, o que recebeu cinco talentos foi-se, negociou com aquele dinheiro e ganhou cinco outros. O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros tantos. Mas o que apenas recebeu um, cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu amo. Passado longo tempo, o amo daqueles servidores voltou e os chamou a prestar contas. Veio o que recebera cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo: "Senhor, entregaste-me cinco talentos: aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei". — Respondeu-lhe o amo:*

*“Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor”. — O que recebera dois talentos apresentou-se a seu turno e lhe disse: “Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei”. — O amo lhe respondeu: “Bom e fiel servidor, pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor”. — Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: “Senhor, sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes de onde nada puseste; por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui o tens: restituo o que te pertence”. — O homem, porém, lhe respondeu: “Servidor mau e preguiçoso; se sabias que ceifo onde não semeei e colho onda nada coloquei, devias pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu tirasse com juros o que me pertence”. “Tirem-lhe, pois, o talento que está com ele e deem-no ao que tem dez talentos; porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter; e seja esse servidor inútil lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes”. (*MATEUS, *25:14 a 30.)*

Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria*

7. Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia deduzir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra, e não conforme o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida a riqueza é uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria, em virtude dos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais poderoso que prende o homem à Terra e lhe desvia do Céu o pensamento. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece depressa a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e

vão. Mas, pelo fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não significa que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação nas mãos daquele que sabe servir-se dela, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao jovem que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me”, não pretendeu estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só se obtém por esse preço, mas apenas mostrar que *o apego aos bens terrenos* é um obstáculo à salvação. Aquele jovem, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recuava à ideia de abandonar seus bens. Seu desejo de conquistar a vida eterna não chegava até esse sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a descobrir o âmago do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer o próximo, não ser vão nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe, mas não tinha a verdadeira caridade, pois sua virtude não chegava até a abnegação. Foi isso que Jesus quis demonstrar. Era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há salvação.

A consequência dessas palavras, tomadas em sua acepção rigorosa, seria a abolição da riqueza como prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; seria, além disso, a condenação do trabalho que a pode proporcionar, consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso,

que é Lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de tantos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza só produzisse males, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do globo. Cabe-lhe desbravá-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de torná-las mais fáceis, é preciso destruir os obstáculos materiais que os separam e tornar mais rápidas as comunicações. Para trabalhos que são obra dos séculos, o homem teve de extrair os materiais até das entranhas da Terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez. Mas, para os realizar, precisa de recursos: a necessidade o levou a criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade imposta por esses mesmos trabalhos amplia e desenvolve a sua inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o principal meio de execução, sem ela deixará de haver grandes trabalhos, não mais haverá

atividades nem estímulos, nem pesquisas. É, pois, com razão que a riqueza é considerada elemento de progresso.

Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que nem todos os homens são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: *por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar*. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, daria a cada um parcela mínima e insuficiente; que, supondo-se efetuada essa divisão, o equilíbrio estaria desfeito em pouco tempo, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitindo que ela desse a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando ao homem o livre-arbítrio, quis Deus que ele chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do bem resultasse de seus

esforços e da sua vontade. O homem não deve ser conduzido fatalmente ao bem nem ao mal, sem o que não passaria de instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A riqueza é um meio de o experimentar moralmente, mas como é, ao mesmo tempo, poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela permaneça longo tempo improdutiva, razão pela qual Ele *incessantemente a desloca*. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Como, porém, é materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo e, além disso, que se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, comprometendo assim o melhoramento do globo, *cada um a possui por sua vez*. Quem não a tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; quem a tem agora, talvez não a tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, cada um deve trabalhar por sua vez. Para uns, a pobreza é a prova da paciência e da resignação; para outros, a riqueza é a prova da caridade e da abnegação.

É de lamentar-se, e com razão, o péssimo hábito que algumas pessoas fazem de suas riquezas, as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, perguntando-se se Deus será justo, dando riqueza a tais criaturas. É certo que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, em vez de levarmos em conta apenas a vida atual, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. O pobre não tem, assim, motivo algum para acusar a Providência nem para invejar os ricos, como estes não têm razão para se vangloriar do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis suntuárias que se remediará o mal. As leis podem mudar momentaneamente o exterior, mas não conseguem mudar o

coração. É por isso que têm duração temporária e são quase sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A fonte do mal reside no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda ordem cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

Instruções dos Espíritos

A verdadeira propriedade

9. O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir, goza ele enquanto aqui permanece. Desde, porém, que é forçado a abandonar tudo isso, não tem a posse real das suas riquezas, mas, simplesmente, o usufruto. Que possui ele, então? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso é o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatar, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, porque, daquilo que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando um homem vai a um país distante, constitui a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura e fazei provisão de tudo quanto ali vos possais servir.

Ao viajante que chega a um albergue, lhe é oferecido bom alojamento, desde que o possa pagar. A outro, de recursos mais modestos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir sobre a palha. Assim acontece com o homem, à sua chegada no mundo dos Espíritos: seu lugar ali está subordinado aos

seus haveres. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? que posição ocupavas? eras príncipe ou operário?" Perguntar-lhe-ão: "Que trazes contigo?" Não se avaliarão os seus bens nem os seus títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre pudeste comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades do coração. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo com os teus haveres. – PASCAL. (GENEBRA, 1860.)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui à vontade, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus anula frequentemente todas as previsões, o que faz a riqueza escapar daquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

Direis, talvez, que isso se aplica aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando adquiridas honestamente, visto que *uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém*. Serão pedidas contas até mesmo de um único centavo mal ganho, isto é, com prejuízo de outrem. Mas, pelo fato de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, seguir-se-á que, ao morrer, lhe resulte

alguma vantagem desse fato? As precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes não são inúteis muitas vezes? Ora, se Deus não quiser que ela lhes seja transmitida, nada prevalecerá contra a sua vontade. O homem poderá usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Ao permitir-lhe que os adquirisse, é possível que Deus tivesse em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Se, porém, ele só os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se tornaram causa de falência em suas mãos, seria melhor não os ter possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa. – M., Espírito protetor. (Bruxelas, 1861.)

Emprego da riqueza

11. Não podeis servir a Deus e a Mamon. Guardai bem isso, vós a quem o amor do ouro domina, vós que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles permitem que vos eleveis acima dos outros homens e vos proporcionam o gozo das paixões. Não; não podeis servir a Deus e a Mamon! Se, pois, sentis vossa alma dominada pelas cobiças da carne, apressai-vos em alijar o jugo que vos oprime, porque Deus, justo e severo, vos dirá: “Que fizeste, ecônomo infiel, dos bens que te confiei? Esse poderoso móvel de boas obras o empregaste exclusivamente na tua satisfação pessoal”.

Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai nestas palavras: “Amai-vos uns aos outros”, a solução do problema. Aí está o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí traçada toda a sua linha

de conduta. O emprego que agrada a Deus é a caridade, não essa caridade fria e egoísta, que consiste em espalhar ao redor de si o supérfluo de uma existência dourada, mas a caridade plena de amor, que procura o infeliz e o ergue, sem humilhá-lo. Rico, dá do teu supérfluo; faze mais: dá um pouco do que te é necessário, porque o de que necessitas ainda é supérfluo. Mas dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com medo de seres enganado; vai às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Espalha em torno de ti, em abundância, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca te faltará e que te trará grandes lucros: as boas obras. A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro. Espalha à tua volta os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão. – CHEVERUS. (BORDEAUX, 1861.)

12. Quando considero a brevidade da vida, impressiona-me dolorosamente a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que dais tão pouca importância ao vosso aperfeiçoamento moral, a que consagrais pouco ou nenhum tempo e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Quanta aflição, inquietações e tormentos cada um se impõe; quantas noites de insônia, para aumentar uma fortuna muitas vezes mais que suficiente! Por cúmulo da cegueira, não é raro se encontrarem pessoas, escravizadas a penosos trabalhos pelo amor imoderado da riqueza e

dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito, como se trabalhassem para os outros, e não para si mesmas! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendeis movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais o vosso futuro, assim como os deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Pensastes apenas no vosso corpo; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoísta. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão mimado e acariciado se tornou o vosso tirano; comanda o vosso Espírito, que se constituiu seu escravo. Seria esse o objetivo da vida que o Senhor vos concedeu? – Um Espírito protetor. (Cracóvia, 1861.)

13. Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, ser-lhe-ão pedidas severas contas do emprego que ele lhes haja dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal. Ao contrário, o emprego é bom todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O mérito é proporcional ao sacrifício que a criatura se impõe. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela alivia a miséria atual, aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo a quem não o tem. Há, porém, um dever igualmente imperioso e meritório: o de prevenir a miséria. Esta é a missão das grandes fortunas, mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. E, mesmo tirando legítimo proveito desses trabalhos, o bem não deixaria de existir, porque o trabalho desenvolve a inteligência e enaltece a dignidade do homem, sempre

cioso de poder dizer que ganha o pão que come, ao passo que a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma só mão deve ser qual fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar à sua volta. Ó vós, ricos, que a empregardes segundo as vistas do Senhor, o vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; já nesta vida fruireis os inefáveis gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que deixam vazio o coração. Vossos nomes serão benditos na Terra e, quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirá, como na Parábola dos Talentos: "Bom e fiel servo, entra na alegria do teu Senhor".

Nessa parábola, o servidor que enterrou o dinheiro que lhe fora confiado não é a imagem dos avarentos, em cujas mãos a riqueza se conserva improdutiva? Se, entretanto, Jesus fala principalmente de esmolas, é que naquele tempo e no país em que Ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi: dai esmola quando for preciso, mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela. – FÉNELON. (ARGEL, 1860.)

Desprendimento dos bens terrenos

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer-vos o meu óbolo, a fim de vos ajudar a avançar, com desassombro, pela senda do aperfeiçoamento em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros. A regeneração só será possível mediante a união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados.

O amor aos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao vosso

adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruís as vossas faculdades de amar, ao aplicá-las, todas, às coisas materiais. Sede sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade sem mescla? Quando vossos cofres estão cheios, não há sempre um vazio no vosso coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre um réptil a ocultar-se? Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna, mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, vai grande distância, tão grande quanto a que separa a prodigalidade excessiva da sórdida avareza, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixeza.

Quer a fortuna vos tenha vindo da vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer jamais: é que tudo vem de Deus, tudo retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra nem mesmo o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários, e não proprietários, não vos iludais. Deus vos emprestou, tendes que lhe restituir; e Ele vos empresta com a condição de que o supérfluo, pelo menos, reverta em favor dos que não têm sequer o necessário.

Um dos vossos amigos vos empresta certa quantia. Por pouco honesto que sejais, fazeis questão de restituí-la escrupulosamente e lhe ficais agradecido. Pois bem: essa é a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celestial, que lhe emprestou a riqueza; Ele não pede para si mais do que o amor e o reconhecimento do rico, exigindo deste, porém, que por sua vez dê aos pobres, visto que, são seus filhos, tanto quanto ele.

Os bens que Deus vos confiou despertam nos vossos corações ardente e desvairada cobiça. Já pensastes, quando vos apegais imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira como vós mesmos, que um dia tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vos veio dele? Esqueceis que, pela riqueza, vos revestistes do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serdes os seus dispensadores inteligentes? Quando usais somente em vosso proveito aquilo que vos foi confiado, que sois, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos vossos deveres? A morte, inflexível, inexorável, rasga o véu sob o qual vos ocultáveis e vos força a prestar contas ao amigo que vos favorecera e que nesse momento enverga diante de vós a toga do juiz.

É em vão que procurais iludir-vos na Terra, colorindo com o nome de virtude o que muitas vezes não passa de egoísmo. Em vão chamais economia e previdência ao que é apenas cupidez e avareza, ou generosidade ao que não passa de prodigalidade em proveito vosso. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizando, amontoando ouro, para, diz ele, deixar aos filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar, mas será esse o único motivo que o guia? Não será muitas vezes um compromisso com a consciência, para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Contudo, mesmo admitindo que o amor paternal seja a única razão a que ele obedece, será isso motivo para que esqueça seus irmãos perante Deus? Desde que já tem o supérfluo, deixará os filhos na miséria, por lhes restar um pouco menos desse supérfluo? Não será dar a eles uma lição de egoísmo e endurecer-lhes os corações? Não será sufocar neles o amor

ao próximo? Pais e mães, incidis em grande erro se credes que desse modo conquistais maior afeição dos vossos filhos. Ensinando-lhes a ser egoístas para com os outros, ensinai-lhes a sê-lo para com vós mesmos.

É comum ouvir-se dizer, de um homem que trabalhou muito e acumulou bens com o suor do seu rosto, que, quando o dinheiro é ganho, melhor se reconhece o seu valor. Nada é mais verdadeiro. Pois bem! Que esse homem pratique a caridade, dentro de suas possibilidades, já que declara conhecer todo o valor do dinheiro, e maior será o seu merecimento, do que o daquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Ao contrário, se esse homem, que se recorda das suas aflições, das suas labutas, for egoísta, duro para com os pobres, tornar-se-á bem mais culpado do que o outro, visto que, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto maior será o seu dever de aliviá-las nos outros.

Infelizmente, no homem que possui bens de fortuna há um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não é raro ver-se o novo rico atordoar o infeliz que implora a sua assistência, com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, em vez de ajudá-lo, e acabar dizendo: “Faça o que eu fiz”. Segundo está convencido, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que amealhou, cabendo apenas a ele o mérito de a possuir. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra.

Esbanjar a riqueza não é demonstrar desprendimento dos bens

terrenos: é descaso e indiferença. Como depositário desses bens, o homem não tem o direito de os dilapidar, nem de os confiscar em seu proveito. Prodigalidade não é generosidade; é, muitas vezes, uma forma de egoísmo. Alguém que esbanje a mancheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciar a riqueza no seu justo valor, em saber servir-se dela em benefício dos outros, e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por ela os interesses da vida futura, em perdê-la sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-la. Se, por efeito de reveses imprevistos, vos tornardes qual Jó, dizei como ele: "Senhor, Tu mos deste, Tu mos tiraste. Seja feita a tua vontade". Eis aí o verdadeiro desprendimento. Sede, antes de tudo, submissos; confiai naquele que, tendo-vos dado e tirado, pode novamente restituir o que vos tirou. Resisti com coragem ao abatimento, ao desespero, que vos paralisam as forças. Quando Deus vos desferir um golpe, jamais esqueçais que, ao lado da mais rude prova, Ele sempre coloca uma consolação. Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa torna menos sensível a sua perda. O homem que se apega aos bens terrenos é como a criança, que só vê o momento presente. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas palavras proféticas do Salvador: "O meu Reino não é deste mundo".

O Senhor não ordena a ninguém que se despoje do que possua, condenando-o, assim, a uma mendicidade voluntária, porquanto, quem assim agisse, tornar-se-ia uma carga para a sociedade. Proceder desse modo seria compreender mal o desprendimento dos bens

terrenos, um egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem bem lhe aprouver, a fim de que seja administrada em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus vo-la dá, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer, administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela quando não a tem, saber empregá-la utilmente quando a possui, saber sacrificá-la quando necessário, é agir de acordo com os desígnios do Senhor. Diga, pois, aquele em cujas mãos venha a cair o que no mundo se chama uma boa fortuna: Meu Deus, Tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a tua santa vontade.

Aí tendes, meus amigos, o que eu queria vos ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: Sabei vos contentar com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porque a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que esses bens apenas vos estão confiados e que deveis justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela. Não sejais depositário infiel, utilizando-os unicamente na satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade. Não vos julgueis com o direito de dispor em vosso exclusivo proveito daquilo que não passa de um empréstimo, e não de uma doação. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres salda a dívida que contraiu com Deus. – LACORDAIRE. (Constantine, 1863.)

Transmissão da riqueza*

15. *O princípio segundo o qual o homem é apenas depositário da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida, tira-lhe o direito de transmiti-la aos seus descendentes?*

O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir os descendentes de usufruí-la. Não é outra a razão pela qual desmoronam fortunas que parecem solidamente constituídas. A vontade do homem para conservar nas mãos de seus descendentes a fortuna que possua é, pois, impotente, o que não o priva, entretanto, do direito de transmitir o empréstimo que recebeu, uma vez que Deus pode retirá-lo, quando o julgue conveniente. – SÃO LUÍS. (Paris, 1860.)

---

19 **Nota de Allan Kardec:** Esta arrojada figura pode parecer um pouco forçada, porque não se percebe a relação que possa existir entre um camelo e uma agulha. Isto decorre do fato de que, em hebreu, a mesma palavra serve para designar um *cabo* e um *camelo*. Na tradução, deram-lhe o último desses significados. É provável que Jesus a tenha empregado na acepção de *cabo*. É, pelo menos, mais natural.

20 N.E.: Figueira nativa de regiões tropicais e meridionais da África, introduzida no Mediterrâneo e cultivada pelos figos comestíveis e pela madeira, muito usada, no antigo Egito, em estátuas e sarcófagos.

CAPÍTULO XVII



Sede perfeitos

• Características da perfeição • O homem de bem • Os bons espíritas • Parábola do Semeador • *Instruções dos Espíritos:* O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidai do corpo e do espírito

Características da perfeição

1. *Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam; porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? Se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis com isso mais que os outros? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.* (MATEUS, 5:44, 46 A 48.)

2. Visto que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta máxima: "Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial", tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a este, o que é inadmissível. Mas os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuança. Jesus se limita a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforcem por alcançá-lo.

Aquelas palavras devem, pois, ser entendidas no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: em "amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem". Mostra, desse modo,

que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se observarmos os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconheceremos não haver nenhum que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação, já que tudo que superexcita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até o amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é, por isso mesmo, sempre indício de maior ou menor superioridade moral, donde resulta que o grau de perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de ter dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial”.

O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, perguntará a si mesmo se não violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que gostaria que lhe fizessem.

Tem fé em Deus, em sua bondade, na sua justiça e em sua sabedoria. Sabe que nada acontece sem a sua permissão e se submete

à sua vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão pela qual coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses pela justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, em fazer felizes os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar do interesse dos outros antes do seu próprio interesse, contrariamente ao egoísta, que calcula os proventos e as perdas de toda ação generosa.

É bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção *de raças*, *nem de crenças*, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias a caridade é o seu guia, pois está ciente de que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amor ao próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de

Jesus, perdoa e esquece as ofensas, não se lembrando senão dos benefícios, por saber que lhe será perdoado conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”.

Não se compraz em rebuscar os defeitos alheios nem em evidenciá-los. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Emprega todos os esforços para poder dizer, no dia seguinte, que traz em si alguma coisa melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito nem aos seus talentos, à custa de outrem; ao contrário, aproveita todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o emprego mais prejudicial que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral, e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, item 9.)

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que as Leis da Natureza dão aos seus semelhantes, como gostaria que respeitassem os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, já se acha no caminho que conduz a todas as demais.[21]

Os bons espíritas

4. Bem compreendido, mas, sobretudo, bem sentido, o Espiritismo conduz forçosamente aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita como o verdadeiro cristão, pois que ambos são a mesma coisa. O Espiritismo não cria nenhuma moral nova; apenas facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, facultando uma fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não compreendem as suas consequências nem o seu alcance moral, ou, se os compreendem, não os aplicam a si mesmos. A que se deve isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, visto que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua própria essência e é isso que constitui a sua força, porque vai direto à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de nenhum segredo

oculto ao vulgo.

Será então preciso, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, porque se veem homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, mal saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Isso resulta de que a parte, por assim dizer, *material* da Ciência requer somente olhos que observem, enquanto a parte *essencial* exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar de *maturidade do senso moral*, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.

Em algumas pessoas, os laços da matéria são ainda bastante tenazes para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; o nevoeiro que os envolve tira-lhes toda a visão do Infinito, razão pela qual eles não rompem facilmente com os seus gostos nem com seus hábitos, não compreendendo que haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Para eles, a crença nos Espíritos é um simples fato, mas que pouco ou nada lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra, não percebem mais que um raio de luz, insuficiente para guiá-los e lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de vencer as suas inclinações. Prendem-se mais aos fenômenos do que à moral, que lhes parece banal e monótona. Pedem incessantemente aos Espíritos que os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os segredos do Criador. São os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam diante da obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que compartilham de suas fraquezas ou de suas prevenções. Entretanto, a

aceitação do princípio da Doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, em outra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina a matéria de modo mais completo, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar as fibras que nos outros se conservam inertes. Numa palavra: é tocado no coração, daí por que é inabalável a sua fé. Um é como o músico, a quem bastam alguns acordes para comover, ao passo que o outro apenas ouve sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*. Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, desde que tenha firme a vontade.

Parábola do Semeador

5. *Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à beira do mar; logo se reuniu grande multidão à sua volta, o que o levou a entrar numa barca, onde se sentou, permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:*

"Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque não era muito profunda a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir". (MATEUS, *13:1 a 9.)*

"Escutai, pois, vós outros, a Parábola do Semeador. Quem quer que escute a palavra do

Reino e não lhe dá atenção, vem o Espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente no meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Ao sobrevirem reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra, mas em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem, ou sessenta, ou trinta por um". (MATEUS, 13:18 A 23.)

6. A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinos do Evangelho. De fato, quantas pessoas existem para as quais ele não passa de letra morta, à maneira da semente caída sobre pedregulhos, que não produz nenhum fruto!

Ela encontra uma explicação não menos justa nas diferentes categorias de espíritas. Não será ela o emblema dos que apenas atentam nos fenômenos materiais e não tiram nenhuma consequência deles, porque neles só veem fatos curiosos? Dos que não buscam senão o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem a imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que acham muitos bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros, e não a si mesmos? Enfim, aqueles, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?

Instruções dos Espíritos

O dever

7. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida.

Ele se encontra nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero falar aqui apenas do dever moral, e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as seduções do interesse e do coração. Suas vitórias não têm testemunhas e suas derrotas não estão sujeitas à repressão. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta, mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas e da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? *O dever começa exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais que ninguém ultrapasse o vosso.*

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, todos sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sã consciência o mal que pode fazer. Não existe o mesmo critério para o bem, infinitamente mais variado em suas expressões. *A igualdade diante da dor é uma sublime previdência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.*

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, mantém-se inflexível diante das suas tentações. *O homem que cumpre o seu dever*

ama a Deus mais do que às criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É, ao mesmo tempo, juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo galardão da razão; descende desta, como o filho descende de sua mãe. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob uma forma mais elevada, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais cessa; deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza de sua obra resplandeça a seus próprios olhos. – LÁZARO. (PARIS, 1863.)

A virtude

8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, elas são quase sempre acompanhadas de pequenas enfermidades morais, que lhes tiram o encanto e as atenuam. Aquele que faz ostentação da sua virtude não é virtuoso, visto que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de exibir-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d'Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse

completo e inteiro esquecimento de si mesmos.

É à virtude assim compreendida e praticada que vos convido, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que vos incito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre tiram o encanto das mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e faz alarde, ele próprio, das suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma porção de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se enaltece, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito efetivo que possa ter. Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito perfeitamente que o homem que pratica o bem experimenta uma sensação íntima em seu coração, mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio.

Ó vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolho. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros. Entretanto, eu lhes direi: Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho. É pelo orgulho que as humanidades sucessivas se têm perdido; é pela humildade que um dia elas haverão de redimir-se. – FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE. (PARIS, 1863.)

Os superiores e os inferiores

9. A autoridade, assim como a riqueza, é uma delegação de que

terá de prestar contas aquele que dela se ache investido. Não julgueis que ela lhe seja conferida para proporcionar-lhe o vão prazer de mandar; tampouco, como acredita erroneamente a maioria dos potentados da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, aliás, lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente às suas personalidades, seria inalienável. Ninguém pode dizer que uma coisa lhe pertence, quando pode ser tirada sem o seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de *missão*, ou de prova, quando julga conveniente, e a retira quando bem o entende.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve esquecer que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes venham a cometer, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos *maus exemplos*, do mesmo modo que recolherá os frutos da solicitude de que usar para os reconduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena, missão que sempre lhe é dada para o bem, seja ela qual for; quem a falsear em seu princípio, está, pois, falindo ao seu desempenho.

Assim como Deus pergunta ao rico: “Que fizeste da riqueza que em tuas mãos deveria ser um manancial a espalhar a fecundidade à tua volta?”, igualmente perguntará àquele que disponha de alguma autoridade: “Que uso fizeste dessa autoridade? Que males evitaste? Que progresso facultaste? Se te dei subordinados, não foi para que os fizesses escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua cupidez; fiz-te forte e te confiei os fracos para que

os amparasses e os ajudasses a subir para mim".

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, não despreza ninguém que esteja abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem diante de Deus. O Espiritismo lhe ensina que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dá-las mais tarde, e que ele então será tratado conforme os haja tratado.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por seu lado, também os tem, e não menos sagrados. Se este último for espírita, sua consciência lhe dirá melhor ainda que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando o seu chefe deixe de cumprir os que lhe competem, porque sabe que não deve retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as faltas de outros. Se a sua posição lhe traz sofrimentos, dirá que sem dúvida os mereceu, porque ele mesmo, outrora, talvez tenha abusado da sua autoridade, cabendo-lhe, por sua vez, experimentar o que fizera sofrer aos outros. Se se vê forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença o guia na maneira de conduzir-se e o leva a proceder como gostaria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, ele se mostra mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, porque compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado resulta em prejuízo para aquele que o remunera e a quem ele deve o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra, ele é induzido pelo sentimento do dever, que a fé lhe dá, e pela certeza de que todo desvio do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar. – FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE, CARDEAL MORLOT.

(PARIS, 1863.)

O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos Espíritos bons. Purificai, pois, os vossos corações; não deixeis que nele se aloje qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que deve germinar em vossos corações e dê frutos de caridade e de justiça.

Não acrediteis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, estejamos vos obrigando a viverdes uma vida mística, que vos mantenha fora das leis da sociedade em que estais condenados a viver. Não, vivei como os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Sois chamados a entrar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede alegres, sede felizes, mas seja a vossa alegria a que provém da consciência reta, seja a vossa felicidade a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança.

A virtude não consiste em assumirdes aspecto lúgubre e severo, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta que reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador, que vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peçais, num arroubo da

alma, ou a sua proteção para que alcanceis êxito ou a sua bênção para a obra concluída. Seja o que for que façais, remontai à fonte de todas as coisas, não fazendo coisa alguma sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar as vossas ações.

A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta, mas os deveres da caridade se estendem a todas as posições sociais, desde o menor até o maior. O homem que vivesse isolado não teria nenhuma caridade a praticar. Somente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais penosas é que ele encontra ocasião de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do meio mais poderoso de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, item 26.)

Não imagineis, portanto, que, para viverdes em constante comunhão conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso que vos mortifiqueis com cilício e vos cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Sede felizes, segundo as necessidades da Humanidade, mas que na vossa felicidade nunca entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer que se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor; Ele abençoa aqueles que amam santamente. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

Cuidar do corpo e do espírito

11. Consistirá a perfeição moral na maceração do corpo? Para resolver essa questão, apoiar-me-ei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de doença, influi de maneira muito importante sobre a alma, que deve ser considerada cativa da carne.

Para que essa prisioneira viva, se divirta e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo que estar são, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis que se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? A luta parece inevitável entre os dois e é difícil achar-se o segredo de como chegarem ao equilíbrio.[22]

Dois sistemas se defrontam aqui: o dos ascetas, que querem aniquilar o corpo, e o dos materialistas, que querem rebaixar a alma: duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos pulula a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, está a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, já que são necessários um ao outro, é preciso cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai também do vosso corpo, instrumento da alma. Ignorar as necessidades que a própria Natureza indica é desconhecer a Lei de Deus. Não castigueis o corpo pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais ele é tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, por acaso, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso; está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse é o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único que conduz à perfeição. – GEORGES, ESPÍRITO

PROTETOR. (PARIS, 1863.)

---

21 **N.E.:** Ver Nota Explicativa, p. 375.

22 **N. T.:** O último período deste parágrafo — "A luta parece inevitável entre os dois e é difícil achar-se o segredo de como chegarem ao equilíbrio." — não aparece na 3a edição francesa [1866], que serve de base a esta tradução, mas se acha na 1a edição [1864], arquivada na Biblioteca de Obras Raras da FEB, em Brasília, razão por que a inserimos nesta obra.

CAPÍTULO XVIII



Muitos os chamados, poucos os escolhidos

• Parábola do Festim das Bodas • A porta estreita • Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! — entrarão no Reino dos céus • Muito se pedirá a quem muito recebeu • *Instruções dos Espíritos:* Dar-se-á àquele que tem – Reconhece-se o cristão pelas suas obras

Parábola do Festim das Bodas

1. *Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: "O Reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar o casamento de seu filho, enviou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. O rei enviou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: 'Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas'. Eles, porém, sem darem importância a isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Os outros pegaram os servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.*

Então, disse a seus servos: 'O festim das bodas está inteiramente preparado, mas não eram dignos os que para ele foram chamados. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes'. Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.

O rei entrou em seguida para ver os que estavam à mesa e, percebendo um homem que não vestia a túnica nupcial, disse-lhe: 'Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial?' O homem guardou silêncio. Então, disse o rei à sua gente: 'Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; porque, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos'". (Mateus, 22:1 a 14.)

2. O incrédulo sorri desta parábola, que lhe parece de pueril

ingenuidade, por não compreender que se possa opor tantas dificuldades para assistir a uma festa e, ainda menos, que os convidados levem a resistência a ponto de massacrarem os enviados do dono da casa. “As parábolas”, diz o incrédulo, “são, sem dúvida, imagens, mas, mesmo assim, não devem ultrapassar os limites do verossímil”.

Pode-se dizer a mesma coisa de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se não forem despojadas de seus envoltórios, a fim de lhes buscar o sentido oculto. Jesus compunha as suas com os hábitos mais vulgares da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maioria delas tinha por objetivo fazer penetrar nas massas populares a ideia da vida espiritual; o sentido de muitas parábolas parece ininteligível apenas porque os seus intérpretes não se colocam sob esse ponto de vista.

Nesta parábola, Jesus compara o Reino dos céus, em que tudo é alegria e felicidade, a uma festa de casamento. Pelos primeiros convidados, Ele se refere aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do Senhor são os profetas que os vinham exortar a seguir o caminho da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram ouvidas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que recusam o convite, sob o pretexto de terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se mantêm indiferentes às coisas celestiais.

Era crença comum entre os judeus daquela época que a nação deles devia conquistar a supremacia sobre todas as outras. Com efeito,

Deus não havia prometido a Abraão que a sua posteridade cobriria a Terra inteira? Mas, como sempre, tomando a forma pelo fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade divina, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, não sendo aceita em parte alguma como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável às massas. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua Lei, primeiramente por Moisés, depois por Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espalhar-se sobre o mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade *espiritual* "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento". Os judeus, porém, repelindo de todo a idolatria, haviam desprezado a lei moral, para se dedicarem à prática mais fácil do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, estava dilacerada pelas facções e dividida pelas seitas; a própria incredulidade havia penetrado o santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos *primeiros* a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o mataram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera.

Entretanto, seria injusto acusar-se o povo inteiro por tal estado de coisas. A responsabilidade cabia principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação pelo orgulho e fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São eles, pois, sobretudo, que Jesus

identifica nos convidados que se recusam a comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta: “Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus”. Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras e estes, aceitando-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados.

No entanto, não basta ser convidado; não basta dizer-se cristão nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a Lei segundo o espírito. Ora, a lei está toda inteira nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Contudo, entre os que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos céus! É por isso que Jesus falou: *Muitos serão chamados; poucos, no entanto, serão escolhidos*.

A porta estreita

3. *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. Quão pequena é a porta da vida! quão apertado o caminho que a ela conduz! e quão poucos a encontram!* (Mateus, *7:13 e 14.)*

4. *Tendo-lhe alguém feito esta pergunta: Senhor, serão poucos os que se salvam? — Respondeu-lhe Ele: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois vos asseguro que muitos procurarão transpô-la, e não o poderão”. — E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater, dizendo: “Senhor, abre-nos”; ele vos responderá: “não sei de onde sois”. — Então começareis a dizer: “Comemos e bebemos na tua presença e nos ensinaste nas nossas praças públicas”. — Ele vos responderá: “Não sei de onde sois; afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade”.*

Então, haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estão no Reino de Deus e que vós outros sois dele expelidos. — Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-Dia, que participarão do festim no Reino de Deus. Então os que forem os últimos serão os primeiros e os que forem os primeiros serão os últimos. (LUCAS, *13:23 a 30.*)

5. Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o caminho do mal é frequentado pelo maior número. É estreita a da salvação, porque o homem que a queira transpor deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer suas más tendências, e poucos são os que se resignam com isso. É o complemento da máxima: "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos".

Tal é o estado atual da humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo, e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, Deus teria condenado voluntariamente à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas de que delitos esta Humanidade se fizera culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse relegada à Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves semeados em seu caminho? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é fixada para sempre logo após a morte? É assim que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a Justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais

obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado e só então se pode compreender toda a profundeza, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos céus*

6. *Nem todos os que me dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus. Muitos, nesse dia, me dirão: “Senhor! Senhor! não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome?” — Eu então lhes direi em alta voz: “Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade”. (*MATEUS*, 7:21 a 23.).*[23]

7. *Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Quando caiu a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos sobre a casa; ela não ruiu, por estar edificada sobre a rocha. Mas aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem insensato que construiu sua casa na areia. Quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e a vieram açoitar, ela foi derrubada; grande foi a sua ruína. (*MATEUS*, 7:24 a 27; Lucas, 6:46 a 49.)*

8. *Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como o último no Reino dos céus, mas aquele que os cumprir e ensinar será grande no Reino dos céus. (*MATEUS*, 5:19.)*

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: “Senhor! Senhor!” Mas de que serve lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não seguem os seus preceitos? Serão cristãos os que o honram por meio de atos exteriores de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porque, assim como os fariseus, eles têm a prece nos lábios, e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos

homens, mas não a Deus. É em vão que dirão a Jesus: “Senhor, não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” Ele lhes responderá: “Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério. Afastai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, pois o Reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a Justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões. O único caminho que vos está aberto, para achardes graça perante Ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade”.

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também a garantia da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. É por isso que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiam nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque nelas encontrarão a sua felicidade, mas as que forem uma violação daquelas palavras serão como a casa edificada na areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as arrastarão.

Muito se pedirá a quem muito recebeu

10. *“O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. Mas aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo, será menos punido. Muito se*

*pedirá àquele a quem muito se tiver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem se haja confiado mais coisas". (*LUCAS*, 12:47 e 48.)*

11. *"Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos". — Alguns fariseus que estavam com Ele, ouvindo essas palavras, lhe perguntaram: "Também nós, então, somos cegos?" — Respondeu-lhes Jesus: "Se fôsseis cegos, não teríeis pecados, mas, agora, dizeis que vedes e é por isso que permanece em vós o vosso pecado". (*JOÃO*, 9:39 a 41.)*

12. Essas máximas encontram sua aplicação principalmente no ensino dos Espíritos. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, certamente é culpado. Todavia, além de o Evangelho, que os contém, achar-se espalhado somente no seio das seitas cristãs, mesmo dentro destas quantas pessoas não o leem, e entre as que o leem, quantas não o compreendem! Resulta daí que as próprias palavras de Jesus são perdidas para a maioria dos homens.

O ensino dos Espíritos, reproduzindo essas máximas sob diferentes formas, desenvolvendo-as e comentando-as, para pô-las ao alcance de todos, tem a particularidade de não ser circunscrito; todos, letrados ou iletrados, crentes ou incrédulos, cristãos ou não, podem recebê-lo, já que os Espíritos se comunicam por toda parte. Nenhum dos que o recebam, diretamente ou por intermédio de outrem, pode alegar ignorância; não pode desculpar-se nem com a falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, portanto, que não aproveita essas máximas para melhorar-se, que as admira como coisas interessantes e curiosas, sem que lhe toquem o coração, que não se torna nem menos vão, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, é muito mais culpado, porque tem mais meios de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais

censuráveis, caso persistam no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e porque, se o orgulho não os cegasse, reconheceriam que é a eles que os Espíritos se dirigem. Mas em vez de tomarem para si as lições que escrevem ou as escritas por outros, têm por única preocupação aplicá-las às demais pessoas, confirmando assim estas palavras de Jesus: “Vedes um cisco no olho do vosso próximo, e não vedes a trave que está no vosso”. (Cap. X, item 9.)

Por este outro preceito: “Se fôsseis cegos não teríeis pecados”, Jesus dá a entender que a culpabilidade está na razão das luzes que a criatura possua. Ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, como de fato eram, a parte mais esclarecida da nação, tornavam-se mais repreensíveis aos olhos de Deus do que o povo ignorante. Acontece a mesma coisa nos dias de hoje.

Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito têm recebido, como, também, muito será dado aos que houverem aproveitado.

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber, nos conselhos que os Espíritos dão, se não há alguma coisa que lhe diga respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos *chamados*. Pela fé que concede, multiplicará também o número dos *escolhidos*.

Instruções dos Espíritos

Dar-se-á àquele que tem

13. *Aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: “Por que lhes falas por parábolas?” — Respondendo, disse-lhes Ele: “É porque, a vós outros, vos foi dado*

*conhecer os mistérios do Reino dos céus, ao passo que a eles isso não foi dado. Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada veem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem". Neles se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: "Ouvireis com os vossos ouvidos e nada entendereis; olhareis com os vossos olhos e nada vereis". (*MATEUS*, 13:10 a 14.)*

***14.** Tende muito cuidado com o que ouvis, porque usarão para convosco da mesma medida com que houverdes medido os outros, e ainda se vos acrescentará; — pois, dar-se-á ao que já tem e, ao que não tem, até o que tem se lhe tirará. (Marcos, 4:24 e 25.)*

15. "Dá-se ao que já tem e tira-se do que não tem." Meditai esses grandes ensinamentos, que muitas vezes vos hão parecido paradoxais. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu apenas porque tentou tornar-se digno e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Sustentados, perseverantes, esses esforços atraem as graças do Senhor; são um ímã que atrai a si o que é progressivamente melhor, as graças abundantes que vos fazem fortes para subir a montanha santa, em cujo cume está o repouso após a labuta.

"Tira-se do que não tem ou tem pouco." Tomai isso como uma antítese figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que se haja dignado fazer-lhes. Homens cegos e surdos, abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma e não interpreteis de modo tão grosseiramente injusto as palavras daquele que fez resplandecesse aos vossos olhos a Justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que pouco recebeu; é o próprio Espírito que, pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que seu pai ganhou com o trabalho e lhe deixou como herança, o vê cobrir-se de ervas e

parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, por falta de cuidado, deixou que murchassem as sementes destinadas a produzir nesse campo, deve-se acusar seu pai por elas nada terem produzido? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe havia preparado, de criticar suas doações, queixe-se do verdadeiro autor de suas misérias e, então, arrependido e operoso, ponha-se à obra com coragem; cultive o solo ingrato com o esforço de sua vontade; lavre-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja escolhido, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Então ele verá os seus esforços serem coroados de sucesso e um grão produzir cem e outro mil. Coragem, trabalhadores! Tomai dos vossos arados e das vossas charruas; lavrai os vossos corações; arrancai deles a discórdia; semeai a boa semente que o Senhor vos confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade. – *Um Espírito amigo*. (Bordeaux, 1862.)

Reconhece-se o cristão pelas suas obras

16. “Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no Reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos Céus.”

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante estar a serviço do Senhor para ser um fiel servidor seu? Bastará dizer: “Sou cristão” para que alguém seja um servidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconhecereis pelas suas

obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos nem uma árvore má pode dar frutos bons.” “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem. Quais são os frutos que deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com a sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que haverão de agrupar-se em torno dela? Os frutos da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, tal como o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é sempre boa, mas os jardineiros são maus. Quiseram adaptá-la às suas ideias, modelá-la de acordo com as suas necessidades; talharam-na, rebaixaram-na, mutilaram-na; seus ramos estéreis não dão maus frutos, porque não mais os produzem. O viajor sedento, que se detém sob a sua sombra à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente se depara com uma ramagem árida, prenunciando tempestade. Em vão pede o fruto de vida à árvore da vida; ressecadas, as folhas caem; a mão do homem tanto as manipulou, que as queimou.

Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados. Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos convida a tratá-la com amor, de modo a poderdes vê-la dando frutos divinos em abundância. Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos. Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor sedento que deseja alcançar o fim da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que não sirvam a ninguém. “Muitos são os

chamados e poucos os escolhidos.” É que há monopolizadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos deve distribuí-los para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da copa da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. “Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus amigos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho; segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: “Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no Reino dos céus, mas somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos Céus”.

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai. – SIMEÃO. (BORDEAUX, 1863.)

---

23 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

CAPÍTULO XIX



A fé transporta montanhas

• Poder da fé • A fé religiosa. Condição da fé inabalável • Parábola da Figueira que Secou • *Instruções dos Espíritos:* A fé: mãe da esperança e da caridade – A fé divina e a fé humana

Poder da fé

1. *Quando Ele veio ao encontro do povo, um homem se aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: "Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar". — Jesus respondeu, dizendo: "Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino". — E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: "Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio?" — Respondeu-lhes Jesus: "Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível". (*MATEUS*, 17:14 a 20.)*

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si, mas, aqui, é unicamente no sentido moral que se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, que encontramos entre os homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de quantos trabalham pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e

os recursos que fazem vencer os obstáculos, nas pequenas como nas grandes coisas. A fé vacilante dá a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que devemos combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Em outra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Em ambos os casos ela pode permitir que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de alcançar a meta visada. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando é estimulada pelo interesse, torna-se furiosa e julga suprir, com violência, a força que lhe falta. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

4. Não se deve confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Ele. É por essa razão que os Espíritos bons vêm em seu auxílio. A presunção é mais orgulho do que fé, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelas derrotas que lhe são infligidos.

5. O poder da fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente

universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. É por isso que a criatura dotada de grande poder fluídico normal pode operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente como prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural, desde que, para tanto, alie a esse poder a sua ardente fé. Tal o motivo pelo qual Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.

A fé religiosa. Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm os seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita sem controle tanto o verdadeiro como o falso e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Quando a fé se assenta no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, considerando-se que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz do dia*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.

7. Diz-se vulgarmente que a *fé não se prescreve*, o que tem levado muita gente a alegar que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, nem, o que ainda é mais certo, a *fé não se impõe*. Não, ela não se prescreve; ela se adquire e ninguém está impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais fundamentais, e não de tal ou qual crença

particular. Não compete à fé procurá-los, eles é que devem ir ao seu encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem: “Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, falam com os lábios, e não com o coração, porque, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, multiplicam-se em volta deles; por que, então, recusam-se a vê-las? Da parte de uns, há descaso; da parte de outros, há o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho que se nega a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; basta uma centelha para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de progresso anterior. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao *renascerem*, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas têm que aprender tudo: estão com a educação por fazer. Ela se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira pela qual lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século. Ora, é justamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que

se pode dizer, com verdade, que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá origem à dúvida. A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade; a criatura acredita porque tem certeza, e tem certeza porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.*

O Espiritismo conduz a esse resultado, razão pela qual triunfa da incredulidade sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

Parábola da Figueira que Secou

8. *Quando saíam de Betânia, Ele teve fome; e, vendo ao longe uma figueira, para ela encaminhou-se, a fim de ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse Jesus à figueira: "Que ninguém coma de ti fruto algum", o que seus discípulos ouviram. No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até a raiz. Pedro, lembrando-se do que Jesus havia dito, disse: "Mestre, olha como secou a figueira que Tu amaldiçoaste". Jesus, tomando a palavra, lhes disse: "Tende fé em Deus. Digo-vos, em verdade, que aquele que disser a esta montanha: 'Tira-te daí e lança-te ao mar, mas sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, firmemente, de que tudo o que houver dito acontecerá, verá que, com efeito, acontece'". (*MARCOS*, 9:12 a 14; 20 a 23.)*

9. A figueira que secou é o símbolo das pessoas que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada produzem de bom; dos oradores, que têm mais brilho do que solidez; suas palavras trazem o verniz superficial, de modo que agradam aos ouvidos, sem, no entanto, revelarem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. Depois de proferidas, é de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas vazios, todas as doutrinas sem base sólida. O que falta na maioria das vezes é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, numa palavra, a fé que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, mas carentes de frutos. É por isso que Jesus as condena à esterilidade, porque dia virá em que se acharão secas até a raiz. Significa dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não houverem produzido nenhum bem para a Humanidade, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem, nestes últimos, a falta de órgãos materiais pelos quais transmitem suas instruções. É por isso que são dotados de faculdades para esse efeito. Nestes tempos de renovação social, eles têm uma missão especialíssima; são árvores que devem fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que o alimento seja abundante; existem em toda parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que não haja deserdados em nenhum ponto e a fim de provar aos homens que *todos são chamados*. Se, porém, eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos salutares dão maus frutos, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se não tiram nenhum proveito dela para si mesmos, melhorando-se, são como a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil

em suas mãos: a semente que não sabem fazer frutificar, deixando que se tornem vítimas dos Espíritos maus.

Instruções dos Espíritos

A fé: mãe da esperança e da caridade

11. Para ser proveitosa, a fé deve ser ativa; não pode entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

A esperança e a caridade são uma consequência da fé. Essas três virtudes formam uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor?

A fé, divina inspiração de Deus, desperta todos os instintos nobres que conduzem o homem ao bem; é a base da regeneração. É preciso, portanto, que essa base seja forte e durável, porque, se a mais ligeira dúvida vier abalá-la, que será do edifício que sobre ela construirdes? Levantai, pois, esse edifício sobre alicerces inamovíveis. Que a vossa fé seja mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira.

A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para que penetrem nos homens. Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da

fé. Pregai pela vossa esperança inabalável, a fim de lhes permitirdes ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé, em tudo o que ela contém de belo e de bom, em sua pureza e em sua racionalidade. Não admitais a fé sem comprovação, filha cega da cegueira. Amai a Deus, mas sabendo por que o amais; crede nas suas promessas, mas sabendo por que acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé. – JOSÉ, ESPÍRITO PROTETOR. (BORDEAUX, 1862.)

A fé divina e a fé humana

12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em germe no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até o presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a preconizou como poderosa alavanca e porque o tem considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, *a vontade de querer* e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. A exemplo de Jesus, os apóstolos também não operaram milagres? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais cujas causas eram desconhecidas pelos homens de então, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que se tornarão completamente compreensíveis pelo estudo do Espiritismo e do magnetismo?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao objetivo que tem em vista, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja preencher a sua existência de belas e nobres ações, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que não se consiga vencer.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: A fé é *humana e divina*. Se todos os encarnados se achassem bem convencidos da força que trazem em si, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até hoje, eles chamam prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. – UM ESPÍRITO PROTETOR. (PARIS, 1863.)

CAPÍTULO XX



Os trabalhadores da última hora

• *Instruções dos Espíritos:* Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritas – Os obreiros do Senhor

1. *O Reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para a sua vinha. Tendo convencionado com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, disse-lhes: "Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável". E eles foram. Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: "Por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar?" — "É", disseram eles, "porque ninguém nos assalariou". — Ele então lhes disse: "Ide vós também para a minha vinha".*

Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: "Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até os primeiros". — Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. Vindo em seguida os que tinham sido contratados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, dizendo: "Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor".

Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: "Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. — Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom?"

*Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (*Mateus*, 20:1 a 16. Ver também: "Parábola do Festim das Bodas", cap. XVIII, item 1.)*

Instruções dos Espíritos

Os últimos serão os primeiros

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o tenha mantido à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem direito ao salário porque, desde o alvorecer, esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho; era laborioso, apenas lhe faltava o labor.

Se, porém, ele se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: "Tenhamos paciência, o repouso me é agradável, quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! quanto mais tarde melhor"; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos; que haja blasfemado de Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se tenha deleitado em todas as ignomínias da Humanidade? Que será dessa criatura? Bastar-lhe-á dizer à última hora: Senhor, empreguei mal o meu tempo; conserva-me até o fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, a minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o Senhor lhe dirá: "No momento não tenho trabalho para te dar; desperdiçaste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando estiveres mais bem-disposto, vem ter comigo e eu porei à tua disposição o meu vasto

campo, em que poderás trabalhar a qualquer hora do dia".

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: "Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminei ao anoitecer". Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grilhões arrastais, mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha sem que nela quisésseis entrar! Eis que chegou o momento de embolsardes o salário; empregai bem a hora que vos resta e jamais esqueçais que a vossa existência, por mais longa que vos pareça, não passa de um momento fugaz na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade. – CONSTANTINO, ESPÍRITO PROTETOR. (BORDEAUX, 1863.)

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem varonil, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser desenvolvidas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que vieram por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? recompensa maior. Últimos chegados, os espíritas aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre eles revivem hoje ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados,

trabalhando, não mais na base, e sim na cumeeira do edifício. Seu salário, pois, será proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e precisa a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas do seu mandato terreno, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou no ar o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda Justiça de Deus, não mais murmuram: adoram.

Tal é um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as que Jesus dirigiu ao povo, o germe do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. – HENRI HEINE. (PARIS, 1863.)

Missão dos espíritas

4. Não escutais já o ruído da tempestade que há de arrebatar o velho mundo e precipitar no abismo do nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, ides pregar o novo dogma da *reencarnação* e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres.

Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, sois os eleitos de Deus!

Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai: os Espíritos elevados estão convosco. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as convida incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas. Palavras perdidas, bem o sei, mas não importa! É preciso regardes com os vossos suores o terreno em que deveis semear, porque ele não frutificará e não produzirá senão sob os esforços reiterados da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

Sim, todos vós, homens de boa-fé, que acreditais na vossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo infinito, lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e derrubai o culto do bezerro de ouro, cada vez mais invasor. Ide, Deus vos conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, que as populações atentas recolherão, felizes, as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que vos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras sacrificadoras.

Homens valorosos, ide diante de Deus que, mais felizes do que Tomé, credes sem pedirdes para ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando não tenhais conseguido obtê-los por vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, então, avante, falange imponente pela tua fé! Diante de ti

os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

"A fé é a virtude que transportará montanhas", disse Jesus. Contudo, mais pesadas do que as mais pesadas montanhas, jazem depositadas no coração dos homens a impureza e todos os vícios decorrentes da impureza. Parti, então, com coragem, a fim de removerdes essa montanha da iniquidade que as futuras gerações só devem conhecer como lenda, assim como vós, que só conheceis muito imperfeitamente os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, as perturbações morais e filosóficas vão rebentar em todos os pontos do globo; aproxima-se a hora em que a Luz divina aparecerá sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão, porque é principalmente entre os mártires do trabalho, desta expiação terrena, que encontrareis fervor e fé. Ide; estes receberão, com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levareis, e baixarão a fronte, agradecendo ao Criador o quinhão que lhes toca nas misérias da Terra.

Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; é preciso que trabalheis.

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou. Mas lembrai que, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram; atentai para a vossa rota e segui o caminho da verdade.

Pergunta – *Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, por meio de que sinais reconheceremos os que se acham*

no bom caminho?

Resposta – Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles professarão e ensinarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo da sua Lei; os que seguem a sua Lei são os seus eleitos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa Lei e fazem dela um degrau para satisfazer à sua vaidade e à sua ambição. – *Erasto*, anjo da guarda do médium. (PARIS, 1863.)[24]

Os obreiros do Senhor

5. Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Felizes os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro motivo, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Felizes os que houverem dito a seus irmãos: "Irmãos, trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra", pois o Senhor lhes dirá: "Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!" Mas ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, porque a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão. Clamarão: "Graça! graça!". O Senhor, porém, lhes dirá: "Por que implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o

amparardes? Por que suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra".

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos, pois é aos que não recuaram diante de suas tarefas que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no Reino dos céus!" – O ESPÍRITO DE VERDADE. (PARIS, 1862.)

---

24 **N.T.:** Na 3a edição francesa [1866], que serve de base a esta tradução, deixaram de figurar os cinco últimos parágrafos desta mensagem, bem como a assinatura do Espírito Erasto, que a ditou. Completamos a matéria que faltava em confronto com a 1a edição do original francês [1864], arquivada na Biblioteca de Obras Raras da FEB, em Brasília.

CAPÍTULO XXI



Haverá falsos cristos e falsos profetas

• Conhece-se a árvore pelo seu fruto • Missão dos profetas • Prodígios dos falsos profetas • Não creiais em todos os Espíritos • *Instruções dos Espíritos:* Os falsos profetas – Características do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas

Conhece-se a árvore pelo seu fruto

1. *A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porquanto, cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração e o mau tira as más do mau tesouro do seu coração; pois a boca fala daquilo de que está cheio o coração. (*Lucas*, 6:43 a 45.)*

2. *Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces. Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos. (*Mateus*, 7:15 a 20.)*

3. *Tende cuidado para que alguém não vos seduza; porque muitos virão em meu nome, dizendo: "Eu sou o Cristo", e seduzirão a muitos.*

Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim se salvará.

*Então, se alguém vos disser: "O Cristo está aqui, ou está ali", não acrediteis absolutamente; porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos. (*Mateus*, 24:4 e 5; 11 a 13; 23 e 24;*Marcos*, 13:5 e 6; 21 e 22.)*

Missão dos profetas

4. Atribui-se comumente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras *profecia* e *predição* se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra profeta tem mais ampla significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Portanto, um homem pode ser profeta, sem fazer predições. Aquela era a ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Foi por isso que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciães, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: "Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu". Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por revelação providencial, a fim de transmitirem avisos aos homens. Tendo-se realizados os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.

Prodígios dos falsos profetas

5. "Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem os próprios escolhidos." Essas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das Leis da Natureza. Como as Leis da Natureza são obras *exclusivas* de Deus, Ele pode, sem dúvida, derrogá-las, se lhe apraz, mas o simples bom senso diz que não é possível que Ele tenha dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que Ele tenha

feito. Jesus não pode ter consagrado semelhante princípio. Se, portanto, de acordo com o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que os próprios escolhidos se deixem enganar, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Deve-se, pois, procurar um sentido mais racional para aquelas palavras.

Aos olhos do vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por mais extraordinário que pareça, não passa da aplicação de uma Lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga. Em todos os tempos houve homens que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um suposto poder sobre-humano, ou de uma pretensa missão divina. São esses os falsos cristos e os falsos profetas. A difusão das luzes lhes destrói o crédito, razão pela qual o número deles diminui à medida que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, já que pode resultar de conhecimentos que cada um pode adquirir ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir tão bem, quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por características mais sérias e exclusivamente morais.

Não creiais em todos os Espíritos

6. *Meus bem-amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas já se têm levantado no mundo.* (JOÃO, *Primeira Epístola, 4:1.)*

7. Os fenômenos espíritas, longe de abonarem os falsos cristos e os falsos profetas, como algumas pessoas gostam de dizer, vêm, ao contrário, desferir-lhes o golpe final. Não peçais milagres nem prodígios ao Espiritismo, porque ele declara formalmente que não os produz. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia e a Geologia revelaram as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são Leis da Natureza. Ao facultar a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até hoje, o Espiritismo destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Quem, portanto, se sentisse tentado a explorar os fenômenos espíritas em proveito próprio, fazendo-se passar por Messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da credulidade alheia e logo seria desmascarado. Ademais, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam; a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Eis aí um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, ela levanta o véu de sobre muitos mistérios. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la, mas a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara com que

se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas ideias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, principalmente nestes últimos tempos, se têm apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. João adverte os homens contra eles, dizendo: “Meus bem-amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas já se têm levantado no mundo”. O Espiritismo nos fornece os meios de os experimentar, apontando as características pelas quais se reconhecem os Espíritos bons, características *sempre morais, nunca materiais*.[25] É à maneira de se distinguirem os Espíritos bons dos maus que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: “Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons”. Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como se julga uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

Instruções dos Espíritos

Os falsos profetas

8. Se vos disserem: “O Cristo está aqui”, não vades; ao contrário, mantende-vos em guarda, porque os falsos profetas serão numerosos. Não vedes que as folhas da figueira começam a branquear; não vedes os seus múltiplos rebentos aguardando a época da floração; e não vos disse o Cristo: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto?” Se, pois, os frutos são amargos, julgais que a árvore é má; se, porém, são doces e

salutares, direis: “Nada que seja puro pode provir de fonte má”.

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino se fazem acompanhar de todas as marcas de semelhante missão, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações; se, em apoio das palavras, acrescentam os atos, podereis então dizer: “Estes são realmente os enviados de Deus”.

Desconfiai, porém, das palavras melífluas,[26] desconfiai dos escribas e fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem deter o monopólio exclusivo da verdade!

Não, o Cristo não está entre esses, porquanto os que Ele envia para propagar a sua doutrina e regenerar o seu povo serão, acima de tudo, a exemplo do próprio Mestre, brandos e humildes de coração; os que hajam de salvar a Humanidade com seus exemplos e conselhos, a fim de que esta não corra para a perdição nem vagueie por caminhos tortuosos, serão essencialmente modestos e humildes. Fugi de tudo o que revele um átomo de orgulho, como se fugísseis de uma moléstia contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrai-vos de que *cada criatura traz na fronte, mas principalmente nos atos, a marca da sua grandeza ou da sua decadência*.

Ide, portanto, meus bem-amados, sem desculpas ardilosas, sem pensamentos ocultos, na rota bendita em que enveredastes. Ide, ide sempre, sem temor; afastai cuidadosamente tudo quanto vos possa entravar a marcha para o objetivo eterno. Viajores, só por pouco tempo mais estareis nas trevas e nas dores da provação, se abrirdes o

vosso coração a essa suave doutrina que vos vem revelar as leis eternas e satisfazer a todas as aspirações de vossa alma acerca do desconhecido. Já podeis dar corpo a esses silfos ligeiros que vedes passar nos vossos sonhos e que, efêmeros, apenas vos encantavam o espírito, sem nada dizerem ao vosso coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu, dando lugar ao anjo radioso que conheceis, o anjo do novo encontro e da reunião! Agora, vós que bem desempenhastes a tarefa que o Criador vos impôs, nada mais tendes de temer da sua justiça, pois Ele é pai e perdoa sempre aos filhos transviados que clamam por misericórdia. Continuai, portanto, avançai incessantemente. Seja vossa divisa a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que, finalmente, chegueis ao termo feliz da jornada, em que vos esperam todos os que vos precederam. – LUÍS. (BORDEAUX, 1861.)

Características do verdadeiro profeta

9. *Desconfiai dos falsos profetas*. Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas, sobretudo, nos momentos de transição em que, como no atual, se elabora uma transformação da Humanidade, porque, então, uma multidão de ambiciosos e intrigantes se arvoram em reformadores e messias. É contra esses impostores que se deve estar em guarda, cabendo a todo homem honesto o dever de desmascará-los. Perguntareis, sem dúvida, como se pode reconhecê-los. Tendes aqui as suas características:

Só se confia o comando de um exército a um hábil general, capaz de o dirigir. Julgais que Deus seja menos prudente do que os homens? Ficai certos de que só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de as cumprir, já que as grandes missões são fardos pesados

que esmagariam o homem demasiado fraco para carregá-los. Como em todas as coisas, o mestre tem de saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões, são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas em outras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, a sua ação seria nula.

Isto posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar a missão de que está investido pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela sua grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. Tirai, também, esta outra consequência: se, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, ele se mostra abaixo do papel com que se apresente, ou da personagem sob cujo nome se abriga, não passa de farsista de baixa categoria, que nem sequer sabe imitar o modelo que escolheu.

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundados pelo poder oculto que os inspira e dirige à revelia deles, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra, *os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se arrogam, eles próprios, como enviados de Deus*. O primeiro é humilde e modesto; o segundo é orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mentirosos, parece sempre temeroso de que não lhe deem crédito.

Já foram vistos alguns desses impostores, pretendendo passar por

apóstolos do Cristo, outros pelo próprio Cristo e, para vergonha da Humanidade, eles têm encontrado pessoas bastante crédulas para acreditarem nas suas torpezas. Entretanto, uma consideração bem simples deveria abrir os olhos do mais cego: a de que, se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse, o que seria absurdo, que Ele houvesse degenerado. Ora, do mesmo modo que já não tereis Deus, se tirardes um só de seus atributos, também já não tereis o Cristo, se tirardes uma só de suas virtudes. Aqueles que se apresentam como o Cristo possuirão todas as suas virtudes? Essa a questão. Observai-os, perscrutai-lhes as ideias e os atos e reconhecereis que, acima de tudo, lhes faltam as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, ao passo que têm as que Jesus não possuía: a cupidez e o orgulho. Notai, além disso, que neste momento, em vários países, há muitos pretensos Cristos, como há muitos pretensos Elias, muitos João ou Pedro, e é impossível que todos sejam verdadeiros. Tende como certo que são criaturas que exploram a credulidade alheia e acham cômodo viver à custa dos que as levam em consideração.

Desconfiai, pois, dos falsos profetas, principalmente em época de renovação, qual a presente, porque muitos impostores se apresentarão como enviados de Deus. Eles procuram satisfazer na Terra à sua vaidade, mas uma terrível justiça os espera, podeis estar certos. – ERASTO. (PARIS, 1862.)

Os falsos profetas da erraticidade

10. Os falsos profetas não se encontram somente entre os encarnados. Encontram-se também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, sob a falsa aparência de amor e caridade,

semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe sutilmente os seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascinarem aqueles a quem desejam iludir, para darem mais peso às suas teorias, se apoderam sem escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam.

São eles que semeiam o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a se isolarem uns dos outros e a se olharem com prevenção. Só isso já seria bastante para os desmascarar, porque, procedendo assim, eles mesmos dão um formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseira cilada.

Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria que eles dizem pertencer têm de ser não só muito bons, mas também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vede o que restará. Concordai, pois, comigo: todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, crede que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é sempre apreciada pelo bom senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínseco de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. *Realmente, seria ilógico admitir-*

se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que os veja aumentar continuamente. Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo restrito; faz que ela surja em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Repeli sem piedade todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. Quase sempre são Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, dispensando-lhes exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados. São, geralmente, Espíritos sequiosos de poder e que, déspotas públicos ou na intimidade do lar, ainda querem vítimas para tiranizar depois de terem morrido. Em geral, *desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes*. Nesses casos, há sempre motivo legítimo para suspeição.

Tende certeza, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada à Humanidade, ela é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a este ou àquele, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado, e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium e todo grupo que se julguem privilegiados por obterem comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, se submetem a práticas que tendem para a superstição, indubitavelmente se acham sob o domínio de uma

obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se exibe com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar, não permitindo que seja empregado despropositadamente.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo pode ser iludido, mas o controle severo dos outros grupos, a ciência adquirida, a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebem, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus. – ERASTO, DISCÍPULO DE PAULO. (PARIS, 1862.)

(Veja-se, na *Introdução* deste livro, o item II: Controle universal do ensino dos Espíritos. O *livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII, *Obsessão*.)

Jeremias e os falsos profetas

11. *Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: "Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e vos enganam. Eles publicam as visões de seus corações, e não o que aprenderam da boca do Senhor". — Dizem aos que de mim blasfemam: "O Senhor o disse, tereis paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações: 'Nenhum mal vos acontecerá'". — Mas qual dentre eles assistiu ao conselho de Deus? Quem o viu e escutou o que Ele disse? Eu não enviava esses profetas; eles corriam por si mesmos; Eu absolutamente não lhes falava; eles profetizavam de suas cabeças. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: "Sonhei, sonhei". — Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções dos corações deles? Se, pois, esse povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interrogar e disser: "Qual o fardo do Senhor?" Dir-lhe-eis: "Vós mesmos sois o fardo e Eu vos lançarei bem longe de mim, diz o Senhor".*

(JEREMIAS, 23:16 a 18; 21; 25 e 26; 33.)

É sobre essa passagem do profeta Jeremias que vou vos entreter, meus amigos. Falando pela sua boca, diz Deus: "É a visão do coração deles que os faz falar". Essas palavras indicam claramente que já naquela época os charlatães abusavam do dom de profecia e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizendo, *por dinheiro*, coisas boas e agradáveis. Essa espécie de fraude era muito generalizada na nação judia, e é fácil de compreender-se que o pobre povo, em sua ignorância, era incapaz de distinguir os bons dos maus, sendo sempre mais ou menos ludibriado pelos supostos profetas, que não passavam de impostores ou fanáticos. Nada há de mais significativo do que estas palavras: "Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos; não lhes falei e eles profetizaram". Mais adiante: "Eu ouvi esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei". Indicava assim um dos meios que eles empregavam para explorar a confiança de que eram objeto. A multidão, sempre crédula, não pensava em contestar a veracidade de seus sonhos ou de suas visões; achava isso muito natural e sempre os convidava a falar.

Após as palavras do profeta, escutai os sábios conselhos do apóstolo João, quando diz: "Não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus", porque, entre os invisíveis, também há os que se comprazem em iludir, quando encontram oportunidade. Os iludidos, não há dúvida, são os médiuns que não tomam as necessárias precauções. Aí se encontra, indubitavelmente, um dos maiores escolhos, contra os quais muitos deles vêm esbarrar, sobretudo quando são novatos no Espiritismo. Isso constitui uma prova para eles, da qual só triunfarão com muita prudência. Aprendei, pois, antes

de tudo, a distinguir os Espíritos bons e os maus, a fim de não vos tornardes, por vossa vez, falsos profetas. – LUOZ, ESPÍRITO PROTETOR. (CARLSRUHE, 1861.)

---

25 **Nota de Allan Kardec:** Sobre a maneira de se distinguirem os Espíritos, vide *O livro dos médiuns*, Segunda parte, capítulo XXIV e seguintes.

26 N.E.: Que revela doçura hipócrita, afetada; melieiro, meloso.

CAPÍTULO XXII



Não separeis o que Deus uniu

• Indissolubilidade do casamento • Divórcio

Indissolubilidade do casamento

1. *Os fariseus vieram ter com Ele para o tentarem e lhe disseram: "Será permitido a um homem despedir sua mulher, seja qual for o motivo?" — Ele respondeu: "Não lestes que aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea e disse: 'Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e não farão os dois senão uma só carne?' — Assim, já não serão duas, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu".*

*"Por que, então", retrucaram eles, "ordenava Moisés que o marido desse à sua mulher uma carta de divórcio e a despedisse?" — Jesus respondeu: "Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés permitiu que despedísseis vossas mulheres, mas, no começo, não foi assim. — Por isso Eu vos declaro que aquele que despede sua mulher, a não ser em caso de adultério, e desposa outra, comete adultério; e que aquele que desposa a mulher que outro despediu também comete adultério". (*MATEUS*, 19:3 a 9.)*

2. Só o que vem de Deus é imutável. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudanças. As Leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem, mas as condições que regulam essa união são de tal modo humanas que não há no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente as mesmas, e nenhuma onde não hajam sofrido mudanças, com o passar do tempo. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério em outro

país e em outra época, uma vez que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, e esses interesses variam segundo os costumes e as necessidades locais. É assim, por exemplo, que em certos países o casamento religioso é o único legítimo; em outros é necessário, além desse, o casamento civil; em outros, finalmente, basta o casamento civil.

3. Mas, na união dos sexos, ao lado da Lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra Lei divina, imutável como todas as Leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transmitisse aos filhos, e que fossem dois, e não somente um, a amá-los, a cuidá-los e a fazê-los progredir. Nas condições habituais do casamento, a lei de amor é levada em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que se atraem um para o outro por sentimentos recíprocos, visto que, na maioria das vezes, essa afeição é rompida. O que se busca não é a satisfação do coração, e sim a do orgulho, da vaidade, da cupidez; numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai bem, segundo esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem abastecidas, diz-se que os esposos estão igualmente harmonizados e devem ser muito felizes.

Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela determina podem suprir a lei de amor, se esta lei não preside à união, resultando, frequentemente, *que aquilo que foi unido pela força se separa por si mesmo*; que o juramento feito ao pé do altar torna-se um perjúrio, se pronunciado como fórmula banal. Daí as uniões infelizes, que acabam por se tornarem criminosas; dupla desgraça que se evitaria se, ao se

estabelecerem as condições do matrimônio, não se fizesse abstração da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: “Não sereis senão uma só carne”, e quando Jesus falou: “Não separeis o que Deus uniu”, essas palavras devem ser entendidas com referência à união segundo a lei imutável de Deus, e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será então supérflua a lei civil e devemos voltar aos casamentos segundo a Natureza? Não, certamente. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil e necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como o selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da Lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da Lei divina derivam dos preconceitos, e não da lei civil. Esses preconceitos, embora ainda vivazes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos dos homens para os males sem conta, as faltas, mesmo os crimes que resultam das uniões contraídas tendo em vista unicamente os interesses materiais. Um dia o homem perguntará a si mesmo se é mais humano, mais caridoso, mais moral, unir, um ao outro, dois seres que não podem viver juntos ou restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

Divórcio

5. O divórcio é lei humana que tem por fim separar legalmente o que já está, de fato, separado. Não é contrário à Lei de Deus, pois

apenas reforma o que os homens fizeram e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a Lei divina. Se fosse contrário a essa Lei, a própria Igreja seria forçada a considerar como prevaricadores aqueles dos seus chefes que, por autoridade própria e em nome da religião, impuseram o divórcio em mais de uma circunstância. E dupla seria aí a prevaricação, porque, nesses casos, o divórcio teve como objetivo unicamente interesses temporais, e não para satisfazer à lei de amor.

Porém, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse Ele: “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu que despedísseis as vossas mulheres?”. Isso significa que, desde o tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única finalidade do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: “no princípio, não foi assim”, isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a Lei de Deus, as uniões, baseadas na simpatia, e não na vaidade e na ambição, não davam motivo ao repúdio.

Jesus vai mais longe: especifica o caso em que o repúdio pode ocorrer, o de adultério. Ora, não existe adultério onde reina sincera afeição recíproca. É verdade que Ele proíbe ao homem desposar a mulher repudiada; deve-se, porém, levar em conta, os costumes e o caráter dos homens daquela época. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação. Querendo abolir um uso bárbaro, precisou de uma penalidade que o substituísse, e a encontrou na desonra que resultaria da proibição de um segundo casamento. Era, de certo modo, uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, devia passar pela prova do tempo.

CAPÍTULO XXIII



Estranha moral

• Odiar pai e mãe • Abandonar pai, mãe e filhos • Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos • Não vim trazer a paz, mas a divisão

Odiar pai e mãe

1. *Uma grande multidão marchava com Jesus. Voltando-se para o povo, Ele disse: "Se alguém vem a mim e não odeia*[27] *a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo a sua própria vida, não poderá ser meu discípulo. E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo". (*Lucas, *14:25 a 27; 33.)*

2. *"Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, não é digno de mim; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, não é digno de mim". (*Mateus, *10:37.)*

3. Certas palavras, aliás muito raras, atribuídas ao Cristo, contrastam de maneira tão estranha com a sua linguagem habitual que, instintivamente, repelimos o seu sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, visto que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto Ele vivia, é de se supor que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, ao passar de uma língua para outra, pode ter sofrido alguma alteração. Bastaria que um erro fosse cometido uma vez, para que os copiadores o repetissem, como acontece frequentemente com relação aos fatos históricos.

O termo *odiar*, nesta frase de Lucas: *Se alguém vem a mim e não*

odeia a seu pai e a sua mãe, está nesse caso. Ninguém teria a ideia de atribuí-la a Jesus. Será, pois, supérfluo discuti-la e, ainda menos, tentar justificá-la. Dever-se-ia, primeiro, saber se Ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se exprimia, a palavra em questão tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de João: "Aquele que *odeia* sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna", é certo que ela não exprime a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e continha muitas palavras com várias significações. Tal é, por exemplo, aquela que, no *Gênesis*, designa as fases da Criação, e que também servia para expressar simultaneamente um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, a sua tradução pelo termo *dia* e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal, também, a palavra com que se designava um *camelo* e um *cabo*, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo. Esta a razão de a haverem traduzido pelo termo *camelo*, na alegoria do buraco de uma agulha. (Ver capítulo XVI, item 2.)[28]

É necessário, aliás, levar-se em consideração os costumes e o caráter dos povos, pela influência que exercem sobre o gênio particular de seus idiomas. Sem esse conhecimento, escapa o sentido verdadeiro de certas palavras. De uma língua para outra, o mesmo termo se reveste de maior ou menor energia. Em uma pode ser uma injúria ou uma blasfêmia, e em outra ser uma palavra insignificante, conforme a ideia que sugira. Na mesma língua, algumas palavras perdem seu valor com o passar dos séculos. É por isso que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento e que, para ser exata, deve empregar, às vezes, não termos correspondentes, mas outros equivalentes ou perífrases.

Estas notas encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se não se tiver em conta o meio em que Jesus vivia, fica-se exposto a equívocos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito que se tem de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, é preciso afastar o termo *odiar* da sua acepção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus. (Veja-se também o cap. XIV, item 5 e seguintes.)

Abandonar pai, mãe e filhos

4. *Aquele que houver deixado, pelo meu nome, sua casa, os seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo isso e terá por herança a vida eterna. (*MATEUS*, 19:29.)*

5. *Então, disse-lhe Pedro: "Quanto a nós, vês que tudo deixamos e te seguimos". — Jesus lhe observou: "Digo-vos, em verdade, que ninguém deixará, pelo Reino de Deus, sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba, já neste mundo, muito mais, e no século vindouro a vida eterna". (*LUCAS*, 18:28 a 30.)*

6. *Disse-lhe outro: "Senhor, eu te seguirei, mas permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa". — Jesus lhe respondeu: "Quem quer que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás, não está apto para o Reino de Deus". (*LUCAS*, 9:61 e 62.)*

Sem discutir as palavras, deve-se aqui procurar o pensamento, que era, evidentemente, este: "Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas", porque esse pensamento está de acordo com a essência da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renunciação à família seria a negação dessa doutrina.

Não temos, aliás, sob os olhos a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família pela pátria? Censura-

se um filho por deixar o pai, a mãe, os irmãos, a mulher e os filhos para marchar em defesa do seu país? Não se lhe reconhece, ao contrário, grande mérito em arrancar-se às doçuras do lar doméstico, das expansões de amizade, para cumprir um dever? Há, pois, deveres que se sobrepõem a outros deveres. A lei não impõe à filha a obrigação de deixar os pais, para acompanhar o esposo? Multiplicam-se no mundo os casos em que são necessárias as mais penosas separações. Entretanto, nem por isso as afeições se rompem. O afastamento não diminui o respeito nem a solicitude do filho para com os pais, nem a ternura destes em relação aos filhos. Vê-se, portanto, que mesmo tomadas ao pé da letra, excetuando o termo *odiar*, aquelas palavras não seriam uma negação do mandamento que prescreve ao homem honrar a seu pai e a sua mãe, nem do afeto paternal; com mais forte razão, não o seriam, se tomados segundo o espírito. Elas tinham por objetivo mostrar, através de uma hipérbole, quão imperioso é para a criatura o dever de ocupar-se com a vida futura. Aliás, tais palavras deviam ser pouco chocantes para um povo e numa época em que, como consequência dos costumes, os laços de família tinham menos força do que no seio de uma civilização moral mais adiantada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso, tanto entre as famílias como entre as raças, pois elas degeneram se não houver cruzamento, se não se mesclarem umas com as outras. É uma Lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral, quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são consideradas apenas do ponto de vista terreno. O Espiritismo faz com que as vejamos de mais alto, ao nos mostrar que os verdadeiros laços de afeição são os do Espírito, e não os do corpo;

que aqueles laços não se desfazem pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se robustecem na vida espiritual, pela depuração do Espírito, verdade consoladora que dá à criatura uma grande força para suportar as vicissitudes da vida. (Cap. IV, item 18; cap. XIV, item 8.)[29]

Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

*7. Disse a outro: "Segue-me"; e o outro respondeu: "Senhor, permite que, primeiro, eu vá enterrar meu pai". — Jesus lhe retrucou: "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus". (*Lucas*, 9:59 e 60.)*

8. Que podem significar estas palavras? "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos?" As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram pronunciadas, não podiam exprimir censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Têm, no entanto, um sentido mais profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar compreensível.

A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é transitória e passageira, espécie de morte, se comparada ao esplendor e atividade da vida espiritual. O corpo não passa de vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em libertar-se. O respeito que se consagra aos mortos não se prende à matéria, mas ao Espírito ausente, mediante a lembrança que dele guardamos. É análogo àquele que se tem pelos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas

guardam como relíquias. Era isso que aquele homem não podia compreender por si mesmo. Jesus então lhe ensinou, dizendo: “Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o Céu, pois somente lá transcorre a verdadeira vida”.

Não vim trazer a paz, mas a divisão

> ***9.*** *Não penseis que Eu tenha vindo trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; pois vim causar divisão entre o filho e seu pai, entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa. (*Mateus*, 10:34 a 36.)*
>
> ***10.*** *Vim para lançar fogo à Terra; e o que é que desejo senão que ele se acenda? Tenho de ser batizado com um batismo e quanto me sinto apressado de que ele se cumpra!*
>
> *Julgais que Eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, Eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; porque de hoje em diante, se se acharem numa casa cinco pessoas, estarão elas divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra. (*Lucas*, 12:49 a 53.)*

11. Será mesmo possível que Jesus, a personificação da doçura e da bondade, logo Ele que não cessou de pregar o amor ao próximo, haja dito: “Não vim trazer a paz, mas a espada; vim causar divisão entre o filho e seu pai, entre o esposo e a esposa; vim lançar fogo à Terra e tenho pressa de que ele se acenda?”. Tais palavras não estarão em flagrante contradição com os seus ensinos? Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi Ele mesmo quem as pronunciou, e elas dão testemunho da sua alta sabedoria. Apenas a forma, um tanto equívoca, não exprime com exatidão o seu pensamento, o que fez com que muitas pessoas se

enganassem quanto ao verdadeiro sentido delas. Tomadas ao pé da letra, tenderiam a transformar a sua missão, inteiramente pacífica, noutra de perturbação e discórdia, consequência absurda, que o bom senso repele, uma vez que Jesus não podia desmentir-se. (Cap. XIV, item 6.)

12. Toda ideia nova encontra forçosamente oposição e não há uma só que se tenha estabelecido sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados *previstos*, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se a julgam sem consequência, ninguém se alarma e deixam-na passar, certos de que lhe falta vitalidade. Se, porém, é verdadeira, se está assentada em bases sólidas, se lhe preveem o futuro, um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.

Assim, a medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra na emoção que o seu aparecimento provoca, na violência da oposição que desperta, bem como no grau e na persistência da cólera de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Por isso o fizeram morrer, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro vilarejo da Judeia, foi plantar a sua bandeira na própria capital do mundo pagão, em face dos seus mais

encarniçados inimigos, daqueles que tinham mais interesse em combatê-la, porque subvertia crenças seculares a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Lutas das mais terríveis esperavam aí por seus apóstolos. As vítimas foram inumeráveis, mas a ideia cresceu sempre e triunfou, porque, como verdade, superava as suas antecessoras.

14. É de notar-se que o Cristianismo surgiu quando o paganismo já havia entrado em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado *pro forma*; a crença, porém, havia desaparecido; apenas o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é tenaz; jamais cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais convincentes são os raciocínios que lhe são opostos e quanto mais demonstram o erro em que incorrem. Sabe perfeitamente que está errado, mas isso não o abala, porque não possui na alma a verdadeira fé. O que mais teme é que a luz abra os olhos dos cegos; esse erro lhe é proveitoso, razão por que se agarra a ele e o defende.

Sócrates não ensinara também uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo? Por que, então, não prevaleceu naquela época, no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra? É que ainda não chegara o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o paganismo ainda não se achava *gasto*. O Cristo recebeu a sua missão providencial no tempo apropriado. Embora nem todos os homens de sua época estivessem à altura das ideias cristãs, havia entre eles uma aptidão mais geral para as assimilar, pois já começavam a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os espíritos. (Veja-se, na *Introdução*, o item IV: Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, veladas, na maior parte das vezes, pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí surgirem numerosas seitas desde o início, pretendendo todas a posse exclusiva da verdade e não tendo bastado dezoito séculos para pô-las de acordo. Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos, aquele que Jesus colocou como pedra angular do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, aquelas seitas anatematizaram-se reciprocamente, arremeteram-se umas contra as outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos que eram, fizeram-se perseguidores. Foi com ferro e fogo que plantaram a cruz do Cordeiro sem mácula nos dois mundos. É fato constatado que as guerras de religião foram mais cruéis e fizeram mais vítimas do que as guerras políticas, e que em nenhuma outra guerra se praticaram tantos atos de atrocidade e de barbárie.

Cabe a culpa à doutrina do Cristo? Não, decerto, pois ela condena formalmente toda violência. Disse Ele alguma vez a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não crerem como vós? Não; o que, ao contrário, lhes disse, foi: “Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos persigam”. Disse-lhes também: “Quem matar com a espada perecerá pela espada”. A responsabilidade, portanto, não cabe à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram falsamente e a transformaram num instrumento a serviço de suas paixões; cabe aos que desprezaram estas palavras: “Meu Reino não é deste mundo”.

Em sua profunda sabedoria, Jesus previa o que ia acontecer, mas essas coisas eram inevitáveis, porque decorriam da própria inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se repentinamente. Era preciso que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos, para mostrar toda a sua força, porque, apesar de todo o mal cometido em seu nome, Ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa. As censuras sempre recaíram sobre aqueles que abusaram dele. A cada ato de intolerância, sempre se disse: se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não teria acontecido.

16. Quando Jesus diz: "Não creiais que Eu tenha vindo trazer a paz, mas sim a divisão", seu pensamento era este:

"Não creiais que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não terão querido compreender-me. Os irmãos, separados por suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para livrá-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as ervas más, e tenho pressa de que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito a verdade sairá triunfante. À guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, Eu vos enviarei o *Consolador*, *o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas*, isto é, que dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim

compreender, porá fim à luta fratricida que divide os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que traz consigo unicamente a desolação e a perturbação até o seio das famílias, os homens reconhecerão onde estão os seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranquilidade deles. Todos então se abrigarão sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado".

17. O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele se defronta com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições. Também ele, portanto, tem de combater, mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas já passou; são todas de ordem moral as que terá de sofrer, e o fim de todas elas se aproxima. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, jorra sobre todos os pontos do globo e abrirá mais depressa os olhos aos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se com referência às cóleras que Ele previa que a sua doutrina suscitaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se estabelecer, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens e não dele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise

salutar, removendo os maus humores do doente.

---

27 N.T.: As traduções de J. Ferreira de Almeida, Antônio Pereira de Figueiredo e Matos Soares substituem, com grande acerto, o verbo *odiar* pelo verbo *aborrecer*, consagrando sentido mais adequado ao pensamento de Jesus e à lógica da Codificação Espírita.

28 **Nota do Sr. Pezzani:** *Non odit*, em latim: *Kaï* ou *miseï* em grego, não quer dizer *odiar*, mas *amar menos*. O que o verbo grego *miseïn* exprime, o verbo hebreu, do qual Jesus deve ter se servido, o exprime melhor ainda. Esse verbo não significa apenas *odiar*, mas também *amar menos*, *não amar igualmente, tanto quanto a um outro*. No dialeto siríaco, do qual, dizem, Jesus usava com mais frequência, essa significação é ainda mais acentuada. É nesse sentido que foi dito no *Gênesis* (29:30 e 31): "E Jacó amou também mais a Raquel do que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era *odiada*..." É evidente que o verdadeiro sentido aqui é: *menos amada*. Assim se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas e, sobretudo, siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de *não amar tanto quanto a outro*, de sorte que seria contrassenso traduzi-lo por *odiar*, que tem outra acepção bem determinada. O texto de Mateus, aliás, afasta toda a dificuldade.

29 N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 375.

CAPÍTULO XXIV



Não ponhais a candeia debaixo do alqueire

• Candeia sob o alqueire. Por que Jesus fala por parábolas • Não procureis os gentios • Não são os que gozam de saúde que precisam de médico • Coragem da fé • Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á

Candeia sob o alqueire. Por que Jesus fala por parábolas

1. *Ninguém acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire; põe-na, ao contrário, sobre o candeeiro, a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. (*Mateus*, 5:15.)*

2. *Não há ninguém que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso, ou a ponha debaixo da cama; põe-na sobre o candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz; pois nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido e de aparecer publicamente. (*Lucas*, 8:16 e 17.)*

3. *Aproximando-se, disseram-lhe os discípulos: "Por que lhes falas por parábolas?" — Respondendo-lhes, disse Ele: "É porque, a vós outros, foi dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles, isso não lhes foi dado. Falo-lhes por parábolas, porque, vendo, não veem e, ouvindo, não escutam e não compreendem. E neles se cumprirá a profecia de Isaías, que diz: 'Ouvireis com os vossos ouvidos e não escutareis; olhareis com os vossos olhos e não vereis. Porque, o coração deste povo se tornou pesado, e seus ouvidos se tornaram surdos e fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, para que seu coração não compreenda e para que, tendo-se convertido, Eu não os cure'". (*Mateus*, 13:10 a 11; 13 a 15.)*

4. É de causar admiração ouvir Jesus dizer que não se deve colocar a luz debaixo do alqueire, quando Ele próprio oculta

constantemente o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que nem todos podem compreender. Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: “Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Seria, pois, inútil dizer-lhes tudo, por enquanto. Digo-o, porém, a vós, porque vos foi dado compreender estes mistérios”. Agia, portanto, com o povo, como se faz com crianças, cujas ideias ainda não se desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem possam vê-la”. Isto não significa que se deva revelar inconsideradamente todas as coisas. Todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem é dirigido, pois há pessoas a quem uma luz por demais viva deslumbraria, sem as esclarecer.

Dá-se com os homens, em geral, o que se dá em particular com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua maturidade. Cada coisa deve vir a seu tempo; a semente lançada à terra, fora da estação, não germina. Mas o que a prudência manda calar, momentaneamente, cedo ou tarde será descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; a obscuridade lhes pesa. Tendo-lhes Deus outorgado a inteligência para compreenderem e se guiarem por entre as coisas da Terra e do Céu, eles querem raciocinar sobre sua fé. É então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, visto que, *sem a luz da razão, a fé se enfraquece*. (Cap. XIX, item 7.)

5. Se, pois, em sua previdente sabedoria, a Providência não revela as verdades senão gradualmente, sempre as desvenda à medida que a Humanidade está amadurecida para recebê-las. Ela as mantém de

reserva, e não sob o alqueire. Os homens, porém, ao se apoderarem das verdades, quase sempre as ocultam do vulgo com o intento de o dominarem. São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. É por isso que quase todas as religiões têm tido seus mistérios, cujo exame proíbem. Todavia, ao passo que essas religiões iam ficando para trás, a Ciência e a inteligência avançaram e romperam o véu misterioso. Havendo-se tornado adulto, o vulgo quis penetrar o fundo das coisas e eliminou de sua fé o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos e Jesus está com a razão quando diz que nada há secreto que não venha a ser conhecido. Tudo o que se acha oculto será descoberto um dia e o que o homem não pode ainda compreender na Terra lhe será sucessivamente desvendado, em mundos mais adiantados, quando se houver purificado. Aqui na Terra ele ainda se encontra em pleno nevoeiro.

6. É de perguntar-se: que proveito o povo podia tirar dessa multidão de parábolas, cujo sentido lhe era oculto? Note-se bem que Jesus somente se exprimiu por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas da sua Doutrina. Mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade condições básicas da salvação, tudo o que disse a esse respeito é inteiramente claro, explícito e sem ambiguidade. Assim devia ser, porque era a regra de conduta, regra que todos tinham de compreender para poderem observá-la. Era o essencial para a multidão ignorante, à qual Ele se limitava a dizer: “Eis o que é preciso fazer para ganhar o Reino dos céus”. Sobre as outras partes, Ele desenvolvia o seu pensamento apenas aos discípulos. Por serem eles mais adiantados, moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los no conhecimento de verdades mais abstratas. Foi por isso

que Ele disse: *Aos que já têm, ainda mais se dará*. (Cap. XVIII, item 15.)

Entretanto, mesmo com os apóstolos, conservou-se impreciso acerca de muitos pontos, cuja completa compreensão ficava reservada aos tempos futuros. Foram esses pontos que deram margem às mais diversas interpretações, até que a Ciência, de um lado, e o Espiritismo, de outro, revelassem as novas Leis da Natureza, tornando compreensível o seu verdadeiro sentido.

7. Hoje, o Espiritismo projeta luz sobre uma porção de pontos obscuros. Entretanto, não a lança inconsideradamente. Em suas instruções, os Espíritos procedem com admirável prudência. Só abordam as diversas partes já conhecidas da Doutrina de modo gradual e sucessivo, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade. Se a houvessem apresentado completa desde o início, ela só se teria mostrado acessível a reduzido número de pessoas; teria mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-lo, prejudicando assim a sua propagação. Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios reservados a alguns privilegiados, nem porque eles coloquem a candeia debaixo do alqueire, mas porque cada coisa tem de vir no momento oportuno. Os Espíritos deixam que cada ideia tenha tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra, a fim de que os *acontecimentos tenham tempo de preparar a sua aceitação*.

Não procureis os gentios

8. *Jesus enviou seus doze apóstolos, depois de lhes ter dado as seguintes instruções: Não*

*procureis os gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos. Ide, antes, em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares onde fordes, pregai, dizendo que o Reino dos céus está próximo. (*MATEUS*, 10:5 a 7.)*

9. Em muitas circunstâncias, Jesus dá provas de que suas vistas não se circunscrevem ao povo judeu, mas que abrangem a Humanidade inteira. Se, pois, diz a seus apóstolos para não procurarem os pagãos, não é que desdenhe da conversão deles, o que seria pouco caridoso, mas porque os judeus, que acreditavam na unidade de Deus e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, a receber a sua palavra. Como aos pagãos faltasse a própria base, tudo estava por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa. Foi por isso que lhes disse: "Ide em busca das ovelhas transviadas de Israel", isto é, ide semear em terreno já lavrado. Jesus sabia que a conversão dos gentios se daria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, os apóstolos foram plantar a cruz no centro mesmo do paganismo.

10. Essas palavras podem ser aplicadas aos adeptos e aos propagadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. Que os espíritas, a exemplo dos apóstolos, procurem, primeiramente, fazer prosélitos entre os homens de boa vontade, entre os que desejam a luz, nos quais se encontra um germe fecundo e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir, e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se compraza na treva, pois assim estaremos aumentando, em maior proporção, o número dos sustentadores da causa. Deixar os outros em paz não é dar mostra de indiferença, mas de boa política.

Chegará a vez deles, quando estiverem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa incessantemente repetida à sua volta. Aí, julgarão que aceitam a ideia voluntariamente, por impulso próprio, e não por pressão de outrem. Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar antes da estação apropriada, nem em terreno não preparado. É por isso que se deve esperar o tempo propício e cultivar primeiramente as que germinam, para não acontecer que as outras abortem, em virtude de um cultivo intenso demais.

Na época de Jesus, e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo era circunscrito e localizado. A casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e se espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda a parte e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são um povo, mas uma opinião que se encontra em toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como o Cristianismo triunfou sobre o paganismo. Já não são combatidos com armas de guerra, mas com a força da ideia.

Não são os que gozam de saúde que precisam de médico

11. *Estando Jesus à mesa em casa desse homem (Mateus), vieram aí ter muitos publicanos e gente de má vida, que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; o que fez que os fariseus, notando-o, dissessem aos discípulos: "Por que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida?" — Tendo-os ouvido, disse-lhes Jesus: "Não são os que gozam de saúde que precisam de médico". (*MATEUS*, 9:10 a 12.)*

12. Jesus se dirigia principalmente aos pobres e aos deserdados,

porque são os que mais necessitam de consolações; aos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem para ver, e não aos orgulhosos, que julgam possuir toda a luz e de nada precisar. (Veja-se *Introdução*, itens Publicanos, Portageiros.)

Essas palavras, como tantas outras, encontram a sua aplicação no Espiritismo. Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas e capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que uma faculdade tão preciosa deveria ser atributo exclusivo das de maior merecimento.

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que todo homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, não há nenhuma faculdade de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, haveria mais mudos do que pessoas aptas a falar. Deus concedeu faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas sempre pune o que delas abusa.

Se o poder de comunicar com os Espíritos só fosse concedido aos mais dignos, quem ousaria pretendê-lo? Onde, aliás, estaria o limite da dignidade e da indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos para fortalecê-los no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar do lamaçal? Os Espíritos bons lhe vêm em auxílio e os conselhos que recebe diretamente são capazes de impressioná-lo de

modo mais vivo, do que se os recebesse por caminhos indiretos. Deus, em sua bondade, coloca a luz nas suas mãos, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe. Ele não será bem mais culpado, se não quiser vê-la? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo tiver escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciado com a própria boca a sua condenação? Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão de sua faculdade, da qual se apoderam os Espíritos maus para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma *aptidão* para servir de instrumento mais ou menos maleável aos Espíritos em geral. O bom médium, pois, não é o que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos Espíritos bons e somente deles recebe assistência. É unicamente neste sentido que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

Coragem da fé

13. *Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, Eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos Céus; e aquele que me renegar diante dos homens, também Eu o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus. (*MATEUS*, 10:32 e 33.)*

14. *Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos. (*LUCAS*, 9:26.)*

15. A coragem de opinião sempre foi tida em grande estima entre

os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de todo o mundo. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcional às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em alguém recuar diante das consequências de sua opinião e em renegá-la, mas há casos em que isso constitui covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

Jesus hostilizou essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhar de suas palavras, desse também Ele se envergonhará; que renegará aquele que o tiver renegado; que reconhecerá, perante o Pai que está nos Céus, aquele que o confessar diante dos homens. Em outras palavras: *aqueles que tiverem medo de se confessarem discípulos da verdade não são dignos de serem admitidos no reino da verdade*. Perderão o benefício de sua fé, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que proclamam a verdade abertamente, colocando-a acima de seus interesses materiais, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo futuro dos outros.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Já que a doutrina que professam não é outra senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Lá eles colherão os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a

vida, perdê-la-á

17. *Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem e separarem, quando vos tratarem injuriosamente e repelirem como mau o vosso nome, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos nesse dia, e exultai, porque grande recompensa vos está reservada no Céu, visto que era assim que seus pais tratavam os profetas. (*LUCAS*, 6:22 e 23.)*

18. *Chamando o povo e os discípulos para perto de si, disse-lhes: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me; pois aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará". — Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo? (*MARCOS*, 8:34 a 36;* LUCAS*, 9:23 a 25;* MATEUS*, 10:38 e 39;* JOÃO*, 12:25 e 26.)*

19. "Alegrai-vos", diz Jesus, "quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no Céu". Essas palavras podem ser traduzidas assim: Felizes sereis quando os homens, pela má vontade com que tiverem agido convosco, vos propiciem ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porque o mal que vos façam redundará em proveito vosso. Lamentai-lhes a cegueira, e não os amaldiçoeis.

Depois, acrescenta: "Aquele que quiser seguir-me, carregue sua cruz", isto é, suporte corajosamente as tribulações que a sua fé lhe acarretar, pois aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando a mim, perderá as vantagens do Reino dos céus, ao passo que aqueles que tiverem perdido tudo neste mundo, até mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação. Mas, aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: "Já recebestes a vossa recompensa".

CAPÍTULO XXV



Buscai e achareis

• Ajuda-te, que o Céu te ajudará • Olhai os pássaros do céu • Não vos inquieteis pela posse do ouro

Ajuda-te, que o Céu te ajudará

1. *Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei à porta e ela vos será aberta; porquanto quem pede recebe e quem procura acha, e àquele que bate à porta, ela se abrirá.*

*Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos Céus dê os bens verdadeiros aos que lhe pedirem? (*MATEUS*, 7:7 a 11.)*

2. Do ponto de vista terreno, a máxima: *Buscai e achareis* é semelhante a esta outra: *Ajuda-te, que o Céu te ajudará*. É o princípio da *lei do trabalho* e, por conseguinte, da *lei do progresso*, pois o progresso é filho do trabalho, visto que o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da Humanidade, o homem só aplica a inteligência à procura do alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos. Deus, porém, lhe concedeu, mais do que facultou aos animais, *o desejo incessante do melhor*, e é esse desejo que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição, que o leva às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, pois é a Ciência que proporciona o que lhe falta. Por meio das pesquisas, sua inteligência se engrandece, o moral se depura. Às necessidades do corpo sucedem as do espírito; depois do alimento

material, ele precisa do alimento espiritual. É assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada homem realiza individualmente durante a vida é bem pouca coisa, imperceptível mesmo, em grande número deles. Como, então, a Humanidade poderia progredir, sem a preexistência e a *reexistência* da alma? Se as almas se fossem todos os dias, para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria incessantemente com os elementos primitivos, tendo de fazer tudo, de aprender tudo. Não haveria, pois, razão para que o homem se achasse hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, voltando com o progresso que já realizou e adquirindo de cada vez alguma coisa a mais, a alma passa gradualmente da barbárie à civilização material e desta à civilização moral. (Veja-se cap. IV, item 17.)

3. Se Deus houvesse dispensado o homem do trabalho do corpo, seus membros se teriam atrofiado; se o tivesse dispensado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. É por isso que Ele fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: *Busca e acharás; trabalha e produzirás*. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás o mérito delas e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.

4. É em virtude da aplicação desse princípio que os Espíritos não vêm poupar o homem ao trabalho das pesquisas, trazendo-lhe descobertas e invenções prontas e acabadas, a fim de que ele não se limite a receber o que lhe ponham nas mãos, sem nem mesmo se dar ao trabalho de abaixar-se para apanhar, nem o incômodo de pensar.

Se fosse assim, o mais preguiçoso poderia enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio sem o menor esforço e ambos se atribuírem o mérito do que não fizeram. Não, *os Espíritos não vêm dispensar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás.* Encontrarás pedras sob os teus passos; olha e tira-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXVI, item 291 e seguintes.)

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Pedi a luz que deve iluminar o vosso caminho e ela vos será dada; pedi forças para resistirdes ao mal e a tereis; pedi a assistência dos Espíritos bons e eles virão acompanhar-vos e vos servirão de guia, tal como o anjo de Tobias; pedi bons conselhos e eles jamais vos serão recusados; batei à nossa porta: ela se abrirá para vós, mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade, e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças e caireis, como justo castigo do vosso orgulho.

Tal é o sentido destas palavras: buscai e achareis; batei à porta e ela vos será aberta.

Olhai os pássaros do céu

6. *Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no Céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os comem; porque, onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração.*

Eis por que vos digo: "Não vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida nem de onde tirareis veste para cobrir o vosso corpo. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?"

Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, não guardam em celeiros, mas

vosso Pai celestial os alimenta. Não valeis muito mais do que eles? e qual, dentre vós, o que pode, com todos os seus esforços, aumentar de um côvado a sua estatura?

Por que, também, vos inquietais pelo vestuário? Olhai como crescem os lírios dos campos; não trabalham nem fiam; entretanto, Eu vos declaro que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fornalha, quanto maior cuidado não terá em vos vestir, ó homens de pouca fé!

Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? Ou: que beberemos? Ou: com que nos vestiremos? como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.

*Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não vos inquieteis pelo dia de amanhã, porque o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal. (*MATEUS*, 6:19 a 21; 25 a 34.)*

7. Interpretadas ao pé da letra, essas palavras seriam a negação de toda previdência, de todo trabalho e, por conseguinte, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem se limitaria a esperar passivamente. Suas forças físicas e intelectuais permaneceriam inativas. Se tal fosse a sua condição normal na Terra, o homem nunca teria saído do estado primitivo e, se dessa condição ele fizesse a sua lei para a atualidade, só lhe restaria viver sem fazer coisa alguma. Tal não pode ter sido o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que Ele disse de outras vezes, com as próprias Leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. (Cap. XIV, item 6; cap. XXV, item 2.)

Não se deve, pois, ver nessas palavras mais do que uma poética alegoria da Providência, que nunca abandona os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre socorre materialmente, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade. (Cap. XXVII, item 8.)

Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem. O necessário não lhe basta, precisa do supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Muitas vezes ele se torna infeliz por culpa sua e por haver ignorado a voz da consciência, que o advertia. Nesses casos, Deus permite que o homem sofra as consequências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro. (Cap. V, item 4.)

8. A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo. Quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, como entre as províncias de um mesmo império, o supérfluo momentâneo de um suprirá a insuficiência momentânea do outro, e todos terão o necessário. O rico, então, considerar-se-á como alguém que possui grandes quantidades de sementes; se as espalhar, elas produzirão ao cêntuplo para si e para os outros, mas se comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar que se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. Foi por isso que Jesus disse: “Não acumuleis tesouros na Terra, porque são perecíveis; acumulai-os no Céu, onde são eternos”. Em outros termos, não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais, e sabei sacrificar aqueles em favor destes últimos. (Cap. XVI, item 7 e seguintes.)

Não é com leis que se decreta a caridade e a fraternidade. Se elas não estiverem no coração, o egoísmo sempre as sufocará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

Não vos inquieteis pela posse do ouro

9. *Não vos inquieteis pela posse do ouro nem pela prata, nem por outra moeda em vossos bolsos. Não prepareis alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem sandálias, porque aquele que trabalha merece ser alimentado.*

10. *Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, procurai saber quem é digno de vos hospedar e ficai na sua casa até que partais de novo. Entrando na casa, saudai-a assim: "Que a paz seja nesta casa". Se a casa for digna disso, a vossa paz virá sobre ela; se não o for, a vossa paz voltará para vós.*

*Quando alguém não quiser vos receber, nem escutar vossas palavras, sacudi a poeira dos vossos pés, ao sairdes dessa casa ou dessa cidade. Digo-vos em verdade: "No dia do juízo, Sodoma e Gomorra serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade". (*MATEUS*, 10:9 a 15.)*

11. Essas palavras que Jesus dirigiu a seus apóstolos, quando os mandou anunciar, pela primeira vez, a Boa Nova, nada tinham de estranhável naquela época. Estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, em que o viajor encontrava sempre acolhida na tenda, mas, então, os viajantes eram raros. Entre os povos modernos, o desenvolvimento da circulação criou novos hábitos. Só se encontram costumes de tempos antigos em países longínquos, em que o grande movimento ainda não penetrou. Se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer a seus apóstolos: "Ponde-vos a caminho sem provisões".

Ao lado do sentido próprio, essas palavras guardam um sentido moral muito profundo. Assim falando, Jesus ensinava a seus discípulos que confiassem na Providência. Depois, como nada tinham, não despertariam cobiça nos que os recebessem. Era um meio de distinguirem os caridosos dos egoístas. Foi por isso que lhes disse: "Procurai saber quem é digno de vos hospedar", ou seja, quem é bastante humano para albergar o viajante que não tem com que pagar, porque esses são dignos de escutar as vossas palavras. É pela caridade

deles que os reconhecereis.

Quanto àqueles que não quisessem recebê-los nem ouvi-los, Jesus, porventura, recomendou aos apóstolos que os amaldiçoassem, que se impusessem a eles, que usassem de violência e de constrangimento para os converterem? Não; mandou pura e simplesmente que fossem a outros lugares, à procura de pessoas de boa vontade.

O mesmo diz hoje o Espiritismo a seus adeptos: não violenteis consciência alguma; não obrigueis ninguém a deixar a sua crença para adotar a vossa; não lanceis anátema sobre os que não pensam como vós; acolhei os que venham a vós e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora o Céu era tomado com violência; hoje é conquistado pela brandura. (Cap. IV, itens 10 e 11.)

CAPÍTULO XXVI



Dai de graça o que de graça recebestes

• Dom de curar • Preces pagas • Mercadores expulsos do templo • Mediunidade gratuita

Dom de curar

1. *Restitui a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes. (*MATEUS*, 10:8.)*

2. "Dai de graça o que de graça recebestes", diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, Ele prescreve que ninguém deve cobrar por algo que não custou coisa alguma. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os Espíritos maus. Esse dom lhes havia sido dado gratuitamente por Deus, para alívio dos que sofrem e para ajudar na propagação da fé. Jesus recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

Preces pagas

3. *Disse em seguida a seus discípulos, diante de todo o povo que o escutava: "Tende cuidado com os escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; que, a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa". (*LUCAS*, 20:45 a 47;* MARCOS*, 12:38 a 40;* MATEUS*, 23:14.)*

4. Jesus também disse: não cobreis pelas vossas preces; não façais como os escribas que, "a pretexto de longas preces, *devoram as casas das viúvas*", isto é, apropriam-se das fortunas. A prece é um ato

de caridade, um impulso do coração. Cobrar a prece que se dirige a Deus em favor de outro, é transformar-se em intermediário assalariado. Nesse caso, a prece passa a ser uma fórmula, cujo preço é proporcional ao tempo que dure para ser proferida. Ora, de duas, uma: Deus mede ou não mede suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las pouco, ou quase nada, por aquele que não pode pagar? É falta de caridade. Se uma só é suficiente, o excesso é inútil. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Por que, então, alguém que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez não produza nenhum resultado? Deus não pode subordinar um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que se solicite da sua misericórdia, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom senso e a lógica dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas, o direito de estabelecer preço para a sua justiça. A Justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, tanto para o pobre como para o rico. Assim como se considera imoral traficar com as graças de um soberano, porventura seria lícito fazer comércio com as do soberano do Universo?

As preces pagas têm ainda outro inconveniente: aquele que as compra se julga, na maioria das vezes, dispensado de orar ele próprio, já que se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos são tocados pelo fervor do pensamento de quem se interessa por eles. Qual pode ser o fervor daquele que incumbe um terceiro do encargo de orar por ele, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro,

quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

Mercadores expulsos do templo

> ***5.*** *Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombos; e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Ao mesmo tempo os instruía, dizendo: "Não está escrito: 'Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações?' Entretanto, fizestes dela um covil de ladrões!" — Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam meio de o perderem, porque o temiam, pois o povo estava maravilhado pela sua doutrina. (*MARCOS*, 11:15 a 18;* MATEUS*, 21:12 e 13.)*

6. Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas *sob qualquer forma*. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no Reino dos céus. Portanto, o homem não tem o direito de cobrá-los.

Mediunidade gratuita

7. Os médiuns modernos — pois os apóstolos também tinham mediunidade — igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, visto que não são fruto de *suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais*. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique deserdado dela e possa dizer: não tive fé, porque não pude pagá-la; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles que choro, porque sou pobre. É por isso que a mediunidade não é um privilégio e se encontra por toda parte. Cobrar

por ela seria, pois, desviá-la do seu objetivo providencial.

8. Quem conhece as condições em que os Espíritos bons se comunicam, a repulsa que sentem por tudo o que é de interesse egoísta, e sabe quão pouco é preciso para os afastar, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos ou que nos são caros? Sem dúvida é possível obter-se manifestações desse modo; quem, porém, garantiria a sua sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a malta de Espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, sempre comparecem, prontos a responder ao que lhes é perguntado, sem se preocuparem com a verdade. Aquele, pois, que deseje comunicações sérias, deve, primeiro, pedi-las com seriedade e, em seguida, inteirar-se sobre a natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se conquistar a benevolência dos Espíritos bons é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse *moral e material.*

9. Ao lado da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que se prende à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, sendo logo identificada com os ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo material a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, com cuja perenidade ninguém pode contar. Seria, pois, para o explorador uma fonte absolutamente incerta de receitas, que pode lhe faltar no momento em

que mais precise dela. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho, e que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual naturalmente se permite ao seu possuidor tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte nem um talento, razão pela qual não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício se anula. É por isso que não há no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de um fenômeno espírita em dado momento. Portanto, explorar a mediunidade é dispor de uma coisa da qual não se é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a pessoa que paga. Há mais: não é de *si próprio* que o explorador dispõe, mas do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja-se, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXVIII; *O céu e o inferno*, Primeira parte, cap. XI.)

10. A mediunidade é uma coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos Espíritos bons: não tem o direito de vendê-los. Jesus e os apóstolos, embora pobres, nada cobravam pelas

curas que operavam. Aquele, pois, que não tem do que viver, procure recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que possa dispor materialmente. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifício, ao passo que se afastam dos que fazem deles um trampolim por onde possam subir.

CAPÍTULO XXVII



Pedi e obtereis

• Qualidades da prece • Eficácia da prece • Ação da prece. Transmissão do pensamento • Preces inteligíveis • Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores • *Instruções dos Espíritos:* Maneira de orar – Felicidade que a prece proporciona

Qualidades da prece

1. *Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.*

*Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que é pela multiplicidade das palavras que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lhe peçais. (*MATEUS*, 6:5 a 8.)*

2. *Quando vos apresentardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos Céus, também vos perdoe os pecados. Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos Céus, também não vos perdoará os pecados. (*MARCOS*, 11:25 e 26.)*

3. *Disse também esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como justos, e desprezavam os outros:*

Dois homens subiram ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano. O fariseu, mantendo-se de pé, orava assim, consigo mesmo: "Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo".

O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: "Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um

pecador”.

*Declaro-vos que este voltou para a sua casa justificado, e o outro não; porque, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado. (*LUCAS*, 18:9 a 14.)*

4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz Ele, não vos ponhais em evidência, mas orai em segredo. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, e não as vossas qualidades; se vos comparardes aos outros, procurai o que há de mau em vós. (Cap. X, itens 7 e 8.)

Eficácia da prece

5. *Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e vos será concedido o que pedirdes. (*MARCOS*, 11:24.)*

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, baseando-se no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, é supérfluo expô-las a Ele. Acrescentam ainda que, como tudo se encadeia no Universo por leis eternas, as nossas súplicas não podem mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma há leis naturais e imutáveis que Deus não pode derrogar ao capricho de cada um, mas, daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se fosse assim, o homem não passaria de um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe restaria curvar a cabeça sob o golpe de todos os acontecimentos, sem

procurar evitá-los; não deveria tentar desviar-se do raio. Deus não lhe deu a razão e a inteligência para que não as utilizasse; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Como o homem é livre para agir num sentido ou em outro, seus atos acarretam, a ele e às demais pessoas, consequências subordinadas ao que ele faz ou não faz. Há, portanto, por iniciativa dele, acontecimentos que forçosamente escapam à fatalidade e que não destroem a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Deus pode, pois, consentir com certos pedidos, sem derrogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade.

7. Seria ilógico concluir desta máxima: "Seja o que for que peçais na prece, crede que vos será concedido", que basta pedir para obter, como seria injusto acusar a Providência se não atender a toda súplica que lhe é feita, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para o nosso bem. É assim que procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. O homem, em geral, só vê o presente. Ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus concederá ao homem, se ele lhe pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. Também lhe concederá os meios de se livrar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará que os Espíritos bons lhe sugiram, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assiste os que se ajudam a si mesmos, conforme esta máxima: "Ajuda-te, que o Céu te ajudará", e não os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das próprias

faculdades. Entretanto, na maioria das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por um milagre, sem nada fazer de sua parte. (Cap. XXV, item 1 e seguintes.)

8. Tomemos um exemplo. Um homem está perdido no deserto. Sofre de sede terrível; sente-se desfalecer, cai por terra. Pede a Deus que o assista e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Entretanto, um Espírito bom lhe *sugere* a ideia de levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si. Então, por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato. Ao divisá-lo, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: "Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspiraste e pela força que me deste". Se não tem fé, dirá: "Que boa ideia *eu tive*! Que *sorte* a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente! Quanto me felicito pela *minha* coragem e por não me ter deixado abater!"

Mas, dirão, por que o Espírito bom não lhe disse claramente: "Segue este caminho, no fim do qual encontrarás aquilo de que necessitas?" Por que não lhe foi mostrado o caminho, para guiá-lo e sustentá-lo no seu desfalecimento? Dessa maneira o Espírito bom o teria convencido da intervenção da Providência. Em primeiro lugar, para lhe ensinar que cada um deve ajudar-se a si mesmo e fazer uso das próprias forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança que o homem deposita nele e a submissão deste à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, percebendo alguém, se põe a gritar e fica à espera de que venham levantá-la; se não vê ninguém, faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: "Sou enviado

por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo", Tobias não teria tido mérito algum. Fiando-se no seu companheiro nem mesmo teria precisado pensar. Foi por isso que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.

Ação da prece. Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação. Por intermédio dela o homem entra em comunicação, pelo pensamento, com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outros, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução de suas vontades; as que se dirigem aos Espíritos bons são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, está recorrendo a intermediários, a intercessores, visto que nada se faz sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, ao explicar o modo de transmissão do pensamento, quer o ser a quem oramos atenda ao nosso apelo, quer apenas lhe chegue o nosso pensamento. Para compreendermos o que se passa em tal circunstância, precisamos imaginar todos os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido universal que ocupa o Espaço, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade; é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao Infinito. Quando, pois, o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na

Terra ou no Espaço, de encarnado para desencarnado, ou de desencarnado para encarnado, estabelece-se uma corrente fluídica entre um e outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que se estabelecem relações a distância entre encarnados.

Essa explicação se dirige principalmente aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por objetivo materializar a prece, mas tornar inteligível os seus efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso essa ação deixa de estar subordinada à vontade de Deus, Juiz supremo em todas as coisas, o único que está apto a torná-la eficaz.

11. Pela prece o homem atrai o concurso dos Espíritos bons, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento; terá o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, porque poderia ter encontrado na prece a força de resistir às tentações.

12. Se dividirmos em duas partes os males da vida, uma constituída dos males que o homem não pode evitar, outra das

tribulações de que ele mesmo é a causa principal, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, item 4), ver-se-á que a segunda excede em grande número a primeira. Torna-se, pois, bastante evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, das quais se pouparia se agisse sempre com prudência e sabedoria.

Não é menos certo que todas essas misérias resultam das nossas infrações às Leis de Deus e que, se as observássemos regularmente, seríamos completamente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não teríamos as doenças que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que essas doenças acarretam. Se puséssemos limites à nossa ambição, não temeríamos a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não recearíamos a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho humilhado; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maledicentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as querelas e dissensões; se não fizéssemos mal a ninguém, não temeríamos as vinganças etc.

Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito libertar-se de todos os que resultam da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, pois ela tem por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, pedir-lhes a força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, *não é o mal que eles afastam; eles apenas desviam de nós o mau pensamento que nos pode causar dano; não contrariam em nada os decretos de Deus nem suspendem o curso das Leis da Natureza, embora impeçam que as infrinjamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio*. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira

oculta, para não subjugar a nossa vontade. O homem se acha então na posição de alguém que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas guardando a liberdade de segui-los ou não. Deus quer que seja assim, para que o homem tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. Eis o que o homem pode estar sempre certo de receber, se pedir com fervor, e é principalmente nesse caso que se podem aplicar estas palavras: “Pedi e obtereis”.

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, já não traria resultados imensos? Estava reservado ao Espiritismo provar-nos a ação da prece, ao nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, contudo, não se limitam aos que acabamos de apontar.

A prece é recomendada por todos os Espíritos. Renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer.

13. Atendendo ao pedido que lhe é feito, Deus muitas vezes tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. É por isso que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, considerando-se que o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que só o sentimento da verdadeira piedade pode dar. Do coração do egoísta, daquele que ora com os lábios, podem sair apenas *palavras*, mas não os impulsos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Isso se compreende tão claramente que, por um impulso instintivo, quem se quer recomendar às preces de outrem dá preferência às preces daqueles cujo proceder deve ser agradável a Deus, pois são mais prontamente ouvidos.

14. Já que a prece exerce uma espécie de ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Mas não é assim que ocorre. Exercendo essa ação sobre os homens, os Espíritos suprem, em caso de necessidade, a insuficiência daquele que ora, seja agindo diretamente *em seu nome*, seja lhe dando momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno desse favor, ou quando ela lhe pode ser proveitosa.

O homem que não se considere suficientemente bom para exercer uma influência salutar, não deve por isso abster-se de orar pelos outros, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade é uma prova de humildade, sempre grata a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem felizes em estimular. A prece que é repelida é a do *orgulhoso, que tem fé em seu poder e em seus méritos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno*.

15. O poder da prece está no pensamento. Não depende de palavras, nem de lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar e do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. *A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e têm o mesmo objetivo*: é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. Mas que importa reunir-se grande número de pessoas, se cada uma atua isoladamente e por conta própria? Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, oram como

verdadeiros irmãos em Deus, de sorte que a prece que dirijam a Deus terá mais força do que a das cem outras. (Cap. XXVIII, itens 4 e 5.)

Preces inteligíveis

> ***16.*** *Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da vossa ação de graça, já que ele não entende o que dizeis? Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela. (*PAULO*, I Coríntios, 14:11, 14, 16, 17.)*

17. A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer àquilo que não se compreende, pois o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de um amontoado de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, é preciso que cada palavra desperte uma ideia; ora, a palavra que não é entendida não pode despertar ideia nenhuma. Será repetida como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam. Muitos oram por dever, alguns, até, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus lê no fundo dos corações; vê o pensamento e a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo. (Cap. XXVIII, item 2.)

Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem pense neles, sentem-se menos abandonados, menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e pode desviar-lhes o pensamento do mal. É nesse sentido que a prece pode não apenas aliviar, como abreviar seus sofrimentos. (Veja-se *O céu e o inferno*, Segunda parte, *Exemplos*.)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo acreditam, a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, de modo que, num e noutro caso, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por alguns instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para pôr-lhes um termo. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos condenados? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os libertar, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado perpetuamente, mesmo quando não haja a mínima esperança de obter-se para ele o perdão, será proibido a uma pessoa caridosa ir carregar seus grilhões para aliviá-lo desse peso? Quando alguém é atacado de mal incurável, dever-se-á abandoná-lo sem lhe proporcionar alívio algum, só porque não há nenhuma esperança de cura para ele? Lembrai-vos de que, entre os condenados, pode achar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho; pelo fato de esse ente não ser perdoado, segundo credes, recusar-lhe-íeis um copo de água para mitigar-lhe a sede? um bálsamo que lhe seque as chagas? Não faríeis por ele o que faríeis por um

condenado? Não lhe daríeis uma prova de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo.

A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, porque Deus, em sua justiça, não pode confundir o bem e o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, seria negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos e dos bons conselhos; seria negar a força que haurimos da assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam numa razão mais enganadora: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; sem isso, o mundo não teria estabilidade. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se e adorá-lo.

Há nessa ideia uma falsa aplicação do princípio da imutabilidade da Lei divina, ou melhor, ignorância da Lei no que diz respeito à penalidade futura. Essa Lei é hoje revelada pelos Espíritos do Senhor, quando o homem já está maduro para compreender o que, em matéria de fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta os remorsos, nem o arrependimento do culpado. Para ele, todo desejo de melhorar-se é inútil: está condenado a permanecer perpetuamente no mal. Se a sua condenação for por determinado tempo, a pena cessará quando o tempo tiver expirado. Mas quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair

da prisão ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que retornou ao bem; no segundo, seria agraciar aquele que continua culpado. A Lei de Deus é mais previdente do que isso. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece nenhuma duração para a pena, seja ela qual for. Ela se resume assim:

21. "O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que não acarrete a sua punição.

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

A duração do castigo é indeterminada, seja qual for a falta; *está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem*. A pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua se a obstinação fosse perpétua; dura pouco, se o arrependimento é imediato.

Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede esperança. Mas não basta o simples pesar do mal causado: é necessária a reparação. Por isso, o culpado é submetido a novas provas, nas quais sempre pode, por sua livre vontade, praticar o bem e reparar o mal que haja feito.

Assim, o homem é constantemente o árbitro da sua própria sorte; pode abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desventura dependem da vontade que tenha de praticar o bem".

Tal é a Lei, Lei *imutável* e conforme à bondade e à Justiça de Deus.

Desse modo, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a

si mesmo: a Lei de Deus lhe diz em que condições pode fazê-lo. O que lhe falta na maioria das vezes é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e o encorajamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes que lhe faltam, *em lugar de pedirmos a Deus que derrogue a sua Lei, tornamo-nos instrumentos para a execução de outra lei, também sua, a de amor e caridade*, da qual Ele nos permite participar, dando a nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se *O céu e o inferno*, Primeira parte, caps. IV, VII, VIII.)

Instruções dos Espíritos

Maneira de orar

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever?

A prece do cristão, do *espírita*, seja qual for o seu culto, deve ser feita logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da Majestade divina com humildade, com profundeza, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até aquele dia; pela noite transcorrida, durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir para junto de seus amigos, de seus guias, para haurir, no contato com eles, mais força e perseverança. A prece deve subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia.

Deve ser profunda, porque é a vossa alma que tem de elevar-se para o Criador, transfigurando-se como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar alva e radiosa de esperança e de amor.

A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais realmente. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que abrevie as vossas provas, que vos dê alegrias e riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como sucede a muitos dentre vós: "Não vale a pena orar, porque Deus não me atende". O que é que pedis a Deus, na maioria dos casos? Pensastes alguma vez em lhe pedir a vossa melhoria moral? Oh! não; bem poucas vezes. O que preferentemente vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos, e tendes exclamado com frequência: "Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não haveria tantas injustiças". Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sempre encontraríeis em vós mesmos o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, pois, antes de tudo, o vosso aprimoramento e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Cap. V, item 4.)

Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, preciseis vos recolher ao vosso oratório ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, seja qual for a natureza deles. Não é um ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade qualquer, moral ou física? Não é fazer um ato de reconhecimento elevardes a Ele o vosso pensamento, quando uma felicidade vos advém, quando evitais um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade vos toca de leve a alma, ao dizerdes em pensamento: *Sede bendito, meu*

Pai?! Não é um ato de contrição vos humilhardes diante do Juiz supremo, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: *Perdoai-me, meu Deus, porque pequei (por orgulho, por egoísmo ou por falta de caridade); dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?*

Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados. Como vedes, a prece pode ser feita em todos os instantes, sem acarretar nenhuma interrupção aos vossos trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais *sois chamados maquinalmente na hora convencional. – V. Monod.* (BORDEAUX, 1862.)

Felicidade que a prece proporciona

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros para vos conceder todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! ah! como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios, pois eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, para vós é a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Marchai, marchai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida ela entra por todos os vossos poros, tão viva e refrescante é a fonte em que se bebe, orando! Doces vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Livres dos desejos carnais, todas as aspirações são divinas. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que passavam em sua alma, embora sob o peso do madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. – SANTO AGOSTINHO. (PARIS, 1861.)

CAPÍTULO XXVIII



Coletânea de preces espíritas

• Preâmbulo • Preces gerais • Preces para si mesmo • Preces pelos outros • Preces pelos que já não são da Terra • Preces pelos doentes e obsidiados

Preâmbulo

1. Os Espíritos sempre disseram: “A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um, segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais o coração em nada tome parte”.

Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas ideias, pois algumas pessoas não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos.

A coletânea de preces contida neste capítulo é uma seleção feita entre as que foram ditadas pelos Espíritos em várias circunstâncias. Eles, sem dúvida, poderiam ter ditado outras, em termos diversos, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais, mas pouco importa a forma, se o pensamento fundamental é o mesmo. O objetivo da prece consiste em elevar nossa alma a Deus; a diversidade das formas não deve estabelecer nenhuma diferença entre os que nele creem, nem,

ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porque Deus as aceita todas, desde que sinceras.

Não se deve, pois, considerar esta coletânea como um formulário absoluto, mas apenas uma variedade entre as instruções que os Espíritos ministram. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração, e não de lábios. Não impõe nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é grande demais para repelir a voz que lhe implora ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo, e não de outro. *Quem quer que lance anátema às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus*. Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade.

Uma condição essencial da prece, segundo Paulo (cap. XXVII, item 16), é que seja inteligível, a fim de que nos possa falar ao espírito. Para isso, não basta que seja dita numa língua que aquele que ora compreenda. Há preces em língua vulgar que não dizem ao pensamento muito mais do que se fossem proferidas em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras ideias que elas contêm quase sempre ficam abafadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são apenas enfeites de lantejoulas. Cada palavra deve ter seu alcance próprio, despertar uma

ideia, mover uma fibra. Numa palavra: *deve fazer refletir*. Somente sob essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo; de outro modo, *não passa de ruído*. Entretanto, notai com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maioria dos casos. Veem-se os lábios a mover-se, mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, reconhece-se, um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma se mantém indiferente.

As preces contidas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: 1ª) Preces gerais; 2ª) Preces para si mesmo; 3ª) Preces pelos vivos; 4ª) Preces pelos mortos; 5ª) Preces especiais pelos doentes e obsidiados.

Com o propósito especial de chamar a atenção sobre o objeto de cada prece, e de tornar mais compreensível o seu alcance, todas vêm precedidas de uma instrução preliminar, de uma espécie de exposição de motivos, sob o título de *prefácio*.

I – Preces gerais

Oração dominical

2. Prefácio. Os Espíritos recomendaram que puséssemos a *Oração dominical* no início desta coletânea, não somente como prece, mas também como símbolo. De todas as preces, é a que eles colocam em primeiro lugar, seja porque procede do próprio Jesus (Mateus, 6:9 a 13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que a ela associamos. É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a forma mais singela, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de

fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de uma pessoa é pedir para ela o que se pediria para si mesmo.

Contudo, em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que encerram as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das pessoas. Por isso, geralmente é dita sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que seja repetida. Ora, quase sempre esse é um dos números cabalísticos: *três*, *sete*, ou *nove*, tomados à antiga crença supersticiosa na virtude dos números e de uso nas operações da magia.

Aconselhado pelos Espíritos e com a assistência deles, aditamos um comentário a cada uma das proposições desta prece, que lhes desenvolve o sentido e mostra as aplicações, a fim de preencher o vazio que a sua concisão deixa na mente. Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, é possível dizer-se a Oração dominical na sua forma *simples* ou na *desenvolvida*.

3. Prece. I. *Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome!*

Cremos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma previdência que ultrapassam todas as faculdades humanas. O nome de um ser soberanamente grande e sábio se acha inscrito em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o pequenino inseto, até os astros que se movem no Espaço. Por toda parte deparamos com a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que não te reconhece nas tuas

obras, orgulhoso aquele que não te glorifica e ingrato aquele que não te rende graças.

II. *Venha a nós o teu Reino!*

Senhor, deste aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as observassem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e se ajudariam mutuamente, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitariam os males que geram os abusos e os excessos de toda ordem. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, pois não há uma só infração delas que não acarrete consequências fatais.

Deste ao bruto o instinto que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma, mas ao homem, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de observar ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe dizem respeito, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com a tua providência paternal, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Aqueles que as violam, é porque te menosprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão; a incredulidade, então, terá desaparecido. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu Reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, concedendo aos

homens a luz necessária para os conduzir ao caminho da verdade.

III. *Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu.*

Se a submissão é um dever do filho com relação ao pai, do inferior para com o superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos divinos. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Então ele fará a tua vontade, na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. *O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje.*

Dá-nos o alimento para a sustentação das forças do corpo; dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso espírito.

O animal encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe disseste: “Tirarás da terra o alimento com o suor do teu rosto”. Desse modo, fizeste do trabalho uma obrigação para o homem, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o trabalho material, outros pelo trabalho intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa vontade que confia em ti, no que se refere ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejaria obter tudo sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo.

(Cap. XXV.)

Quantos e quantos sucumbem pela própria culpa, pela sua incúria, pela sua imprevidência ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do próprio infortúnio e não têm direito de queixar-se, pois são punidos naquilo em que pecaram. Mas nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. Estende-lhes as mãos para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti. (Cap. V, item 4.)

Antes de nos queixarmos da sorte, indaguemos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, perguntemos se não teria dependido de nós evitá-la, mas lembremos também que Deus nos deu a inteligência para tirar-nos do lamaçal, e que depende de nós o modo de a utilizarmos.

Considerando-se que o homem se acha submetido à lei do trabalho na Terra, dá-nos coragem e força para cumpri-la. Dá-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos seus frutos.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, pois ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se não nos é possível trabalhar, confiamo-nos à tua divina Providência.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras privações, apesar dos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta vida ou noutra

anterior, pois sois justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem motivo.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo dos que dispõem do supérfluo, quando não temos sequer o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo, que lhes ensinaste. (Cap. XVI, item 8.)

Afasta, igualmente, do nosso espírito a ideia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que por vezes cai sobre o homem de bem. Sabemos agora, graças às novas luzes que houveste por bem conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém exclui; que a prosperidade material do mau é efêmera como a sua existência corpórea, e que terá reveses terríveis, ao passo que a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna. (Cap. V, itens 7, 9, 12, 18.)

V. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos que nos devem. Perdoa as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos ofendem.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida contraída que, cedo ou tarde, teremos de saldar. Pedimos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de nos esforçarmos para não contrair novas dívidas.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade, mas a caridade não consiste apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se nós mesmos não a aplicamos em relação àqueles de quem nos queixamos?

Dá-nos força, ó meu Deus, para sufocar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. *Faze que a morte não nos surpreenda guardando no coração desejos de vingança*. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que possamos apresentar-nos, diante de ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram em favor dos seus algozes. (Cap. X.)

As perseguições que os maus nos afligem fazem parte das nossas provas terrenas. Devemos aceitá-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas e não maldizer dos que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, pela boca de Jesus: "Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!" Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortalecem a alma e seremos exaltados por efeito da nossa humildade. (Cap. XII, item 4.)

Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas faltas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso. (Cap. IV; cap. V, item 5.)

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. *Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal.*[30]

Dá-nos, Senhor, a força de resistir à sugestão dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Nós mesmos, porém, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. A causa primeira do mal está em nós mesmos e os Espíritos maus apenas aproveitam os nossos pendores viciosos, nos quais nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentação contra os seres perfeitos. Tudo o que possamos fazer para os afastar é inútil, se não lhes opusermos inabalável vontade no bem e absoluta renúncia ao mal. Portanto, é contra nós mesmos que precisamos dirigir os nossos esforços; só então os Espíritos maus naturalmente se afastarão, porque é o mal que os atrai, ao passo que o bem os repele. (Veja-se adiante: “Preces pelos obsidiados”.)

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos pela voz dos nossos anjos da guarda e pelos Espíritos bons, a vontade de nos corrigirmos de nossas imperfeições, a fim de fecharmos aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Veja-se adiante o item 11.)

O mal não é obra tua, Senhor, porque a fonte de todo bem nada de mal pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e pelo mau uso que fazemos da liberdade que nos concedeste. Quando os homens observarem tuas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu dos mundos mais adiantados.

O mal não é uma necessidade fatal para ninguém e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Se temos vontade de fazê-lo, também podemos ter a de praticar o bem. Por isso, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. *Assim seja*.

Que seja da tua vontade, Senhor, que os nossos desejos se realizem! Mas nos inclinamos diante da tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade, e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e sabes melhor do que nós o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que reclamam a nossa assistência e, em particular, por N...

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

> Nota – Aqui, podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseja pedir para si mesmo ou para outrem. (Vejam-se, adiante, as preces dos itens 26 e 27.)

Reuniões espíritas

> ***4.*** *Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, Eu com elas estarei. (*MATEUS*, 18:20.)*

5. Prefácio. Estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, não quer dizer que basta que se achem materialmente juntas. É preciso que o estejam espiritualmente, pela comunhão de intenção e de ideias para o bem. Jesus, então, ou os Espíritos puros que o representam, se encontrarão na assembleia. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e podem estar simultaneamente em vários pontos; para isso, basta um raio de seu

pensamento.

Pelas palavras acima, Jesus quis mostrar o efeito da união e da fraternidade. O que o atrai não é o maior ou menor número de pessoas que se reúnem, pois, em vez de duas ou três, poderia ter dito dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que haja duas. Contudo, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora dirijam-se ambas a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se não são movidas por sentimento de mútua benevolência. Se se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos se repelem, em vez de se unirem num impulso comum de simpatia. Nesse caso, *não estarão reunidas em nome de Jesus*. Jesus, então, não passa de *pretexto* para a reunião, e não o seu motivo verdadeiro. (Cap. XXVII, item 9.)

Isto não significa que Ele seja surdo à voz de uma única pessoa; e se Ele não disse: "Atenderei a todo aquele que me chamar", é que, antes de tudo, exige o amor do próximo, do qual se pode dar mais provas quando são muitos os que oram, com exclusão de todo sentimento pessoal, do que quando apenas um ora isoladamente. Segue-se que, se numa assembleia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Ele estará com as primeiras, e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos, em concordância com o espírito de caridade que Ele personifica. (Cap. X, itens 7 e 8; cap. XXVII, itens 2 a 4.)

Tal deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas em que sinceramente se deseja o concurso dos Espíritos bons.

6. Prece. (Para o começo da reunião.) Suplicamos ao Senhor Deus Onipotente que envie Espíritos bons para nos assistirem; que afaste os que nos possam induzir em erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos a verdade da impostura.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados ou desencarnados, que tentem lançar a discórdia entre nós e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se alguns deles procurarem introduzir-se aqui, faze que não encontrem acesso no coração de nenhum de nós.

Espíritos bons que vos dignais de vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; afastai de nós toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; fazei, enfim, que pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar.

Dai aos médiuns, que escolherdes para transmitir os vossos ensinamentos, a consciência da santidade do mandato que lhes é confiado e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento necessários.

Se, em nossa reunião, se encontrarem pessoas que tenham vindo atraídas por outros sentimentos que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se vierem com intenções malévolas.

Pedimos, especialmente, ao Espírito N..., nosso guia espiritual,

que nos assista e vele por nós.

7. (Para o fim da reunião.) Agradecemos aos Espíritos bons que se dignaram comunicar-se conosco e lhes rogamos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram, fazendo com que cada um de nós, ao sair daqui, se sinta fortalecido para a prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos igualmente que essas instruções sejam proveitosas aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que puderam assistir a esta reunião e para os quais imploramos a misericórdia de Deus.

Para os médiuns

8. *Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Nesses dias, derramarei do meu Espírito sobre os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão. (*Atos*, 2:17 e 18.)*

9. Prefácio. Quis o Senhor que a luz se fizesse para todos os homens e que em toda parte penetrasse a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse obter a prova da imortalidade. É com esse objetivo que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra e a mediunidade se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens como nas mulheres, nas crianças como nos velhos. É um dos sinais de que chegaram os tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus concedeu ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio ele mergulha o olhar nas profundezas do Espaço e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível,

Deus lhe deu a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinos dos Espíritos; ou, melhor, *são os órgãos materiais pelos quais os Espíritos se expressam, tornando-se inteligíveis aos homens*. Sua missão é santa, visto ter por objetivo abrir os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos futuros, a fim de o reconduzirem ao caminho do bem, e não para o pouparem ao trabalho material que aqui deve cumprir com vistas ao seu adiantamento, nem para lhe favorecerem a ambição e a cupidez. Eis do que os médiuns devem compenetrar-se bem, para não fazerem mau uso de sua faculdade. Aquele que compreende a gravidade do mandato de que está investido, o desempenha religiosamente. Sua consciência lhe censuraria, como ato sacrílego, utilizar como divertimento ou distração, *para si ou para outros*, faculdades que lhe são concedidas para fins sérios e que o põem em comunicação com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensino dos Espíritos, os médiuns devem desempenhar importante papel na transformação moral que se opera. Os serviços que podem prestar guardam proporção com a boa diretriz que imprimam às suas faculdades, porque os que enveredam por mau caminho são mais nocivos do que úteis à causa do Espiritismo. Pela má impressão que produzem, retardam mais de uma conversão. É por isso que terão de prestar contas do uso que hajam feito de um dom que lhes foi concedido para o bem de seus semelhantes.

O médium que queira gozar sempre da assistência dos Espíritos bons deve trabalhar pelo seu próprio aprimoramento. Aquele que

deseja que a sua faculdade cresça e se desenvolva tem de se engrandecer moralmente e de se abster de tudo que possa concorrer para desviá-la do seu fim providencial.

Se, por vezes, os Espíritos bons se servem de instrumentos imperfeitos, é para dar bons conselhos e tentar reconduzi-los ao bem. Se, porém, encontram corações endurecidos, e se seus conselhos não são ouvidos, retiram-se, ficando os maus com o campo livre. (Cap. XXIV, itens 11 e 12.)

Prova a experiência que, entre os médiuns que não aproveitam os conselhos dos Espíritos bons, as comunicações, depois de terem revelado certo brilho durante algum tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, no palavrório ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos Espíritos bons.

Conseguir a assistência dos Espíritos bons, afastar os Espíritos levianos e mentirosos, tal deve ser a meta dos constantes esforços de todos os médiuns sérios. Sem isso, a mediunidade se torna uma faculdade estéril, capaz mesmo de redundar em prejuízo para aquele que a possui, pois pode degenerar em perigosa obsessão.

O médium que compreende o seu dever, longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque sabe que elas independem do seu mérito pessoal; agradece a Deus por haver permitido que os Espíritos bons se manifestassem por seu intermédio. Se dão lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, diz que não foi um bom instrumento e que não dispõe de todas as qualidades necessárias para resistir à

intromissão dos Espíritos maus. É por isso que procura adquirir essas qualidades, pedindo, por meio da prece, as forças que lhe faltam.

10. Prece. Deus Onipotente, permite que os Espíritos bons me assistam na comunicação que solicito. Preserva-me da presunção de me julgar resguardado dos Espíritos maus; do orgulho que poderia me induzir em erro sobre o valor do que obtenha; de todo sentimento contrário à caridade para com os médiuns. Se cair em erro, inspira a alguém a ideia de me advertir disso e a mim a humildade que me faça aceitar a crítica com reconhecimento, tomando como dirigidos a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os Espíritos bons me queiram ditar.

Se for tentado a cometer abuso, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que te aprouve conceder-me, peço-te que a retires de mim, de preferência a permitires que ela seja desviada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral.

II – Preces para si mesmo

Aos anjos da guarda e aos Espíritos protetores

11. Prefácio. Todos temos, desde o nascimento, um Espírito bom que se ligou a nós e nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto a nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois pode acontecer que ele não tenha

nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo da guarda, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que nos inspire a mais viva e particular simpatia.

Além do nosso anjo da guarda, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e benevolentes; são parentes, ou amigos, ou, algumas vezes, pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos, intervindo, muitas vezes, nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se ligam a nós por uma certa analogia de gostos e de pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações que os atraem.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes dão acesso à nossa alma. Há os que se agarram a nós como a uma presa, mas que *se afastam quando se reconhecem impotentes para lutar contra a nossa vontade*.

Deus nos deu um guia principal e superior em nosso anjo da guarda, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares. Mas é um erro acreditar que temos *forçosamente* um gênio mau ao nosso lado para contrabalançar as boas influências. Os Espíritos maus comparecem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, seja pela nossa fraqueza, seja pela negligência em seguirmos as inspirações dos Espíritos bons. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos

encontramos privados da assistência dos Espíritos bons e que depende de nós o afastamento dos maus. Sendo o homem, por suas imperfeições, a causa primeira das misérias que o afligem, ele é, na maioria das vezes, o seu próprio gênio mau. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos da guarda e aos Espíritos protetores deve ter por objetivo solicitar a intercessão deles junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões, bem como a sua assistência nas necessidades da vida.

12. Prece. Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, cuja missão é assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-las sem queixumes; afastai de mim os maus pensamentos e fazei que eu não dê acesso a nenhum Espírito mau que queira induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência com relação aos meus defeitos e tirai-me de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo.

A ti, sobretudo, N..., meu anjo da guarda, que mais particularmente velas por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que vos interessais por mim, fazei que eu me torne digno da vossa benevolência. Conheceis as minhas necessidades; que sejam satisfeitas segundo a vontade de Deus.

13. (Outra.) Meu Deus, permite que os Espíritos bons que me cercam venham em meu auxílio quando eu estiver em dificuldade, e que me sustentem se eu vacilar. Faze, Senhor, que me inspirem fé, esperança e caridade; que sejam para mim um amparo, uma esperança e uma prova da tua misericórdia. Faze, enfim, que eu encontre neles a força que me falta nas provas da vida e, para resistir às sugestões do

mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (Outra.) Espíritos bem-amados, anjos da guarda, vós a quem Deus, pela sua infinita misericórdia, permite que veleis sobre os homens, sede nossos protetores nas provações da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo que é bom, detende-nos no declive do mal; que a vossa doce influência penetre nossa alma; fazei que sintamos como se um amigo devotado estivesse aqui, ao nosso lado, vendo os nossos sentimentos e partilhando das nossas alegrias.

E tu, meu bom anjo, não me abandones. Necessito de toda a tua proteção para suportar com fé e amor as provas que Deus haja por bem enviar-me.

Para afastar os Espíritos maus

15. *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e estais, por dentro, cheios de rapinas e impurezas. Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridões. Assim, pelo exterior, pareceis justos aos olhos dos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades. (*MATEUS*, 23:25 a 28.)*

16. Prefácio. Os Espíritos maus somente procuram lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como limpais o corpo, para evitar a contaminação pelos vermes, também deveis limpar a alma de suas impurezas, para evitar os Espíritos maus. Vivendo num mundo em que estes pululam, nem

sempre as boas qualidades do coração nos põem a salvo de suas tentativas, embora nos deem a força para lhes resistirmos.

17. Prece. Em nome de Deus Onipotente, que os Espíritos maus se afastem de mim e que os bons me sirvam de proteção contra eles.

Espíritos malfazejos, que inspirais maus pensamentos aos homens; Espíritos velhacos e mentirosos, que os enganais; Espíritos zombeteiros, que vos divertis com a credulidade deles, eu vos repilo com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às vossas sugestões, mas imploro para vós a misericórdia de Deus.

Espíritos bons, que vos dignais assistir-me, dai-me a força de resistir à influência dos Espíritos maus e as luzes necessárias para que eu não seja vítima de seus ardis. Preservai-me do orgulho e da presunção; afastai do meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência e todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

Para pedir a corrigenda de um defeito

18. Prefácio. Os nossos maus instintos resultam da imperfeição do nosso próprio Espírito, e não da nossa organização física; a não ser assim, o homem escaparia de toda espécie de responsabilidade. Nossa melhoria depende de nós, pois todo homem que se acha no gozo de suas faculdades tem, com relação a todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer. Para praticar o bem, falta-lhe apenas a vontade. (Cap. XV, item 10; cap. XIX, item 12.)

19. Prece. Deste-me, ó meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que é bem do que é mal. Ora, desde que reconheço que uma coisa é do mal, torno-me culpado, se não me esforçar por lhe

resistir.

Preserva-me do orgulho que poderia impedir-me de perceber os meus defeitos, e dos Espíritos maus que poderiam incitar-me a perseverar neles.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente inclinado a...; e, se não resisto a essa propensão, é porque contraí o hábito de a ela ceder.

Não me criaste culpado, porque és justo, mas com igual aptidão para o bem e para o mal. Se segui o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Mas, pela mesma razão que tive a liberdade de fazer o mal, tenho a de fazer o bem e, por conseguinte, a de mudar de caminho.

Meus defeitos atuais são um resquício das imperfeições que conservei das minhas precedentes existências; são o meu pecado original, de que me posso libertar pela ação da minha vontade e com a assistência dos Espíritos bons.

Espíritos bons que me protegeis, e sobretudo tu, meu anjo da guarda, dai-me forças para resistir às más sugestões e para sair vitorioso da luta.

Os defeitos são barreiras que nos separam de Deus e cada um que supero será um passo dado na estrada do progresso que há de aproximar-me dele.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, julgou por bem me conceder a existência atual, para que servisse ao meu adiantamento. Espíritos bons, ajudai-me a aproveitá-la, para que não seja uma existência perdida para mim e a fim de que, quando o Senhor quiser

ma retirar, eu a deixe melhor do que quando entrei. (Cap. V, item 5; cap. XVII, item 3.)

Pedido para resistir a uma tentação

20. Prefácio. Qualquer pensamento mau pode ter duas fontes: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma funesta influência que se exerça sobre ela. Neste último caso, há sempre indício de uma fraqueza que nos sujeita a receber essa influência e, por conseguinte, indício de uma alma imperfeita. De sorte que aquele que venha a falir não poderá invocar por desculpa a influência de um Espírito estranho, visto que *esse Espírito não o teria arrastado ao mal, se não o tivesse julgado acessível à sedução.*

Quando surge em nós um mau pensamento, podemos, pois, imaginar um Espírito malfazejo a nos atrair para o mal, mas a cuja atração somos totalmente livres para ceder ou resistir, como se se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo da guarda ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que *vamos tomar*. A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau, quando se afasta da caridade, que constitui a base da verdadeira moral, quando tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar qualquer prejuízo a outrem; quando, enfim, nos induz a fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem. (Cap. XXVIII, item 15; cap. XV, item 10.)

21. Prece. Deus Onipotente, não me deixeis sucumbir à tentação que me impele a falir. Espíritos benfazejos que me protegeis, afastai de

mim este mau pensamento e dai-me a força de resistir à sugestão do mal. Se eu sucumbir, merecerei expiar a minha falta nesta vida e na outra, porque sou livre para escolher.

Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação

22. Prefácio. Aquele que resistiu a uma tentação deve-o à assistência dos Espíritos bons, a cuja voz atendeu. Deve agradecer a Deus e a seu anjo da guarda.

23. Prece. Meu Deus, eu te agradeço por haveres permitido que eu saísse vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal. Faze que essa vitória me dê a força de resistir a novas tentações.

E a ti, meu anjo da guarda, agradeço-te a assistência que me deste. Que a minha submissão a teus conselhos possa fazer-me novamente merecedor da tua proteção!

Para pedir um conselho

24. Prefácio. Quando estamos indecisos em fazer ou não fazer uma coisa, devemos antes de tudo propor-nos a nós mesmos as seguintes questões:

1. Aquilo que eu hesito em fazer pode acarretar algum prejuízo a outrem?

2. Pode ser proveitoso a alguém?

3. Se agissem assim comigo, eu ficaria satisfeito?

Se o que pensamos fazer só interessa a nós mesmos, devemos pesar as vantagens e os inconvenientes pessoais que nos possam resultar.

Se interessa a outro, e se, resultando em bem para um, possa fazer mal para um terceiro, é preciso igualmente pesar a soma de bem ou de mal que se produzirá, para que possamos agir ou deixar de agir.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, devemos ainda considerar a oportunidade e as circunstâncias acessórias, porque uma coisa, boa em si mesma, pode dar maus resultados em mãos inábeis, se não for conduzida com prudência e circunspeção. Antes de empreendê-la, convém que consultemos suas forças e seus meios de execução.

Em todos os casos, sempre podemos solicitar a assistência dos nossos Espíritos protetores, lembrados desta sábia advertência: *na dúvida, abstém-te*. (Cap. XXVIII, item 38.)

25. Prece. Em nome de Deus Onipotente, inspirai-me, Espíritos bons que me protegeis, a melhor resolução a ser tomada na incerteza em que me encontro. Dirigi meu pensamento para o bem e desviai a influência dos que tentarem transviar-me.

Nas aflições da vida

26. Prefácio. Podemos pedir a Deus favores terrenos e Ele nos pode concedê-los, quando tenham um fim útil e sério. Mas como sempre julgamos a utilidade das coisas do nosso ponto de vista e como as nossas vistas se limitam ao presente, nem sempre vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê melhor que nós e que só quer o nosso bem, pode recusar o que lhe pedirmos, como um pai nega ao filho o que lhe seja prejudicial. Se o que pedimos não nos é concedido, não devemos por isso entregar-nos ao desânimo; devemos pensar, ao contrário, que a privação do que desejamos nos é imposta como prova, ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcional à resignação com que a tivermos suportado. (Cap. XXVII, item 6; cap.

II, itens 5 a 7.)

27. Prece. Deus Onipotente, que vês as nossas misérias, escuta com benevolência a súplica que neste momento te dirijo. Se o meu pedido é despropositado, perdoa-me; se é justo e conveniente aos teus olhos, que os Espíritos bons, executores das tuas vontades, venham em meu auxílio para que ele seja satisfeito.

Como quer que seja, meu Deus, faça-se a tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios experimentar-me e eu me submeto sem me queixar. Faze que eu não seja tomado por nenhum desânimo e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo.

(Formular o pedido.)

Ação de graças por um favor obtido

28. Prefácio. Não se devem considerar como acontecimentos felizes apenas o que seja de grande importância. Muitas vezes, coisas aparentemente insignificantes são as que mais influem em nosso destino. O homem esquece facilmente o bem, para, de preferência, lembrar-se do que o aflige. Se registrássemos diariamente os benefícios de que somos objeto, sem os havermos pedido, quase sempre ficaríamos espantados de termos recebido tantos e tantos que se apagaram da nossa memória, e nos sentiríamos humilhados com a nossa ingratidão.

Todas as noites, ao elevarmos a Deus a nossa alma, devemos recordar em nosso íntimo os favores que Ele nos fez durante o dia e agradecer-lhe por isso. Sobretudo no momento mesmo em que experimentamos o efeito da sua bondade e da sua proteção, é que

devemos, por um impulso espontâneo, testemunhar-lhe a nossa gratidão. Basta, para isso, que lhe dirijamos um pensamento, atribuindo-lhe o benefício, sem que haja necessidade de interrompermos o nosso trabalho.

Os benefícios de Deus não consistem unicamente em coisas materiais. Devemos também lhe agradecer as boas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Ao passo que o egoísta atribui tudo isso aos seus méritos pessoais e o incrédulo ao acaso, aquele que tem fé rende graças a Deus e aos Espíritos bons. Não há necessidade de longas frases para isso. *Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado*, diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo, que nos faz atribuir a Deus o que nos acontece de bom, dá testemunho de um ato de reconhecimento e de humildade, que nos atrai a simpatia dos Espíritos bons. (Cap. XXVII, itens 7 e 8.)

29. Prece. Deus infinitamente bom, bendito seja o teu nome pelos benefícios que me tens concedido. Eu seria indigno deles, se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou a meu próprio mérito.

Espíritos bons, que fostes os executores das vontades de Deus, agradeço-vos e especialmente a ti, meu anjo da guarda. Afastai de mim a ideia de orgulhar-me do que recebi e de não o aproveitar somente para o bem.

Agradeço-vos, em particular...

Ato de submissão e de resignação

30. Prefácio. Quando nos acontece algum motivo de aflição, se lhe procurarmos a causa, muitas vezes descobriremos que é consequência da nossa imprudência, da nossa imprevidência, ou,

então, de uma ação anterior. Em qualquer desses casos, não devemos nos queixar senão de nós mesmos. Se a causa de um infortúnio independe completamente de qualquer ação nossa, ou é uma prova para a existência atual, ou expiação de falta de uma existência anterior. Neste último caso, pela natureza da expiação, poderemos conhecer a natureza da falta, visto que somos sempre punidos por aquilo em que pecamos. (Cap. V, itens 4, 6 e seguintes.)

No que nos aflige, só vemos, em geral, o mal presente, e não as consequências posteriores favoráveis que a nossa aflição possa ter. Muitas vezes, o bem é a consequência de um mal passageiro, como a cura de uma doença é o resultado dos meios empregados para combatê-la. Em todos os casos, devemos submeter-nos à vontade de Deus e suportar com coragem as tribulações da vida, se quisermos que elas nos sejam levadas em conta e que se possam aplicar a nós estas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem”. (Cap. V, item 18.)

31. Prece. Meu Deus, és soberanamente justo. Todo sofrimento, neste mundo, há, pois, de ter sua causa e sua utilidade. Aceito a aflição que acabo de experimentar, como expiação de minhas faltas passadas e como prova para o futuro.

Espíritos bons que me protegeis, dai-me forças para suportá-la sem lamúrias. Fazei que ela me seja um aviso salutar; que faça crescer a minha experiência; que abata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, contribuindo assim para o meu adiantamento.

32. (Outra.) Sinto, ó meu Deus, necessidade de te pedir que me dês forças para suportar as provações que quiseste enviar-me. Permite que a luz se faça bastante viva em meu espírito, para que eu aprecie

toda a extensão de um amor que me aflige porque me quer salvar. Submeto-me resignado, ó meu Deus, mas a criatura é tão fraca, que temo sucumbir, se não me amparares. Não me abandones, Senhor, pois sem ti nada posso.

33. (Outra.) Elevei meu olhar a ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. És a minha força, não me abandones. Ó meu Deus, sinto-me esmagado sob o peso das minhas iniquidades. Ajuda-me. Conheces as fraquezas da minha carne, não desvies de mim o teu olhar!

Ardente sede me devora; faze brotar a fonte da água viva onde eu possa matar minha sede. Que a minha boca só se abra para te entoar louvores, e não para me queixar das aflições da vida. Sou fraco, Senhor, mas o teu amor me sustentará.

Ó Eterno, só Tu és grande, só Tu és o fim e o objetivo da minha vida. Bendito seja o teu nome, se me fazes sofrer, porque és o Senhor e eu o servo infiel. Curvarei a fronte sem me queixar, porque só Tu és grande, só Tu és a meta.

Num perigo iminente

34. Prefácio. Pelos perigos que corremos, Deus nos adverte da nossa fraqueza e da fragilidade da nossa existência. Ele nos mostra que a nossa vida está em suas mãos e que ela se acha presa por um fio que pode romper-se no momento em que menos esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois tanto o grande como o pequeno se encontram sujeitos às mesmas alternativas.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que estas, caso se verificassem, teriam sido, na maioria das vezes, a punição de uma falta cometida, ou de *um dever*

negligenciado.

35. Prece. Deus Onipotente, e tu, meu anjo da guarda, socorrei-me! Se tenho de sucumbir, que seja feita a vontade de Deus. Se devo ser salvo, que o restante da minha vida eu repare o mal que haja feito e do qual me arrependo.

Ação de graças por haver escapado a um perigo

36. Prefácio. Pelo perigo que tenhamos corrido, Deus nos mostra que, de um momento para outro, podemos ser chamados a prestar contas do modo pelo qual utilizamos a vida. Adverte-nos, assim, que devemos estar atentos e emendar-nos.

37. Prece. Meu Deus, meu anjo da guarda, eu vos agradeço o socorro que me enviaste no perigo de que estive ameaçado. Que esse perigo seja para mim um aviso e me esclareça sobre as faltas que talvez o tenham atraído a mim. Compreendo, Senhor, que a minha vida está nas tuas mãos e que podes tirá-la de mim quando te aprouver. Inspira-me, por intermédio dos Espíritos bons que me assistem, o propósito de empregar utilmente o tempo que ainda me concederes neste mundo.

Meu anjo da guarda, sustenta-me na resolução que tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o bem que esteja ao meu alcance, a fim de chegar menos onerado de imperfeições ao mundo dos Espíritos, quando Deus resolver me chamar para lá.

À hora de dormir

38. Prefácio. O corpo repousa durante o sono, mas o Espírito não tem necessidade de repousar. Enquanto os sentidos físicos se acham entorpecidos, a alma se desprende parcialmente da matéria e goza das

suas faculdades de Espírito. O sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade de vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Naquilo que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, haure ideias que, ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. É a volta temporária do exilado à sua verdadeira pátria. É o prisioneiro restituído momentaneamente à liberdade.

Como se dá com o presidiário perverso, acontece que nem sempre o Espírito aproveita esse momento de liberdade para seu adiantamento. Se conserva instintos maus, em vez de procurar a companhia de Espíritos bons, busca a de seus iguais e vai visitar os lugares onde possa dar livre curso às suas inclinações.

Que aquele que se ache compenetrado desta verdade eleve o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono, e peça o conselho dos Espíritos bons e de todos cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham se juntar a ele, nos curtos instantes de liberdade que lhe são concedidos, e, ao despertar, sentir-se-á mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.

39. Prece. Minha alma vai estar por alguns instantes com os outros Espíritos. Que os bons venham ajudar-me com os seus conselhos. Meu anjo da guarda, faze que, ao despertar, eu conserve uma impressão durável e salutar desse convívio.

Prevendo a morte próxima

40. Prefácio. A fé no futuro, a elevação do pensamento, durante a vida, para os destinos vindouros, favorecem e aceleram o desligamento do Espírito, por enfraquecerem os laços que o prendem ao corpo,

tanto que, frequentemente, a vida corpórea ainda não se extinguiu de todo e a alma, impaciente, já alçou o voo para a imensidade. Ao contrário, no homem que concentra todos os seus cuidados nas coisas materiais, aqueles laços são mais tenazes, *a separação é penosa e dolorosa* e o despertar no além-túmulo é cheio de perturbação e ansiedade.

41. Prece. Meu Deus, creio em ti e na tua infinita bondade, razão pela qual não posso crer que hajas dado ao homem a inteligência para te conhecer e a aspiração pelo futuro, para depois o mergulhares no nada.

Creio que o meu corpo é apenas o envoltório perecível da minha alma e que, quando eu tiver deixado de viver, acordarei no mundo dos Espíritos.

Deus Onipotente, sinto que se desfazem os laços que prendem minha alma ao meu corpo e que logo irei prestar contas do emprego que fiz da vida que vou deixar.

Vou sofrer as consequências do bem e do mal que pratiquei. Lá não haverá ilusões nem subterfúgios possíveis. Todo o meu passado vai desenrolar-se diante de mim e serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens da Terra. Honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, tudo, enfim, que é peculiar ao corpo permanecerá neste mundo. Nem a mais ínfima parcela de todas essas coisas me acompanhará, nem me será de utilidade alguma no mundo dos Espíritos. Apenas levarei comigo o que pertence à alma, isto é, as boas e as más qualidades, para serem pesadas na balança da mais rigorosa justiça. Serei julgado com tanto maior severidade quanto

maior tenha sido o número de ocasiões que tive para fazer o bem, mas não fiz, proporcionado pela posição que ocupei na Terra. (Cap. XVI, item 9.)

Deus de misericórdia, que o meu arrependimento chegue aos teus pés! Digna-te lançar sobre mim o manto da tua indulgência.

Se te aprouver prolongar a minha existência, que o restante dela seja empregado em reparar, tanto quanto em mim esteja, o mal que eu tenha praticado. Se soou, fatal, a minha hora, levo comigo o pensamento consolador de que me será permitido redimir-me, por meio de novas provas, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado gozar imediatamente dessa felicidade sem mescla, partilhada tão só pelos justos por excelência, sei que a esperança não me está perdida para sempre e que, pelo trabalho, alcançarei o fim, mais cedo ou mais tarde, conforme os meus esforços.

Sei que os Espíritos bons e o meu anjo da guarda estão perto de mim, para me receberem; logo os verei, como eles me veem. Sei que encontrarei de novo aqueles a quem amei na Terra, *se o tiver merecido*, e que aqueles que aqui deixo virão juntar-se a mim, que um dia estaremos todos reunidos para sempre e que, enquanto esse dia não chegar, poderei vir visitá-los.

Sei também que vou encontrar aqueles a quem ofendi. Que eles possam perdoar-me tudo quanto poderiam censurar em mim: o meu orgulho, a minha dureza, minhas injustiças, a fim de que a presença deles não me mate de vergonha!

Perdoo aos que me fizeram ou quiseram fazer o mal na Terra; não alimento nenhum rancor contra eles e peço-te, meu Deus, que lhes

perdoes.

Senhor, dá-me forças para deixar sem pesar os prazeres grosseiros deste mundo, que nada representam diante das alegrias puras do mundo onde vou penetrar. Nele não há mais tormentos para o justo, nem sofrimentos, nem misérias; só o culpado sofre, embora sempre lhe reste a esperança.

A vós, Espíritos bons, e a ti, meu anjo da guarda, não me deixeis cair neste momento supremo. Fazei que a luz divina brilhe aos meus olhos, a fim de que a minha fé se reanime, se vier a abalar-se.

Nota – Veja-se, adiante, o item V – Preces pelos doentes e obsidiados.

III – Preces pelos outros

Por alguém que esteja em aflição

42. Prefácio. Se é do interesse do aflito que a sua prova siga o seu curso, ela não será abreviada a nosso pedido, mas seria ato de impiedade desanimarmos por não ter sido satisfeita a nossa súplica. Aliás, em falta de cessação da prova, podemos esperar alguma outra consolação que lhe suavize o amargor. O que de mais precisa aquele que se acha aflito é a resignação, a coragem, sem as quais não lhe será possível sofrê-la com proveito para si, porque terá de recomeçar a prova. É, pois, sobretudo para esse objetivo que se devem dirigir os esforços, quer pedindo que os Espíritos bons lhe venham em auxílio, quer levantando-lhe o moral por meio de conselhos e encorajamentos, quer, enfim, assistindo-o materialmente, se for possível. A prece, neste caso, pode também ter efeito direto, dirigindo, sobre a pessoa por quem é feita, uma corrente fluídica com vistas a lhe fortalecer o moral. (Cap. V, itens 5 e 27; cap. XXVII, itens 6 e 10.)

43. Prece. Deus de infinita bondade, digna-te suavizar o amargor da posição em que se encontra N..., se assim for a tua vontade.

Espíritos bons, em nome de Deus Onipotente, eu vos suplico que o assistais nas suas aflições. Se, no seu interesse, elas não lhe puderem ser poupadas, fazei-lhe compreender que são necessárias ao seu progresso. Dai-lhe confiança em Deus e no futuro, a fim de torná-las menos amargas. Dai-lhe também forças para não sucumbir ao desespero que lhe faria perder o fruto de seus sofrimentos e ainda tornaria mais penosa a sua situação futura. Encaminhai para ele o meu pensamento, a fim de ajudá-lo a manter-se corajoso.

Ação de graças por um benefício concedido a outrem

44. Prefácio. Aquele que não é dominado pelo egoísmo alegra-se com o bem que acontece ao seu próximo, mesmo quando não o tiver solicitado pela prece.

45. Prece. Meu Deus, sê bendito pela felicidade concedida a N...

Espíritos bons, fazei que ele veja nisso um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe aconteceu é uma prova, inspirai-lhe o pensamento de fazer bom uso dele e de não se envaidecer, a fim de que esse bem não se converta em prejuízo no futuro.

A ti, bom gênio que me proteges e desejas a minha felicidade, afasta do meu coração todo sentimento de inveja ou de ciúme.

Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal

46. Prefácio. Disse Jesus*: Amai até mesmo os vossos inimigos.* Esta máxima é o sublime da caridade cristã, mas, ao proferi-la, Jesus não pretendeu que devamos ter para com os nossos inimigos o carinho

que dispensamos aos amigos. Por aquelas palavras, Ele nos recomenda que esqueçamos suas ofensas, que lhes perdoemos o mal que nos façam, que lhes paguemos o mal com o bem. Além do merecimento que, aos olhos de Deus, resulta de semelhante proceder, Ele mostra aos homens a verdadeira superioridade. (Cap. XII, itens 3 e 4.)

47. Prece. Meu Deus, perdoo a N... o mal que me fez e o que me quis fazer, como desejo que me perdoeis e também ele me perdoe as faltas que eu haja cometido. Se o colocastes no meu caminho, como prova para mim, faça-se a vossa vontade.

Desviai de mim, ó meu Deus, a ideia de o maldizer e de todo desejo malévolo contra ele. Fazei que jamais me alegre com as desgraças que lhe cheguem, nem me desgoste com os bens que lhe poderão ser concedidos, a fim de não macular minha alma por pensamentos indignos de um cristão.

Senhor, que a vossa bondade possa estender-se sobre ele, levando-o a melhores sentimentos para comigo!

Espíritos bons, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o mal com outro mal entrem no meu coração, porque o ódio e a vingança só são peculiares aos Espíritos maus, encarnados e desencarnados! Que, ao contrário, eu esteja pronto para lhe estender a mão fraterna, a lhe pagar o mal com o bem e a auxiliá-lo, se estiver ao meu alcance!

Desejo, para provar a sinceridade das minhas palavras, que me seja dada ocasião para lhe ser útil, mas, sobretudo, ó meu Deus, preservai-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, oprimindo-o com uma generosidade humilhante, o que me acarretaria a perda do fruto

da minha ação, pois, nesse caso, eu mereceria que me fossem aplicadas estas palavras do Cristo: *Já recebeste a tua recompensa*. (Cap. XIII, itens 1 e seguintes.)

Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos

48. Prefácio. Não desejar mal aos inimigos é ser apenas caridoso pela metade. A verdadeira caridade quer que lhes desejemos o bem e que nos sintamos felizes pelo bem que lhes sobrevenha.

49. Prece. Meu Deus, em tua justiça entendeste encher de júbilo o coração de N... Agradeço-te, por ele, apesar do mal que me fez ou tem procurado fazer-me. Se ele se aproveitasse desse bem para me humilhar, eu receberia isso como uma prova para a minha caridade.

Espíritos bons que me protegeis, não permitais que me sinta pesaroso por isso. Afastai de mim a inveja e o ciúme que rebaixam. Inspirai-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação está no mal, e não no bem, e sabemos que, cedo ou tarde, justiça será feita a cada um, segundo suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo

50. *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos céus.*

Felizes sereis, quando os homens vos carregarem de maldições, vos perseguirem e disserem falsamente contra vós toda espécie de mal, por minha causa. Alegrai-vos, então, porque uma grande recompensa vos está reservada nos Céus, pois assim perseguiram os profetas enviados antes de vós. (Mateus, 5:6; 10 a 12.)

*Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei antes aquele que pode perder a alma e o corpo no inferno. (*Mateus*, 10:28.)*

51. Prefácio. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Lançar anátema sobre os que não pensam como nós é reclamar para si essa liberdade e negá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor ao próximo. Perseguir os outros, em razão de suas crenças, é atentar contra o direito mais sagrado que tem todo homem, o de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como o entenda. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrar que damos mais valor à forma do que ao fundo, mais valor às aparências, do que à convicção. Nunca a abjuração forçada deu a fé a quem quer que fosse; apenas pode fazer hipócritas. É um abuso da força material, que não prova a verdade. *A verdade é senhora de si: convence, e não persegue, porque não precisa perseguir.*

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse até uma religião,[31] por que não se teria a liberdade de dizer-se espírita, como se tem a de se dizer católico, judeu ou protestante, adepto de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa, ou verdadeira. Se é falsa, cairá por si mesma, visto que o erro não pode prevalecer contra a verdade, quando se faz luz nas inteligências. Se é verdadeira, não haverá perseguição que a torne falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa e cresce com a magnitude e a importância da ideia. A obstinação e a cólera dos seus inimigos são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. Esta é a razão por que o Cristianismo foi perseguido outrora e por que o Espiritismo o é hoje, com a diferença, todavia, de que o primeiro foi perseguido pelos pagãos, ao passo que o segundo o é pelos cristãos. Passou o tempo das perseguições sangrentas, é verdade; contudo, se já não matam o corpo, torturam a alma, atacam-na até nos

seus mais íntimos sentimentos, nas suas mais caras afeições. Lança-se a desunião nas famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se até mesmo o corpo, agravando as suas necessidades materiais, tirando-se-lhe o ganha-pão para vencê-lo pela fome. (Cap. XXIII, itens 9 e seguintes.)

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que recebeis, pois eles provam que estais com a verdade. Se assim não fosse, deixar-vos-iam em paz e não vos procurariam ferir. Constitui uma prova para a vossa fé, porque é pela vossa coragem, pela vossa resignação e pela vossa perseverança que Deus vos reconhecerá entre os seus servidores fiéis, dos quais faz hoje a contagem, para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, carregai com altivez a vossa cruz. Crede na palavra do Cristo, que disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o Reino dos céus. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. Ele também disse: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos fazem o mal e orai pelos que vos perseguem”. Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos e que a vossa doutrina é boa, fazendo o que Ele disse e o que Ele mesmo fazia.

A perseguição durará apenas por um tempo. Aguardai com paciência o romper da aurora, porque já cintila no horizonte a estrela-d’alva. (Cap. XXIV, itens 13 e seguintes.)

52. Prece. Senhor, Tu nos disseste pela boca de Jesus, o teu Messias: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoai aos vossos inimigos; orai pelos que vos perseguem”. E Ele próprio nos deu o exemplo, orando pelos seus algozes.

Seguindo esse exemplo, meu Deus, imploramos a tua misericórdia para os que desprezam os teus divinos preceitos, únicos que podem garantir a paz neste mundo e no outro. Como o Cristo, também nós te dizemos: “Perdoa-lhes, Pai, porque eles não sabem o que fazem”.

Dá-nos forças para suportar com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, suas zombarias, injúrias, calúnias e perseguições; afasta-nos de toda ideia de represália, visto que a hora da tua justiça soará para todos, hora que esperamos submissos à tua santa vontade.

Por uma criança que acaba de nascer

53. Prefácio. Os Espíritos só chegam à perfeição depois de terem passado pelas provas da vida corpórea. Os que se encontram na erraticidade aguardam que Deus lhes permita retomar uma existência que lhes proporcione meios de progredir, quer pela expiação de suas faltas passadas, mediante as vicissitudes a que estão sujeitos, quer desempenhando uma missão proveitosa à Humanidade. O seu adiantamento e a sua felicidade futura serão proporcionais à maneira pela qual empreguem o tempo que hajam de passar na Terra. O encargo de lhes guiar os primeiros passos e de os encaminhar para o bem está confiado a seus pais, que responderão diante de Deus pela maneira como tiverem cumprido esse mandato. Foi para lhes facilitar a tarefa que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma Lei da Natureza, lei que jamais se transgride impunemente.

54. Prece. (Para ser dita pelos pais.) Espírito que encarnaste no corpo do nosso filho, sê bem-vindo. Sê bendito, ó Deus Onipotente, que o mandaste para nós.

É um depósito que nos foi confiado e do qual teremos um dia de

prestar contas. Se ele pertence à nova geração de Espíritos bons que hão de povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, é nosso dever ajudá-lo a progredir no caminho do bem, pelos nossos conselhos e bons exemplos. Se cair no mal por culpa nossa, responderemos por isso, já que teremos falido em nossa missão junto dele.

Senhor, ampara-nos em nossa tarefa e dá-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança deve ser um motivo de provações para nós, faça-se a tua vontade!

Espíritos bons que presidistes ao seu nascimento e que deveis acompanhá-lo no curso de sua existência, não o abandoneis. Afastai dele os Espíritos maus que tentem induzi-lo ao mal. Dai-lhe forças para resistir às suas sugestões e coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra. (Cap. XIV, item 9.)

55. (Outra.) Meu Deus, confiaste a mim a sorte de um dos teus Espíritos; faze, Senhor, que eu seja digno da tarefa que me impuseste. Concede-me a tua proteção. Ilumina a minha inteligência a fim de que eu possa perceber desde cedo as tendências daquele que me cabe preparar para entrar na tua paz.

56. (Outra.) Deus de bondade, já que permitiste ao Espírito desta criança vir sofrer novamente as provas terrenas, destinadas a fazê-lo progredir, dá-lhe a luz, a fim de que aprenda a conhecer-te, amar-te e adorar-te. Faze, pela tua onipotência, que esta alma se regenere na fonte das tuas divinas instruções; que, sob o amparo do seu anjo da guarda, a sua inteligência cresça e se desenvolva, inspirando-lhe o desejo de aproximar-se cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o ilumine através das dificuldades

da vida; que ele, enfim, saiba apreciar toda a extensão do teu amor, que nos experimenta para purificar-nos.

Senhor, lança um olhar paternal sobre a família à qual confiaste esta alma, para que ela compreenda a importância da sua missão e faça que germinem nesta criança as boas sementes, até o dia em que ela possa, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para ti.

Digna-te, ó meu Deus, atender esta humilde prece, em nome e pelos méritos daquele que disse: “Deixai que venham a mim as criancinhas, porque o Reino dos céus é para os que se assemelham a elas”.

Por um agonizante

57. Prefácio. A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo. Pode-se dizer que, nesse momento, o homem tem um pé neste mundo e um no outro. É penosa às vezes essa passagem, para os que se apegaram à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência se encontra agitada pelos pesares e remorsos. Para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos buscaram o infinito e se desprenderam da matéria, os laços são menos difíceis de desfazer-se e os seus últimos momentos nada têm de dolorosos. A alma, então, está ligada ao corpo apenas por um fio, enquanto no outro caso ela se mantém presa ao corpo por profundas raízes. Em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho de separação. (Veja-se, adiante, Preces pelos doentes e obsidiados. *O céu e o inferno*, Segunda parte, cap. I *A passagem*.)

58. Prece. Deus Onipotente e misericordioso, aqui está uma alma prestes a deixar o seu envoltório terreno para retornar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria. Que possa voltar em paz e que a tua

misericórdia se estenda sobre ela.

Espíritos bons, que a acompanhastes na Terra, não a abandoneis neste momento supremo. Dai-lhe forças para suportar os últimos sofrimentos que lhe cumpre passar neste mundo, a bem do seu progresso futuro. Inspirai-a, para que consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos clarões de inteligência que lhe restem, ou que momentaneamente lhe advenham.

Dirigi o meu pensamento, a fim de que atue de modo a tornar menos penoso para ela o trabalho de separação, e a fim de que leve consigo, ao abandonar a Terra, as consolações da esperança.

IV – Preces pelos que já não são da Terra

Por alguém que acaba de morrer

59. Prefácio. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não têm por objetivo, unicamente, dar-lhes um testemunho de simpatia; também têm por efeito auxiliar-lhes o desprendimento e, desse modo, abreviar-lhes a perturbação que sempre se segue à separação, tornando-lhes mais calmo o despertar. Ainda aí, porém, como em qualquer outra circunstância, a eficácia da prece está na sinceridade do pensamento, e não na abundância de palavras ditas mais ou menos pomposamente e em que o coração, na maioria das vezes, não toma parte alguma.

As preces que partem do coração ressoam em torno do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que nos fazem despertar do sono. (Cap. XXVII, item 10.)

60. Prece. Deus Onipotente, que a tua misericórdia se estenda

sobre a alma de N..., a quem acabaste de chamar da Terra. Que as provas que ele (ou ela) sofreu na Terra possam ser contadas em seu favor, e que as nossas preces suavizem e abreviem as penas que ainda haja de suportar como Espírito!

Espíritos bons que viestes recebê-lo e tu, particularmente, seu anjo da guarda, ajudai-o a despojar-se da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesmo, a fim de o subtrair à perturbação que acompanha a passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que haja cometido e o desejo de que lhe seja permitido repará-las, a fim de acelerar o seu progresso rumo à vida eterna bem-aventurada.

N..., acabas de entrar no mundo dos Espíritos e, no entanto, te achas aqui presente entre nós. Tu nos vês e nos ouves, pois a diferença entre nós é que já não tens um corpo perecível, que acabas de deixar e que em breve estará reduzido a pó.

Abandonaste o grosseiro envoltório, sujeito a vicissitudes e à morte, e conservaste apenas o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Já não vives pelo corpo; vives da vida dos Espíritos, vida essa isenta das misérias que afligem a Humanidade.

Já não tens diante de ti o véu que oculta aos nossos olhos os esplendores da vida futura. Podes, de agora em diante, contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda continuamos mergulhados em trevas.

Vais percorrer o Espaço e visitar os mundos em completa liberdade, enquanto nós rastejamos penosamente na Terra, onde nos retém o nosso corpo material, semelhante, para nós, a um fardo pesado.

Diante de ti, vai desenrolar-se o horizonte do infinito e, em face de tanta grandeza, compreenderás a vacuidade dos nossos desejos terrenos, das nossas ambições mundanas e dos gozos fúteis com que os homens tanto se deleitam.

A morte, para os homens, não passa de uma separação material de alguns instantes. Do exílio onde ainda nos retém a vontade de Deus, bem como os deveres que nos cabe cumprir na Terra, acompanhar-te-emos pelo pensamento, até que nos seja permitido juntar-nos a ti, como tu te reuniste aos que te precederam.

Não podemos ir onde te achas, mas tu podes vir ter conosco. Vem, pois, aos que te amam e que tu amaste; ampara-os nas provas da vida; vela pelos que te são caros; protege-os, como puderes; suaviza-lhes os pesares, fazendo-lhes perceber, pelo pensamento, que és mais feliz agora e dando-lhes a consoladora certeza de que um dia estareis todos reunidos num mundo melhor.

No mundo em que te encontras, todos os ressentimentos devem extinguir-se. Que, daqui em diante, sejas inacessível a eles, a bem da tua felicidade futura! Perdoa, portanto, aos que hajam incorrido em falta para contigo, como eles te perdoam as que tenhas cometido contra eles.

> Nota – Podem acrescentar-se a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais, conforme as circunstâncias particulares de família ou de relações, bem como a posição social que ocupava o defunto.
>
> Se se trata de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não está ali um Espírito de criação recente, mas um ser que já viveu e que já pode ser muito adiantado. Se a sua última existência foi curta, é que não devia passar de um complemento de prova, ou constituir uma prova para os pais. (Cap. V, item 21.)

61. (Outra.)[32] Senhor Onipotente, que a tua misericórdia se

estenda sobre os nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que a tua luz brilhe para eles! Tira-os das trevas; abre-lhes os olhos e os ouvidos! Que os Espíritos bons os cerquem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, por mais indigno que sejamos, ousamos implorar a tua misericordiosa indulgência em favor desse nosso irmão que acaba de ser chamado do exílio. Faze que o seu regresso seja o do filho pródigo. Esquece, ó meu Deus, as faltas que haja cometido, para te lembrares somente do bem que tenha praticado. Sabemos que a tua justiça é imutável, mas o teu amor é imenso. Suplicamos-te que abrandes a tua justiça, na fonte de bondade que emana do teu seio.

Que a luz se faça para ti, meu irmão, que acabas de deixar a Terra! Que os Espíritos bons do Senhor se aproximem de ti, te cerquem e te ajudem a romper os grilhões terrenos! Compreende e vê a grandeza do nosso Mestre; submete-te, sem queixumes, à sua justiça, porém, não desesperes nunca da sua misericórdia. Irmão! que um sério exame do teu passado te abra as portas do futuro, fazendo-te perceber as faltas que deixas para trás, e o trabalho que te resta realizar para repará-las. Que Deus te perdoe e que os Espíritos bons te sustentem e encorajem. Teus irmãos da Terra orarão por ti e pedem que ores por eles.

Pelas pessoas a quem tivemos afeição

62. Prefácio. Como é horrível a ideia do nada! Como são de lastimar os que acreditam que se perde no vácuo, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é uma combinação de matéria, que, como um sopro, se

extingue para sempre; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento fatalmente dispersará.

Como pode um homem de coração manter-se frio a essa ideia? Como não o gela de terror a ideia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje a razão não lhe foi suficiente para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. É por isso que em toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe, de agora em diante, que a vida terrena é apenas uma breve passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos neste mundo não lhe ficam perdidos e que as mais santas afeições não se destroem sem mais esperanças. (Cap. IV, item 18; cap. V, item 21.)

63. Prece. Digna-te, ó meu Deus, acolher favoravelmente a prece que te dirijo pelo Espírito N... Faze-lhe entrever as tuas divinas claridades e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os Espíritos bons lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu, que me eras tão caro neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer nova prova da minha afeição. Deus permitiu que te libertasses antes de mim e disso eu não poderia queixar-me sem egoísmo, pois seria querer que ainda estivesses sujeito às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que a nossa separação é apenas temporária e que, por mais

longa que me possa parecer, sua duração se apaga em face da eternidade de venturas que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de fazer seja o que for que retarde esse instante desejado, poupando-me assim à dor de não te encontrar, ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! de que podes estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como outrora, talvez ainda melhor do que outrora; de que não me esqueces, do mesmo modo que eu não te esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Que a paz do Senhor seja contigo.

Pelas almas sofredoras que pedem preces

64. Prefácio. Para se compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, é preciso saber de que maneira ela atua, conforme foi explicado anteriormente. (Cap. XXVII, itens 9, 18 e seguintes.) Aquele que se ache compenetrado dessa verdade ora com mais fervor, pela certeza que tem de não orar em vão.

65. Prece. Deus clemente e misericordioso, que a tua bondade se estenda sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces e particularmente sobre a alma de N...

Espíritos bons, que tendes por única ocupação fazer o bem, intercedei comigo pelo alívio deles. Fazei que lhes brilhe diante dos olhos um raio de esperança e que a Luz divina os esclareça acerca das imperfeições que os distanciam da morada dos bem-aventurados.

Abri-lhes o coração ao arrependimento e ao desejo de se depurarem, a fim de lhes apressar o adiantamento. Fazei-lhes compreender que, por seus esforços, eles podem encurtar a duração de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, lhes dê a força de perseverarem nas boas resoluções!

Possam essas palavras benevolentes suavizar-lhes as penas, mostrando-lhes que há na Terra seres que se compadecem deles e lhes desejam toda a felicidade.

66. (Outra.) Nós te pedimos, Senhor, que espalhes as graças do teu amor e da tua misericórdia por todos os que sofrem, quer no Espaço como Espíritos errantes, quer entre nós como encarnados. Tem piedade das nossas fraquezas. Tu nos fizeste falíveis, mas nos deste a força para resistir ao mal e vencê-lo. Que a tua misericórdia se estenda sobre todos os que não foram capazes de resistir aos maus pendores e que ainda se deixam arrastar por maus caminhos. Que os Espíritos bons os cerquem; que a tua luz brilhe aos olhos deles e que, atraídos pelo calor vivificante, venham prosternar-se a teus pés, humildes, arrependidos e submissos.

Nós também te pedimos, Pai de misericórdia, por aqueles irmãos nossos que não tiveram forças para suportar suas provas terrenas. Tu, Senhor, nos deste um fardo a carregar e não devemos depô-lo senão a teus pés. Grande, porém, é a nossa fraqueza e a coragem nos falta algumas vezes no curso da jornada. Compadece-te desses servos indolentes, que abandonaram a obra antes da hora. Que a tua justiça os poupe; permite que os Espíritos bons lhes levem alívio, consolações e esperanças no futuro. A perspectiva do perdão fortalece a alma; mostra-a, Senhor, aos culpados que desesperam e, sustentados por

essa esperança, eles haurirão forças na própria grandeza de suas faltas e de seus sofrimentos, a fim de resgatarem o passado e se prepararem para a conquista do futuro.

Por um inimigo que morreu

67. Prefácio. A caridade para com os nossos inimigos deve acompanhá-los ao além-túmulo. Precisamos ponderar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova, que deve ter tido a sua utilidade para o nosso adiantamento, se a soubemos aproveitar. Pode ter-nos sido até mais proveitosa do que as aflições puramente materiais, pois, à coragem e à resignação, permite-nos juntar a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

68. Prece. Senhor, foi do teu agrado chamar, antes de mim, a alma de N... Perdoo-lhe o mal que me fez e suas más intenções a meu respeito. Possa ele ter pesar disso, agora que já não alimenta as ilusões deste mundo.

Que a tua misericórdia, meu Deus, desça sobre ele e afaste de mim a ideia de me alegrar com a sua morte. Se cometi faltas para com ele, que me perdoe por isso, assim como esqueço as que cometeu para comigo.

Por um criminoso

69. Prefácio. Se a eficácia das preces fosse proporcional à extensão delas, as mais longas deveriam ficar reservadas para os mais culpados, porque elas lhes são mais necessárias do que àqueles que viveram santamente. Recusá-las aos criminosos é faltar com a caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; julgá-las inúteis, quando um homem haja praticado tal ou tal erro, é prejulgar a justiça

do Altíssimo.

70. Prece. Senhor, Deus de misericórdia, não repilas esse criminoso que acaba de deixar a Terra; a justiça dos homens o castigou, mas não o isentou da tua, se o remorso não lhe penetrou o coração.

Tira-lhe dos olhos a venda que lhe oculta a gravidade de suas faltas. Possa o seu arrependimento encontrar graça diante de ti e abrandar os sofrimentos de sua alma! Possam também as nossas preces e a intercessão dos Espíritos bons levar-lhe esperança e consolação; inspirar-lhe o desejo de reparar suas ações más numa nova existência e dar-lhe forças para não sucumbir nas novas lutas em que se empenhar!

Senhor, tem piedade dele!

Por um suicida

71. Prefácio. O homem jamais tem o direito de dispor da sua própria vida, porque somente a Deus cabe retirá-lo do cativeiro terreno, quando o julgue oportuno. Todavia, a Justiça divina pode abrandar seus rigores, de acordo com as circunstâncias, reservando, porém, toda severidade para com aquele que quis subtrair-se às provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que se evade da prisão, antes de cumprida a pena; quando preso de novo, é tratado com mais severidade. O mesmo se dá com o suicida que julga escapar às misérias do presente e mergulha em desgraças ainda maiores. (Cap. V, itens 14 e seguintes.)

72. *Prece*. Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam as tuas leis, abreviando voluntariamente seus dias, mas

sabemos também que a tua misericórdia é infinita. Digna-te, pois, estendê-la, sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a tua comiseração abrandar a amargura dos sofrimentos que ele está experimentando, por não haver tido a coragem de aguardar o fim de suas provas.

Espíritos bons, que tendes por missão assistir os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o pesar da falta que cometeu. Que a vossa assistência lhe dê forças para suportar com mais resignação as novas provas por que haja de passar, a fim de reparar a falta. Afastai dele os Espíritos maus, capazes de o impelirem novamente para o mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas.

A ti, cuja desgraça motiva as nossas preces, que a nossa comiseração possa amenizar as tuas amarguras e fazer que nasça em ti a esperança de um futuro melhor! Nas tuas mãos está ele; confia na bondade de Deus, cujo seio se abre a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações endurecidos.

Pelos Espíritos arrependidos

73. Prefácio. Seria injusto incluir na categoria dos Espíritos maus os sofredores e arrependidos, que pedem preces. Podem ter sido maus, porém, já não o são, desde que reconhecem suas faltas e as lamentam; são apenas infelizes. Alguns já começam até a gozar de relativa felicidade.

74. Prece. Deus de misericórdia, que aceitas o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, aqui está um Espírito que se comprazia no mal, mas que reconhece seus erros e entra no bom caminho. Digna-te, ó meu Deus, recebê-lo como filho pródigo e

lhe perdoar.

Espíritos bons, cuja voz ele desprezou, de agora em diante ele vos deseja ouvir; permiti-lhe que entreveja a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de purificar-se para alcançá-la. Amparai-o em suas boas resoluções e dai-lhe forças para resistir aos seus maus instintos.

Espírito N..., nós te felicitamos pela tua mudança e agradecemos aos Espíritos bons que te ajudaram.

Se te comprazias outrora em fazer o mal, é que não compreendias como é doce o prazer de fazer o bem; também te sentias pequeno demais para esperar consegui-lo. Mas, desde o instante em que puseste o pé no bom caminho, uma luz nova brilhou aos teus olhos; começaste a gozar de uma felicidade que desconhecias e a esperança entrou no teu coração. É que Deus ouve sempre a prece do pecador que se arrepende; não repele a nenhum dos que o buscam.

Para entrares de novo e completamente na sua graça, esforça-te daqui por diante não só para não praticares mais o mal, como, sobretudo, para reparares o mal que fizeste. Terás, então, satisfeito à Justiça de Deus; cada uma das boas ações que praticares apagará uma das tuas faltas passadas.

Já está dado o primeiro passo; agora, quanto mais avançares no caminho, tanto mais fácil e agradável ele te parecerá. Persevera, pois, e um dia terás a glória de ser contado entre os Espíritos bons e os bem-aventurados.

Pelos Espíritos endurecidos

75. Prefácio. Os Espíritos maus são aqueles que ainda não foram

tocados pelo arrependimento; que se comprazem no mal e não sentem nenhum pesar por isso; que são insensíveis às reprimendas, repelem a prece e muitas vezes blasfemam do nome de Deus. São essas almas endurecidas que, após a morte, se vingam nos homens dos sofrimentos que suportam e perseguem com seu ódio aqueles a quem odiaram durante a vida, quer obsidiando-os, quer exercendo sobre eles uma influência funesta qualquer. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Entre os Espíritos perversos há duas categorias bem distintas: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Os primeiros são reconduzidos ao bem muito mais facilmente do que os segundos; na maioria das vezes são de naturezas brutas e grosseiras, como se nota entre os homens, pois fazem o mal mais por instinto do que por cálculo e não procuram passar por melhores do que são. Mas há entre eles um germe latente que é preciso fazer desabrochar, o que se consegue quase sempre por meio da perseverança, da firmeza aliada à benevolência, dos conselhos, do raciocínio e da prece. Durante o trabalho mediúnico, a dificuldade que eles encontram para escrever o nome de Deus é sinal de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que eles são indignos de fazê-lo. Nesse ponto estão prestes a converter-se e tudo se pode esperar deles: basta encontrar o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas quase sempre são muito inteligentes, mas não possuem no coração nenhuma fibra sensível; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança e se sentem felizes quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, pois podem governá-los à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para cobrirem suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os

hipócritas são os seres mais perigosos, porque agem na sombra, sem que ninguém desconfie disso; têm apenas as aparências da fé, mas não a fé sincera.

76. Prece. Senhor, digna-te lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos, que ainda se encontram na treva da ignorância e te desconhecem, particularmente sobre N...

Espíritos bons, ajudai-nos a fazer-lhe compreender que, induzindo os homens ao mal, obsidiando-os e atormentando-os, ele prolonga os seus próprios sofrimentos; fazei que o exemplo da felicidade de que gozais seja um encorajamento para ele.

Espírito que ainda te comprazes no mal, vem ouvir a prece que fazemos por ti; ela te deve provar que desejamos o teu bem, embora faças o mal.

És infeliz, pois não se pode ser feliz fazendo o mal. Por que então continuar penando, quando depende de ti evitá-lo? Olha os Espíritos bons que te cercam; vê como são felizes e se não seria mais agradável para ti fruir da mesma felicidade.

Dirás que isso te é impossível; porém, nada é impossível àquele que quer, pois Deus te deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a infelicidade, e ninguém está condenado a praticar o mal. Assim como tens vontade de fazê-lo, também podes ter a de fazer o bem e de ser feliz.

Volta para Deus o teu olhar; dirige-lhe por um instante o teu pensamento e um raio da sua divina luz virá iluminar-te. Dize conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me arrependo, perdoa-me.*

Tenta arrepender-te e fazer o bem, em vez de fazer o mal, e verás que logo a sua misericórdia descerá sobre ti, e que um bem-estar que não se pode descrever substituirá as angústias que experimentas.

Desde que hajas dado um passo no bom caminho, o resto deste te parecerá fácil de percorrer. Compreenderás então quanto tempo perdeste de felicidade por culpa tua, mas um futuro radioso e pleno de esperança se abrirá diante de ti e te fará esquecer o teu miserável passado, cheio de perturbação e de torturas morais, que seriam para ti o inferno, se houvessem de durar eternamente. Dia virá em que essas torturas serão de tal intensidade que quererás fazê-las cessar a qualquer preço, mas quanto mais te demorares, tanto mais difícil será isso.

Não creias que permanecerás sempre no estado em que te achas; não, pois isso é impossível. Tens duas perspectivas diante de ti: uma, a de sofreres muito mais do que tens sofrido até agora; outra, a de seres feliz como os Espíritos bons que te rodeiam. A primeira será inevitável se persistires na tua obstinação; basta um simples esforço da tua vontade para te tirar da má situação em que te encontras. Apressa-te, pois, visto que cada dia de demora é um dia perdido para a tua felicidade.

Espíritos bons, fazei que estas palavras encontrem acesso nessa alma ainda atrasada, a fim de que a ajudem a aproximar-se de Deus. Nós vos pedimos isso em nome de Jesus Cristo, que tinha tão grande poder sobre os Espíritos maus.

V – Preces pelos doentes e obsidiados

Pelos doentes

77. Prefácio. As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germes malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado secretamente pelos efeitos desastrosos das paixões. (Cap. III, item 9.) Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio em que nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não deve impedir-nos, enquanto esperamos tal mudança, de fazer o que dependa de nós para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, apesar dos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos males passageiros.

Se Deus não quisesse que, em certos casos, os sofrimentos corpóreos fossem dissipados ou abrandados, não teria posto à nossa disposição recursos de cura. A esse respeito, a sua previdente solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses recursos e aplicá-los.

Ao lado da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força na *mediunidade curadora* e a influência da prece. (Veja-se, no cap. XXVI, a notícia sobre a mediunidade curadora.)

78. Prece. (Para ser dita pelo doente.) Senhor, és todo justiça; assim, devo merecer a doença que me enviaste, visto que nunca impões sofrimento algum sem causa. Confio-me, para minha cura, à

tua infinita misericórdia. Se for do teu agrado restituir-me a saúde, bendito seja o teu santo nome; se, ao contrário, devo sofrer mais, bendito seja ainda o teu santo nome. Submeto-me, sem queixas, aos teus sábios desígnios, porque o que fazes só pode ter por fim o bem das tuas criaturas.

Faze, ó meu Deus, que esta enfermidade seja para mim um aviso salutar e me leve a refletir sobre a minha conduta. Aceito-a como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à tua santa vontade. (Veja-se a prece do item 40.)

79. Prece. (Pelo doente.) Meu Deus, os teus desígnios são impenetráveis e em tua sabedoria julgaste por bem afligir a N... pela enfermidade. Lança, eu te suplico, um olhar de compaixão sobre os seus sofrimentos e digna-te pôr-lhes um termo.

Espíritos bons, ministros do Onipotente, secundai, eu vos peço, o meu desejo de aliviá-lo; dirigi o meu pensamento, a fim de que vá derramar um bálsamo salutar em seu corpo e a consolação em sua alma.

Inspirai-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; dai-lhe a força de suportar suas dores com resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta prova. (Veja-se a prece do item 57.)

80. Prece. (Para ser dita pelo médium curador.) Meu Deus, se te dignas servir-te de mim, indigno como sou, poderei curar esta enfermidade, se tal for a tua vontade, porque tenho fé em ti. Mas, sem ti, nada posso. Permite que os Espíritos bons me impregnem com os seus fluidos salutares, a fim de que eu os transmita a esse doente, e livra-me de toda ideia de orgulho e de egoísmo que lhes pudesse alterar a pureza.

Pelos obsidiados

81. Prefácio. A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade escrevente ela se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros.

Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos com que a Humanidade se defronta neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada como prova ou expiação e aceita como tal.

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para livrá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma. Daí a necessidade de o obsidiado trabalhar pela sua própria melhoria, o que basta na maioria das vezes para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se torna indispensável quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque, então, o paciente muitas vezes perde a vontade e o livre-arbítrio.

A obsessão exprime quase sempre a vingança exercida por um Espírito e que com frequência tem sua origem nas relações que o

obsidiado manteve com ele em precedente existência. (Veja-se cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, é preciso que se expulse o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta é a ação mecânica, mas que não basta; é preciso, acima de tudo, *que se atue sobre o ser inteligente*, ao qual se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será a autoridade.

Ainda não é tudo; para garantir-se a libertação, é preciso induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, tendo em vista a sua educação moral. Só então se pode ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da prece. O mesmo não se dá quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se ilude sobre as qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de auxiliar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar que se tem para agir contra o Espírito obsessor.

82. Prece. (Para ser dita pelo obsidiado.) Meu Deus, permite que os Espíritos bons me livrem do Espírito malfazejo que se ligou a mim. Se é uma vingança pelos males que lhe fiz no passado, Tu a consentes, meu Deus, para a minha punição e eu sofro a consequência da minha falta. Que o meu arrependimento me possa conquistar o teu perdão e a minha liberdade! Mas, seja qual for o motivo, imploro para o meu perseguidor a tua misericórdia. Digna-te facilitar para ele o caminho do progresso, que o desviará do pensamento de praticar o mal. Possa eu, de meu lado, retribuindo-lhe o mal com o bem, induzi-lo a melhores sentimentos.

Mas também sei, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos Espíritos imperfeitos. Dá-me a luz de que necessito para as reconhecer; combate, sobretudo, em mim o orgulho que me cega com relação aos meus defeitos.

Qual não será a minha indignidade, pois um ser malfazejo pode subjugar-me!

Faze, ó meu Deus, que esse golpe aplicado à minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que ele fortifique a resolução que tomo de me depurar pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, daqui por diante, uma barreira às más influências.

Senhor, dá-me forças para suportar com paciência e resignação esta prova. Compreendo que, como todas as outras provas, ela deverá concorrer para o meu adiantamento, se eu não perder os seus frutos com os meus queixumes, pois me proporciona oportunidade de mostrar a minha submissão e de exercitar minha caridade para com

um irmão infeliz, perdoando-lhe o mal que me fez. (Cap. XII, itens 5 e 6; cap. XXVIII, itens 15 e seguintes, 46 e 47.)

83. Prece. (Pelo obsidiado.) Deus Onipotente, digna-te dar-me o poder de libertar N... da influência do Espírito que o obsidia. Se está nos teus desígnios pôr termo a essa prova, concede-me a graça de falar com autoridade a esse Espírito.

Espíritos bons que me assistis e tu, seu anjo da guarda, dai-me o vosso concurso; ajudai-me a livrá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido.

Em nome de Deus Onipotente, adjuro o Espírito malfazejo que o atormenta a que se retire.

84. Prece. (Pelo Espírito obsessor). Deus infinitamente bom, imploro a tua misericórdia para o Espírito que obsidia N... Faze-lhe entrever as divinas claridades, a fim de que reconheça o falso caminho por onde enveredou. Espíritos bons, ajudai-me a fazer-lhe compreender que ele tem tudo a perder, praticando o mal, e tudo a ganhar, fazendo o bem.

Espírito que te comprazes em atormentar N..., escuta-me, pois que te falo em nome de Deus.

Se quiseres refletir, compreenderás que o mal nunca sobrepujará o bem e que não podes ser mais forte do que Deus e os Espíritos bons.

Eles poderiam ter preservado N... dos teus ataques; se não o fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha de passar por uma prova, mas quando essa prova chegar a seu termo, eles irão impedir-te qualquer ação sobre tua vítima. O mal que lhe houveres feito, em vez de prejudicá-lo, terá contribuído para o seu adiantamento e, assim, para

torná-lo mais feliz. Desse modo, terás empregado a tua maldade inutilmente e ela se voltará contra ti.

Deus, que é onipotente, e os Espíritos superiores, seus delegados, mais poderosos do que tu, serão capazes de pôr fim a essa obsessão e a tua tenacidade se quebrará em face da suprema autoridade. Porém, pelo fato mesmo de ser bom, Deus quer deixar-te o mérito de fazeres que ela cesse pela tua própria vontade. É uma moratória que te concede; se não a aproveitares, sofrer-lhe-ás as deploráveis consequências. Grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperarão. Serás forçado a suplicar a piedade e as preces da tua vítima, que já te perdoa e ora por ti, o que constitui grande merecimento aos olhos de Deus e apressará a libertação dela.

Reflete, pois, quando ainda é tempo, visto que a Justiça de Deus cairá sobre ti, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pondera que o mal que praticas neste momento terá forçosamente um termo, ao passo que, se persistires na tua obstinação, os teus sofrimentos aumentarão incessantemente.

Quando estavas na Terra, não terias considerado uma estupidez sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de momento? O mesmo acontece agora, que és Espírito. Que ganhas com o que fazes? O triste prazer de atormentar alguém, o que não te impede de ser infeliz, digas o que disseres, e que te tornes ainda mais infeliz.

Ao lado disso, vês o que perdes; observa os Espíritos bons que te cercam e dize se não é preferível a sorte deles à tua própria sorte. Da felicidade de que gozam, também tu partilharás, quando quiseres. Que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer o bem, em vez do mal. Sei que não podes transformar-te de repente, mas Deus não exige o

impossível; quer apenas a boa vontade. Experimenta e nós te ajudaremos. Faze que em breve possamos dizer em teu favor a prece pelos Espíritos arrependidos (item 73), e não mais te classificar entre os Espíritos maus, enquanto esperamos poder contar-te entre os bons.

(Veja-se também, o item 75: Preces pelos Espíritos endurecidos.)

Observação – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, pois há os rebeldes em grau extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, uma coisa é certa: nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade, igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é *a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais*. A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII, *Obsessão*; *Revista espírita*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

---

30 **Nota de Allan Kardec:** Algumas traduções dizem: **Não nos induzas à tentação** (*et ne nos inducas in tentationem*). Essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que Ele, voluntariamente, impele os homens ao mal, ideia blasfematória que igualaria Deus a satanás, e que, portanto, não poderia estar na mente de Jesus. É, aliás, conforme à doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Veja-se *O céu e o inferno,* Primeira parte, cap. IX, *Os demônios*.).

31 **N.T.:** O caráter religioso do Espiritismo está claramente expresso na *Revista espírita*, fascículo de dezembro de 1868 [edição FEB], no artigo intitulado: *Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec: o espiritismo é uma religião?*.

32 **Nota de Allan Kardec:** Esta prece foi ditada a um médium de Bordeaux, no momento em que passava diante de sua casa o caixão mortuário de um desconhecido.

NOTA EXPLICATIVA[33]

> *Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)*

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O que é o espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b)

o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no mundo espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O livro dos espíritos* — do livro sobre a *Evolução das espécies,* de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo,

procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite "resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc." (*Revista Espírita,* 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> *O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (O livro dos espíritos, item 207, p. 176.)*
>
> *[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (Revista Espírita, 1861, p. 432.)*
>
> *Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se*

tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (A gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

> Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

> O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O evangelho segundo o espiritismo,* cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na Revista Espírita tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro A gênese, o Codificador explica essa metodologia:

> Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana Justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A gênese,* cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter

provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita,* 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

---

33 N.E.: Esta Nota Explicativa, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Conselho Editorial:
Antonio Cesar Perri de Carvalho – Presidente

Coordenação Editorial:
Geraldo Campetti Sobrinho

Produção Editorial:
Fernando Cesar Quaglia

Coordenação de Revisão:
Mônica dos Santos

Revisão:
Mônica dos Santos
Neryanne Paiva

Capa:
Evelyn Yuri Furuta
Wallace Carvalho da Silva

Projeto Gráfico:
Rones Lima

Diagramação:
Paulo Márcio Moreira
Rones Lima

Foto de capa:
Kevin Carden | Dreamstime.com

Normalização Técnica:
Biblioteca de Obras Raras e Patrimônio do Livro

E-Book:
Fabiel Rodrigues

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cadastrando-

se no site www.feblivraria.com.br.